

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**TESE DE DOUTORADO**

**TERRITORIALIDADES JUDAICAS  
NO ESPAÇO URBANO DE PORTO ALEGRE/RS**

**MARIA MEDIANEIRA DOS SANTOS**

**ORIENTADOR: PROF. DR. PAULO ROBERTO RODRIGUES SOARES**

**PORTO ALEGRE, JANEIRO DE 2015.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**TERRITORIALIDADES JUDAICAS  
NO ESPAÇO URBANO DE PORTO ALEGRE/RS**

**MARIA MEDIANEIRA DOS SANTOS**

**Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares**

**Banca examinadora:**

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Giovana Mendes de Oliveira (PPGG/UFPel)  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Isabel Rosa Gritti (UFFS)  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosa Maria Vieira Medeiros (POSGea/UFRGS)  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Dorfman (POSGea/UFRGS)**

**Tese apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Geografia como  
requisito para obtenção do título de  
Doutora em Geografia.**

**PORTO ALEGRE, JANEIRO DE 2015.**

### CIP - Catalogação na Publicação

dos Santos, Maria Hedianeira  
Territorialidades judeus no espaço urbano de  
Porto Alegre/RS / Maria Hedianeira dos Santos .  
2015 .  
282 f .

Orientador: Paulo Roberto Rodrigues Soares.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul; Instituto de Geociências, Programa de  
Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. judeus. 2. território. 3. territorialidades. 4.  
identidade. 5. espaço urbano. I. Rodrigues Soares,  
Paulo Roberto, orient. II. Título.

***Dedico aos meus três amores: ao Marion, a minha mãe Maria e ao meu pai Eloi.***



## **AGRADECIMENTOS**

À esfera institucional e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFRGS que proporcionaram o suporte físico e humano.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que concedeu a bolsa de pesquisa.

Ao orientador Paulo Roberto Rodrigues Soares que sempre demonstrou responsabilidade, amizade e confiança durante a realização desta tese.

Ao meu coorientador Horacio Capel Sáez que permitiu a realização do Programa Institucional Doutorado Sanduíche Exterior (PDSE/CAPES) pela Universitat de Barcelona.

A todas as pessoas ligadas ao judaísmo que foram essenciais para esta pesquisa.

Aos meus pais que possibilitaram a minha existência.

Ao Marion Lemes que foi fundamental durante esta trajetória.

À esfera espiritual que foi o alimento, ou seja, o suprimento indispensável para mim.

E a todos os amigos e amigas que me auxiliaram de alguma forma, agradeço de coração.

*“Não ame pela beleza,  
pois um dia ela acaba.*

*Não ame por admiração,  
pois um dia você se  
decepciona.*

*Ame apenas, pois o  
tempo nunca pode  
acabar com um amor  
sem explicação!”*

*Chico Xavier*

## RESUMO

A presente tese problematiza como os imigrantes judeus e seus descendentes vieram e vêm dominando e se apropriando do espaço nos diferentes processos de desterritorializações e reterritorializações judaicas, tendo a cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, como foco de análise. Os imigrantes judeus e seus descendentes, em diferentes momentos históricos e geográficos, organizaram e implementaram nos seus novos espaços determinadas formas de dominação e apropriação. Isso permite evidenciar "geossímbolos" que estão presentes em determinadas cidades, que demarcam a presença deste grupo cultural. Em Porto Alegre, a comunidade judaica formou-se a partir do início do século XX. Na cidade, a presença dos judeus é visível através de um conjunto de elementos materiais que se encontram difundidos pela paisagem urbana da capital gaúcha. O bairro Bom Fim é o espaço onde a identidade judaica se faz mais viva, pois nele é possível encontrar diversas sinagogas, além de instituições de caráter social e cultural. A pesquisa foi realizada com base em registros históricos, trabalhos de campo, entrevistas com membros da comunidade judaica e análise dos "marcadores identitários" no espaço urbano. O estudo das migrações e das territorializações delas derivadas, especialmente pelo viés cultural, permite obter importantes contribuições para o estudo das novas territorialidades em formação no mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** judeus; território; territorialidades; cultura; identidade; espaço urbano.

## ABSTRACT

This thesis discusses how Jewish immigrants, as well as their descendants have been dominating and appropriating space through the different processes of Jewish deterritorialization and reterritorializations, focusing Porto Alegre, the principal city capital of Rio Grande do Sul state, Brazil. Jewish immigrants and their descendants, throughout the different historical and geographical realms, organized and implemented in their new spaces certain forms of domination and appropriation. This allows us to highlight "geosymbols" that are present in certain cities, marking the presence of this particular cultural group. In Porto Alegre, the Jewish community began to establish from the early twentieth century. The presence of Jews is visible by a set of material elements broadcasted by the urban landscape of the state capital. The Bom Fim neighborhood is the place where Jewish identity is more alive, because it is possible to find several synagogues, and social and cultural institutions. The documental research was based on historical records, fieldwork, interviews with members of the Jewish community and analysis of "identity markers" in the urban space. The study of migration and the derived territorializations, especially by the cultural bias, provides important contributions to the study of new territorialities in the formation of the contemporary world.

**Keywords:** Jewish; territory; territoriality; culture; identity; urban space.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa de localização do Município de Estudo Porto Alegre/RS .....	24
Figura 2: Redimensionamento da Geografia Cultural .....	37
Figura 3: Matze .....	55
Figura 4: Ménora de sete braços.....	58
Figura 5: Modelo Básico de Aculturação.....	61
Figura 6: Quadro dos termos complementares .....	62
Figura 7: Área de Emigração Judaica .....	65
Figura 8: Modelo prospectos JCA/ICA .....	66
Figura 9: Modelo recibo da JCA/ICA .....	66
Figura 10: Planta da Colônia Judaica de Philippson/Santa Maria/RS .....	67
Figura 11: Professores, alunos e pais em Philippson (1930) .....	67
Figura 12: Planta da Colônia Judaica de Quatro Irmãos/Passo Fundo/RS.....	68
Figura 13: Primeiras famílias de Quatro Irmãos, Família Schwartzman.....	69
Figura 14: Serra do Facão (1945/1950) Serraria da ICA/RS.....	69
Figura 15: Gerações: Colônia Agrícola Barão Hirsh (1950) .....	70
Figura 16: Integração Cultural; gaúcho e judeu.....	72
Figura 17: O estabelecimento dos judeus no estado do Rio Grande do Sul .....	73
Figura 18: Cemitério de Philippson/Itaara/RS .....	74
Figura 19: Monumento Marco da colônia judaica/Itaara/RS.....	74
Figura 20: Museu Histórico de Quatro Irmãos/RS.....	75
Figura 21: Cemitério de Quatro Irmãos/RS .....	75
Figura 22: Gráfico da porcentagem de judeus em Porto Alegre em comparação ao Estado gaúcho .....	80
Figura 23: Mascateiros em Porto Alegre/RS .....	84
Figura 24: Representantes comerciais judeus em Porto Alegre (1930) .....	84
Figura 25: Salomão Duben- mascate .....	85
Figura 26: Jayme- mascate .....	85
Figura 27: Casa do Amador/POA/RS.....	86
Figura 28: Fiambreria Florida/POA/RS.....	86
Figura 29: Marcenaria de Abrão Slavutsky .....	87
Figura 30: Windmüller: máquinas de costura .....	87
Figura 31: Quadro das lojas e estabelecimentos judaicos em Porto Alegre/RS .....	88

Figura 32: Fachada da loja Tecido Super .....	90
Figura 33: Interior da loja Tecido Super .....	90
Figura 34: Ao Crochet e seu fundador Jacob Katz .....	91
Figura 35: Regina Katz na loja Ao Crochet .....	91
Figura 36: Estabelecimentos comerciais .....	92
Figura 37: Quadro das instituições religiosas israelitas de Porto Alegre/RS .....	95
Figura 38: Diretoria da Sinagoga União Israelita/Rosh Hashaná (13/09/1952) .....	97
Figura 39: Sinagoga União Israelita Porto-Alegrense .....	98
Figura 40: Monumento no Cemitério da União Israelita .....	103
Figura 41: Acendimento velas no Memorial do Holocausto .....	103
Figura 42: Ato em Memória do Holocausto e da Bravura.....	103
Figura 43: Encontro de gerações na Solenidade Iom HaShoá.....	104
Figura 44: Primeira sede do Centro Israelita Porto-Alegrense .....	106
Figura 45: Confraternização no Centro Israelita Porto-Alegrense (1935).....	107
Figura 46: Liga Cultural Israelita (1935)/Centro Israelita Porto-Alegrense .....	109
Figura 47: Cemitério Tristeza .....	110
Figura 48: Cemitério do Centro Israelita Porto-Alegrense .....	113
Figura 49: Sinagoga do Centro Israelita Porto-Alegrense .....	115
Figura 50: Visão geral do Dia Mundial de Oração e Ação pela Criança.....	117
Figura 51: Encontro das lideranças no Dia Mundial de Oração e Ação pela Criança .....	117
Figura 52: Chef Igal Vischnevetzki .....	119
Figura 53: Aula de preparação do Bat-Bar Mitzvá (Letamid) .....	119
Figura 54: Quadro dos projetos do Centro Israelita: características e objetivos.....	120
Figura 55: Fundador do Centro Hebraico .....	121
Figura 56: Família Menda .....	121
Figura 57: Lideranças do Centro Hebraico Rio-Grandense (1950) .....	123
Figura 58: Vista geral do interior da sinagoga/3º andar.....	124
Figura 59: Vista externa da Sinagoga .....	124
Figura 60: Fachada Externa do Centro Hebraico Rio-Grandense.....	125
Figura 61: Sefer Torá .....	126
Figura 62: Empunhadura da Torá .....	126
Figura 63: Oficialização do Bat Mitzvah .....	127
Figura 64: Cerimônia do Bat Mitzvah .....	127
Figura 65: Fachada da Sinagoga Poilisher Farband .....	129

Figura 66: Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso .....	129
Figura 67: Peça teatral, Porto Alegre (1949).....	130
Figura 68: Ambulatório da Sociedade Israelita de Socorros Mútuos.....	131
Figura 69: Sociedade Beneficente Israelita de Socorros Mútuos- Linat Hatzedek..	132
Figura 70: Quadro dos projetos do Linat: Características e objetivos .....	133
Figura 71: Inauguração Mikve .....	134
Figura 72: Vista interna do Mikve .....	134
Figura 73: Mikve kelim: utensílios .....	135
Figura 74: Homenagem da Sinagoga Linat Hatzedek.....	136
Figura 75: Residência de Max Blumenthal e família .....	137
Figura 76: Lançamento da Pedra fundamental da SIBRA (1958) .....	138
Figura 77: Inauguração solene da SIBRA (28/08/1960).....	138
Figura 78: Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA).....	139
Figura 79: Quadro da representação das atividades/SIBRA (2014).....	140
Figura 80: Reunião das Lideranças/"Sinagoga da Copa" .....	141
Figura 81: Logotipo da SIBRA para Copa .....	141
Figura 82: Telespectadora assistindo on-line a SIBRA .....	142
Figura 83: Cerimônia Diálogo Inter-religioso de Porto Alegre .....	143
Figura 84: Encontro Diálogo Inter-religioso de Porto Alegre .....	143
Figura 85: Vista externa do prédio onde esta a Beit Chabad .....	144
Figura 86: Rabino Mendel Liberow e sua esposa Mimi Liberow .....	145
Figura 87: Homenagem: Rabino Mendel Liberow .....	145
Figura 88: Quadro dos projetos Juventude desenvolvidos pela Beit Lubavitch .....	147
Figura 89: Quadro dos Serviços oferecidos pela Sociedade Beneficente e Cultural Beit Lubavitch .....	148
Figura 90: Acendimento Chanuká na praça .....	148
Figura 91: Vista ampla da Chanuká na praça .....	148
Figura 92: Festa das Luzes .....	149
Figura 93: Homenagem Prefeito e Rabino .....	150
Figura 94: Cumprimentos entre Prefeito e Rabino .....	150
Figura 95: Vista externa/Projeto Shofar Center.....	151
Figura 96: Vista interna do Projeto/Shofar Center.....	151
Figura 97: Gráfico da população judaica no Estado do Rio Grande do Sul e em Porto Alegre.....	153

Figura 98: Quadro das Cinco Categorias Institucionais: cultura, educação, feminina, juvenil e social .....	155
Figura 99: Divulgação da XXIII Festa na Rua .....	158
Figura 100: Festa na Rua: perspectiva ampla .....	158
Figura 101: Participação do Betar na Festa na Rua.....	159
Figura 102: Barraca do Movimento Dror na festa.....	159
Figura 103: Quadro da 26ª Festa na Rua (2013) e seus diversos posicionamentos .....	160
Figura 104: Pioneiros da dança.....	162
Figura 105: Participação da Barraca do kadima: Festa na Rua .....	163
Figura 106: Apresentação da Companhia Israelense Misgav .....	164
Figura 107: Apresentação do Grupo Kadima .....	165
Figura 108: Radialistas apresentando a Hora Israelita.....	168
Figura 109: Turma de alunas do curso primário (1935) .....	170
Figura 110: Recepção no Colégio Israelita Brasileiro à professora vinda de Israel. ....	171
Figura 111: Sociedade de Educação e Cultura .....	173
Figura 112: Alunos da 5ª Série (1950) .....	174
Figura 113: Professores no Novo Prédio (1956) .....	174
Figura 114: Colégio Israelita Brasileiro.....	175
Figura 115: Quadro das características do Colégio Israelita Brasileiro .....	176
Figura 116: Quadro dos projetos atuais do Colégio Israelita Brasileiro.....	177
Figura 117: Posse dos Vereadores Mirins do Colégio Israelita .....	178
Figura 118: Delegação Inglesa/WIZO .....	179
Figura 119: Quadro com as características da WIZO .....	179
Figura 120: Estrutura organizacional e administrativa da WIZO/RS .....	181
Figura 121: Visão geral: Feira da Fraternidade .....	182
Figura 122: Barraca: Feira da Fraternidade .....	182
Figura 123: Bazar da Na'Amat Pioneiras (1952) .....	183
Figura 124: Doação N'amat Pioneiras (1976) .....	183
Figura 125: Coral Zemer da Na'mat Pioneiras/RS .....	185
Figura 126: Doação da Na'amat.....	186
Figura 127: Arrecadação de alimentos da Na'amat .....	186
Figura 128: 54º Bazar da Na'amat Pioneiras .....	187
Figura 129: Grupo Chai da Na'amat Pioneiras.....	187
Figura 130: Movimentos juvenis: Iom Hashoá.....	189



Figura 131: Caminhada dos jovens: Dia de Jerusalém .....	189
Figura 132: Representantes do Grupo Juvenil Betar .....	190
Figura 133: Quadro da plataforma ideológica da Chazit .....	191
Figura 134: Pirâmide Educativa da Chazit Hanoar.....	193
Figura 135: Chodesh da Chazit.....	193
Figura 136: Quadro do estatuto do Movimento <i>Habonim Dror</i> .....	194
Figura 137: Sede da Habonim Dror/POA .....	195
Figura 138: Jovens em confraternização na sede do Habonim Dror/POA .....	195
Figura 139: Kikar Rabin (Praça Rabin)/Tel Aviv/Israel .....	197
Figura 140: Shuk Hacarmel (Mercado Carmel)/Tel Aviv/Israel.....	197
Figura 141: Apresentação de Hillel em Porto Alegre/RS.....	198
Figura 142: Sede da Agência Judaica.....	198
Figura 143: Onward: Programa da Agência Judaica.....	198
Figura 144: Beit Sefer LeMadrachim (Escola para Educadores).....	200
Figura 145: Mini Knesset: Projeto EITAN.....	200
Figura 146: Shanat da Chazit (2009) .....	201
Figura 147: Almoço das Damas de Caridade (1920) .....	203
Figura 148: Quadro das atuações da B'nai B'rith .....	205
Figura 149: Fundação da 1º loja B'nai B'rith de Porto Alegre .....	206
Figura 150: Homenagem na Câmara Municipal: 80 anos da B'nai B'rith no Brasil .	208
Figura 151: Representantes da Jornada .....	209
Figura 152: Público presente na Jornada.....	209
Figura 153: Estudo do Projeto do Lar Mauricio Seligman (1960).....	210
Figura 154: Sede do Lar Maurício Seligam .....	211
Figura 155: Barraca do Lar Mauricio Seligman na Festa na Rua (2012) .....	213
Figura 156: Cerimônia de Bar Mitzvá: Felipe Chwartzman (1996).....	220
Figura 157: Mapa da área de Estudo .....	221
Figura 158: Nas calçadas do bairro: Beno Igor e atrás Srª Volkindn.....	222
Figura 159: Casamento típico judaico .....	223
Figura 160: Orquestra Clóvis Mamede-Cassino.....	225
Figura 161: Baile de casamento nos altos do Baltimore .....	225
Figura 162: Baile das neves (1931).....	226
Figura 163: Rainha da primavera (1934).....	226
Figura 164: Visão abrangente do Clube de Cultura .....	227

Figura 165: Vista do palco do Clube de Cultura .....	227
Figura 166: Sede Círculo.....	228
Figura 167: Sede Grêmio .....	228
Figura 168: Club Campestre Macabi: área verde .....	230
Figura 169: Club Campestre Macabi: vista piscina e Rio Guaíba .....	230
Figura 170: Representantes gaúchos na Macabíada Mundial .....	231
Figura 171: Representantes gaúchos em Israel.....	231
Figura 172: O Gre-Nal Judaico.....	232
Figura 173: Quadro de anúncios de lojas comerciais judaicas.....	234
Figura 174: Sabra Delicatessen .....	234
Figura 175: Lechaim Delicatessen .....	234
Figura 176: Proprietário da Sabra .....	235
Figura 177: Festa de Iom Haatzmaut (1971).....	236
Figura 178: Cerimônia de Iom Haatzmaut (2013) .....	236
Figura 179: Doação da comunidade judaica (1984).....	237
Figura 180: Doação da comunidade judaica (2014).....	237
Figura 181: Curso da CONIB .....	239
Figura 182: Evento na FIRGS .....	239
Figura 183: Quadro dos posicionamentos das Lideranças .....	242
Figura 184: Calçamento da Avenida Osvaldo Aranha (1927) .....	244
Figura 185: Rua Sarmiento Leite com Avenida Osvaldo Aranha (Século XX).....	244
Figura 186: Mapa dos marcadores identitários judaicos: Bairro Bom Fim/Porto Alegre .....	247
Figura 187: Monumento: Centenário Farroupilha (1935) .....	248
Figura 188: Monumento: Centenário da Imigração Judaica (2004).....	248
Figura 189: Painel de azulejos em homenagem aos 100 anos da imigração judaica .....	249
Figura 190: Mapa visão geral dos marcadores identitários judaicos na cidade de Porto Alegre .....	250

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Judeus nos Estados do Brasil (RJ, SP, RS).....	79
Tabela 2: Judeus no Brasil por Municípios escolhidos.....	80

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

JCA-Jewish Colonization Association

ICA-Yidishe Kolonizatsye Gezelshaft

FGV-Fundação Getúlio Vargas

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FIRGS-Federação Israelita do Rio Grande do Sul

MCSHJC-Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

IHGRGS-Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

ICJMC-Instituto Cultural Judaico Marc Chagall

SIBRA-Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência

POLISHER FARBAND-Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso

LINAT HATZEDEK-Sociedade Beneficente Israelita de Socorros Mútuos

UNESCO-Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura

OIM-Organização Internacional para as Migrações

CONIB-Confederação Israelita do Brasil

ONU-Organização das Nações Unidas

GNRC-Global Network Religions for Childrens

WIZO-A Organização Sionista Internacional das Mulheres

EITAN-Centro de Educação Judaica Não-Formal

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>34</b>
<b>1.1 Geografia Cultural e o urbano.....</b>	<b>34</b>
<b>1.2 A Geografia Cultural Radical e outros estudos .....</b>	<b>36</b>
<b>1.3 Concepções do território, territorialidade e apropriação territorial.....</b>	<b>39</b>
<b>1.4 A identidade judaica e suas diferentes manifestações culturais e territoriais.....</b>	<b>43</b>
<b>1.5 Judeu e o Judaísmo .....</b>	<b>47</b>
<b>2. A PRODUÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO E A EXPRESSÃO DOS CÓDIGOS CULTURAIS JUDAICOS: MATERIAIS E IMATERIAIS .....</b>	<b>51</b>
<b>3. O PRIMEIRO PROCESSO DA (DES-RE) TERRITORIZALIZAÇÃO: A FORMAÇÃO DAS COLÔNIAS JUDAICAS NO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>60</b>
<b>4. O SEGUNDO PROCESSO DA (DES-RE) TERRITORIALIZAÇÃO: A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE JUDAICA EM PORTO ALEGRE.....</b>	<b>76</b>
<b>4.1 A imigração judaica para Porto Alegre: a formação da comunidade .....</b>	<b>76</b>
<b>4.2 As atividades econômicas e profissionais desempenhadas pelos judeus no espaço urbano.....</b>	<b>81</b>
<b>4.3 A formação e a configuração da identidade judaica: as Instituições Religiosas .....</b>	<b>92</b>
<b>4.3.1 A Instituição Religiosa: União Israelita Porto- Alegrense.....</b>	<b>95</b>
4.3.1.1 O cemitério da União Israelita Porto-Alegrense .....	99
4.3.1.2 A União Israelita na década de 90 do século XX .....	100
4.3.1.3 A situação da União Israelita no início do século XXI.....	101
<b>4.3.2 A Instituição Religiosa: Centro Israelita Porto-Alegrense .....</b>	<b>106</b>
4.3.2.1 Os Cemitérios do Centro Israelita Porto-Alegrense e atuação Sociedade Beneficente e Funerária <i>Chevra Kadisha</i> .....	110

4.3.2.2 A construção da sinagoga e a situação do Centro Israelita na década 90 do século XX .....	115
4.3.2.3 A Instituição Religiosa do Centro Israelita no início do século XXI.....	116
<b>4.3.3 A Instituição Religiosa: o Centro Hebraico Rio-Grandense .....</b>	<b>121</b>
4.3.3.1 Situação do Centro Hebraico Rio-Grandense em diferentes momentos.....	127
<b>4.3.4 A Instituição Religiosa: Associação Maurício Cardoso.....</b>	<b>128</b>
<b>4.3.5 A Instituição Religiosa: Sociedade Beneficente Israelita de Socorros Mútuos- Linat Hatzedek .....</b>	<b>131</b>
4.3.5.1 A situação da Linat atualmente .....	133
<b>4.3.6 A Instituição Religiosa: SIBRA.....</b>	<b>136</b>
4.3.6.1 Cenário atual da SIBRA .....	139
<b>4.3.7 A Instituição Religiosa: A Sociedade Beneficente e Cultural Beit Lubavitch .....</b>	<b>144</b>
4.3.7.1 Atualidades: Os serviços e as atividades oferecidas pela Beit Lubavitch....	146
<b>5. O TERCEIRO PROCESSO DA RETERRITORIALIZAÇÃO: A FORMAÇÃO DAS CATEGORIAS INSTITUCIONAIS.....</b>	<b>152</b>
<b>5.1 A Categoria Cultura.....</b>	<b>155</b>
<b>5.1.1 A Organização Sionista do Rio Grande do Sul.....</b>	<b>155</b>
<b>5.1.2 A Fundação Israelita Brasileira de Arte e Cultura Kadima .....</b>	<b>161</b>
<b>5.1.3 O Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC).....</b>	<b>166</b>
<b>5.1.4 Os Programas Radiofônicos: Hora Israelita e o Programa Shalom.....</b>	<b>167</b>
<b>5.2 Categoria Educação: O Colégio Israelita Brasileiro .....</b>	<b>169</b>
<b>5.3 Categoria das Entidades Femininas .....</b>	<b>179</b>
<b>5.3.1 A Organização Sionista Internacional das Mulheres (WIZO).....</b>	<b>179</b>
<b>5.3.2 A Organização Feminina: Na'amat Pioneiras .....</b>	<b>182</b>
<b>5.4 A Categoria dos Movimentos Juvenis.....</b>	<b>188</b>
<b>5.4.1 Movimento Juvenil Sionista Betar .....</b>	<b>189</b>
<b>5.4.2 O movimento juvenil da Chazit Hanoar Hadrom Americat .....</b>	<b>190</b>
<b>5.4.3 O movimento juvenil Habonim Dror .....</b>	<b>194</b>
<b>5.4.4 Programas e apoios para todos os movimentos juvenis .....</b>	<b>196</b>
<b>5.5 A Categoria das Entidades de Cunho Social .....</b>	<b>202</b>

5.5.1 <i>As Entidades Assistenciais Judaicas: A Associação Israelita Damas de Caridade, A Sociedade Beneficente Damas de Caridade Sefaradi e o Lar da Criança Anne Frank</i> .....	202
5.5.2 <i>A B'nai B'rith Rio Grande do Sul</i> .....	204
5.5.3 <i>O Lar Maurício Seligman</i> .....	210
6. AS MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES JUDAICAS EM PORTO ALEGRE ....	214
6.1 As Instituições Religiosas: unidade e diversidade .....	214
6.1.1 <i>Aspectos materiais e imateriais das sinagogas</i> .....	218
6.2 Vida social e os clubes no bairro Bom Fim .....	220
6.2.1 <i>Os estabelecimentos de lojas Kasher no Bairro Bom Fim</i> .....	233
6.3 Características Gerais das Instituições: atuações comuns das federadas frente à própria comunidade judaica como a comunidade maior .....	235
6.4 O ressignificado do Bairro Bom Fim e os elementos simbólicos na paisagem porto-alegrense.....	243
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	252
REFERÊNCIAS.....	260
APÊNDICE A- INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS JUDAICAS DE PORTO ALEGRE/RS .....	274
ANEXO A- REPORTAGEM “ONDE ESTÁ À FÉ GAÚCHA” .....	275
ANEXO B- PROJETOS ATUAIS DA UNIÃO ISRAELITA PORTO ALEGRENSE .....	277
ANEXO C- UNIÃO ISRAELITA NA PRAIA .....	278
ANEXO D- SEDER DE PESSACH COMUNITÁRIO DO CENTRO ISRAELITA .....	279
ANEXO E- PESSACH DA LINAT HATSEDEK .....	280
ANEXO F- LISTA DAS ENTIDADES FILIADAS (FIRGS) .....	281
ANEXO G- 10º GRENAL JUDAICO E 2º BRASILEIRÃO IDISH.....	282

## APRESENTAÇÃO

Minha primeira aproximação como pesquisadora com a problemática de como os imigrantes judeus e seus descendentes foram e vêm organizando e se apropriando do espaço foi no nível de Graduação como Bolsista do Programa de Licenciaturas (PROLICEN/2005), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O projeto de extensão foi intitulado "A inserção da imigração judaica no conteúdo: movimento migratório em livros didáticos de Geografia". A realização desse trabalho me permitiu realizar uma reflexão sobre os paradigmas que condicionam os livros didáticos no que se refere aos grupos de imigrantes que representam o estado, ou seja, os italianos e os alemães. Desse modo, percebemos que existem grupos étnicos que não são mencionados nos livros didáticos, contudo também participaram da formação deste território e o representam na atualidade.

Posteriormente, com o desafio de escolher um tema para desenvolver na monografia de conclusão do Curso de Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (2006), decidi desenvolver a seguinte pesquisa "Judeus: as transformações geográficas e culturais no espaço santa-mariense". A pesquisa teve como alicerce a apropriação ocorrida no espaço santa-mariense pelos imigrantes judeus enfocando as transformações espaciais e culturais decorrentes através desse processo migratório. Quanto ao processo da reterritorialização dos judeus que chegaram a Santa Maria, formando a Colônia Phillipson, vi que eram procedentes em sua maioria da Bessárabia, hoje localizada na Moldávia, na porção oriental da Europa. As terras da colônia foram adquiridas em 1900 pela *Jewish Colonization Association* (JCA) e os imigrantes estabeleceram-se ao redor da estação férrea. Percebe-se que o espaço destinado para o desenvolvimento rural da colônia pelos imigrantes foi gradativamente alterando-se: os lotes foram vendidos para a construção de uma barragem, de um balneário e da BR 158, assim como para a instalação do Exército e da Brigada Militar e, por fim, a venda a particulares.

Em 2008, ao finalizar o Curso de Especialização em História do Brasil pela mesma instituição, delineei o aprofundamento em um aspecto da temática migratória judaica. A monografia teve o seguinte título "As trajetórias profissionais dos judeus de Phillipson: colonos, *clienteltchiks* e comerciantes". Desse modo, a pesquisa teve como pano de fundo as atividades ou profissões que os judeus desempenhavam



nos seus territórios de origem até atingir os seus estabelecimentos comerciais na cidade de Santa Maria. Quanto ao desenvolvimento territorial de Philippon, pode-se dizer que, inicialmente, o espaço destinado para os judeus foi o agrícola. Contudo, esse enfoque alterou-se culminando na presença dos judeus no espaço urbano de Santa Maria, principalmente, através de lojas comerciais estabelecidas na Avenida Rio Branco.

Já em 2009, como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), escolhi aprofundar minha temática desenvolvendo a dissertação intitulada “A territorialidade judaica em Santa Maria/RS: uma contribuição à Geografia Cultural”. O processo de construção do território gaúcho, bem como da sua identidade cultural está relacionada à influência que as diversas correntes migratórias desempenharam no decorrer do tempo no espaço sul-rio-grandense. Quanto à materialização da cultura judaica, essa pode ser visualizada na paisagem urbana de Santa Maria através da Sinagoga Yitzhak Rabin, da casa Jacob estabelecida na Avenida Rio Branco e do cemitério israelita localizado no Bairro Chácara das Flores, além do cemitério judaico no município de Itaara.

Em 2010, ingressei como doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a proposta de desenvolver a Tese intitulada “Territorialidades judaicas no espaço urbano de Porto Alegre/RS”. Esta representa a continuidade e a culminância de uma trajetória de pesquisa. É o trabalho que agora desenvolveremos.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como problemática como os imigrantes judeus e seus descendentes vieram e vêm dominando e se apropriando do espaço nos diferentes processos de desterritorializações e reterritorializações judaicas no estado do Rio Grande do Sul, tendo a cidade de Porto Alegre, capital do estado, como foco de análise.

A pesquisa possui os seguintes objetivos específicos: a) elucidar como ocorreu o primeiro processo de desterritorialização e reterritorialização judaica no Rio Grande do Sul e a formação das colônias agrícolas de Philippon e Quatro Irmãos; b) entender a dinâmica do segundo processo de desterritorialização e reterritorialização judaica no estado gaúcho e a respectiva formação e organização da comunidade judaica no espaço urbano de Porto Alegre/RS; c) analisar o desenvolvimento do terceiro processo de reterritorialização judaica em Porto Alegre aliado à construção de uma territorialidade judaica na capital gaúcha.

Com relação à temática judaica, Santos (2009) dedicou-se ao entendimento de como esta corrente migratória organizou-se e se apropriou do território no município de Santa Maria. A agência de colonização JCA<sup>1</sup>, mais conhecida como ICA, foi a responsável pela concretização do projeto de colonização agrícola. Em 1904, esse grupo cultural formou a colônia agrícola de Philippon que é reconhecida oficialmente como a primeira imigração judaica, organizada, dentro do território brasileiro.

Em 1909, esta agência efetivou outro projeto similar de colonização judaica no Rio Grande do Sul. O município escolhido foi Passo Fundo, cuja colônia ficou conhecida como Quatro Irmãos.

A proposta da ICA, para ambos os projetos, estava assentada na inserção dos imigrantes judeus no espaço rural. Desse modo, pode-se dizer que neste primeiro momento os judeus atuaram no espaço gaúcho dentro de uma corrente migratória rural.

---

<sup>1</sup> A Jewish Colonization Association, ou Yidishe Kolonizatsye Gezelshaft (em *ídiche* ICA) é conhecida como a mais poderosa das instituições de amparo aos imigrantes judeus. Esta agência foi fundada por Maurice de Hirsch, 1891.

Em contrapartida, a partir da segunda década do século XX, os judeus enquadram-se na corrente migratória urbana sul-rio-grandense. A transitoriedade territorial dos judeus, do rural ao urbano, demonstra o “fracasso” das primeiras colônias judaicas. A dispersão desse grupo cultural em direção aos núcleos urbanos foi provocada, em grande parte, pelos insucessos obtidos na produção agropecuária, atrelado às expectativas e possibilidades que os mesmos tinham em relação ao meio citadino. Nos principais centros urbanos gaúchos<sup>2</sup>, as famílias judaicas tinham como objetivo encontrar um espaço onde pudessem obter a inserção econômica e, conseqüentemente, atingir a ascensão social.

Esta mobilidade populacional demonstra o aspecto da dinâmica que caracteriza os seres humanos. As diásporas judaicas são reconhecidas como movimentos populacionais étnicos, que ocorreram em diversas partes do mundo. A materialização cultural deste movimento migratório, no Rio Grande do Sul, pode ser visualizada em diversos municípios como Santa Maria, Itaara, Erechim, Passo Fundo, Pelotas, além de Porto Alegre. Isso significa que a presença dos judeus exerceu, em determinado tempo, influência na organização territorial dessas cidades.

No espaço urbano sul-rio-grandense, os judeus se dispersaram em diversos municípios do interior. No entanto, esta pesquisa tem como foco a formação da comunidade judaica na cidade de Porto Alegre, cuja aglutinação populacional judaica foi possível através da vinda, tanto de judeus das ex-colônias de Philippon e de Quatro Irmãos, como de judeus que emigravam de outros países devido a diversas situações (Figura 1).

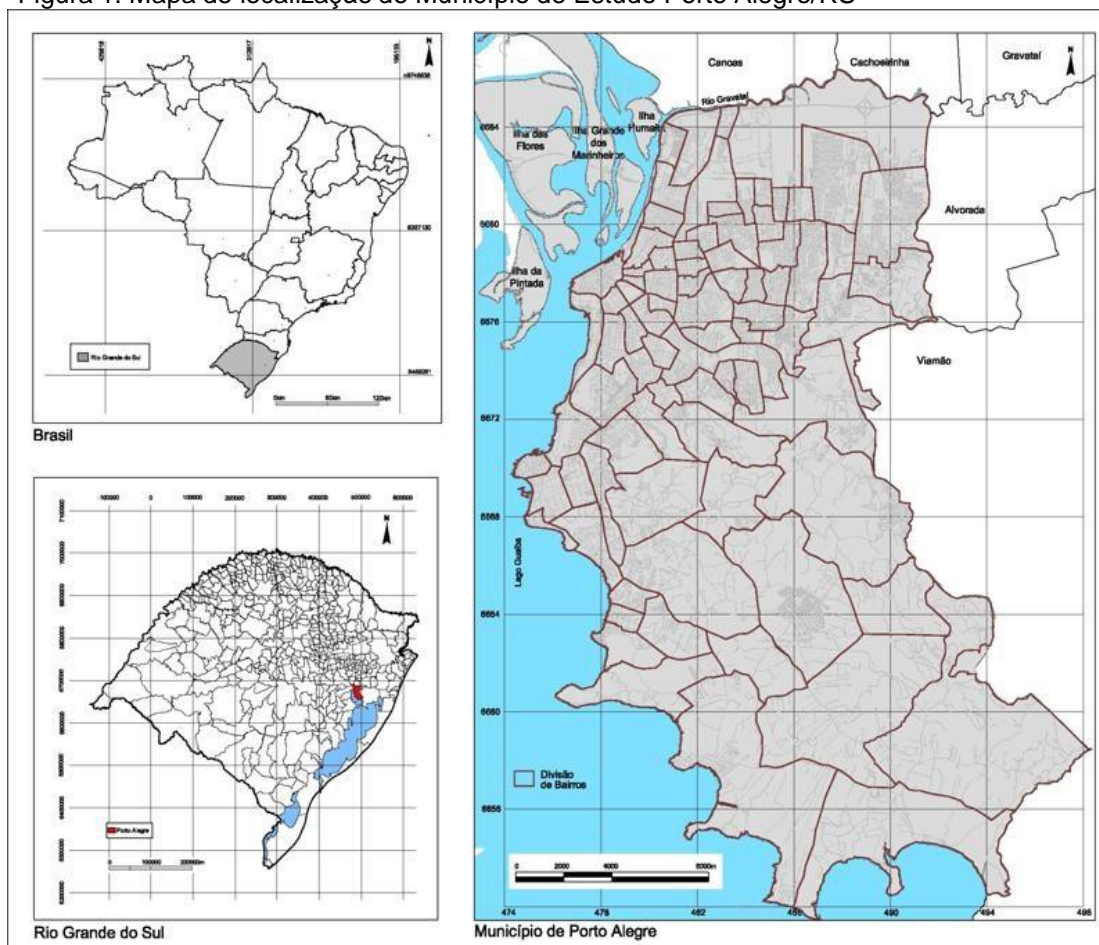
Um dos motivos que desencadeou a escolha por Porto Alegre aliado à temática judaica é pelo fato que mais de noventa por cento dos judeus do Estado estão residindo na capital, ou seja, eles representam cerca de 0,5% da população desta cidade, o que é considerado o índice mais elevado entre os municípios gaúchos<sup>3</sup>. Tais dados demonstram a interferência econômica e cultural que o referido grupo ocasionou e ocasiona na cidade de Porto Alegre.

---

<sup>2</sup> O grande foco de atenção dos judeus foi para as cidades, de porte médio, como Santa Maria, Erechim, Passo Fundo, Cachoeira do Sul, Pelotas e Porto Alegre.

<sup>3</sup> Esses dados resultaram do entrelaçamento de uma pesquisa elaborada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), intitulada “Retrato das Religiões no Brasil”, mais o cruzamento de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000) e (ZERO HORA, 2005).

Figura 1: Mapa de localização do Município de Estudo Porto Alegre/RS



Fonte: METROPLAN (2002) e IBGE (2003)  
Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2009

Outra justificativa para esta pesquisa está na importância de produzir estudos em Geografia tratando de questões migratórias no espaço urbano. Nas cidades, o fenômeno da mobilidade humana é um fato que interfere na dinâmica econômica e cultural das mesmas. Quando ocorre o fluxo migratório nas cidades, os imigrantes tendem a se integrarem, de alguma forma, nas referidas economias. De outro lado, durante o processo de reterritorialização há certa tendência dos imigrantes reconstruírem marcadores culturais similares aos que conviviam nos seus territórios anteriores.

Alia-se a isso o fato que dentro da abordagem geográfica que se pretende pesquisar são poucos os estudos que tenham trabalhado com a referida problemática. Diante disso, esta pesquisa torna-se relevante pela contribuição que dará à Ciência Geográfica através do entendimento da organização e da

apropriação do espaço urbano, realizado pelos judeus em Porto Alegre, a partir da segunda década do século XX.

No novo cenário urbano de Porto Alegre, os judeus organizaram-se como uma comunidade concisa a partir de 1920, porém isso não significa sua inexistência anterior nessa cidade, alguns já se encontravam na capital gaúcha em datas anteriores à grande leva de imigração espontânea. Contudo, a delimitação temporal da pesquisa será a partir do início do século XX até a atualidade.

É notório enfatizar que os judeus inserem-se na dinâmica de um espaço urbano já existente e em plena transformação. Na cidade de Porto Alegre, o aspecto urbanístico alterava-se através de inúmeras construções e de ampliações nas vias de transporte terrestre. Desse modo, a comunidade judaica migra para uma cidade que estava em plena expansão econômica e social.

As relações sociais que produzem o espaço urbano não resultam apenas em formas materiais e funcionais que sustentam o processo de produção capitalista. A cidade é um espaço que permite a justaposição de um emaranhado de identidades. Nesse espaço urbano há na sua paisagem símbolos que são representações de determinadas culturas e suas formas estão materializadas nas cidades.

Em Porto Alegre foram construídas sete Instituições Religiosas. De acordo com as delimitações dos bairros de Porto Alegre, no início do século XXI, essas se encontram materializadas, grande parte, no bairro Bom Fim e no seu bairro limítrofe Rio Branco e somente uma esta inserida no bairro Centro. Outros símbolos religiosos são os três cemitérios que estão espalhados na capital gaúcha. Além desses há a presença do Colégio Israelita Brasileiro, de clubes e mais de trinta instituições judaicas que estão amparadas pela Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS). Nesta paisagem urbana também se encontram espalhados outros elementos que representam a cultura judaica como monumentos, obeliscos, painéis, nome de ruas e de praças. Também há casas comerciais que ainda permanecem nas mãos de judeus, principalmente, na Avenida Osvaldo Aranha.

A diversidade identitária encontra-se presente no espaço urbano através da apropriação de determinados grupos culturais. Assim, alguns espaços passam a adquirir especificidades a partir da existência de determinados códigos particulares. O bairro Bom Fim constitui um exemplo de território específico, pois o mesmo simboliza a colonização judaica na cidade de Porto Alegre.

O fenômeno urbano é eminentemente um fenômeno cultural. Portanto, ao desenvolver estudos culturais do urbano, o geógrafo estará contribuindo, conjuntamente com aqueles que privilegiam outras dimensões do urbano, para tornar inteligível a infundável e mutável ação humana. Essa é a responsável pela modelação e remodelação da superfície terrestre, assim como, ao mesmo tempo, a si própria.

Os procedimentos metodológicos ou os caminhos seguidos para atingir os objetivos foram essenciais para a conclusão desta investigação científica. Uma pesquisa científica surge através de uma disposição de enfrentamento do(a) pesquisador(a) frente à elaboração de uma problemática de pesquisa. Nesta há três pontos que são imprescindíveis para sua efetivação e que devem ser respondidos: 1) o quê? 2) quando? e 3) onde?

De maneira sucinta podemos dizer que o primeiro ponto refere-se à pergunta: "o que se pretende trabalhar"? Nesse tópico é importante escolher o objeto de estudo para desenvolver seu trabalho; no segundo ponto é necessário mencionar a esfera temporal, ou seja, o período histórico que será foco da pesquisa; e o terceiro ponto é a escala espacial que o(a) pesquisador(a) deve escolher para desenvolver sua pesquisa.

Com relação ao modo de organização e (re)produção do espaço urbano surgiram as seguintes indagações: como os judeus relacionaram-se com este meio urbano? Quais foram as atividades profissionais desempenhadas pelos judeus? Onde eles se localizaram nesta cidade? A fase da imigração judaica para Porto Alegre coincidiu com a ascensão da cidade (urbanização, crescimento econômico e inovação) como eles aproveitaram este momento?

Desse modo, surgiram algumas indagações referentes ao modo como o grupo judaico apropriou-se do espaço na cidade de Porto Alegre. Quais foram os espaços de socialização/ritualização que os judeus implementaram nesta cidade? Quais são as expressões culturais da territorialidade dos judeus no bairro Bom Fim? Além desse há outros bairros que possuem a materialização da cultura judaica na paisagem urbana porto-alegrense?

A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. Na pesquisa qualitativa, a intenção é explorar o conjunto complexo de fatores que

envolvem o fenômeno central e apresentar as perspectivas ou os significados variados dos participantes (CRESWELL, 2010).

John Creswell (2010, p. 40) explica que o método qualitativo envolve um conjunto de características como: as formas de coleta, análise e interpretação dos dados que os pesquisadores propõem para seus estudos. São os seguintes caminhos possíveis de seguir em uma abordagem de pesquisa qualitativa: métodos emergentes; perguntas abertas; dados de entrevistas, dados de observação, dados de documentos e dados audiovisuais; análise de texto e imagem; interpretação de temas e de padrões.

A Pesquisa Bibliográfica é uma das etapas mais importantes no processo de construção de uma pesquisa científica. Sendo que o primeiro momento da pesquisa foi dedicado para a elaboração e aprofundamento do referencial teórico-metodológico. Na literatura especializada buscaram-se conceitos e discussões que contribuíram com a temática desenvolvida na tese como: Geografia Cultural e o urbano; o território, territorialidade e apropriação territorial; além da identidade judaica e do judeu.

Creswell (2010, p. 76) explica que na pesquisa qualitativa “o uso da teoria é muito mais variado”. Já Antonio Carlos Gil (1999, p. 65) discorre como é desenvolvida uma pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos [...]. A principal vantagem reside no fato de permitir ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela do que poderia pesquisar diretamente.

O momento dedicado para a pesquisa documental foi um período importante para o desenvolvimento da pesquisa. Para Gil (1999, p. 66), a pesquisa documental “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”.

Isso foi realizado através do levantamento de fontes primárias e secundárias. Diante disso, expomos os museus, arquivos e institutos que auxiliaram na obtenção de materiais e documentos para atingir os objetivos pretendidos nesta pesquisa científica:

- *Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MCSHJC)*: organiza-se em diversos setores. O Setor da Imprensa contém à disposição uma coleção de jornais, revistas e periódicos. A pesquisa pode ser utilizada manualmente com o recurso de utilizar a máquina digital. Possui a Coleção do Jornal Correio do Povo, cuja fonte foi utilizada, principalmente, o Caderno de Sábado de 1968, que contém os artigos do E. Rodrigues Till, intitulado “Os judeus no Rio Grande do Sul: esboços de uma perspectiva histórica”, que se enquadra do Capítulo I (4 maio de 1968) até o Capítulo IX (6 jul. de 1968).

- *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS)*: possui uma revista desde 1921 até hoje. Nessa é possível pesquisar a partir do seu catálogo o período de (1921-1950), que contém o nome do artigo e o do autor. Tanto o índice como as revistas encontram-se disponíveis no próprio instituto. Já a partir de 1998, a revista também se encontra disposta *on-line*. Encontramos na revista artigos do geógrafo Raphael Copstein que estão dispostos nos números 127 e 130, com os respectivos títulos: “Judeus no Rio Grande do passado” (1991) e “Colonização judaica, noventa anos depois” (1994). Esses ensaios foram subsídios e referenciais para a realização da pesquisa.

- *Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)*: representa a comunidade judaica e coordena as estratégias interinstitucionais a partir das entidades filiadas, tanto em nível interno como na comunidade maior do Rio Grande do Sul. Assim, a mesma possui dados referentes à comunidade judaica de Porto Alegre e o interior do Rio Grande do Sul<sup>4</sup>. Estes foram obtidos através de um único censo realizado pela própria federação em 1992. O questionário do censo foi direcionado para a obtenção de informações mais gerais sobre a família, além de indagações sobre o próprio indivíduo.

Essa federação também possui um *site* riquíssimo com diversas informações e conteúdos que foram utilizados como referência nesta pesquisa. No link chamado “Mundo Judaico”, no departamento da “Memória”, é possível encontrar um acervo com o histórico e suas respectivas fotos que complementam os dados e relatos históricos. Já no link denominado “Notícias”, é disposto um número expressivo de páginas cadastradas. Essa busca também foi realizada pelas palavras-chave mais

---

<sup>4</sup> A Federação considera como interior os seguintes municípios: Erechim, Santa Maria, Passo Fundo, Pelotas, Cruz Alta, Eldorado do Sul, Bento Gonçalves, Gramado, Gravataí, Novo Hamburgo, São Jerônimo, Venâncio Aires, São José Caí, municípios com membros da comunidade judaica.



importantes para encontrar assuntos e temas que pudessem contribuir com este estudo.

- *Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC)*: esse acervo possui correspondências, atas, jornais, folhetos e revistas judaicas. As fontes consultadas no instituto foram as seguintes: O Campestre (Jornal); Chai (Boletim Informativo do Lar dos Velhos Dr. Mauricio Seligman, Informativo FIRGS (Federação Israelita), Judaica (Revista de Judaísmo e Cultura), Hebraica (Jornal do Clube Hebraica do Rio Grande do Sul), Herança Judaica (Revista), Informe Na"amat Brasil (Boletim da Organização das Mulheres Pioneiras do Brasil), Kol (A comunidade abraça a escola, revista), koleinu (Informativo do Centro Israelita Porto-Alegrense), Divulgações Centro Hebraico Rio-Grandense, Publicações da SIBRA e o Colégio Israelita Brasileiro.

Desde 2005, o Instituto lançou o Boletim Informativo Eletrônico. Com o objetivo de preservar a memória das instituições da comunidade judaica do Rio Grande do Sul, o boletim apresentou em julho de 2010: "Preservando a memória/resgatando a história" seção chamada Instituições da Comunidade. Os principais números que nos interessaram foram os seguintes: Sinagoga União Israelita Porto-Alegrense; Cemitério da União Israelita Porto-Alegrense; Chevra Kedisha; Centro Israelita Sociedade Porto-Alegrense; Centro Hebraico Riograndense; Poilisher Farband, Linat Hatsedec, Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA); Círculo Social Israelita, Grêmio Esportivo Israelita, Damas de Caridade e Organizações Sionistas.

Esse instituto possui disponível uma série de entrevistas transcritas no seu acervo. O departamento de Memória do ICJMC, desde sua criação, em 1985, vem se dedicando à preservação da memória da comunidade judaica sul-rio-grandense e à difusão de sua cultura. Em busca de seus objetivos, desenvolveu-se um projeto de longo alcance entre os anos de 1985/1989, coletando depoimentos de imigrantes judeus e de seus descendentes. Como resultado dessa atividade e a continuidade da coleta de entrevistas, a Instituição possui hoje um acervo com aproximadamente 600 depoimentos, já transcritos, estando um grande número deles digitalizados (Site Institucional do ICJMC/2010)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> (Boletim informativo, nº 18, Junho de 2010).

Quanto à organização das mesmas, elas contêm a seguinte estrutura: os nomes dos entrevistados/entrevistadores, o período em que essa foi efetivada, o número de páginas transcritas, a duração da fita e o seu número correspondente. Outra característica que se apresenta nas fichas é uma espécie de sumário que contém os assuntos que foram evidenciados nas entrevistas. Nesse sentido, percebeu-se uma diversidade de temas em que as entrevistas foram organizadas.

A fim de sistematizar as entrevistas realizadas pelo Instituto, o mesmo organizou dois catálogos denominados: Histórias de vida e Histórias de vida (II Volume). Neles é possível obter uma síntese das entrevistas, com o nome do entrevistado, o número da entrevista que pode ser encontrada no Acervo, bem como os temas e assuntos que podem ser encontrados nas referidas entrevistas.

Como exemplo disso, têm-se os entrevistados: *Alfred Appel* (nº 124), assunto: a vida no bairro Bom Fim; *Jaime Bacaltchuk* (nº 097), assunto: ida para Porto Alegre, vida profissional, lembranças das condições de vida dos judeus residentes em Porto Alegre e lembranças do bairro Bom Fim; *Luiz Bacaltchuk* (nº 013), assunto: ida para Porto Alegre e trabalho em Porto Alegre; *Elias Barmaimon* (nº 019), assunto: vinda do pai para Porto Alegre e comunidade *Sefaradim*; *Erwin Bendheim* (nº 125), assunto: trabalho em Porto Alegre e vida comunitária Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA).

Além da transcrição dessas entrevistas, houve a realização de outras que foram elaboradas pela pesquisadora. O direcionamento foi para as pessoas ligadas, diretamente, à comunidade judaica de Porto Alegre, como também a pessoas que, indiretamente, possuíam algum vínculo com a história judaica. Neste contexto, as entrevistas foram direcionadas aos descendentes de judeus; a pessoas que frequentam a sinagoga e aos intelectuais que possuem interesse pela temática. As entrevistas foram semiestruturadas e conforme o entrevistado/a dispunha-se de um roteiro pré-estabelecido. As perguntas foram organizadas de modo diverso, ou seja, com indagações que vinham ao encontro do conhecimento e vivência de cada entrevistado.

Outra fonte extremamente importante e utilizada foi o acesso à página da Hebraica News na TV, que é um programa de televisão que vai ao ar todos os sábados, das 08h às 08h30 min, com reprise aos domingos, das 15h às 15h30 min. O primeiro programa foi ao ar no dia 29/09/12. Há a possibilidade de rever alguns

programas desse canal que estão dispostos no site da Hebraica News na TV. Nos programas, há divulgação de diversos momentos e festividades judaicas, bem como entrevistas com lideranças e pessoas envolvidas diretamente com a comunidade judaica de Porto Alegre. Assim, realizou-se a transcrição de algumas entrevistas, cujo interesse culminou para o enriquecimento desta pesquisa.

A fim de ampliar e completar as informações, tanto do passado como do presente da comunidade judaica porto-alegrense, foram realizados a visita e o reconhecimento dos *sites* das trinta e seis entidades judaicas filiadas à Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS). Sendo que grande parte das instituições possuem meios de divulgação como sites, revistas e boletins informativos eletrônicos. O que mais se utilizou foram as informações referentes ao histórico, à situação e à atuação dessas entidades, bem como o seu acervo fotográfico.

Outro alicerce utilizado foi a pesquisa em sites através da busca de reportagens e notícias. O Jornal Fala Bom Fim foi uma das fontes utilizadas. Esse possui, desde maio de 2009 até março de 2012, várias edições publicadas. O jornal contempla um editorial diverso, contudo há espaços dedicados à comunidade judaica como as "Notícias das Instituições" que são divulgadas, no "Perfil empresarial". Há reportagens com pessoas que possuem estabelecimentos comerciais no bairro Bom Fim. Existe também uma coluna destinada à Hebraica News e outra chamada as Memórias de um *Gut Goi* que são espaços do jornal dedicados ao interesse da comunidade judaica.

O site do Correio do Povo foi outra fonte na qual se utilizou de palavras-chave para encontrar temas interessantes para a pesquisa. Com a palavra "judeu" foram encontrados 100 resultados, com a palavra "judaísmo" 61 resultados e "comunidade judaica" foram encontrados 69 resultados. O mesmo procedimento de pesquisa foi utilizado no site do Coletivo Judaico, que é uma página de divulgação da comunidade judaica de São Paulo e das demais que estão presentes no cenário nacional.

A pesquisa de campo foi outro momento destinado à coleta de informações necessárias e pertinentes para o aprimoramento da mesma. Essa foi realizada nas Sinagogas, cemitérios judaicos, Colégio Israelita, Clubes e Entidades Judaicas existentes em Porto Alegre. Houve a participação de Festividades judaicas e eventos na cidade que tinham relação com a comunidade judaica.

A construção do mapeamento da representação da cultura judaica materializada na paisagem porto-alegrense (sinagogas, cemitérios, clubes e colégio israelita) foi realizada. A ida até esses pontos foi fundamental para extrair as coordenadas geográficas, que possibilitaram a confecção de um mapa dos marcadores identitários.

Além das fotos encontradas nos diversos sites institucionais pesquisados, houve o uso de registros fotográficos durante os trabalhos de campo, bem como a Consulta no Acervo Fotográfico do ICJMC.

A última etapa da pesquisa foi dedicada para a análise, interpretação e elaboração da redação final da tese, bem como para a realização da estruturação dos capítulos.

A Tese foi estruturada em seis capítulos, além da apresentação, da introdução, das referências, dos apêndices e dos anexos. A apresentação é um momento de explanação por parte da pesquisadora de sua própria trajetória acadêmica, que serviu como base para a construção de sua pesquisa atual. Na parte introdutória da pesquisa foram explanados a problemática, os objetivos, a justificativa e os procedimentos metodológicos.

O primeiro capítulo é o referencial teórico. Nesse momento resgatam-se os principais conceitos e termos que serviram como base para a estrutura teórica da pesquisa como a Geografia Cultural e o urbano; o território, territorialidade e apropriação territorial; além da identidade judaica e do judeu.

O segundo capítulo é intitulado “A produção simbólica do espaço e a expressão dos códigos culturais judaicos materiais e imateriais”. Neste capítulo vamos entender como a atividade humana, no caso judaica, propicia a construção de espaços através da transformação e apropriação do mundo natural em um mundo humano. No entanto, essa apropriação não é realizada pelos grupos culturais em um processo uniforme. Isso pode ser observado nas diversas paisagens que são histórica e geograficamente distintas. Nesse caso, salienta-se a atuação do grupo cultural judaico a partir do entendimento dos seus códigos culturais.

O terceiro capítulo é dedicado para o entendimento do “Primeiro processo da (des-re) territorialização: a formação das colônias judaicas no Rio Grande do Sul”. Neste capítulo trataremos de entender como foi o processo da formação das colônias judaicas no estado do Rio Grande do Sul, desde os conflitos pessoais do

migrante até a absorção e manutenção de determinados códigos culturais, como também, o abandono das colônias judaicas de Philippon e Quatro Irmãos e a sua inserção nas cidades próximas.

O quarto capítulo é para o desenvolvimento do “Segundo processo da (des-re) territorialização: a formação da comunidade judaica em Porto Alegre”. Neste capítulo trabalhamos com a organização da vida comunitária judaica na cidade de Porto Alegre, desde a chegada dos imigrantes judeus até a formação das Instituições Religiosas. Assim, utilizaram-se tabelas e gráfico para ver a evolução quantitativa da comunidade judaica. Na dimensão econômica destacaram-se os *clientelckis*, depois o estabelecimento como comerciantes e sua posterior ascensão profissional na capital gaúcha. Por fim, destinamos um espaço ao entendimento de como ocorreu a construção das diversas Instituições Religiosas que até hoje se encontram em funcionamento nesta cidade.

O quinto capítulo é para aprofundar a compreensão do “Terceiro processo da reterritorialização: a formação das Categorias Institucionais”. Neste capítulo trabalhamos com o surgimento e a formação da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS) e das Categorias Institucionais: Cultura, Educação, Entidades Femininas, Movimentos Juvenis e Social. A Federação surgiu com o propósito de ser o órgão de representação da comunidade judaica, aliado às 36 entidades, que atuam e atendem em diferentes áreas.

No sexto capítulo trataremos das “Múltiplas territorialidades judaicas em Porto Alegre”. Neste capítulo buscamos entender os aspectos que unem e divergem nas Instituições Religiosas judaicas de Porto Alegre. Outro ponto desenvolvido foi a organização da vida social judaica no bairro Bom Fim, principalmente, através da construção dos clubes e do estabelecimento de lojas *Kasher*. Também delineamos as características e atuações das categorias institucionais perante a comunidade judaica e a comunidade maior. E por fim salientamos o ressignificado do bairro Bom Fim e quais são os elementos judaicos existentes na paisagem porto-alegrense.

Outro momento foi dedicado para o desenvolvimento das considerações finais da pesquisa. Nas referências, foi colocado todo o suporte teórico utilizado, nos anexos estão presentes todos os documentos, reportagens e informativos que serviram para o enriquecimento desta pesquisa.

# 1.REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo resgata os principais conceitos e termos que serviram como base para a estrutura teórica da pesquisa como a Geografia Cultural e o urbano; o território, territorialidade e apropriação territorial; além da identidade judaica e do judeu.

## 1.1 Geografia Cultural e o urbano

A denominada “Geografia Cultural Tradicional” se enquadra no período em que a Geografia Humana<sup>6</sup> se desenvolveu, ou seja, do final do século XIX até a década de 1950. Nesse período, os geógrafos já estavam interessados por questões culturais. Para Maia (2001, p. 84), a cultura fez-se presente desde os primeiros escritos geográficos, compondo o que comumente se denominou de “Geografia Humana”.

É importante enfatizar que, num primeiro momento, mais precisamente nos fins do século XIX, os precursores<sup>7</sup> dos estudos culturais foram os pensadores europeus<sup>8</sup> como o alemão Friedrich Ratzel e o francês Paul Vidal de La Blache. Também devem ser levadas em consideração as contribuições de Carl Sauer<sup>9</sup>.

Algumas críticas foram realizadas relacionadas com estes primeiros estudos culturais. Burgess (1978 apud COSGROVE, 1996, p. 7) comenta que os primeiros geógrafos culturais<sup>10</sup> trabalharam em um meio intelectual dominado pelo “[...]”

---

<sup>6</sup> Claval (2002, p. 19) aponta que “A Geografia Cultural, ou mais precisamente o interesse dos geógrafos pelos problemas culturais, nasceu na mesma época da Geografia Humana”.

<sup>7</sup> É importante deixar claro que esses foram os grandes expoentes dos estudos culturais, mas não significa que não há outros que contribuíram para esta temática, como os alemães: Otto Schluter, August Meitzen e os franceses: Jean Brunhes, August Meitzen.

<sup>8</sup> Para Corrêa; Rosendahl (2003, p. 9) a Geografia Cultural “é um significativo subcampo da Geografia, que a partir da Europa difundiu-se e já tem um século de existência”.

<sup>9</sup> Gomes (1996, p. 38) relata que Sauer é considerado “um dos precursores da Geografia Cultural dos Estados Unidos, iniciou seus estudos sobre paisagem, refletindo sobre os mesmos problemas colocados pela dispersão espacial e histórica dos elementos culturais”.

<sup>10</sup> Cosgrove (1996, p. 9) relata que “La Blache e Sauer forneceram à Geografia Cultural conceitos estáticos e morfológicos: *pays* e paisagem cultural; e conceitos dinâmicos ou associados a processo: *genre de vie* e ação humana”.

determinismo geográfico, onde os fenômenos culturais não materiais eram considerados como o resultado de *fatores geográficos*".

Nesse momento, os geógrafos adotavam uma perspectiva positivista ou naturalista, não estudando a dimensão psicológica ou mental da cultura. O interesse voltava-se para os aspectos materiais da cultura, as técnicas, as paisagens e o gênero de vida (CLAVAL, 2002).

Pode-se dizer que a perspectiva adotada pelos geógrafos culturais da Escola de Berkeley foi antiurbana, especialmente pelo fato que esses enfatizavam o rural, o passado e as sociedades primitivas ou atrasadas, ou seja, pouco ou nada se interessavam pelo urbano. Com relação à tradição francesa, Corrêa (2003, p. 167) aponta que os geógrafos privilegiaram as regiões com características enraizadas "particularmente na Europa e regiões tropicais, nas quais se ressaltaram os gêneros de vida, expressões e matrizes culturais, eminentemente rurais, e as paisagens agrícolas".

Na visão dos geógrafos urbanos, quando esses eram vinculados a uma visão positivista, as formas e as funções urbanas eram analisadas sob uma perspectiva econômico-espacial. O ponto de vista utilizado era o morfológico e funcional. Nesse sentido, Corrêa (2003, p. 168) nos diz como a geografia urbana tratava a cultura "Ela não era considerada ou era relegada à condição de resíduo que as teorias em uso não explicavam".

A fragilidade teórica da Geografia Cultural foi admitida por alguns de seus apologistas. Wagner e Mikesell (1962 apud COSGROVE, 1996, p. 10) na obra "Readings in Cultural Geography" foram bem explícitos ao dizerem que o geógrafo cultural "[...] não está preocupado em explicar o funcionamento interno da cultura ou a descrição dos padrões de comportamento humano que afetam a terra".

O período compreendido entre as décadas de 1940 a 1970 é conhecido como o momento do "declínio" da Geografia Cultural, que se enquadra na "Nova Geografia". O principal motivo da perda do prestígio da abordagem cultural foi a uniformização e padronização das técnicas na análise geográfica.

Assim, percebe-se que os estudos técnicos receberam menor atenção pelo fato de que a diversidade dos utensílios e dos equipamentos diminuiu ou desapareceu quase que completamente. A cultura perdeu representatividade como também o

estudo das crenças, dos costumes e de tudo que representava a imaterialidade de um grupo cultural (CLAVAL, 1999b).

## **1.2 A Geografia Cultural Radical e outros estudos**

A partir de 1970 ocorreu uma renovação da abordagem cultural e a dimensão cultural do urbano passou a ser percebida, valorizada e problematizada pelos geógrafos. Nesse período desenvolveu-se uma nova perspectiva que se denominou “Nova Geografia Cultural” também conhecida como “Geografia Cultural Radical”. Nessa fase, os geógrafos foram definidos como os “novos geógrafos culturais”.

Corrêa e Rosendahl (2003, p. 12) apontam como críticos à Geografia vidaliana e à Escola de Berkeley diversos estudiosos como Mikesell, Duncan, Cosgrove, Claval, Berque, Bonnemaïson, Dumolard, Brunet e Dollfus.

Assim sendo, diferentes vertentes se estruturam na Ciência Geográfica a partir da Nova Geografia, como a Geografia Crítica Radical, de tendência marxista, e a Geografia Humanística, ressaltando a ação humana tanto numa perspectiva objetiva, como considerando suas subjetividades (TEIXEIRA, 2001).

Nesse momento, o conceito de cultura é redefinido sendo o mesmo entendido como um reflexo, uma mediação e uma condição social. A Geografia teve influência das filosofias do significado, especialmente a fenomenologia, que trabalha com a experiência individual, ou seja, o espaço vivido e percebido de cada um (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

Pode-se dizer que a dimensão dos aspectos materiais que estava no âmago da “Geografia Cultural Clássica” não desapareceu, mas passou a ser concebida de forma diferente, pois houve a necessidade de abordar um sistema de representação e de valores que permitem reconhecer e constituir a coletividade, ou seja, abordar o conteúdo imaterial da cultura (CLAVAL, 1999b).

A abordagem moderna de cultura é definida por Gomes (1996, p. 32) como “[...] um domínio do mundo humano, um mundo de significações, de valores, um mundo de referências, que nasce da comunicação e de um universo de símbolos”.

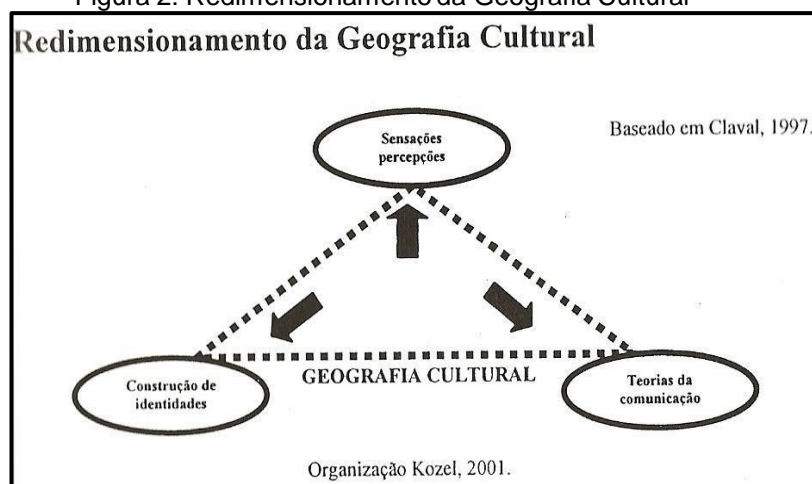


É notório enfatizar que a incorporação do urbano à Geografia Cultural foi paralela à redefinição desta última, enquadrando-se na denominada Geografia Cultural Renovada. Roberto Lobato Corrêa (2003, p. 168) comenta qual era o foco da Geografia Urbana e como esta se inseria na sociedade

Neste período a Geografia Urbana privilegiou os processos contraditórios e os conflitos sócios espaciais que deles emergiam. As transformações em curso na sociedade, que se torna mais urbana e multicultural, suscitam inúmeras pesquisas.

Nessa renovação, o homem tornou-se o centro da análise. Consequentemente, esse período culminou no desenvolvimento de novas abordagens em torno de três eixos. De acordo com Claval (1997, p. 92), a cultura parte “[...] primeiro, das sensações e representações; segundo, a cultura é vista através da ótica da comunicação e terceiro, a cultura é compreendida na perspectiva da construção de identidade” (Figura 2).

Figura 2: Redimensionamento da Geografia Cultural



Fonte: TEIXEIRA, Salete Kozel, 2001

É interessante salientar que no primeiro eixo considera-se que o homem aprende e age primeiramente em função das indicações que ele recebe através de seus sentidos como: a visão, audição, olfato, paladar e o tato<sup>11</sup>. Já a partir das representações que o indivíduo adquire através da educação e da vivência em grupo constrói o seu universo mental. Com relação ao segundo eixo, deve-se salientar a dimensão coletiva, pois a cultura é feita de informações que tramitam entre as pessoas e são transmitidas pela observação e imitação. No terceiro eixo, a

<sup>11</sup>Claval (1999a) afirma que os estudos geográficos tratam quase que exclusivamente da visão.

dimensão individual perpassa o entendimento da cultura que resulta do processo de construção pelos indivíduos que incorporam valores (CLAVVAL, 1997).

A vertente humanística da geografia se consolida a partir da *Behavioural Geography* ou Geografia do Comportamento, cujo caráter comportamental, advém da psicologia respaldada na cognição. Para Teixeira (2001, p. 112), essa linha teórica “a priori” tinha por objetivo explicar “[...] os comportamentos espaciais dos indivíduos, através da percepção e da memorização visual relacionados ao seu ambiente [...]”.

A mesma autora aponta que, na atualidade, há o direcionamento para o entendimento de uma Geografia das Representações. Diante disso, é interessante comentar a necessidade de incorporar um diálogo entre a Geografia e a Psicologia Social, a partir do conceito de representações sociais. Farr (2000, p. 31) salienta que a teoria das representações sociais é uma forma “sociológica de Psicologia Social, originada na Europa com a publicação feita por Moscovici (1961)”.

Teixeira (2001, p. 113) destaca que a abordagem humanística surge em contestação à visão cartesiana e estruturalista que permeavam as análises geográficas, apoiando-se nas correntes filosóficas

[...] dos significados, tais como a fenomenologia, o existencialismo, e a hermenêutica, buscando compreender os significados das experiências humanas e, conseqüentemente, o mundo vivido.

Diante disso, é possível buscar o significado deste fenômeno que se mostra materializado na paisagem e também em nós, a partir da fé individual. Para Bello (2004, p. 258), “As religiões são fenômenos porque se manifestam em nós. Como fenômeno, a religião expressa a subjetividade humana”.

A religião vista por meio da fenomenologia é abordada na relação entre o fiel e a divindade. Esse fato chega também a ser coletivo, onde um grupo de pessoas pratica a mesma religião. Assim, as relações com a divindade que se manifestam nas diferentes religiões têm reflexos também na interpretação do ser humano (BELLO, 2004).

### 1.3 Concepções do território, territorialidade e apropriação territorial

Uma das primeiras abordagens do território foi baseada na territorialidade dos animais. Essa vertente ficou denominada de naturalista ou de biologista. Deleuze e Guattari (1992 apud, HAESBAERT, BRUCE, 2007, p. 6) inferem que

[...] já nos animais sabemos da importância [das] atividades que consistem em formar territórios, em abandoná-los ou em sair deles, e mesmo em refazer território sobre algo de outra natureza.

Quanto à territorialidade, Raffestin (1987) comenta que essa foi tratada pelo homem, por analogia à ideia de territorialidade animal. Tanto que Edward Soja (1971, apud RAFFESTIN, 1987, p. 264) escreveu que “Man is a territorial animal and territoriality affects human behavior at all scales of social activity”<sup>12</sup>. Esse autor deixa explícito que este caminho de entender o homem como um animal territorial não deve ser seguido, pois a territorialidade do ponto de vista humano é muito mais complexa pelo fato do homem ser caracterizado como um *animal sémiologique*, cuja territorialidade é condicionada pela linguagem, sistemas de signos e códigos. Tanto que ele se embasa em Saussure que expõe a importância da constituição linguística ao homem. Nesse sentido, Saussure (1965, apud RAFFESTIN, 1987, p. 264) discorre que “[...] la langue était le plus important des systèmes de signes”<sup>13</sup>.

Deleuze, em uma entrevista<sup>14</sup>, comentou a importância do território para os animais e paralelamente enfatizou a diferenciação das territorialidades animais e humanas. Concordante com essas colocações Haesbaert e Bruce (2007, p. 6) afirmam que

Todo animal tem “um mundo específico”, desde ambientes muito reduzidos, indispensáveis a sua reprodução, como o “território” dos carrapatos. Este “mundo específico” dos animais não seria extensível ao homem, que “não tem um mundo”, mas “vive a vida de todo mundo”. Trata-se, portanto de uma primeira distinção entre as duas territorialidades.

---

<sup>12</sup> Tradução: O homem é um animal territorial e a territorialidade afeta o comportamento humano em todas as escalas da atividade social.

<sup>13</sup> Tradução: A língua foi o mais importante sistema de signos.

<sup>14</sup> O artigo de Haesbaert e Bruce (2007, p. 6) não especifica o ano em que ocorreu a entrevista.

Nesse sentido, vale ressaltar que uma das diferenciações da territorialidade humana refere-se ao papel da comunicação que funciona como um sistema de codificação. Paul Claval (1999a, p. 171) comenta que “a língua é o sistema de codificação fundamental de toda a cultura”. Com o intuito de reafirmar a importância das redes, nas civilizações contemporâneas, Raffestin (1987, p. 271) expõe que “aujourd'hui, une des conditions de l'autonomie reside dans la maitrise des réseaux de communication de l'information”<sup>15</sup>.

É importante explicitar a distinção entre território e territorialidade. Haesbaert (2007, p. 40) expõe que

Alguns autores, numa visão mais estreita, reduzem a territorialidade a uma dimensão simbólico-cultural do território, especialmente no que tange aos processos de identificação territorial. Na maioria das vezes, porém não se faz esta distinção, a territorialidade sendo concebida abstratamente, numa perspectiva epistemológica, como “aquilo que faz de qualquer território um território”, ou seja, as propriedades gerais reconhecidamente necessárias à existência do território que variam, é claro, de acordo do território que estivermos adotando.

No que se refere ao sentido do território, pode-se dizer que há uma dupla conotação, ou seja, há um sentido concreto, de dominação, e outro sentido mais simbólico, de apropriação. Diante disso, Lefebvre (1974) diferencia dominação de apropriação. Para o autor, o primeiro caracteriza-se pelo seu valor de troca e, conseqüentemente, se distingue por ser concreto e funcional. Já o segundo é o responsável por carregar as marcas do “vivido”, do valor de uso. Com relação a essa dualidade, esse autor considera que elas deveriam caminhar juntas (HAESBAERT, 2005a).

Com relação à Ratzel, pode-se afirmar que o mesmo utilizou-se do discurso de território, essencialmente fixado no referencial político do Estado. Tal concepção para o autor corresponde a um tipo específico de territorialidade, ou seja, uma territorialidade entendida como cultura nacional. Nessa visão, o território, assim como a cultura, possui uma vinculação ao substrato material que é o espaço, o meio físico visível (SOUZA, 1995).

O significado da territorialidade para os humanos é exposto por Sack (1986, p.5) “[...] is a powerful geographic strategy to control people and things by controlling

---

<sup>15</sup> Tradução: Hoje, uma das condições de autonomia consiste no domínio das redes de comunicação da informação.

area”<sup>16</sup>. É notório acentuar que, na sua visão, a compreensão da territorialidade não deveria se limitar, simplesmente, ao entendimento do controle de área. A definição desse termo para Sack (1986, p. 19) é a seguinte [...] as the attempt by an individual or group to affect, influence, or control people, phenomena, and relationships, by delimiting and asserting control over a geographic area”<sup>17</sup>.

Um questionamento viável frente a discussão conceitual é quando uma delimitação torna-se um território. Frente a isso, esse mesmo autor traz o exemplo do geógrafo quando esse delimita uma área, ou seja, propicia a identificação de lugares, áreas ou regiões. Mas, vale ressaltar que durante o ato não há necessariamente a criação de um território. Desse modo, Sack (1986, p. 19) discorre quando uma delimitação torna-se um território [...] only when its boundaries are used to affect behavior by controlling access”<sup>18</sup>.

Nesta pesquisa, a feição do espaço geográfico abordada enfatiza a relação de apropriação. De maneira que o grupo cultural é o responsável pela atuação no espaço que culmina deixando suas marcas representativas da sua apropriação territorial. Nesse sentido, Bonnemaïson (2002, p. 97) aponta que “[...] não existe etnia ou grupo cultural que, de uma maneira ou outra, não tenha se investido física e culturalmente num território”.

A constituição de territórios significa a instauração do domínio humano sobre o espaço. Heidrich (1998, p. 11) comenta que o território passará a existir tão somente quando se definirem

Uma relação de apropriação (mais que domínio) das condições naturais e físicas, por uma determinada coletividade e uma organização das relações, de modo a particularizar a coletividade humana como uma *comunidade*, por isso mesmo, diferenciada de outras e, pelo mesmo critério, a delimitação do acesso, do domínio e da posse ao interior da comunidade constituída.

Na mesma linha de raciocínio, Raffestin (1987, p. 266) discorre como deve ser entendida a relação entre o território concreto e o abstrato

---

<sup>16</sup> Tradução: é uma poderosa estratégia geográfica para controle de pessoas e coisas através do controle de área.

<sup>17</sup> Tradução: na tentativa do indivíduo ou grupo em afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos, relacionamento, com o intuito de delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica.

<sup>18</sup> Tradução: somente quando suas fronteiras são usadas para afetar comportamentos através do acesso controlado.

La territorialité humaine n'est donc pas seulement constituée par des relations avec des territoires concrets mais encore par des relations avec des territoires abstraits tels que langues, religions, technologies, etc<sup>19</sup>.

Haesbaert (2002, p. 121) destaca a dimensão simbólica do território, vendo-o como fruto da apropriação simbólica, especialmente através da identificação que alguns grupos sociais desenvolvem com seus “espaços vividos”. A esse espaço não há apenas um controle físico, mas também laços de identidade social, pois

[...] enquanto a dominação do espaço por um grupo ou classe traz como consequência um fortalecimento das desigualdades sociais, a apropriação e construção de identidades territoriais, resulta num fortalecimento das diferenças entre os grupos, o que por sua vez, pode desencadear tanto uma segregação maior quanto um diálogo mais fecundo e enriquecedor.

O território no sentido simbólico existe através da apropriação realizada por determinado grupo cultural. Heidrich (1998, p. 9) afirma que “[...] o território não é um dado natural, é uma construção”. Bonnemaïson (1981 apud ROSENDAHL, 2003, p. 195) também comenta das marcas culturais presentes nos territórios “[...] de fato, é pelo território que se encarna a relação simbólica que existe entre cultura e espaço. O território torna-se, então, um geossímbolo”.

Pode-se dizer, então, que o território surge como espaço concreto em si e, a partir de seus atributos naturais e sociais, é apropriado e ocupado por um grupo social. Esta fixação do homem no território é vista como algo gerador de raízes e identidade. Assim, Souza (1995, p. 84) menciona que

Um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a *identidade sócio-cultural* das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto – natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”. E mais: os limites do território não seriam, é bem verdade, imutáveis – pois as fronteiras podem ser alteradas comumente pela força bruta [...].

Com relação às particularidades e às discontinuidades territoriais, Ortiz (s/d, p. 26) comenta que “[...] o deslocamento no espaço, entretanto, não se trata de um espaço qualquer. Ele possui uma peculiaridade, ou seja, a sua discontinuidade. Cada sítio, cada cultura, constitui um território particular”.

---

<sup>19</sup> Tradução: A territorialidade humana não é somente constituída pelas relações com os territórios concretos, mas também pelas relações com os territórios abstratos tais como as línguas, religiões, tecnologias, etc.

Ao se resgatar a história da humanidade sabe-se que, inicialmente, os grupos culturais tinham como característica espacial o isolamento devido aos precários ou quase inexistentes meios de locomoção. Caso os tivessem, esses não permitiam atingir distâncias muito longínquas, em contraponto com a atualidade. Pode-se afirmar que as sociedades tradicionais tinham e viviam uma territorialização mais enraizada no espaço (HAESBAERT, 2002).

Entretanto, com a evolução tecnológica, o homem teve condições mais propícias para conhecer os diversos traços culturais que representavam as outras culturas através da sua mobilidade. As sociedades modernas tornaram-se cada vez mais reticuladas, transformando-se através de fluxos dinâmicos, velozes e mundializados. Neste momento é constante o processo de (des-re) territorialização (HAESBAERT, 2002).

Na atualidade, os deslocamentos populacionais atingiram patamares elevados através das migrações em diversas escalas espaciais, tanto internas como externas. Esse movimento pode ser caracterizado através de diversos tipos como espontâneos, forçados ou controlados e podem também se diferenciar no tempo. Para Heidrich (1998, p. 17), “[...] as migrações apresentam um novo quadro, inclusive na criação de novos valores, com o qual os horizontes se alargam, os limites territoriais tornam-se mais amplos [...]”.

#### **1.4 A identidade judaica e suas diferentes manifestações culturais e territoriais**

O território enquanto “*continuum*” deve ser trabalhado através da multiplicidade de suas manifestações. Há múltiplos poderes que podem se manifestar em um mesmo território através dos múltiplos agentes e sujeitos envolvidos. Entre os sujeitos que interferem no mesmo destacam-se os indivíduos, os grupos sociais, o Estado, as empresas, as instituições, entre outros (HAESBAERT, 2005a).

Novamente resgata-se Haesbaert (2002, p. 121), o qual destaca que múltiplos territórios são vivenciados simultaneamente

Ora somos requisitados a nos posicionar perante uma determinada territorialidade, ora perante outra, como se nossos marcos de referência e controle espaciais fossem perpassados por múltiplas escalas de poder e de

identidade. Isto resulta em uma geografia complexa, uma realidade multiterritorial (ou mesmo transterritorial) que se busca traduzir em novas concepções, como os termos hibridismo e “glocal”, este significando que os níveis global e local podem estar quase inteiramente confundidos.

Uma das consequências que se torna inevitável neste “*continuum*” é o “conflito” entre culturas ou entre diferentes grupos. Visto que a permanência, em uma mesma área geográfica com diversos códigos culturais, pode desencadear uma assimilação de valores ou, até mesmo, a permanência de alguns traços culturais no decorrer do tempo. Todo o agrupamento humano para existir tem que se enraizar em determinado território, mas existem limitantes naturais como: clima, montanhas, selvas. Claval (1999a, p. 178) a este respeito diz que “Todavia, as barreiras culturais mais eficazes não são de natureza física e não resultam da diversidade dos códigos. Relaciona-se com a construção das identidades culturais fortes [...]”.

Em decorrência desse processo de enraizamento surgem identidades culturais arraigadas. A preservação da identidade cultural é um processo que não impede o estabelecimento de relações com aqueles que são diferentes, mas introduz limites que proíbem a aceitação daquilo que ameaça os valores centrais. Nesse sentido, Claval (1999a, p. 184) diz “[...] certos grupos mostram-se, entretanto, através da história e espaço, uma surpreendente capacidade de permanecerem fiéis a certos traços de sua cultura”.

Stuart Hall contribui com o conceito de “tradução” que vem ao encontro dessa discussão. A tradução expressa muito bem a inter-relação das pessoas que vivenciam o hibridismo cultural. Esse conceito descreve aquelas formações de identidade onde imigrantes possuem fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições. Mas Hall (2004, p. 88) explica que ao mesmo tempo elas se veem obrigadas a “negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades”.

A história de um povo bem como o entendimento de seus antecedentes históricos serve como fonte na busca da sua identidade. É no passado que, geralmente, uma nação encontra sua identidade e suas diferenças. Sua identidade coletiva, nacional e sua diferença em relação a outros grupos (WOODWARD, 2000).

Para definir uma identidade é imprescindível reconhecer-se a si próprio, o seu grupo e os outros. Para que isso ocorra, ou seja, a realização da identidade são fundamentais as vivências cotidianas e a socialização. Com relação a esse processo



social, o autor Di Méo observa que a identidade não pode ser reduzida a uma qualificação puramente individual do sujeito. Di Méo (2007, p. 43) afirma que “L’identité est une construction sociale”<sup>20</sup>. Nesse sentido, nos pilares do processo de construção da identidade tanto coletiva como individual, é fundamental a presença de determinados elementos. Gill (2001, p. 24) ressalta entre eles os seguintes “[...] a família, a escola, os grupos comunitários funcionam como catalisadores para a construção da ideia de pertencimento a um grupo maior, que possui vínculos em esferas do individual e do coletivo”.

Neste contexto, insere-se o objeto investigativo desta pesquisa, o grupo cultural judaico. Assim, percebe-se que a longa marcha do povo judeu através do *Sinaí*<sup>21</sup> significa, historicamente, como a primeira busca conhecida de um território político-cultural (BONNEMAISON, 2002).

As várias dispersões territoriais dos judeus, ou seja, as diásporas judaicas, no decorrer do tempo, propiciaram um movimento denominado de Sionismo que significa, nas palavras de Unterman (1992, p. 252) “[...] o estabelecimento de um lar nacional judaico independente [...] termo que foi cunhado em 1890 [...] o primeiro congresso foi em 1897 [...] o Estado de Israel foi estabelecido 49 anos depois”.

A história do povo de Israel parece se inscrever na história de seu território, onde as fronteiras foram alteradas no decorrer dos tempos. Para Bonnemaïson (2002, p. 112-113), as diásporas possuem significado, pois “[...] cada diáspora pode ser interpretada como uma tentativa de reconstruir o território perdido”.

Os judeus possuem uma ligação simbólica com Israel que extrapola a permanência desse grupo cultural no território na esfera material, pois o território adquiriu a conotação da “Terra Prometida dos Judeus”. Ou seja, o poder no seu sentido simbólico também precisa ser devidamente considerado nessas concepções do território (HAESBAERT, 2005a).

Apesar das várias diásporas<sup>22</sup>, de exílios forçados, de processos de marginalização e segregação, os judeus têm conseguido desenvolver mecanismos

---

<sup>20</sup> Tradução: A identidade é uma construção social.

<sup>21</sup> Para Unterman (1992, p. 250) o Monte Sinai refere-se a “uma montanha do deserto egípcio onde segundo a tradição Deus apareceu a Moisés e revelou o Decálogo e a Torá ao povo de Israel após o Êxodo”.

<sup>22</sup> Termo usado para referir-se às comunidades judias fora da terra de Israel. A diáspora começou com o fim do período do Segundo Templo, no ano 70, quando surgiram grandes centros judaicos em Babilônia, Alexandria, Roma e em todo o mundo greco-romano.

que os mantêm unidos através de uma história grupal. E a memória histórica é um dos mecanismos utilizados para a manutenção da sua identidade (GILL, 2001).

A identidade judaica significa, então, a consciência de ser judeu e no fato de partilhar alguma coisa junto com outros judeus, no reconhecimento de existência de alguma distinção entre judeus e não judeus e no fato de ser reconhecido como judeu pelos demais membros da sociedade (BRUMER, 1994).

A identidade judaica para muitos judeus, e até mesmo não judeus, é encarada tomando como base a hereditariedade, ou seja, através da descendência de mãe judia ou por meio da conversão por ato voluntário à religião judaica.

No entanto, existem outros significados que contribuem para que os judeus permaneçam sendo reconhecidos através do tempo com sua identidade. Brumer (1994, p. 32-33) ressalta que há diversas correntes que serviram de base para a discussão da preservação da identidade cultural judaica

a) religião e o modo como ela é praticada pelos judeus, bem como sua convivência conflituosa com os cristãos. A religião como fator de agregação acrescenta a importância de um território e de um idioma comum para a manutenção do judaísmo. b) Os materialistas: negam que a religião explique a sobrevivência dos judeus. Para eles, os judeus mantiveram-se através dos séculos graças as suas condições reais de existência, e principalmente ao papel econômico e social (sobretudo através do comércio e da usura) que desempenhavam nas sociedades em que se inseriam. c) Os efeitos do antissemitismo ajudaram para a manutenção da identidade judaica.

Outro aspecto da definição da identidade judaica diz respeito à possibilidade de visualizar os judeus como um grupo étnico. Nesse sentido, Brumer (1994, p. 30) refere-se à identidade judaica tendo como base o conceito do grupo étnico “Como uma coletividade humana baseada na crença de uma origem comum, real ou imaginária, que apresenta uma forma de organização social”.

## 1.5 Judeu e o Judaísmo

Diante dessa discussão teórica, este é momento ideal para adentrar na temática proposta. De modo que é necessário buscar o alicerce humano que permeará este trabalho, ou seja, quem é judeu. Asheri (1987, p. 4) parte da discussão dos seguintes elementos: raça, grupo religioso, grupo linguístico e nacionalidade

Raça não é porque existem judeus loiros e de olhos azuis, judeus negros, judeus morenos, judeus amarelos e de todos os tons que se possam imaginar entre essas cores. Um *grupo religioso* certamente é, embora existam ateus que são, apesar disso, judeus. Um *grupo linguístico* não se enquadra, pois os judeus falam dezenas de línguas diferentes. Uma *nacionalidade* também não pode ser considerada pelo fato deles serem cidadãos de muitos países.

Neste contexto, percebe-se que os judeus não se enquadram em nenhuma das definições citadas anteriormente. Pois, segundo Asheri (1987, p. 4) “[...] os judeus são um povo assim como, por exemplo, os armênios; os bascos, racialmente indistinguíveis de seus vizinhos franceses e espanhóis, são um povo”.

É frequentemente debatido se judaísmo refere-se a: (a) uma raça (b) uma nacionalidade ou (c) uma religião. Sobre essa questão, Immanuel (1987, p. 15) salienta

Uma definição *racial* de judaísmo é praticamente impossível. Raça denota uma distinção biológica [...]. Entretanto há judeus negros, brancos, orientais e ocidentais. *Nacionalidade* dificilmente poderia ser uma definição aplicável a um povo que tem estado disperso por todo o mundo durante aproximadamente dois mil anos [...]. O povo judeu viveu entre nações diferentes como: os egípcios e babilônios; persas e gregos; romanos e árabes; na Alemanha, Polônia, Rússia, América, China, etc. Resta a *religião*, como a única ideia lógica. Não judeus se tornaram judeus e foram integrados e aceitos como tais, universalmente, convertendo-se a fé judaica.

Nesta perspectiva, o autor direcionou-se para o entendimento do que vem a ser o judaísmo, considerando o atributo da religião e desconsiderou a raça e a nacionalidade. Immanuel (1987, p. 15) acredita “Não importa quem ou o que eles eram, de onde vieram em termos de raça, cor, credo ou nacionalidade; aceitando a fé judaica, eles e seus descendentes se tornaram judeus”.

Neste ensejo deve-se enfatizar que o judaísmo é regido como uma crença monoteísta, ou seja, baseado em um único Deus (*Yhwh*), porém dentro do judaísmo tradicional encontramos diferentes ramificações (ortodoxos, conservadores, liberais e reconstrucionistas).

Obviamente cada grupo desenvolveu suas discussões para a busca da resposta à questão “quem é judeu?”. Essa definição de resposta se deu, em sua maioria, sob duas linhas gerais: pessoa que tenha passado por um processo de conversão ao judaísmo ou pessoa que seja descendente de um membro da comunidade judaica. Contudo, esses dois assuntos são repletos de divergências.

A socióloga Anita Brumer em pesquisa sobre os judeus do Rio Grande do Sul realizou a construção do significado do conceito de identidade. Uma citação do escritor israelense Alef-Betlehoshúa é o ponto de partida para a conceituação de judeu e da definição clássica da *Halachá*<sup>23</sup>. Segundo Brumer, (1994, p. 36) “[...] é judeu o filho de mãe judia ou aquele que se converteu ao judaísmo conforme a *Halachá*”.

No caso de um casamento misto, se a mãe é judia e o pai não, os filhos nascem judeus. Se, por outro lado, somente o pai é judeu, Asheri (1987, p. 3) diz que “Os filhos desse casamento não são judeus e, se quiserem tornar-se, terão de passar pela conversão religiosa, da mesma maneira que qualquer outro gentio”.

Nesse sentido, é interessante indagar-se: Como um não judeu pode se converter ao judaísmo? A conversão ao judaísmo envolve dois passos básicos: o primeiro remete à aceitação dos princípios, ensinamentos e práticas da fé judaica e, o outro se refere à circuncisão e através da imersão no *mikve*. Immanuel (1987, p. 18) define os seguintes passos para a conversão

A conversão significa escolher ou aceitar para si mesmo um modo de vida especial [...] a religião ensina os conceitos de Deus, revelação, moralidade, conduta ética, propósito do homem, vida após a morte. A circuncisão é o “sinal da aliança sagrada”, esta aliança é demonstrada e reafirmada pela circuncisão na carne de todo varão. A imersão num banho ritual, conforme designada e definida pela Torá, significa renascimento. O homem não pode sobreviver quando imerso em água. A imersão total nas águas de uma *micvá*, então, significa a cessação da existência, ou do *status*, anterior.

---

<sup>23</sup> Segundo Unterman (1992, p. 112) este termo em hebraico significa “caminho” ou “trilha”; tradição legalística do judaísmo, que se defronta geralmente com a teologia, a ética e o folclore da AGADÁ. Decisões haláchicas determinam a prática normativa, e onde há divergência, tais decisões, ao menos em teoria, seguem a opinião da maioria dos rabinos [...].

Aquele que sai da *micvá*, por assim dizer renasceu; não é o mesmo que entrou.

Diante disso é que Immanuel (1987, p. 19-20) afirma que uma conversão adequada e significativa ao judaísmo exige “[...] (a) um conhecimento básico de judaísmo: o que é, o que ensina, seus princípios, o que exige; (b) uma conversão sincera”.

Dentro dessa visão, que tem apoio no judaísmo rabínico ortodoxo e conservador, percebe-se que a mulher dentro da religião é fundamental, já que é dela que se estabelece a descendência judaica. Essa tese tem força e raio de ação maior por ser adotada pelo Estado de Israel, além de grande parte das comunidades ao redor do mundo, que reconhece como determinante apenas a descendência na linha materna e desconhece a linha paterna. Nesse sentido, Immanuel (1987, p. 18) nos diz que

O *status* da mãe biológica (exclusivamente) determina o *status* da criança. Se a mãe biológica é judia, então não importa qual seja o seu pai biológico, todos os seus filhos são judeus. Se ela não for judia, é indiferente quem ou o que o pai é, todos os filhos também não são judeus.

A determinação e definição do que vem a ser judeu é baseada em dois princípios fundamentais, ou se é filho de mãe judia ou pode tornar-se judeu através da religião judaica, ou seja, aceitar os preceitos do judaísmo. Para Unterman (1992, p. 140), esta tradição judaica segue o seguinte

É definido pela tradição como alguém que tenha nascido de mãe judia ou se convertido ao judaísmo, embora tenha havido movimentos dentro do judaísmo reformista para também considerar judeu quem tenha nascido de pai judeu e mãe gentia.

Embora haja predominância dessa concepção não é possível generalizar, pois com a inserção de novas filosofias no seio do judaísmo há divergências quanto à descendência judaica. Cada grupo desenvolveu suas concepções diante da definição de como se conservaria a linha judaica, se matrilinearmente, patrilinearmente ou ambas as hipóteses.

Baseados em características de origem histórica e geográfica, os judeus são enquadrados em duas categorias: os *ashkenazim* e os *sefaradim*. Dessa maneira, Asheri (1987, p. 8-9) discorre sobre as diferenças dessas categorias

Embora historicamente se presume que o nome hebraico *Ashkenaz* signifique Alemanha, atualmente a palavra *Ashkenazim* veio a significar qualquer judeu europeu que não seja de origem espanhola ou portuguesa especificamente. Os *Sefaradim* são judeus de origem espanhola ou portuguesa. Hoje, em dia o termo sefaradi foi ampliado, de modo a incluir muitas comunidades judaicas em partes do mundo de fala árabe, persa e turca, as quais verdadeiramente, não são de descendência espanhola, de maneira alguma, mas adotaram o rito espanhol em suas preces ou serviços da sinagoga.

Além disso, há uma terceira categoria que compreende todos os judeus que não estão em nenhuma dessas classificações principais, ou seja, os judeus que se encontram na África, na Índia e na China. Os judeus africanos são de cor negra, falam as línguas semitas tigre e a tigrínia. Esses são observadores dos escritos do *Shabat* e também das leis dialéticas. A Índia possui quatro comunidades judaicas bastante distintas, sendo os mais conhecidos os *bene israel*, que possuem cor escura, e a língua cotidiana é o marata, um idioma indo-europeu. Na China, há muitos séculos existem judeus indistinguíveis do restante da população, quer em aparência ou em linguagem (ASHERI, 1987).

A seguir vamos adentrar no desenvolvimento da tese através da busca da compreensão dos códigos culturais judaicos. Nesse sentido, a produção simbólica do espaço e a cultura podem ser entendidas, tanto nos aspectos da materialidade, como na imaterialidade.

## 2. A PRODUÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO E A EXPRESSÃO DOS CÓDIGOS CULTURAIS JUDAICOS MATERIAIS E IMATERIAIS

Neste capítulo vamos entender como a atividade humana, no caso judaica, propicia a construção de espaços através da transformação e apropriação do mundo natural em um mundo humano. No entanto, essa apropriação não é realizada pelos grupos culturais em um processo uniforme. Isso pode ser observado nas diversas paisagens que são histórica e geograficamente distintas. Nesse caso, salienta-se a atuação do grupo cultural judaico a partir do entendimento dos seus códigos culturais.

A produção simbólica do espaço desencadeada pelo homem inclui diversos códigos materiais, ou seja, aqueles que podem ser observados visivelmente na paisagem. Esses estão materializados como marcas concretas da cultura, mas também há outros que não são visíveis na paisagem como regras e condutas que também constituem os elementos que caracterizam determinado grupo cultural.

Cosgrove (1996, p. 5) descreve sobre os códigos culturais que podem representar uma cultura como “[...] a comunicação, ou seja, a linguagem em seu sentido formal, como também, o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, a pintura, a dança, o ritual, a cerimônia e as construções”.

Uma das preocupações do antropólogo Geertz refere-se como a antropologia vem trabalhando com o conceito de cultura e humanidade. Para Geertz (1989, p. 27), “O princípio dominante na área, unidade básica da humanidade, não deve ser transformado numa expressão vazia”. Neste sentido, o autor comenta da dificuldade que se tem para entender a perspectiva da diversidade cultural na dimensão interna. Conforme Geertz (1989, p. 27), isso fica evidente, pois

Alimentar a ideia de que a diversidade de costumes no tempo e no espaço não é simplesmente uma questão de indumentária ou aparência, de cenários e máscaras de comediantes, é também alimentar a ideia de que a humanidade é tão variada em sua essência como sua expressão.

Considera-se como dimensão externa da cultura tudo aquilo que é possível visualizar, ou seja, as vestimentas, a moradia, a gastronomia, entre outros. Deve-se

extrapolar essa análise reducionista e partir para reflexões de maior abrangência. Para Geertz (1989, p. 27), o homem deve ser considerado

*Por trás, debaixo, ou além dos seus costumes, e se a substituirmos pela noção de que o homem, sem maiúscula, deve ser visto dentro deles, corre o perigo de perder por completo a perspectiva do homem.*

Procurando caracterizar a cultura judaica é importante destacar alguns códigos culturais que são responsáveis por sua identidade. Entre esses se destaca o papel da comunicação cultural que funciona como um sistema de codificação. Para Claval (1999a, p. 86), a língua é “Um código que permite exprimir um número ilimitado de outros códigos, técnicos em particular: a transmissão e a manipulação destes estão, pois, ligadas aos meios verbais de expressão”.

Os primeiros imigrantes judeus que vieram para o Rio Grande do Sul, a partir do início deste século, tinham o *ídiche* como língua, na qual se comunicavam entre si, chamando-a de forma afetiva *Mame-Loshen*; quer dizer língua materna (ASHERI, 1987).

Nesse sentido, Eizirik (1986, p. 55) comenta que “o *ídiche* teve sua origem na Alemanha, nos guetos que surgiram a partir dos concílios luteranos de 1179 a 1215, portanto, em seus primórdios, era um dialeto alemão”. Sobre essa linha de análise, Asheri (1987, p. 21-22) comenta sobre a língua *ídiche*

O *ídiche* é, ou foi, a língua comum dos judeus *ashkenazi*, excetuando aqueles que falam alemão, francês ou húngaro. É um idioma germânico, historicamente derivado do dialeto francônio do alemão do século XIV, contendo hoje, aproximadamente, vinte por cento de hebraico e dez por cento de eslavo e outras palavras em seu vocabulário.

Já com relação à língua ladina, esta é reconhecida como uma língua judeo-espanhola que se desenvolveu entre os judeus exilados da Espanha após as expulsões daquele país na década de 1490. Unterman (1992, p. 234) expõe que os *ashkenazim* e os *sefaradim* representam “as duas principais divisões da comunidade judaica e diferem em seus costumes, na pronúncia do hebraico, nas práticas litúrgicas e nas atitudes em relação à Cabala e à filosofia”.

Salienta-se que a língua hebraica foi utilizada pelos judeus desde os tempos bíblicos, para escritos religiosos de todos os tipos e, também, é a mais conhecida



pelos judeus dispersos no globo terrestre. No que diz respeito à língua hebraica, Asheri (1987, p. 20) ressalta que

O hebraico, naturalmente, é a língua em que a Bíblia está escrita. É a linguagem de oração em quase todas as sinagogas do mundo e também aquela em que a imensa maioria dos livros sobre a lei judaica é escrita.

Outro código que representa uma cultura refere-se à religiosidade, que pode ser expressa tanto como marcas concretas no espaço através dos templos como através dos diversos valores que estão embutidos dentro de cada uma. Geertz (1989, p. 67) comenta que a religião “[...] é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos e concepções”. No caso do judaísmo, os preceitos e leis estão dispostos na *Torá*<sup>24</sup> e no *Talmud*<sup>25</sup>.

A Sinagoga é um dos símbolos<sup>26</sup> culturais que pode ser materializado e, conseqüentemente, marca a paisagem. Scliar (2004c, p. 48) explica que em termos de “arquitetura, nada há de característico; mas, na Europa cristã, a sinagoga nunca podia ser mais alta que a igreja da vizinhança”.

No judaísmo, o espaço sinagoga é fundamental para a prática religiosa atuando como elemento de preservação de valores e tradição da cultura judaica. Saraiva (2004, p. 2) coloca que a Sinagoga é essencial para “[...] pertencer ao grupo social, que tem como símbolo de unidade e convergência o Templo, ou seja, a Sinagoga”.

O uso do livro *Torá* é essencial para a leitura da liturgia na sinagoga. A *Torá* é conhecida como o sagrado rolo de pergaminho que contém a história e a tradição de um povo e que sempre acompanhou o seu exílio. Para Unterman (1992, p. 264), a literatura divina é expressa através da *Torá* que é considerada como “Um dos conceitos centrais do judaísmo, que pode se referir ao ensinamento judaico do Pentateuco ou da Bíblia hebraica”.

---

<sup>24</sup>Um dos conceitos centrais do judaísmo, que pode se referir ao Pentateuco, ou da Bíblia hebraica.

<sup>25</sup> É a obra mais importante da *Torá* oral, editada sob a forma de um longo comentário em aramaico sobre seções de *Mishná*.

<sup>26</sup>Haesbaert (1997, p. 46) considera o símbolo como “a representação da realidade, aquilo que substitui ou que esta no lugar de outra coisa. O poder simbólico é quase mágico, constituindo uma identidade territorial”.

O significado do cemitério no judaísmo também é algo muito importante e essencial para a comunidade judaica. Isso pode ser percebido pelo fato dos migrantes recém-inseridos nos novos territórios logo terem efetivado a sua construção. De acordo com Unterman (1992, p. 59), cemitério em hebraico “beit ha-kevarot” significa “A casa dos túmulos. Terreno consagrado, eternamente destinado aos mortos que o ocupam, também conhecido, eufemisticamente, como a casa da vida”. Esse serviria de repouso aos imigrantes e descendentes que viessem a falecer na comunidade. Verba (1997, p. 21) salienta o significado do cemitério para a comunidade judaica “[...] examinado quer sob o ponto de vista ético, religioso ou do direito civil, evidente fica aquele local tem o seu domínio intransferível”.

As festividades são um código cultural significativo que permitem o reconhecimento de uma diversidade cultural e religiosa. A importância das festas é que essas servem como fortalecedor identitário. No judaísmo há várias comemorações, as quais diferem em diversos aspectos, ou seja, cada uma possui um significado que reflete no modo como são e serão cultuadas pelos grupos culturais. Algumas rememoram historicamente tons de vitória, já em outras há sinais de penosidade. O código musical pode remeter a essas variações através de músicas melancólicas até as mais festivas. O aspecto gastronômico também serve como fator distintivo culturalmente, onde há pratos típicos que são utilizados como elemento rememorativo nas festas e nos cultos religiosos.

As comemorações também são códigos culturais importantes e se fazem presentes nos cultos judaicos. Entre esses se ressalta a *Kol Nidrei* que para Unterman (1992, p. 144) é entendida como “um ritual que consiste em abrir a arca da sinagoga e junto é entoada uma cantiga melancólica a fim de proclamar a anulação dos votos religiosos”.

Outra comemoração importante é o *Rosh Hashaná*, o Ano Novo judaico o qual dá início a um período de dez dias, conhecido como os Grandes Feriados, ou *Yamim Nora'im*, um período de penitência e oração que termina com o *Iom Kipur*. Esses dez dias são concedidos aos judeus do mundo inteiro para uma renovação espiritual. Em *Rosh Hashaná* pede-se perdão pelos erros cometidos com seus semelhantes e comemora-se o início de um novo ciclo. Segundo Unterman (1992, p. 221), os judeus costumam “usar o branco, significando a pureza, é a cor dominante

na sinagoga, vestindo o *chazan* e o rabino um *kitel*. Sopra-se o *shofar*. Come-se a cabeça de um animal ou peixe, para ser uma “cabeça” e não uma cauda”.

Há também outras festividades como as comemorações de *Purim shpiel* e *Chanuká*. Eizirik (1984, p. 32) informa que “[...] a primeira significa representação teatral [...]. Já a segunda significa a festa das Luzes pós-bíblica, que dura oito dias, normalmente meados de dezembro”.

O *Chanuká* é caracterizado como uma festividade que cabe à mulher judia a função de acender as velas. Segundo Unterman (1992, p. 62), *Chanuká* em hebraico significa “Dedicação, inauguração. Festa das Luzes pós-bíblica, que dura oito dias e começa em 25 de *Kislev*, normalmente em meados de dezembro”. A entrevistada Faermann (1992, p. 27) relembra do repasse dos valores do judaísmo nessa data “*Chanuká*, até hoje nós acendemos as velas e eu faço questão que meus netos acendam junto [...] Em *Chanuká* nós trocamos presentes”.

Outra manifestação da cultura judaica de extrema importância é a festa de *Pessach*, que significa a Páscoa judaica. Os israelitas celebram todos os anos o *Pessach* em memória à libertação dos judeus do Egito. O prato principal dessa festa é o *matze*, que se constitui no principal símbolo cultural dessa festividade (Figura 3). Soibelman (1984, p. 81) refere-se como consiste a fabricação do *matze* (bolacha de ázimo, também chamado pão ázimo) “constituída de uma massa sem fermento e sem sal. [...] a *matze* é servida como símbolo de lembrança das dificuldades e do sofrimento do povo escravo em terras egípcias”.

Figura 3: Matze



Fonte: <http://www.naamat.org.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Livro-Naamat.pdf>

No entendimento da alimentação judaica é necessário compreender o que são as leis dietéticas. Essas leis estão baseadas em critérios que os judeus devem seguir com relação aos cuidados alimentares. Eles podem ou não ser ingeridos juntos, ou então não podem ser ingeridos de forma alguma<sup>27</sup>. Saraiva (2004, p. 21) discorre como os alimentos são divididos “em três grupos, o grupo do leite e seus derivados que são chamados em *íídiche* de *milching*, os da carne e seus derivados que são chamados de *fleshig* e os alimentos neutros que são *pareveh*”. Dessa forma, Unterman (1992, p. 32) comenta que

Animais e aves devem ser abatidos de forma especial e deve-se usar sal para remover o sangue. Não se devem comer certas gorduras nem o nervo ciático do animal [...]. Carne e leite não devem ser cozidos nem comidos juntos, e depois de se comer carne deve haver um intervalo de algumas horas antes de se comer queijo ou leite.

Rattner (1977, p. 88) explica o significado da palavra *Cashrut*, que é o mesmo que *Kosher* pois “deriva palavra hebraica *Casher* literalmente certo ou de acordo e, em relação à alimentação, associando com uma série de preceitos e cuidados especiais [...] segundo o ritual bíblico [...]”.

O geógrafo Pedro Geiger (1998, p. 89) comenta da relevância da memória durante o processo diaspórico. De modo que “se existe uma herança, essa é de base cultural, fortalecida por especial valorização da memória, e que tem atrás de si milhares de anos vividos em diáspora”.

Diante essa discussão é notório enfatizar o papel da mulher judia como “guardiã da memória”. O seu reconhecimento é algo notório diante dos próprios relatos que a comunidade judaica vem preservando. Os mesmos expõem a incumbência da figura feminina como uma peça fundamental para a manutenção da cultura e das tradições da família judaica. A historiadora Lorena Gill (2001, p. 131) comenta que “mais importante parece ser o fato de que cabe à mulher imprimir o caráter de coesão ao grupo do qual faz parte, através da importante função de guardiã da memória”.

---

<sup>27</sup> Azria (2000, p. 93) demonstra um exemplo de alimentos que são proibidos ingerirem conjuntamente “A mistura leite/carne é interdita. De origem bíblica “Não assarás um cabrito no leite de sua mãe” (Êxodo, 23, 19; Deuteronômio 14, 21)”. Esse interdito estende-se ao conjunto dos produtos de carne (aos quais foram acrescentados aves).

Em uma família judaica, a esposa e a mãe são chamadas em hebraico *Akeret Habayit*, que significa literalmente o “esteio da casa”. Nesse sentido, percebe-se que a figura feminina é a responsável pela observância dos rituais judaicos repassados de geração em geração.

Os judeus possuem como dia de descanso o *Shabat*. Unterman (1992, p. 237) delimita o período que compreende esse dia

O *Shabat* judaico vai do anoitecer de sexta-feira ao sábado à noite. É o dia que Deus abençoou, ao descansar do trabalho da Criação que ele realizara em seis dias. Um judeu deve imitar Deus descansando no *Shabat* de todo trabalho que manifeste o controle do homem sobre a natureza.

No *Shabat* é celebrado um ritual em que são empregados alguns dos utensílios como a utilização das velas. A mãe é a que tem a função de acender as velas na noite de sexta-feira, cuja finalidade é trazer mais luz para o lar. Os instrumentos também têm importância nos atos culturais. Isso fica bem demonstrado nas falas do autor Scliar (1990, p. 24) que salienta os seguintes utensílios como “A louça e os talheres para o *Shabat* e para os dias festivos, candelabros para as velas, o livro de orações: a milenar tradição era retomada, a ancestral corrente era refeita”.

Nesse dia é celebrado um ritual em que são empregados utensílios como as velas e outros. A seguir a foto expõe um candelabro valorizado pelos judeus conhecido como *Ménora*<sup>28</sup>. Convém destacar que durante a festividade de *Chanuká* acende-se em cada casa uma série crescente de luzes em uma *Ménora* de oito braços (Figura 4)<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> Conforme Unterman (1992, p. 172) esse termo em hebraico significa “candelabro” de ouro com sete braços [...]. Durante a festa de *Chanuká* acende-se uma *Ménora* de oito braços.

<sup>29</sup> Esta *Ménora* encontra-se no Hall da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS).

Figura 4: Ménora de sete braços



Endereço: Rua General João Telles, nº 329, Bairro Bom Fim, POA  
Fonte: Trabalho de campo, 2011

O autor Ratnner (1977, p. 19) rememora “No lar, ao anoitecer da sexta-feira, a mãe acendia as velas, dando com isso início às celebrações do dia santificado. Esta é uma obrigação dedicada exclusivamente às mulheres judias”.

Cosgrove, em texto clássico<sup>30</sup>, desenvolve uma parte de sua narrativa, focando a cultura como algo que tem que ser constantemente reproduzida pelos seres humanos. Isso ocorre através de suas ações realizadas em tarefas rotineiras da vida cotidiana. Cosgrove (2004, p. 101-102) exemplifica a importância da prática humana afirmando que “uma religião, por exemplo, ou um credo político só pode sobreviver se as pessoas os praticarem”.

Neste contexto, convém salientar que os espaços que possuem a materialização da cultura significam, independentemente de quando foram construídas, ou seja, do momento histórico em que elas foram implementadas, permitir um determinado uso, ou melhor, uma apropriação. Essa apropriação especifica um espaço que passa a adquirir noções de pertencimento e elos efetivos do grupo cultural que se identifica com certos espaços que passam a se caracterizar como um território apropriado.

Isso só acontece porque é através da intencionalidade, ou seja, da imaterialidade, que possibilita a decisão do grupo em construir seus templos, cemitérios e outros elementos, a fim de poder efetivar suas práticas culturais e

---

<sup>30</sup> COSGROVE, Denis (2004). A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas, original de 1989.

religiosas no espaço onde passam a viver. Assim, surge a materialidade cultural que contribui para a diversidade no espaço urbano.

Nas cidades isso é refletido pela gama de intencionalidades e materialidades de diversos grupos que constroem e reconstróem seus códigos, que acreditam serem fundamentais para a sobrevivência de suas práticas culturais e religiosas.

No contexto da evolução da Geografia Humana há distintas concepções que podem ser compreendidas, sendo baseadas na dualidade cultura/culturas aliada às práticas espaciais desempenhadas pelos diferentes grupos culturais. Partindo da visão particularista, Gomes (1996, p. 37) comenta que as práticas espaciais só podem ser reconhecidas no contexto “[...] na qual elas se produzem e sua compreensão depende da capacidade que temos em relacioná-las a um conjunto específico no qual estas práticas possuem sentido e coerência”. Gomes (1996, p. 37) ressalta que o entendimento da cultura relacionado ao espaço passa a ser vista

Como um sistema de valores ou como conjunto de referências específico de um grupo social, a cultura é a principal fonte para a compreensão de comportamentos e hábitos espaciais, da organização espacial das coisas e das divisões simbólicas do espaço.

Ao contrário, a visão universalista da cultura alia-se com o arcabouço espacial em um cenário generalizante. Nessa concepção, Gomes (1996, p. 37) destaca que as práticas espaciais são caracterizadas pelo fato de possuírem uma determinada “[...] uniformidade lógica universal, ou seja, têm valor analítico e comparabilidade e as diferenciações na manifestação da cultura são concebidas como variantes de um mesmo modelo padrão elementar”.

A seguir vamos trabalhar com o primeiro processo da (des-re) territorialização dos judeus no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, trata-se de entender quais foram os motivos que repeliram os judeus a saírem de seus territórios e quais foram os atrativos para a vinda desses no estado sulino.

### 3. O PRIMEIRO PROCESSO DA (DES-RE) TERRITORIZAÇÃO: A FORMAÇÃO DAS COLÔNIAS JUDAICAS NO RIO GRANDE DO SUL

Neste capítulo trataremos de entender como foi o processo da formação das colônias judaicas no estado do Rio Grande do Sul. Desde os conflitos pessoais do migrante até a absorção e manutenção de determinados códigos culturais. Como também, o abandono das colônias judaicas de Philippson e de Quatro Irmãos e a sua inserção nas cidades próximas.

De acordo com a definição da Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) de 2009, migrante é a “pessoa que passa por uma mudança (semi)permanente de residência que envolve mudança no seu ambiente econômico e/ou cultural. De acordo com Sakurai (2010, p. 130), a partir desse conceito “o critério universalmente adotado para definir um migrante é o geográfico, ou seja, a mudança está ligada à mudança de local de residência”.

Goettert (2010, p. 23-29) afirma que o migrante é “no fundo, sempre, um *ser* de um outro lugar, sendo de *todos* e de *nenhum* ao mesmo tempo [...]. O migrante carrega o “fardo” do tempo e do espaço deixados, que acabam participando, mais ou menos, da construção do novo lugar”. (Ibidem, p. 24) discorre a respeito que toda migração é sempre uma mudança e isso envolve o seguinte processo

Os movimentos de (e-i) migração ultrapassam fronteiras, intercambiam saberes, chocam culturas, dividem trabalhos, trocam línguas, provocam casamentos e traições, mas, sempre, em última análise, são as nacionalidades acionadas para o que der e vier: sempre, quem chega é condicionado às leis, normas, regras, códigos, etiquetas, sotaques, dialetos, visões, divisões e julgamento em terra estrangeira. É ser, sempre o Outro. Como estrangeiro encontra-se regido, legal ou clandestinamente, ao controle estatal e social estranhos.

Primeiramente, durante a inserção no território desconhecido pelos grupos de migrantes há um esforço para construção de um ambiente material e simbólico semelhante ao que estavam inseridos. Nessa visão, Vidal de La Blache (1913 apud CLAVAL, 1999, p. 90) comenta que

A força do hábito torna-se tão forte que o grupo humano perde sua plasticidade. Ao invés de se adaptar ao meio, ele procura modificá-lo para permanecer com seus hábitos. Um exemplo é as migrações, aonde os



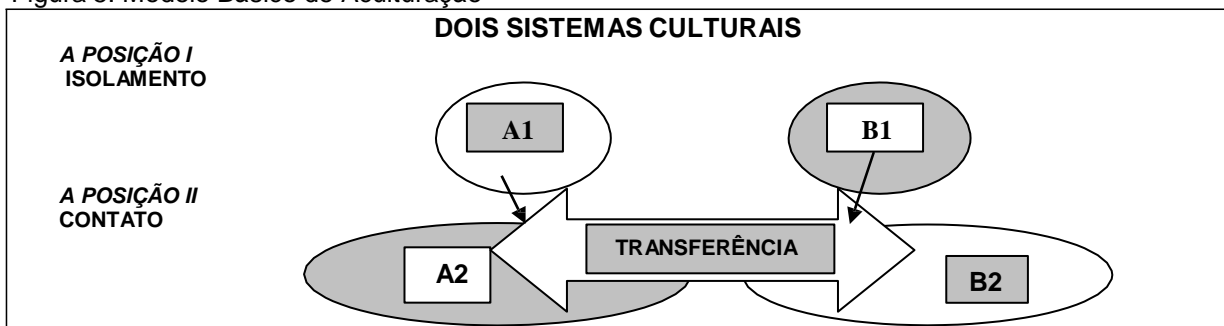
recém-chegados em um país fazem de tudo para viver como estes o faziam no país de origem.

Embora, inicialmente, esses grupos permaneçam fiéis a alguns laços culturais, também ocorre o processo de aculturação. Convém ressaltar que os traços e valores culturais são processos dinâmicos, portanto, modificam-se no decorrer do tempo e no contexto histórico. Isso pode ser observado quando algumas verdades antes contestadas são esquecidas e retomadas por outras, ocasionando assimilações de alguns costumes e tradições. Assim, o aspecto cultural também passa por transformações de uma geração para outra. A cultura muda mesmo quando a população a que ela pertence acredita que esteja congelada. Claval (1999a, p. 135) comenta que isso ocorre porque

Os homens são inventivos. Eles reagem a novos desafios que são impostos pelo meio físico ou pela vida social, melhorando suas técnicas. Enfrentam as dificuldades que nascem das transformações do ambiente social, modificando suas práticas, criticando os velhos valores e adotando novos.

O processo de trocas culturais entre grupos distintos ocorre através de uma dinâmica própria. Pois, dois grupos de culturas diferentes, entrando em contato, ficam em situação de um tomar elementos culturais do outro ou, mais comumente, em situação de cada um receber elementos “difundidos” do outro. Assim, o contato e a difusão ocorrem com certa continuidade. Esse processo de transferência chama-se *aculturação* (KEESING, 1961). Esse autor expõe o Modelo Básico de Aculturação<sup>31</sup>, o qual permite visualizar como esse processo de trocas culturais ocorre entre grupos distintos (Figura 5).

Figura 5: Modelo Básico de Aculturação



Fonte: KEESING, Felix (1961, p. 64)/ Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2011

<sup>31</sup> No Modelo Básico de Aculturação de Keesing os dois sistemas culturais previamente isolados (posição 1), entram em contato (posição 2). Cada um pode ser dado como um processo de aculturação, designação que se aplica também ao todo.

Nessa dinâmica de trocas culturais das migrações humanas é essencial compreender alguns termos como aculturação, assimilação e integração, em que a Organização Internacional para as Migrações (OIM), em 2009, organizou em forma de um Glossário. Esses termos encontram-se nos textos e nas discussões, muitas vezes, direcionando o leitor para uma mesma compreensão, porém são estágios gradativos em que o grupo étnico se depara perante o novo espaço (Figura 6).

Figura 6: Quadro dos termos complementares: aculturação, assimilação e integração

ACULTURAÇÃO	ASSIMILAÇÃO	INTEGRAÇÃO
<p>Adopção <b>progressiva</b> de elementos de uma cultura estrangeira;</p> <p>(ideias, palavras, valores, normas, comportamentos, instituições);</p> <p>Por pessoas, grupos ou classes de uma determinada cultura;</p> <p>A <b>adaptação parcial ou total</b> é causada por contatos e interações entre culturas diferentes e através da migração e das relações comerciais. (OIM, 2009, p. 7)</p>	<p>Adaptação de um grupo étnico ou social geralmente uma minoria a outro grupo.</p> <p>A assimilação corresponde a uma <b>subordinação</b> à língua, às tradições, aos valores e aos comportamentos ou mesmo aos interesses vitais fundamentais e a uma <b>alteração</b> no sentimento de pertença.</p> <p>A assimilação <b>vai mais longe</b> que a aculturação. (OIM, 2009, p. 10)</p>	<p>Processo através do qual o imigrante é <b>aceito na sociedade</b>, quer na sua qualidade de indivíduo quer de membro de um grupo.</p> <p>As exigências específicas de aceitação por uma sociedade de acolhimento variam bastante de país para país;</p> <p>E a responsabilidade pela integração não é de um grupo em particular, mas de vários atores: do próprio imigrante, do Governo de acolhimento, das instituições e da comunidade. (OIM, 2009, p. 34)</p>

Fonte: Glossário sobre migração, 2009/ Site: <http://www.acidi.gov.pt/>.  
Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2013

O autor Rogério Haesbaert contribui com a discussão do processo da desterritorialização do migrante. Para ele, um dos fatores fundamentais nessa dinâmica é a perda de laços identitário-territoriais em que ele está sujeito por força do movimento migratório. Contudo, há um movimento contrário no campo simbólico ou das representações que o migrante pode melhor se “segurar” a fim de manter um mínimo de territorialidade perdida no decorrer de seu deslocamento espacial (HAESBAERT, 2005b).

O mesmo autor aponta para os estudos de Bruneau sobre o conceito de diáspora<sup>32</sup> que vem ao encontro desta pesquisa, ou seja, compreender a diáspora

<sup>32</sup>No Glossário sobre migração (2009, p. 18) diáspora é “Qualquer pessoa ou população étnica que abandona a pátria tradicional da sua etnia, estando dispersa por outras partes do mundo”. Fonte: Site: <http://www.acidi.gov.pt/>.

judaica é algo fundamental. Segundo Bruneau (1995 apud HAESBAERT, 2005, p. 8), o conceito da diáspora deve incorporar

A consciência e o fato de reivindicar uma identidade étnica ou nacional; a existência de uma organização política, religiosa ou cultural do grupo disperso (riqueza da vida associativa); a existência de contatos sob diversas formas, reais ou imaginárias, com o território ou o país de origem.

Ao analisar o tema das migrações é comum os pesquisadores salientarem a existência de uma gama de motivos que movem as populações ou os grupos culturais a se deslocarem de seus territórios originais. Diante disso, pode-se afirmar que o aspecto econômico é destacado como o principal fator que propicia o movimento das (des-re) territorializações de pessoas ou grupos. Contudo, não é o único, principalmente quando se estuda a temática judaica, pois as discriminações e as perseguições aos judeus foram fatores que contribuíram fortemente para a ocorrência das diásporas judaicas.

A contribuição do geógrafo Pedro Geiger (1998, p. 92) a esse respeito é fundamental, pois ele comenta que “A mobilidade histórica judaica, embora, regra geral, forçada em grande parte, foi outro fator de discriminação, caracterizando o judeu como um corpo estranho”.

Em uma entrevista realizada com a judia Berta Siminovich<sup>33</sup> ao responder a pergunta: “O que levou a sua família a emigrar?” é possível explicitar as perseguições que desencadearam a vinda, primeiramente de seu pai para o Brasil, que depois de estabelecido trouxe sua família. Assim, Siminovich (2004, p. 7) relata que

[...] a menor ajuda a alguém poderia ser interpretada como suspeita e espionagem e poderia custar a vida de um chefe de família. Assim um dia, meu pai, querendo ajudar um jovem a se encontrar com seus pais na Ucrânia, caiu em desgraça frente às autoridades fugiu, conseguindo chegar ao Brasil, que não exigia visto, e tinha nesta época, as portas abertas aos imigrantes. Cinco anos depois de chegar ao Brasil, ele recebeu sua família, esposa e filhos.

Ao final do século XIX, os judeus que viviam em partes do território russo estavam sendo governados pelo governo czarista. Nesse sistema, os judeus eram

---

<sup>33</sup>Foi uma das fundadoras da Entidade Sionista Feminina Na`amat Pioneiras de Porto Alegre/RS.

enquadrados em leis e políticas que restringiam e delimitavam o seu espaço de atuação profissional e também no seu cotidiano.

A situação dos judeus, principalmente na Europa Oriental, era desfavorável tanto economicamente quanto socialmente. Isso devido às ações de políticas restritivas e dos diversos *pogroms*<sup>34</sup> que os assolavam constantemente. Gutfreind (2004a, p. 37) salienta as condições de “deterioração econômica dos judeus no início da década de 1880, as virulências antissemitas, a crise agrária russa os deixaram em péssima situação”.

No decorrer do tempo, isso propiciou o desejo dos judeus de emigrarem para outros territórios. Dessa forma, a partir do século XIX, surgem diversas organizações judaicas<sup>35</sup> como também ações individuais. A meta principal era a defesa dos judeus não apenas pertencente ao Império Russo, mas também aos habitantes do Império Turco Otomano.

No ano de 1893, a agência judaica conhecida como ICA fundou sua primeira colônia em Moisesville, Argentina, para atender aos judeus russos. E no início de 1901, a ICA começou a estudar a sua expansão no Brasil. Nesse sentido, o estado do Rio Grande do Sul foi considerado um território satisfatório para judeus russos habitarem. Conforme Gutfreind (2004b, p. 18), na escolha do estado gaúcho foram levados em consideração os seguintes fatores

A proximidade com outras colônias já estabelecidas na Argentina, a predisposição do governo gaúcho em receber novos colonos e a tolerância religiosa do Partido Republicano Rio-Grandense, de forte conotação positivista, dentre as quais a que pregava a liberdade religiosa.

As origens dos judeus que chegaram ao espaço gaúcho podem ser caracterizadas de duas formas, conforme destaca Gill (2001, p. 72) “Dois grupos culturalmente heterogêneos fizeram-se representar dentro do Rio Grande do Sul: em

---

<sup>34</sup> Segundo Unterman (1992, p. 208) esse termo é utilizado “[...] especificamente para ataque a judeus ou a bairros judeus de cidades ou aldeias. O governo czarista incentivava os *pogroms* para forçar os judeus a emigrar [...] os sentimentos antijudaicos dos russos que participavam destes ataques se baseavam em ressentimentos de caráter econômico e eram inspirados pelo antissemitismo cristão”.

<sup>35</sup> É relevante destacar que existiram várias organizações judaicas como a Board of Delegates of American Jews (1859); a Aliança Israelita Universal (1860); a Associação Anglo-Judaica (1871); ICA (1891); a Hilfsverein (1901); o HICEM que foi o resultado da união: Hebrew Immigration Aid Service (HIAS), de Nova York; ICA, de Paris e Londres; Emigrationsdirektion (EMIGDIREKT), de Berlim. (GUTFREIND, 2004a).

sua amplíssima maioria, os nossos imigrantes judeus eram *Ashkenazim*, provenientes da Europa Central e Oriental” (Figura 7)<sup>36</sup>.

Figura 7: Área de Emigração Judaica (Porção Oriental do Continente Europeu)



Fonte: SCLIAR, Moacyr (1990, p.16)

O estabelecimento dos judeus pela ICA, em território brasileiro, ocorreu no Rio Grande do Sul, tendo a colônia Philippson como a precursora.<sup>37</sup> Posteriormente, outros grupos de judeus fixaram-se no município de Passo Fundo, fundando a colônia de Quatro Irmãos. De acordo com Brumer (1994, p. 21), “O estabelecimento de judeus no RS de forma coletiva foi iniciado pela ICA, que adquiriu terras em Philippson e Quatro Irmãos, instalando colônias agrícolas judaicas, no século XX”.

Dentre as ações políticas desenvolvidas pelo governo brasileiro destaca-se o papel das propagandas. Essas foram de suma importância na perspectiva de atrair os judeus do Império Russo para participar desse projeto. Gutfreind (2004a p. 38) menciona como ocorreu esse processo

A propaganda sobre a América e o Brasil, que circulava na Europa, data do século XIX, pessoas eram enviadas, cartazes afixados, notícias veiculadas. O Rio Grande do Sul colonizou-se dessa forma. Ainda no início do século XX, propagandeava-se a imigração para o estado sulino. No caso da judaica, a ICA inclusive mandou missionários que visitavam núcleos judaicos para propagandear.

<sup>36</sup> Esse território está representado pela porção cinza (Figura 7).

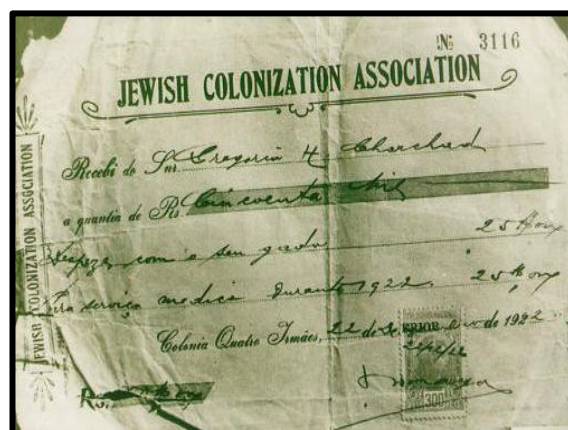
<sup>37</sup> No entanto, isto não significa a inexistência de imigrantes judeus no estado gaúcho anterior a este foco migratório organizado. Neste sentido, a autora Brumer (1994, p. 20) afirma que “Há registros de que a imigração judaica para o Rio Grande do Sul teve início durante o século XIX, mesclada no conjunto da imigração europeia. Alguns judeus provenientes da Europa imigraram para o estado de forma isolada, sem formar uma comunidade judaica”.

Assim, os judeus tiveram conhecimento do projeto de colonização através da distribuição de alguns prospectos em diversos locais. Os prospectos divulgavam as paisagens campestres. As capas dos mesmos ostentavam uma singela paisagem da vida rural brasileira (Figura 8). E a agência de colonização prometia auxiliar o colono judeu, inicialmente, através da doação de: um lote de terras, de uma casa e, também, no custo de instrumentos agrícolas e nos animais. Porém, eles deviam pagar as dívidas dentro de um prazo de 20 anos (Figura 9).

Figura 8: Modelo prospectos JCA/ICA



Figura 9: Modelo recibo da JCA/ICA



Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2010

Dessa forma, o Rio Grande do Sul foi um dos espaços escolhidos por várias razões, e, principalmente, pelo fato de ser um território livre de preconceitos antissemitas. A esse respeito, Lesser (1995, p. 40) expõe o que o Barão considerava como primordial no novo território

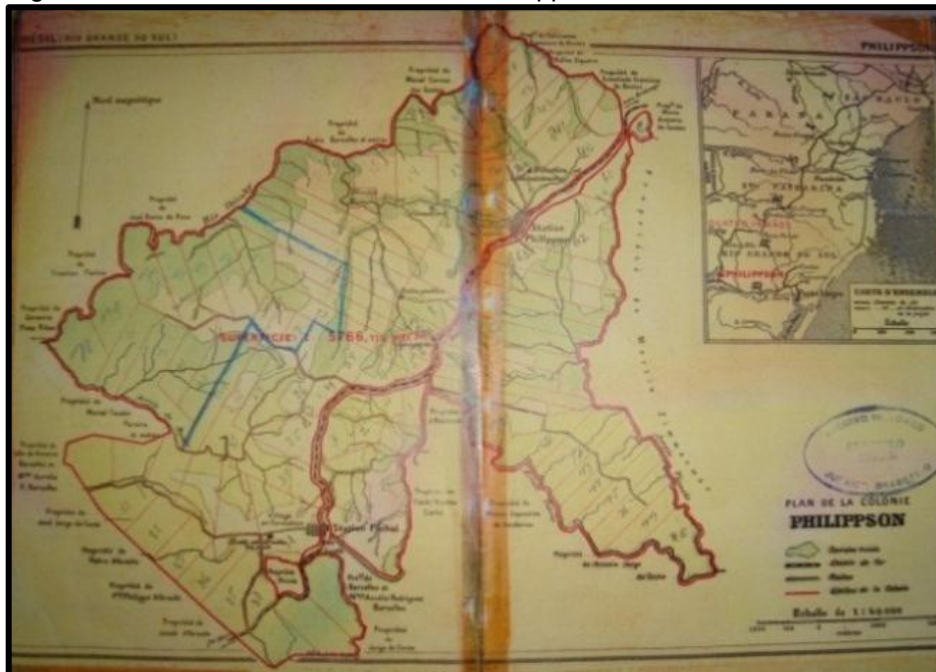
[...] proporcionar a possibilidade de encontrar uma nova existência, principalmente como lavradores, mas também como artesãos, naquelas terras onde a lei e a tolerância religiosa permitirem-lhes continuar a luta pela existência.

A formação da Colônia Philippson foi realizada através da aglutinação de uma área total de 5767 hectares. Essas terras foram adquiridas, na sua totalidade, pela Agência de Colonização (ICA) que transmitiu os lotes aos referidos colonos judeus.



O processo de delimitação dos lotes serviu para a organização espacial da colônia. Esse processo desencadeou uma divisão territorial da colônia judaica (Figura 10).

Figura 10: Planta da Colônia Judaica de Philippson/Santa Maria/RS



Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 2010

Os colonos judeus de Philippson receberam lotes de dimensões que variavam de 25 a 30 hectares. Em um primeiro momento, eles destinaram esse espaço para o cultivo de produtos primários como o amendoim, o fumo, o trigo, a batata, o feijão e a plantação de árvores frutíferas. A utilização da policultura foi à base para a manutenção desse grupo. Havia lotes destinados a atividades específicas como o Colégio Israelita, o cemitério e a sede da administração (COSTA, 1992). (Figura 11).

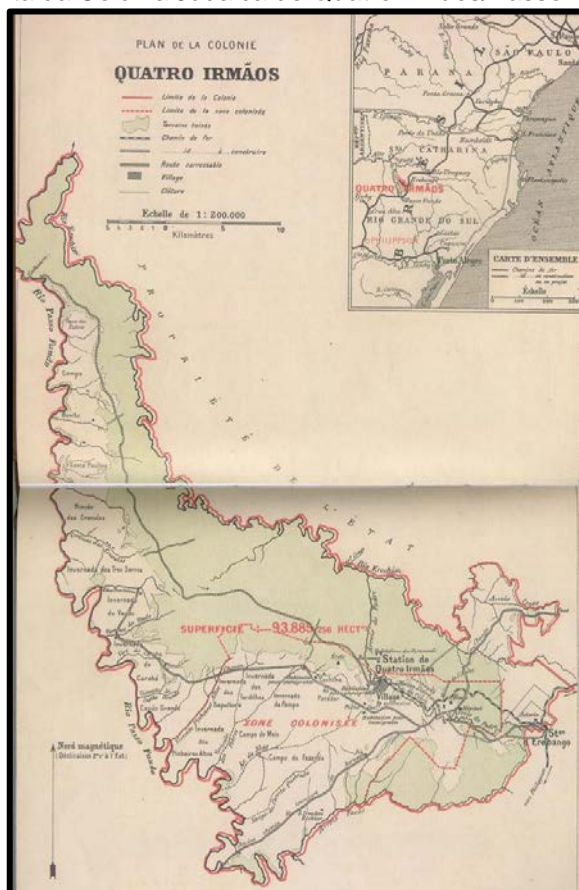
Figura 11: Professores, alunos e pais em Philippson (1930)



Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 2010

A aquisição da Fazenda de Quatro Irmãos<sup>38</sup> também foi realizada pela ICA que em conjunto com outras áreas adquiridas (como uma parte de Erebangó e outra chamada Campo Erechim) tornou-se uma gleba de 93.000 hectares, mais ou menos, formada por campos e matos. Essa aquisição ocorreu por volta de 1909/1910, incluindo benfeitorias e animais que ali existiam (Figura 12).

Figura 12: Planta da Colônia Judaica de Quatro Irmãos/Passo Fundo/RS



Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2010

O autor Chwartzmann (2005, p. 17) relata que para o assentamento dos colonos “uma grande área de campo foi dividida em lotes de 50 hectares, todos cercados com arame farpado. Em cada lote foi construída uma casa com um galpão [...]”. Com relação ao número de colonos, Scliar (2004c, p. 105) relata que “em 1914 havia em Quatro Irmãos umas 350 famílias; em 1926 a ICA trouxe mais 100”. (Figuras 13-14).

<sup>38</sup>Chwartzmann (2005, p. 35) relatou que com a vinda de novas levas de imigrantes, além da aquisição da fazenda de Quatro Irmãos foram criados outros núcleos de colonização, na região de Quatro Irmãos: “Barão Hirsch (1925) e Baronesa Clara (1926)”.



Figura 13: Primeiras famílias de Quatro Irmãos, Família Schwartzman



Fonte: Site institucional (FIRGS), 2013

Figura 14: Serra do Facão (1945/1950) Serraria da ICA



Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 2010

Em 2004, Ceres Maltz<sup>39</sup> homenageou os judeus com uma mensagem dedicada aos cem anos da chegada organizada dos primeiros imigrantes judeus no estado gaúcho. Maltz (2004, p. 15) nos diz o seguinte

Em uma terra desconhecida, esses judeus começaram uma nova etapa de suas vidas, longe de um passado difícil. Poucos traziam objetos e bagagens, mas todos carregavam, no coração, a esperança de uma nova vida. O objetivo agora era a sobrevivência. Uma preocupação, contudo, sempre permanecia viva dentro deles: a preservação das tradições, dos costumes e da cultura judaica, as quais revelam um conjunto de valores e um estilo humano de existência.

Essa fala é esclarecedora na medida em que revela o estilo humano de existência judaica, através de suas principais preocupações, frente à nova realidade espacial. A judia relata que as apreensões eram referentes à preservação das tradições, dos costumes e da sua cultura.

Uma preocupação quando se estuda a dinâmica dos grupos humanos é como esses se deparam frente à nova realidade, pois é certo que haverá questões pessoais conflitivas. No que se refere ao fenômeno da mobilidade populacional dos judeus, pode-se afirmar que esses trasladaram para uma nova paisagem, para uma nova realidade econômica, política e social. No estado gaúcho encontraram outras tradições e costumes emergentes. Diante disso indaga-se: Como o imigrante judeu lidou com todas essas mudanças no processo de reterritorialização no Rio Grande do Sul? Isso pelo fato que o novo espaço possibilita tanto alterações que afetam o migrante na esfera material como imaterial.

<sup>39</sup>Presidente da Entidade Sionista Feminina Na`amat Pioneiras de Porto Alegre/RS.

Pinheiro (2000, p. 6) retrata que “As primeiras memórias dos rituais estão invariavelmente associados à casa dos avôs e à figura da avó como centralizadora da união familiar através das festas”. A imagem a seguir demonstra quatro gerações de pioneiras representadas pela mãe, filha, neta e bisnetos, em frente à casa da família na Colônia Agrícola Barão Hirsh (Figura 15).

Figura 15: Gerações: Colônia Agrícola Barão Hirsh (1950)



Fonte: Histórias de vida (sa, p. 103)

A *Kol Nidrei* enquadra-se em um momento festivo que exige certa introspecção aos judeus. Essa celebração era cultuada na Colônia Philippon de acordo com os relatos que foram vivenciados pela autora. Nesse sentido, Alexandr (1967, p. 231) relata que

*Kol Nidrei* é conhecida como a véspera do dia de expiação e faz parte dos festejos do fim do ano judaico e começo do ano novo. Na cabeceira da mesa os castiçais polidos esperavam que a mamãe se aproximasse e acendesse suas velas, sobre as quais ela fará a oração tradicional.

Os colonos de Philippon também comemoravam o *Pessach* onde havia a preparação do pão para essa cerimônia cultural. O trabalho para a constituição do mesmo era realizado em equipe e as tarefas eram divididas de acordo com o gênero. Também havia a divisão dos mantimentos que eram necessários para sua fabricação. Essa era fácil pelo fato da exigência de ingredientes básicos, bem como os mínimos recursos utilizados para a produção, os quais eram disponíveis em todas as dispensas dos colonos (SOIBELMANN, 1984).

Tanto em Philippson como em Quatro Irmãos, os imigrantes homens da colônia possuíam funções específicas tais como: o *shoiched*, o *circuncisador*, o *childer*, o *felcher* e o *melamed*. Esses profissionais foram essenciais para a manutenção da qualidade de vida, da saúde e da educação dos judeus. Desse modo, Alexandr (1967, p. 30-31) aborda essas figuras

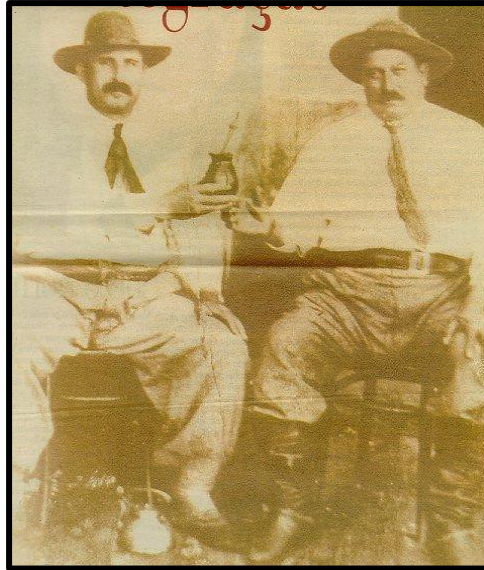
Shteinbruck era o *shoiched* aquele que mata as galinhas e abate o gado do modo judaico e também foi incumbido da função de *circuncisador*. Foi construído um grande matadouro e no centro um grande cepo onde o *childer* executaria o serviço, sendo que somente um único dia o açougue funcionava. Boris Wladimersky era o *felcher*, ou seja, uma espécie de médico e farmacêutico, em Filipson. Já Leão Back era o professor, quer dizer, o *melamed* de português que viera de uma universidade européia para ensinar na escolinha rural.

No novo espaço, inicialmente, a manutenção cultural tornou-se a preocupação central dos imigrantes judeus. Assim, os costumes e os traços representantes de sua cultura original logo foram materializados durante a apropriação do território judaico no Rio Grande do Sul como a construção de sinagogas, de escolas, de bibliotecas e de instituições filantrópicas. As práticas religiosas, a alimentação, a comunicação com a manutenção do *ídiche*, as comemorações religiosas aproximaram os imigrantes. Por outro lado, ocorriam mudanças com a introdução de novos alimentos à dieta, a substituição de roupas pesadas pelas típicas do gaúcho que alguns imigrantes colonos adotaram, especialmente no interior, a convivência das crianças na escola com outras de fora da colônia e a colaboração de adultos não judeus nas lides agrícolas (GUTFREIND, 2004b). (Figura 16)<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> O que torna a imagem especialmente simbólica é o fato de ser impossível distinguir quem é o “nativo dos pampas” e quem é o imigrante. Datada de 1922, a figura documenta a conversão dos imigrantes judeus em gaúchos. Quem resolve a charada é Simão Steimbruch, o caçula entre os nove filhos do homem à esquerda na foto, o judeu russo Leizer Steinbruch. Ao identificar o pai, Simão aproveita para corrigir um erro presente em alguns livros: não é o gaúcho, Antônio Corrêa, que serve chimarrão ao judeu, mas o contrário (ZERO HORA, 2004).

Figura 16: Integração Cultural; gaúcho e judeu



Fonte: Jornal Zero Hora (2004, p. 1)

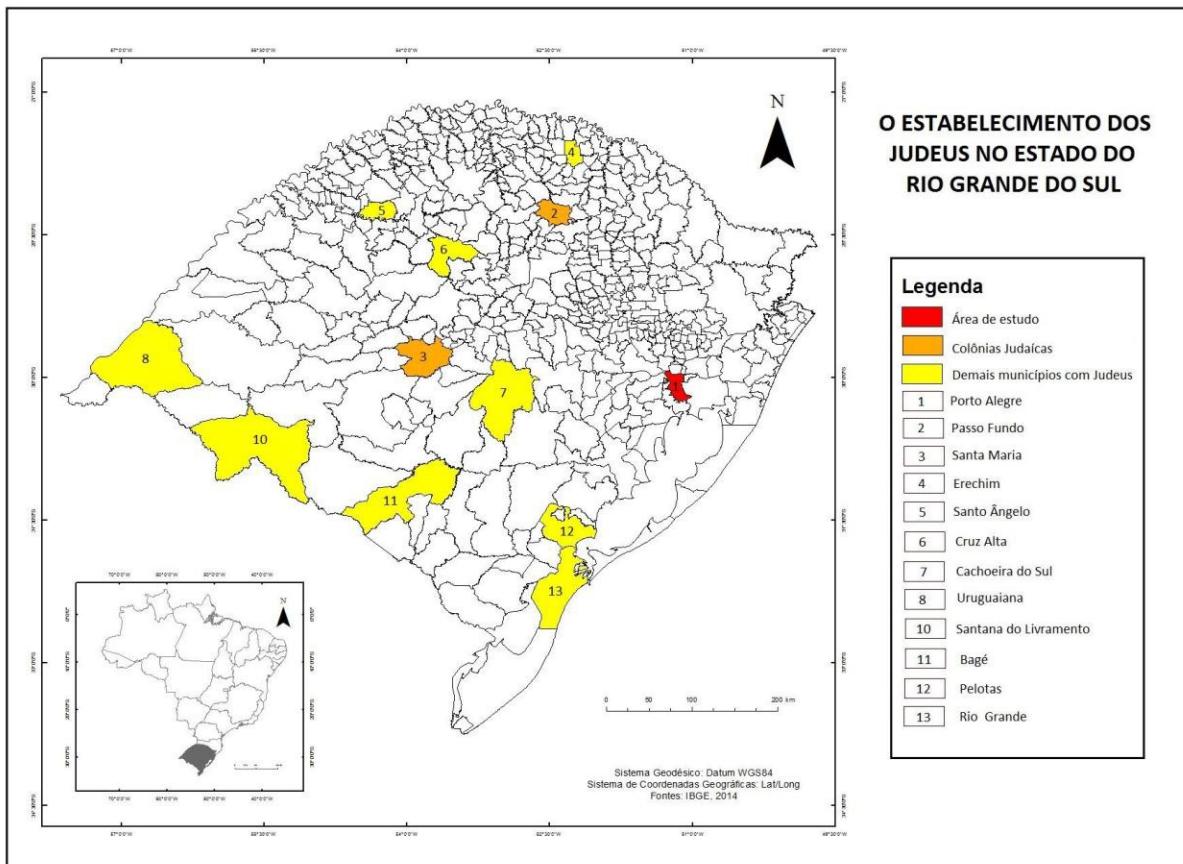
Outro ponto que precisa ser destacado é do gradativo abandono do espaço rural de Philippon e Quatro Irmãos. Dessa forma, com o esvaziamento das colônias o espaço urbano passou a ser o novo foco de atração para esse grupo cultural. Gill (2001, p. 71) discorre como ocorreu a evasão populacional das colônias

No Rio Grande do Sul, com o fracasso dos núcleos agrícolas, pouco a pouco os judeus começaram a abandonar a zona rural e procurar a zona urbana; fazem isto em parte pelo esgotamento do modelo econômico proposto, quando no início da colonização e também por uma necessidade de ascensão social.

O espaço urbano foi o novo foco de reterritorialização para os judeus das colônias. As vantagens e atrativos que a cidade proporcionava eram vantajosos em contraposição com o cenário decadente, que a grande maioria vivencia no meio rural de Philippon e Quatro Irmãos.

O grande foco de atenção dos judeus foi, primeiramente, cidades de porte médio. Nessas as oportunidades educacionais e profissionais eram propícias para atingir a integração a que almejavam. Na dispersão para o espaço urbano, os judeus formaram uma comunidade judaica em diversos municípios no interior do Rio Grande do Sul como: Santa Maria, Passo Fundo, Erechim, Uruguaina, Bagé, Santana do Livramento, Pelotas, Rio Grande, Cruz Alta, Santo Ângelo e Cachoeira do Sul (EIZIRIK, 1984). Nesse sentido, nota-se que se formou uma comunidade judaica, na maioria dos municípios, localizados na metade sul do estado e importantes centros comerciais (Figura 17).

Figura 17: O estabelecimento dos judeus no estado do Rio Grande do Sul



Elaboração: LINDNER, Michele.

Fonte: EIZIRIK, Moysés (1984)/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2014)

Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2014

Na paisagem da antiga colônia de Philippson restam, hoje, poucos resquícios da materialização da cultura judaica. Existe ainda uma fazenda judaica denominada de Philippson que pertence à família dos Steinbruch. No centro da fazenda existe o primeiro cemitério judaico do Brasil, o qual foi tombado pelo Patrimônio Histórico em 1994. Esse é um elemento cultural significativo que representa a concretização da existência do grupo cultural judaico, nas referidas porções espaciais do antigo território santa-mariense (Figura 18). Outro elemento importante é o Monumento Judaico, que representa o marco histórico-cultural da primeira colonização judaica do Brasil (1904-1916). (Figura 19).



Figura 18: Cemitério de Philipppson/Itaara/RS

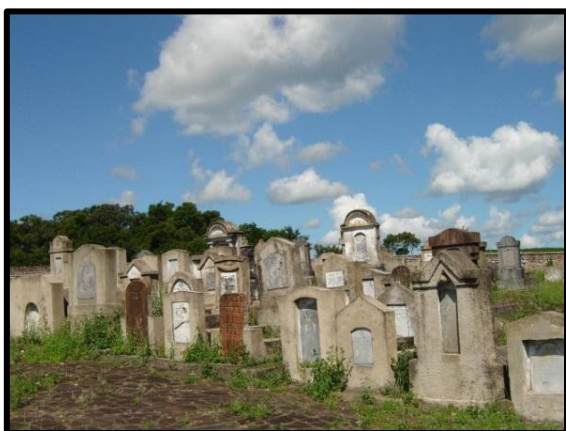
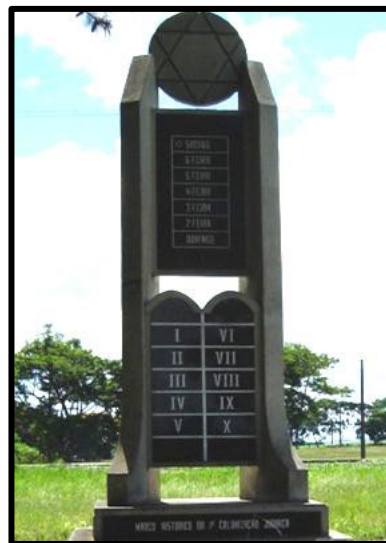


Figura 19: Monumento Marco da colônia judaica/Itaara/RS



Fonte: Trabalho de campo, 2012

Em Quatro Irmãos destaca-se o projeto que foi efetivado que é o Museu Histórico de Quatro Irmãos. O mesmo representa a presença da colonização judaica nesse espaço e foi realizado através da restauração do Antigo Hospital de Quatro Irmãos, que foi construído com apoio da ICA para dar assistência médica aos colonos judeus que viviam nas proximidades. Esse era reconhecido como Hospital Leonardo Cohen e hoje é denominado de Museu Histórico de Quatro Irmãos. A sua utilidade além de servir como um espaço museológico da colonização judaica possui o intuito de contribuir para as atividades culturais no município, bem como se destinou um espaço para uma biblioteca e outro para a escola de informática. (Figura 20). O Cemitério Israelita de Quatro Irmãos também é um referencial da cultura judaica e, atualmente, é um Patrimônio Histórico Municipal (Figura 21).

Figura 20: Museu Histórico de Quatro Irmãos/RS



Figura 21: Cemitério Quatro Irmãos/RS



A seguir vamos trabalhar com o segundo processo da (des-re) territorialização, ou seja, será retratado como foi a formação da comunidade judaica em Porto Alegre. Desse modo, cabe destacar como os imigrantes judeus se organizaram, tanto economicamente como culturalmente, nessa cidade.

## **4. O SEGUNDO PROCESSO DA (DES-RE) TERRITORIALIZAÇÃO: A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE JUDAICA EM PORTO ALEGRE**

Neste capítulo trabalhamos com a organização da vida comunitária judaica na cidade de Porto Alegre, desde a chegada dos imigrantes judeus até a formação das Instituições Religiosas. Assim, utilizou-se tabelas e gráfico para ver a evolução quantitativa da comunidade judaica. Na dimensão econômica destacaram-se os *clienteltckis*, depois o seu estabelecimento como comerciantes e sua posterior ascensão profissional na capital gaúcha. Por fim, destinamos um espaço ao entendimento de como ocorreu a construção das diversas Instituições Religiosas que até hoje se encontram em funcionamento nesta cidade.

### **4.1 A imigração judaica para Porto Alegre: a formação da comunidade**

As primeiras décadas do século XX denotam profundas transformações no cenário urbano brasileiro. A ascensão do Brasil desencadeou olhares para o desenvolvimento político, econômico e social. O motor para a efetivação desse processo foi o incentivo dedicado à industrialização. De modo que esse investimento repercutiu sobre as cidades, sobretudo as capitais que acabaram transformando-se em polos aglutinadores. Com relação à migração rural-urbano, Brumer (1994, p. 123) destaca o seguinte

Através de um processo de industrialização e conseqüente urbanização, que se acentuou nas décadas seguintes, grande parte da população brasileira deixou o campo em direção às zonas urbanas, que concentram atualmente em torno de 80% da população total.

Com relação ao termo migração rural-urbano o Glossário da OIM<sup>41</sup> sobre migração dispõe acerca do migrante rural-urbano (2009, p. 45) “Migrante interno que se desloca de uma área rural para uma área urbana. [...] e o migrante urbano é o Migrante interno que se desloca de uma área urbana”.

---

<sup>41</sup> Fonte: Glossário sobre migração, 2009/ Site: <http://www.acidi.gov.pt/>.



Dentro deste contexto, já a partir da década de 1920, Porto Alegre<sup>42</sup> será a cidade mais procurada para imigrar no Rio Grande do Sul. O cenário urbano se transforma, ganhando novas cores e modos de vida, abrigando várias culturas, ideias e ideais. Copstein (1994, p. 86) retrata a inserção de diversos grupos culturais na capital gaúcha “Proliferavam comunidades de várias origens”. O autor Schmidt (2011, p. 5) retrata o cenário dessa diversidade

Um dos mais antigos e diversificados bairros de Porto Alegre. O Bom Fim se caracteriza por ser um bairro acolhedor de povos vindos de terras distantes. Os negros vindos da África como escravos que se refugiavam na Redenção e depois, libertos, ocuparam diversos espaços, imigrantes europeus, entre eles, judeus de vários países, alemães e italianos foram compondo este mosaico de culturas.

Esse movimento populacional do espaço rural para o urbano também esteve presente na diáspora judaica no Rio Grande do Sul. A proposta inicial do projeto de colonização era a inserção dos judeus em atividades agropastoris, tanto em Philippon como em Quatro Irmãos. No entanto, esses permaneceram nas colônias durante um período irrisório e logo se direcionaram para uma nova realidade, ou seja, para as cidades. O grupo judaico realizou outra reterritorialização no território gaúcho, diferente daquela projetada inicialmente (SANTOS, 2009).

Copstein (1994, p. 86) relata quais foram as cidades que os judeus elegeram para imigrar

Cedo, começou a partida para Santa Maria, Cruz Alta, Cachoeira, Passo Fundo, Erechim, Pelotas, em menor escala para Rio Grande e outros. Porto Alegre constituiu o maior receptáculo dos referidos rurícolas ao abandonar as suas glebas.

A segunda metade da década de 1920 e a década de 1930 foram períodos de maior intensidade da imigração judaica do interior para a capital. De acordo com Brumer (1994, p. 123) “Os imigrantes judeus que vieram para o Rio Grande do Sul acabaram estabelecendo-se nas cidades, principalmente na capital do estado”.

A fim de recepcionar os imigrantes judeus no novo espaço foi fundado, em Porto Alegre, em 1927, o “Comitê pró-imigrantes israelitas”<sup>43</sup>. O León Back foi o responsável pela direção desse comitê que se encarregava de receber os imigrantes

---

<sup>42</sup>Copstein (1994, p. 86) comenta que “Porto Alegre da primeira década do século era um município de população média (73.474 habitantes, em 1900, em uma área de 2.219 Km<sup>2</sup>)”.

<sup>43</sup>Back (1958, p. 279) diz que o Comitê de Porto Alegre existiu até o momento em que “A legislação do Estado Novo criou entraves à imigração. Durante aqueles anos auxiliou algumas dezenas mensais de imigrantes recém chegados”.

a bordo dos navios, hospedá-los e encaminhá-los para o trabalho produtivo, seja na cidade ou no campo. Back (1958, p. 278) descreve o que era disponibilizado para auxiliá-los

Um funcionário do Comitê recebia os imigrantes a bordo dos navios, conduzia-os a um hotel onde ficavam hospedados até obterem colocação. O Comitê matinha um curso noturno de português para os imigrantes. Para as despesas, uma pequena soma era fornecida por contribuintes locais e o restante, pela HICEM. Fundaram-se também comitês de proteção aos imigrantes judeus em várias cidades do interior do estado.

Como primeiro registro de judeu na capital gaúcha é mencionado o Sr. Salomão Levi, na qual havia chegado em 1896<sup>44</sup>. Santos (2008, p. 80) aponta que o nome do sefaradí estava presente na seguinte instituição religiosa “Su nombre consta como Presidente honorario y fundador de la sinagoga União Israelita Porto-Alegrense, en 1910”.

Outra contribuição realizada por Salomão foi o amparo aos primeiros israelitas da Europa Oriental que aportaram na capital sul-rio-grandense. A importância de uma pessoa bem arranjada e de prestígio era fundamental num primeiro momento. Falbel (2008, p. 413) menciona as contribuições que esse *sefaradí* propiciou para a comunidade

Como de costume, os primeiros imigrantes começaram com o comércio ambulante, e Salomão Levi então lhes concedia crédito, recomendava-lhes clientes entre seus conhecidos brasileiros, e em casos complicados, intervinha a favor deles junto às autoridades estaduais ou municipais.

A formação da comunidade judaica em Porto Alegre não ocorreu de maneira uniforme, ou seja, houve a contribuição de judeus que provieram de diferentes países em determinados momentos. Lia (2011, p. 9) comenta a respeito

Outro aspecto interessante é que algumas vezes os indivíduos buscavam acolhida entre grupos imigrantes cuja identificação se dava por razões de procedência, como os alemães, por exemplo.

Para compreender como se deu o processo de imigração judaica é importante que percebamos como ocorreu a formação do quadro social. Além da vinda dos judeus das colônias agrícolas fracassadas, houve um movimento migratório baseado

---

<sup>44</sup>Falbel (2008, p. 413) comenta que “Depois de Levi, chegou Leão Back que se tornou seu genro”.

em decisões individuais. Alguns imigrantes vieram sozinhos, para que, um pouco mais estabelecidos, pudessem buscar os seus; outros vieram com suas famílias. Todos, no entanto, estavam vinculados a um grupo, que lhes possibilitava todo um quadro de referências. Falbel (2008, p. 720) pontua que “Em 1909 a cidade de Porto Alegre já possuía então cerca de duas dezenas de famílias israelitas e outro tanto de solteiros”.

O mesmo autor apontou que, no começo de 1920, através do depoimento do “Iudische Zukunft”, havia umas trezentas famílias judias vivendo em Porto Alegre. Para Falbel (2008, p. 723) é importante considerar que apesar de a guerra ter terminado “as portas de emigração oriental europeia ainda permanecem cerradas. O aumento da coletividade provinha das colônias agrícolas e da Argentina”.

As tabelas a seguir serão utilizadas para demonstrar a dimensão quantitativa e evolutiva da população judaica no Rio Grande do Sul e em Porto Alegre. Nessas também estão expressos os dados dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo que, somados com Rio Grande do Sul, possuíram e possuem interferência desse grupo cultural, nos cenários estaduais. A esse respeito, Falbel (2008, p. 719) enfatiza que “A coletividade judaica porto-alegrense, no mapa israelita do Brasil, ocupa o terceiro lugar” (Tabelas 1-2)

Tabela 1: Judeus nos Estados do Brasil (RJ,SP e RS)

UF	1940	1950	1960	1980	1991
Rio de Janeiro	21.666	27.431	31.196	29.139	26.190
São Paulo	20.379	26.443	37.003	44.378	42.871
Rio Grande do Sul	6.619	8.048	8.720	8.210	8.091
Subtotal	48.664	61.922	76.919	81.727	77.152
%	87,6	88,5	89,4	90,8	89,3
<i>Brasil Total</i>	<i>55.563</i>	<i>69.955</i>	<i>86.038</i>	<i>89.969</i>	<i>86.416</i>

Fonte: DECOL, René Daniel (1998, p. 850)  
Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2012.

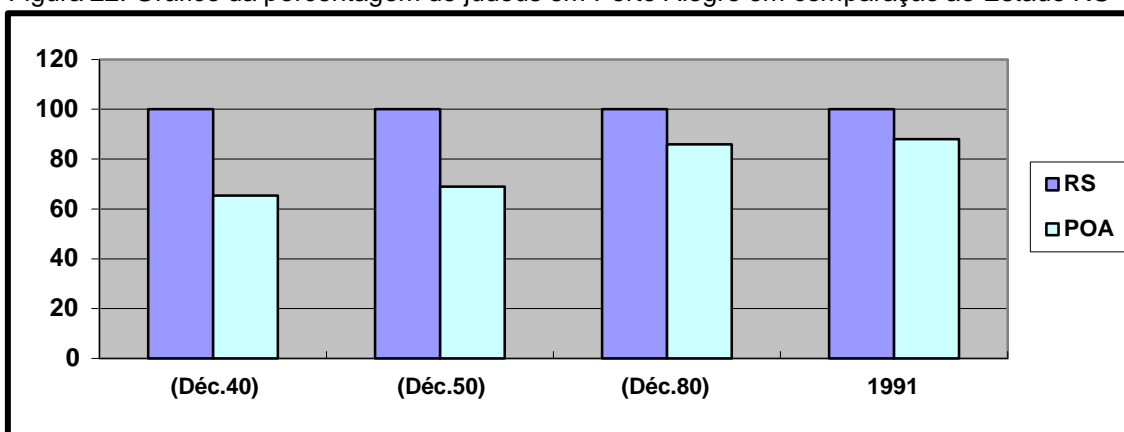
Tabela 2: Judeus no Brasil por Municípios escolhidos

Municípios	1940	1950	1980	1991
São Paulo	17.219	22.808	41.308	38.843
Rio de Janeiro	19.743	25.222	27.699	24.754
Porto Alegre	4.331	5.557	7.051	7.118
Subtotal	41.293	53.587	76.058	70.715
Brasil	55.563	69.955	91.795	86.416
%	74,3	76,6	82,9	81,8

Fonte: DECOL, René Daniel (1998, p. 851)  
Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2012.

Ao analisar as tabelas, vê-se que as mesmas demonstram um panorama quantitativo da relevância populacional dos judeus inseridos na capital gaúcha. Em termos percentuais, as décadas (1940, 1950, 1980 e 1991) possibilitam visualizar a real contribuição dos judeus em Porto Alegre em relação ao Estado do Rio Grande do Sul: a década de 1940 significou a presença de 65,43% dos judeus residindo em POA; já na década de 1950 foi de 69,04%; três décadas depois, ou seja, na década de 1980, esse percentual foi de 85,88 %, e por fim, em 1991, a percentagem foi de 87,97% (Figura 22).

Figura 22: Gráfico da porcentagem de judeus em Porto Alegre em comparação ao Estado RS



Fonte: DECOL, René Daniel (1998, p. 850-851)  
Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2012

O último censo da Comunidade Judaica do Rio Grande do Sul foi realizado em 1992. Esses dados em parte estão dispostos pela autora Brumer (1994, p. 124) que nos confirma o seguinte “Os dados da pesquisa permitem estimular a população judaica do estado, em cerca de 11.000 pessoas<sup>45</sup>”. Esse número inclui indivíduos que se consideram judeus, pois é notável a crescente ocorrência de casamentos interétnicos

Os cônjuges não judeus de homens e mulheres que se consideram judeus (os quais totalizam 4,8% dos chefes de família e 21,6% dos cônjuges de Porto Alegre e 12,8% dos chefes de família e 41,2% dos cônjuges do interior) e os filhos de casais que praticam um casamento exogâmico ou misto. Os casais mistos representam cerca de 25% do total em Porto Alegre e aproximadamente 50% no interior e existe uma tendência ao aumento destas proporções, tanto na Capital como no Interior, uma vez que entre os mais jovens há uma prática mais acentuada de casamentos exogâmicos do que entre os mais velhos.

Uma reportagem intitulada “Onde está a fé gaúcha” apresenta o estudo da Geografia Espiritual, que é representada através da diversidade da fé no Rio Grande do Sul. A metodologia utilizada foi pelo caminho do entrelaçamento de uma pesquisa elaborada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) intitulada “Retrato das Religiões no Brasil”, mais o cruzamento de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000). Nesse estudo houve uma reafirmação do que foi pontuado anteriormente, ou seja, a confirmação que 91,2% dos judeus do Estado estão na capital (Anexo A).

## **4.2 As atividades econômicas e profissionais desempenhadas pelos judeus no espaço urbano**

O desenvolvimento deste capítulo permite entender como os judeus inseriram-se no cotidiano urbano da cidade de Porto Alegre. Os judeus, primeiramente, foram denominados de *Clienteltckis* devido à atividade profissional que serviu de elo para a concretização desse grupo cultural no meio citadino.

---

<sup>45</sup>Brumer (1994, p. 124) pontua que “Este número variar de 10.600 a 11.800 indivíduos”. Para a Confederação Israelita do Brasil este número compreendia em 1992 “Cerca de 3.300 famílias vivendo em Porto Alegre, abrangendo cerca de 9 mil pessoas [...]” (CONIB, 2012).

No novo espaço de atuação, os judeus se depararam com outros questionamentos. Uma inquietude que eles tinham, geralmente, era de como e em que trabalhar. Diante do leque de possibilidades profissionais que as cidades ofereciam, o ramo de mascate<sup>46</sup> foi, inicialmente, a opção que prevaleceu na primeira geração de judeus no estado. Soibelman (1987, p. 11) remete a forma como o seu esposo iniciou seus negócios “Meu marido Henrique Soibelman começou a ser viajante, viajante de vender fazendas, como é [...] de grandes, grandes negócios”.

Esse encaminhamento, em parte, foi devido à experiência que alguns judeus já tinham adquirido, anteriormente, nos territórios em que habitavam. Conforme afirma Lesser (1995, p. 45) “Muitos judeus haviam vivido em cidades antes da migração e, portanto, tinham alguma experiência em pequenos negócios e no comércio”.

Além do elo afetivo que alguns judeus tinham com as cidades, o meio urbano chamava atenção pela ampla gama de variáveis que oferecia. Entre essas a cidade disponibilizava, de acordo com Gill (2001, p. 71), “[...] uma realidade diferenciada, que proporcionava assistência nos mais diferentes aspectos econômico, profissional, educacional, cultural”.

A função de mascate não foi desempenhada exclusivamente por esse grupo cultural. Conforme Morales (2004, p. 94), existiram outros grupos culturais que exerciam a função de mascatear e havia diferenças no modo como desempenhavam essa atividade “Os *judeus* dentro das cidades, de porta em porta; o *alemão/português* trabalhou em outras cidades, como caixeiro-viajante e o *sírio-libanês* usava mala disposta nas costas ou sobre animais”.

Contudo, antes mesmo da emigração total dos colonos de Philippon, os seus filhos já estavam desempenhando atividades de mascateamento. A procura por novos espaços de atuação profissional foi reflexo dos escassos resultados obtidos com a agropecuária. Os filhos homens buscaram atuar como mascates com o intuito de ajudar na subsistência da família. Diante dessa perspectiva, Soibelman (1984, p. 49) discorre sobre o que os mascates judeus vendiam, bem como o meio de locomoção que utilizavam e a abrangência da área na qual atuavam

---

<sup>46</sup> Lobo, 1974 (apud MORALES), 2004, p. 93, define mascate como “Mascate era o nome dado aos mercadores ambulantes que nos primeiros tempos eram os únicos a praticar um „comércio interno” no Brasil”.

Alguns se tornaram mascates, isto é compravam mercadorias variadas (fazendas, utensílios de casas, roupas e miudezas em geral) e saiam a cavalo. Com essa mercadoria percorriam as estâncias e colônias próximas a Philippon, vendendo e trazendo algum dinheiro para melhorar a situação aflitiva dos pais.

Um dos questionamentos que se pode fazer é: Como os judeus conseguiram recursos para iniciar os negócios? Pode-se dizer que a aquisição das primeiras mercadorias pelos judeus foi possível graças à renda obtida com a venda das terras em Philippon. Beber (1998, p. 188) demonstra como ocorreu esse processo “Com os pequenos recursos obtidos com a venda de seus lotes coloniais, a maioria dos fracassados colonos tornou-se mascate, vendendo mercadorias de porta em porta”.

Antes da década de 1920 foi fundada a *Laispar kasses* com a finalidade de realizar empréstimos em dinheiro aos imigrantes. Através desse empréstimo eles poderiam adquirir suas primeiras mercadorias para comercializá-las à prestação. Normalmente, ficavam hospedados nas sinagogas, enquanto não tinham moradia (EIZIRIK, 1986).

Nos primeiros tempos, a rede de relações pessoais também contribuiu para o estabelecimento dos judeus como mascates. O judeu que estava em uma condição econômica mais cômoda adquiria mercadorias para os outros, ou caso não tivesse conseguia créditos, como também apresentava a freguesia. Lesser (1995, p. 68) explana como os judeus estabelecidos beneficiavam os mais novos “Os judeus donos de lojas e fábricas vendiam no varejo mercadorias e utensílios domésticos a crédito para os recém-chegados, frequentemente escolhendo para revendedores parentes ou conterrâneos”.

Inicialmente a situação dos judeus nas atividades profissionais urbanas começou sobre o signo da pobreza e da incerteza. Iolovitch (1987b, p. 27) discorre como seu pai direcionou-se para o comércio como meio para sustentar sua família “Sem dinheiro e sem profissão, com numerosa família em um meio completamente estranho, só restava ao papai entrar na vida nova por onde havia saído: pela porta do comércio”.

Embora a cidade propiciasse um leque de oportunidades profissionais os judeus identificaram-se com as atividades de mascateamento. Em um primeiro momento esta foi uma alternativa viável para eles se integrarem na cidade, uma vez

que, os mesmos, não tinham uma profissão definida<sup>47</sup>, nem recursos para investir e também não tinham conhecimento do idioma. Scliar (2004b, p. 147) aponta que isto acarretou o direcionamento aos judeus “[...] ao pequeno comércio ambulante, que ficou conhecido como *Klienteltchik*<sup>48</sup>” (Figuras 23-24).



Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2010

Scliar (2004b, p. 147) destaca que *Klienteltchik* é definido como um termo do “*Portuguídiche*, mistura do português com *ídiche*. Vem, obviamente, da palavra *clientela*, acrescida do sufixo *tchik*, muito comum entre os judeus da Europa Oriental”. Lesser (1995, p. 68) comenta que esse termo equivale a *clientelchik* que significa “[...] mascate no *ídiche* falado no Brasil uma ocupação que não exigia o investimento de um grande capital inicial”. Para Gill (2001, p. 95), *clienteltchik* é um termo que está vinculado ao seguinte entendimento “[...] clientela, eles realizavam o comércio ambulante e/ou a venda a prestações, geralmente em bairros pobres da cidade”.

<sup>47</sup>Lesser (1995, p. 67-68) expõe a seguinte estimativa “Aproximadamente 35 % dos judeus que chegavam ao Brasil não possuíam profissão ou habilidades vendáveis; dessa forma, eles acabavam por entrar para a vida de *clientelchik* uma ocupação que não exigia o investimento de um grande capital inicial”.

<sup>48</sup>*Klienteltchik* pode-se escrever desta forma ou *clienteltchiks*, para uniformizar o trabalho decidiu-se optar pela última maneira.



Os *clientelchik* locomoveram-se de formas diversas pelos bairros da cidade. No início suas mercadorias eram transportadas a pé, utilizando somente o auxílio de um pacote ou balaio preso às costas. Posteriormente, aprenderam a mover-se com maior facilidade, e aí a charrete<sup>49</sup>, puxada por um cavalo, tornou-se, para muitos, a melhor forma de transporte. E alguns também se utilizaram do automóvel (SCLIAR, 2004b) (Figuras 25-26).

Figura 25: Salomão Duben- mascate



Figura 26: Jayme- mascate



Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 2007

Aos poucos os judeus foram se estabelecendo na cidade de Porto Alegre através de suas casas comerciais. É importante frisar, num primeiro momento, que a condição econômica dos imigrantes judeus não propiciava a aquisição de seu próprio negócio na cidade. Lesser (1995, p. 67) diz que “[...] os imigrantes judeus raramente tinham capital para comprar uma loja ou uma fábrica no momento de sua chegada a um dos centros urbanos brasileiros”.

Porém, havia o auxílio da *Laispar kasses* que, frequentemente, ajudava os imigrantes a abrir uma pequena loja ou fábrica. Além disso, destaca-se a atuação dos mascates judeus na aquisição de verbas. O lucro obtido através do pequeno comércio serviu como fio condutor para que os judeus pudessem se estabelecer

<sup>49</sup>Gill (2001, p. 95) através de sua depoente comenta que este tipo de transporte naquela época se chamava *faitom*.

como comerciantes. Lesser (1995, p. 68) discorre como os judeus conseguiram dinheiro para financiar seus empreendimentos nas cidades

A disposição dos imigrantes judeus em trabalhar intensamente como mascate mostrava-se tão lucrativa que com frequência levava-os a comprar pequenas lojas ou fábricas, possibilitando-lhes uma acumulação ainda mais rápida de capital. Com um nicho escavado, os judeus começaram a subir na escala econômica [...].

Os estabelecimentos comerciais que os judeus se dedicaram a investir foram diversos na capital gaúcha. Alguns comerciantes judeus elegeram implementar armazéns de secos e molhados, a fim de suprir as necessidades da população local. Nesse sentido, havia diversos armazéns de judeus como, por exemplo, a Casa do Amador, na rua dos Andradas e a Fiambreteria Florida, Oswaldo Aranha esquina Felipe Camarão, cujos proprietários eram o casal Sílvia Appele Straus, que podem ser vistos a seguir (Figuras 27-28).

Figura 27: Casa do Amador/POA/RS



Figura 28: Fiambreteria Florida/POA/RS



Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2011

O relato da entrevistada Weisfeld (2012, p. 1) narra como surgiu a ideia de seu pai, um migrante recém-chegado a Porto Alegre, em implementar seu Armazém Hamburgo e como era o cotidiano com os fregueses

O que nós vamos fazer, nós temos que viver. Meu pai disse: - as pessoas precisam comer, vamos fazer um armazém, o armazém Hamburgo. Nós não sabíamos português, nada, e vieram os fregueses que queriam fazer as compras. Então, eu fiz um dicionário: A) Arroz- em alemão-raiz; B) Batata- em alemão-catofer. Nós queríamos dois quilos de batata e eu então olhava [...] ah sim. Naquele tempo nós tínhamos um caderno e eu visitava os fregueses e eles faziam a encomenda. Era na Felipe Camarão, bem na esquina da

Oswaldo. A nossa freguesia era de onde nós moramos hoje, aqui no Moinhos de Vento. Empacotávamos e eu subia a Ramiro Barcelos, com 25 graus de calor, com cestas pesadíssimas, ali eu chorei, eu era corajosa, era jovem, tinha 21 anos, mas enfrentei.

Os estabelecimentos comerciais dos judeus se concentraram em determinados pontos da cidade e em determinados setores. Nesse sentido, Golandinski (1994, p. 123) faz referência ao Caminho Novo, atual Voluntários da Pátria, onde predominava “a indústria e o comércio de confecções de roupas masculinas. Já na Osvaldo Aranha, concentrava-se o comércio de móveis, fabricados nas indústrias do Bom Fim”.

Com relação à trajetória da ascensão econômica e profissional, é notável como alguns judeus alfaiates e marceneiros atingiram patamares sociais mais elevados no decorrer do tempo. Golandinski (1994, p. 123) relata que eles “Começaram produzindo em pequenas oficinas, dentro das próprias residências, chegando a construir indústrias de confecções e de móveis” (Figura 29). De modo que pode-se visualizar a presença da Oficina Marcenaria Abrão Slavutsky na década de 30 e na Avenida Farrapos a Windmüller: máquinas de costura para indústrias de couros e tecidos (Figura 30).

Figura 29: Marcenaria de Abrão Slavutsky



Figura 30: Windmüller: máquinas de costura



Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2011

Os ramos comerciais envolviam desde armazéns com miudezas em geral, casa de móveis, tecidos e confecções, estúdio fotográfico, relojoaria, estofaria, entre outros setores. Uma pesquisa realizada por Josef Halpern apresenta diversos

periódicos como o Boletim Informativo, 1945; Observador Sionista, 1947 e Seleções Sionistas, 1949 que permite evidenciar a existência de uma gama de lojas pertencentes aos judeus em Porto Alegre (Figura 31).

Figura 31: Quadro das lojas e estabelecimentos judaicos em Porto Alegre/RS

<b>Nome loja</b>	<b>Proprietário da loja</b>
A Moderna	Moisés Zalmon e Filho
Casa dos Fios	Matias Ben David
Casa Brasil	Jacob Pecis
Galeria das Roupinhas	Nissim Poyastro
Máquina de Costura	Jacob Heller
A Estrela das Sedas	José Poyastro
Relojoaria Suiça	Daniel Goldstein
A Realeza	Jacob Maltz
Casa Rio	Maurício Pecis
Relojoaria Uruguai	Samuel Piterman
Vila de Bruxelas	Irmãos Castiel
Casa Rodrigues	Irmãos Rodrigues
Casa das Sedas	Estrougo e Filho
Casa Wulf	Abraão Wulf
Ilha da Madeira	Alberto Behar
Confeitaria Flórida	Appel e Straus
Móveis a Conquista	Kassow e Milman
Ao Modelo Chic	Nestor Pontromoli
Palacio dos Móveis	Waldman e Cia
Estofaria David	David Cherman
Basar Maria	Samuel Nhuch
Armazém Internacional	Aizik Leiderman
A Princesa	Marcos Lerrer
A Imperial	Fischer
Escora	Salomon Hess
Casa Friedmann	Friedmann e Filhos
Estofaria Milgrom	R. M. Milgrom
Alfaiataria Econômica	José Issler
Estofaria David	David Cherman
Tecidos e Confecções	Abrão Milman
Pelaria Lena	Alexandre Storch
Casa dos Militares	Henrique Kier
Livros e Discos Idish	José Meimes
Tecidos por atacado	Goldenfun e Stein
Joalheria Brasil	Jacob Goldenberg
Safira	Zouvi Bensussan
Casa Imperial	Ruvín Vishnevetsky
A Mobiliadora	Henrique Hocsman
Relojoaria Bela	Bela Hausman

Fonte: (HALPERN, 1999)<sup>50</sup>

Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2013

<sup>50</sup> Halpern retirou estas informações das seguintes fontes: (Boletim Informativo, 1945, p. 32); (Observador Sionista, 1947, p.45); (Seleções Sionistas, 1949, p. 63).

Ao analisar esses estabelecimentos judaicos, dispostos no quadro anterior, em Porto Alegre, percebe-se uma predominância no setor de confecções de roupas, alfaiataria, pelaria e indústria têxtil, bem como no ramo moveleiro, relojoaria e no ramo alimentício como armazéns de secos e molhados e confeitaria. As lembranças da judia Schajer (2012, p. 1) são significativas pelo fato de dispor o nome de lojas e os seguimentos que atuavam e por fim as que ainda estão abertas

Tinha a Casa Maria de sapatos que era famosa, onde hoje é a Rainha das Noivas. Eu me lembro que eu era criança e minha mãe vinha comigo ali pra comprar. Eles morreram e os filhos construíram e alugaram ali. Tinha o Bazar Botafogo, há muito anos, aqui a maioria era *ídiche*. As lojas dos *sefaradins* eram no centro. Suas lojas, na rua da Praia, das Lojas Americanas até a General Câmara eram lojas de tecidos, tudo ali era de sefaradins. Era a Ilha da Madeira, era a Casa das Sedas, a Estrela das Sedas, a Casa Alberto, eu me lembro que eu comprava, a loja Safira de Tecidos e tinha as peleterias também que eram as casas que faziam casacos de pele. A única que permaneceu foi a Casa das Sedas que terminou né. Eles foram para o Shopping e depois fecharam. Agora só tem a Via Íntima que é da Anita. Ali na Fernandes Vieira tinha a Loja Gato que já não tem mais. A Ferragem Igor é bem antiga. As lojas de móveis a maioria era no Bom Fim.

Os judeus inseridos em Porto Alegre, no início do século XX, tiveram o comércio como a atividade principal profissional. Contudo, eles expandiram para outras profissões valorizadas no mercado de trabalho local. E com o passar dos anos a comunidade judaica porto-alegrense foi conquistando respeito e posição, destacando-se no aspecto intelectual, nos campos da educação e nos diversos profissionais liberais como advogados, médicos, contadores, que foram se integrando à vida do estado.

Daquela pequena comunidade de Santa Maria originaram-se os primeiros judeus profissionais liberais, no século XX, como o advogado Isaac Soibelman Melzer, que se tornou o primeiro juiz judeu do Brasil e depois desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. Destacam-se também Marcus Soibelman Melzer e Mauricio Steinbruch, os primeiros médicos; o primeiro general judeu, Marcus Kruchin; a primeira professora primária Dora Werba e o primeiro Secretário de Educação Boris Seligman (VERBA, 1997).

O autor Halpern, ao analisar o periódico denominado de Observador Sionista (1947), identifica a presença de diversos profissionais liberais como: Advogados/Maurício e Luiz Steinbruch, Eletricista/Mayer Bronover, Cirurgiões dentistas/Simão Seligman e Shlama Laks.



Essa evolução profissional dos judeus traduz o rápido processo de integração dos mesmos no espaço do Rio Grande do Sul. Os filhos, netos e bisnetos dos colonos judeus ocuparam, praticamente, todos os ramos de atividade que caracterizam a classe média. Assim, os descendentes de imigrantes tornaram-se empresários, comerciantes, financistas, profissionais liberais, professores e artistas (GILL, 2001).

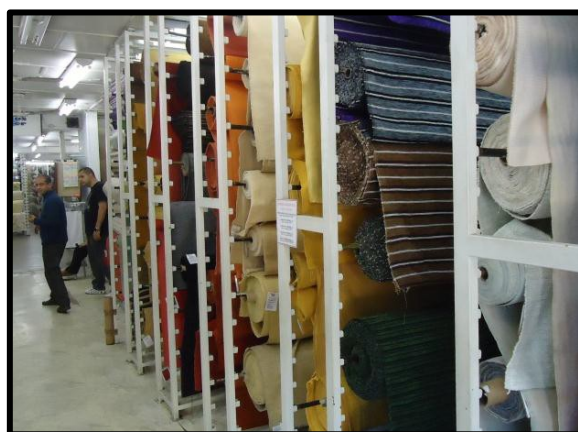
Atualmente, ainda há algumas lojas na permanência de descendentes de migrantes judeus. Como exemplo temos os relatos da proprietária da loja chamada “Tecido Super” que se encontra instalada na Protásio Alves, desde 1957 (Figuras 32-33). Schajer (2012, p. 1) relata como seu marido começou no ramo comercial e quais foram as alterações da loja que, hoje, permanece sob a administração de sua filha arquiteta

O meu marido migrou em 1954 e tinha como profissão peleteiro. Quando chegou aqui trabalhou muito pouco como *clientelchik* para tentar a vida, a maioria dos patrícios começou assim. Mas ele disse que não era vendedor, ele começou uma sociedade e montou uma fábrica na Benjamim Constante durante 14 anos, depois viemos para cá na Protásio Alves, e aqui nós estamos há 42 anos. Aqui antes era fábrica de estofados e, em 1988, decidi ficar só com tecidos de decoração.

Figura 32: Fachada da loja Tecido Super



Figura 33: Interior da loja Tecido Super



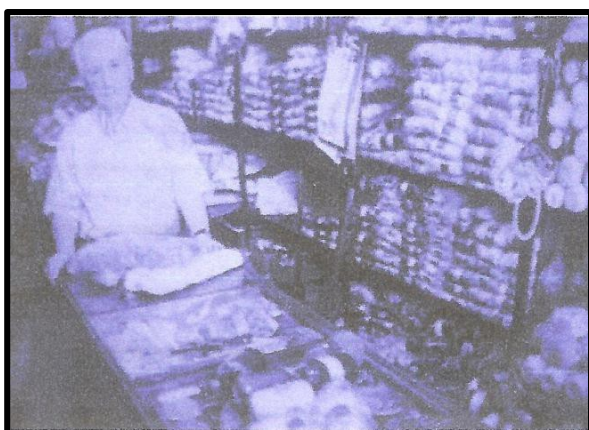
Endereço: Avenida Protásio Alves, nº 120, Bairro Rio Branco/POA.  
Fonte: Trabalho de campo/2010

O Jornal Fala Bom Fim disponibiliza de um espaço denominado “Perfil Empresarial” que é dedicado a valorizar a trajetória profissional de pessoas e profissionais judeus que atuaram no Bairro Bom Fim e proximidades. Desse modo,

destaca-se a loja Kelbert's, que atualmente atua no ramo das confecções e variedades. Essa loja é administrada pela filha de David e encontra-se há 22 anos no mercado, porém seu pai começou no ano de 1947 com a Farmácia Kelbert (Site do Jornal Fala Bom Fim/2009)<sup>51</sup>.

Em maio de 2009, o Jornal Fala Bom Fim publicou a comemoração da loja de aviamentos "Ao Crochet" que completou 75 anos de Bom Fim. E salienta-se que em muito, ainda, se parece com a época em que era atendida pelo seu fundador Jacob Katz. (Figura 34). A loja inaugurou junto com a exposição do centenário da Revolução Farroupilha, em 1935. As irmãs Regina e Raquel Katz sucederam o pai Jacob no negócio da família (Figura 35).

Figura 34: Ao Crochet e seu fundador Jacob Katz



Fonte: Jornal Fala Bom Fim/Maio/2009

Figura 35: Regina Katz na loja Ao Crochet



Fonte: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/>

Endereço: Avenida Osvaldo Aranha, nº 1126, Bairro Bom Fim/POA.

A família Schwartz se mantém à frente da tradição moveleira há mais ou menos 38 anos. Os proprietários Sérgio e Raul abriram seu negócio no local com uma pequena loja de móveis coloniais. Depois de alguns anos, a Schwartz Móveis se modernizou e, atualmente, mantém duas lojas na Avenida Osvaldo Aranha (Site do Jornal Fala Bom Fim/2010)<sup>52</sup>.

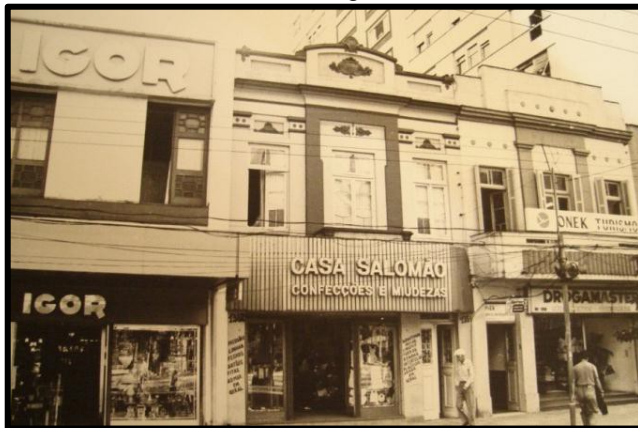
A Ferragem Igor comemorou 60 anos em 2011, se não é a mais antiga em funcionamento ininterrupto desde a sua fundação, no longínquo 1951, a Ferragem Igor é uma das pioneiras que sobreviveram. Era uma casinha de porta e janela

<sup>51</sup> (Jornal Fala Bom Fim, Agosto de 2009, p. 3).

<sup>52</sup> (Jornal Fala Bom Fim, Maio de 2010, p. 7).

localizada na Protásio Alves, nº 46, onde até hoje está a loja matriz (Site do Jornal Fala Bom Fim/2011)<sup>53</sup> (Figura 36).

Figura 36: Estabelecimentos comerciais dos Irmãos Igor, Salomão Lerman e Efraim Mester (1989)



Endereço: Avenida Protásio Alves, nº 46, Bairro Rio Branco/POA.  
Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2010.

### 4.3 A formação e a configuração da identidade judaica: as Instituições Religiosas

Ao buscar o entendimento sobre o conhecimento de como as tradições e os fundamentos da religião judaica são transmitidos, é fundamental o papel da família e das Instituições Religiosas. O cerne familiar é o sustentáculo que emoldura o *ethos* do grupo cultural, onde os valores materiais e imateriais são repassados. É natural, quando as pessoas estão na esfera da mobilidade, encontrar peças que permitem os membros construir sua própria história nos novos espaços. Diante desse cenário, os imigrantes realçam a vida religiosa e dão um sentido muito mais rebuscado a fim de permitir essas vivências e práticas religiosas. Falbel (2008, p. 284) reporta-se à importância desses dois elementos

Deve ser uma herança transmitida de pais a filhos e de geração a geração, pois é parte da formação que a criança judia deve ter como futuro membro da comunidade. Porém, desde o início os imigrantes das diversas levadas imigratórias que aportaram ao Brasil, procuraram dar um significado mais profundo e rico a sua vida espiritual.

<sup>53</sup> (Jornal Fala Bom Fim, Outubro de 2011, p. 3).



É interessante salientar que, no decorrer do tempo, alguns líderes da comunidade judaica foram construindo diversas associações judaicas em Porto Alegre. O objetivo residia em sanar várias necessidades de seus membros como: religiosa, social, esportiva, educacional, assistencial e filantrópica, cultural e sionista.

A comunidade judaica de Porto Alegre, aos poucos, na medida da necessidade, foi criando instituições. As primeiras, naturalmente, tinham a ver com os ritos de passagem básicos como o casamento, o enterro, o *Bar Mitzvá* (cerimônia pela qual o jovem, aos treze anos, é admitido na comunidade), o *Rosh Hashaná* (Ano Novo) e o *Iom Kipur*, dia de recolhimento e autoanálise (SCLIAR, 2004a).

Desse modo, a comunidade preocupou-se com a construção de uma entidade de caráter religioso. Oficialmente, na primeira década século XX, foi fundada a primeira instituição denominada “União Israelita Porto-Alegrense”. E, posteriormente, surgiram outras entidades de caráter religioso. Lia (2011, p. 9) afirma algo interessante a respeito da religiosidade dos judeus “É comum identificar nos relatos dos imigrantes referências ao fato de não serem religiosos até chegarem à comunidade de Porto Alegre”.

Assim sendo, Falbel (2008, p. 284) discorre que o imigrante judeu no Brasil, assim como em outros lugares, procurou assegurar “Em primeiro lugar o edifício onde pudesse expressar seus anseios religiosos e encontrar o calor humano junto aos seus conterrâneos”.

A sinagoga é um referencial judaico de forte expressividade presente no espaço urbano do bairro Bom Fim, que possui materializado cinco sinagogas. No bairro próximo, Rio Branco, há uma sinagoga e no Centro também existe outra.

No judaísmo, a sinagoga é fundamental para a prática religiosa atuando como elemento de preservação de valores e tradições da cultura judaica. Saraiva (2004, p. 2) coloca que a Sinagoga é fundamental para “[...] pertencer ao grupo social, que tem como símbolo de unidade e convergência o Templo, ou seja, a Sinagoga”. Scliar (2004c, p. 48) fornece a explicação do significado da palavra Sinagoga, ou seja, sua etimologia e a diferença com relação ao termo Templo

Sinagoga é uma palavra grega que corresponde ao hebraico *beit haknesset*, casa de reunião ou assembleia. Já o Templo era *beit hamikdash*, a casa do santuário, e essas denominações ilustram as diferenças entre ambas as casas: o Templo era primariamente um local de culto, que incluía o sacrifício de animais; a Sinagoga era um lugar de orações, de discussão num clima informal.

Na sinagoga são realizadas as principais festas do calendário judaico: Ano Novo, Dia do Perdão, Páscoa, Festas das Cabanas e “Carnaval”. Respectivamente em língua hebraica: *Rosh Hashaná*, *Iom Kippur*, *Pessach*, *Sukot* e *Purim*. Para os judeus todas essas festas são importantíssimas e são realizadas na sinagoga, pois envolve a leitura do Torá. Na sinagoga realizam-se outras cerimônias como: casamentos, *Bar Mitzvá* (que é a confirmação das meninas judias), *bris milhat* (cerimônia de circuncisão do menino judeu) e *Kabalat Shabat* (leituras da Torá toda sexta-feira após às 19 horas) (SARAIVA, 2004).

Pode-se inferir que a sinagoga é um símbolo cultural que contribui para formação e constituição da identidade territorial judaica. Para Haesbaert (1997, p. 46) o símbolo serve como “A representação da realidade, aquilo que substitui ou que está no lugar de outra coisa. O poder simbólico é quase mágico, constituindo uma identidade territorial”.

A importância da sinagoga é destacada por Falbel (2008, p. 283) como centro catalisador da vida comunitária, tanto no passado como no presente, pois ela

[...] serviu, e serve de centro catalisador da vida comunal e pode ser o foro de expressão para todo tipo de manifestação social da minoria judaica, onde quer que ela se encontre. Ao seu redor organizaram-se os vários moldes e instituições da vida comunitária, procurando atender a suas múltiplas necessidades, seja no campo educacional, beneficente, jurídico, cultural e os demais.

Uma indagação pertinente quando se analisa a situação da dispersão judaica ocorrida, particularmente, durante os dois últimos milênios, é como os judeus mantiveram-se unidos no decorrer do tempo.

No que diz respeito à preservação da identidade judaica há diversas suposições. Entre essas se ressalta a religião como o principal responsável pela preservação da identidade cultural judaica. Brumer (1994, p. 32-33) comenta que “A religião e o modo como ela é praticada pelos judeus favorece a manutenção do judaísmo”.

A religiosidade é um código que pode ser expressa tanto como marcas concretas no espaço através dos templos como através dos diversos valores que estão embutidos dentro de cada religião.

Atualmente, Porto Alegre conta com sete Instituições Religiosas que possuem suas respectivas sinagogas e algumas possuem até mesmo seu cemitério<sup>54</sup>: União Israelita Porto-Alegrense, Centro Israelita Porto-Alegrense, Centro Hebraico Riograndense, Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso (Polisher Farband), Sociedade Beneficente Israelita de Socorros Mútuos (Linat Hatzedek), Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA) e a Sociedade Beneficente e Cultural Beit Lubavitch. A sequência das datas com as fundações das Instituições Religiosas de Porto Alegre estão dispostas (Figura 37). (Apêndice A).

Figura 37: Quadro das Instituições religiosas israelitas de Porto Alegre/RS

Ano da fundação	Instituições religiosas israelitas de Porto Alegre/RS
1910	União Israelita Porto-Alegrense
1917	Centro Israelita Porto-Alegrense
1922	Centro Hebraico Riograndense
1931	Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso
1932	Sociedade Beneficente Israelita de Socorros Mútuos
1936	Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência
1980	Sociedade Beneficente e Cultural Beit Lubavitch

Fonte: BACK, Léon (1957); EIZIRIK, Moysés (1984); GUTFREIND, Ieda (2004)  
Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2011

Para entender a constituição desses elementos religiosos que foram sendo implementados na cidade de Porto Alegre, faz-se necessário retroceder à formação e constituição de cada Instituição Religiosa e, conseqüentemente, às construções de suas sinagogas, cemitérios e outros elementos.

#### **4.3.1 A Instituição Religiosa: União Israelita Porto- Alegrense**

Quanto à origem dos primeiros judeus que fundaram a primeira instituição religiosa, o autor Back (1957, p. 324) evidencia qual era a procedência desses judeus “Nos primeiros anos do século XX, vieram a residir em Porto Alegre poucos judeus originários da Rússia, da Áustria e do Marrocos”.

<sup>54</sup> Há sinagogas também no Lar Maurício Seligman e no Colégio Israelita Brasileiro.

Inicialmente como era reduzido o número de judeus na capital gaúcha recorria-se à atitude de pedir auxílio para judeus que residiam em outros municípios deste estado. Isso porque para realizar as cerimônias religiosas e festividades havia a necessidade de dez homens.

Eizirik (1984, p. 37) efetivou uma entrevista com Lewgoy na qual declarou que seu pai Bernardo, que foi um dos Fundadores da União Israelita, procedia da seguinte maneira para realizar as cerimônias religiosas

Quando chegamos (1909) havia apenas oito famílias de israelitas, então meu pai pagava a passagem para judeus de Pelotas e Rio Grande, para completar o *minian* e *Rosh Hashaná* e *Iom Kipur*.

A fim de sanar suas necessidades, os imigrantes, recém-inseridos no novo espaço, tiveram como iniciativa a formação de uma Instituição Religiosa. Essas famílias, que eram em torno de umas 50, fundaram a União Israelita. Back (1957, p. 324) discorre sobre esse momento “Fundaram no dia 19 de setembro de 1909 uma sociedade, a União Israelita, que teve pouca duração”. Falbel (2008, p. 720) afirma quando surgiu a ideia da formação da União Israelita que é reconhecida de ser a primeira organização judaica de Porto Alegre

A 14 de setembro daquele ano, aparentemente às vésperas do ano novo judaico, teve Leão Back à ideia de organizar um *minian*, a fim de se poder officiar as rezas dos Dias Solenes coletivamente. Foi desse *minian* que se organizou a primeira organização judaica de Porto Alegre, denominada União Israelita, sob a presidência de Salomão Levi.

Entretanto, essa sociedade foi reorganizada e passou a ser chamada de “União Israelita Porto-Alegrense”, cujos objetivos residiam na fundação de uma sinagoga e de um cemitério israelita. Eizirik (1984, p. 37) relata como foi oficializada essa sociedade tanto temporalmente quanto espacialmente “[...] no segundo dia de *Rosh Hashaná*, ou seja, em 5 de Outubro de 1910, em casa do Sr. Marcos Burd, foi oficialmente fundada a Sociedade União Israelita Porto-Alegrense, com 35 sócios”.

Os relatos de Stifelman possibilitam compreender que os primeiros integrantes da Sociedade eram, em sua maioria, originários da Colônia Philippson. Segundo Halpern (1999, p. 134), os admitidos, entre 1910 e 1918, foram “David Dugnitz, Simão Stifelman, José Wolf, Daniel Isaac, Maurício Seti, Jacob Mostovski, Isidoro Goldstein, Motte Napomichel, Issac Itzcovitz, Bernardo Tolpolar, Daniel Chazan”.

Falbel (2008, p. 720) afirma o nome das pessoas que pertenciam à primeira diretoria da União Israelita Porto-Alegrense “Foi assim constituída Salomão Levi-presidente; Bernardo Levgoi- vice-presidente; Leão Back-secretário; Júlio Lucianco-tesoureiro” (Figura 38).

Figura 38: Diretoria da Sinagoga União Israelita/Rosh Hashaná (13/09/1952)



Fonte: Site da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2013

O boletim informativo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC) de 2010 disponibiliza o estatuto da União Israelita Porto-Alegrense. Segundo seu 1º estatuto os associados deviam compor-se de “israelitas brasileiros e estrangeiros, tendo por fim sustentar um cemitério [...] uma vez que tiver sinagoga em edifício próprio, organizar e dirigir tudo que possa interessar aos israelitas de Porto Alegre” (Site Institucional do ICJMC/2010)<sup>55</sup>.

A principal preocupação residia em obter um espaço para a realização das atividades religiosas e sociais. De modo que os judeus entraram em consenso que, num primeiro momento, seria conveniente alugar algo. Back (1957, p. 325) diz que “Para as orações de *Iom Kipur* foi alugada a casa da rua São Jerônimo (hoje Jerônimo Coelho, número 46), próximo à rua Duque de Caxias, onde foi instalada a Sinagoga”.

Com o estabelecimento e solidificação dos judeus na capital, direcionou-se para a atitude de comprar um terreno para a construção da sede própria, a fim de dispor uma infraestrutura mais ampla e proporcionar espaços de conhecimento e socialização para os judeus. Back (1957, p. 326) relembra como foi essa aquisição e a construção da sede

<sup>55</sup> (Boletim informativo, Julho de 2010, p. 6).

Em 1916 a sociedade comprou um terreno na rua Aurora, nº160 (hoje rua Barros Cassal, nº 750) e construiu a sinagoga [...] um moderno templo, junto com as salas para a biblioteca, sede social, aulas de ensino religioso e um vasto salão para festas, reuniões sociais e conferências.

Desde 1916 a Sinagoga e a sede da União funcionaram na Barros Cassal, 750. Contudo, houve momentos de remodelação estrutural através de obras ou até mesmo a completa destruição dessa instituição. Eizirik (1984, p. 40) fala da oposição “Era um prédio velho [...] a guarda-velha não queria que fosse demolida a antiga sinagoga”. O mesmo autor pontua a inauguração de partes da sinagoga e a implementação de diversos espaços com funções díspares

Em 1952 foi inaugurada a parte térrea da imponente sinagoga. Ela constituiu uma obra de arte. Além da grandiosa sinagoga, houve a preocupação de construir outros espaços de socialização como o salão de festas. Este poderia ser utilizado para conferências, casamentos e bailes.

Eizirik (1984, p. 40) diz que a forma arquitetônica que se pode presenciar na Barros Cassal, atualmente, somente foi inaugurada “em outubro de 1960”. A (Figura 39) demonstra a fachada atual.

Figura 39: Sinagoga União Israelita Porto-Alegrense



Endereço: Rua Dr. Barros Cassal, nº 750, Bom Fim, POA  
Fonte: Trabalho de Campo, 2009

#### 4.3.1.1 O cemitério da União Israelita Porto-Alegrense

O cemitério foi outro empreendimento indispensável que a comunidade judaica teve que efetivar em Porto Alegre. O significado de *Beit Haolam*, na língua hebraica, é Casa do Mundo ou Casa da Eternidade. Back (1957, p. 326) comenta como foi a aquisição do terreno para a construção do cemitério e de quem era a incumbência de sua manutenção “Foi também comprado o terreno, mais tarde aumentado, onde se acha até hoje o cemitério da União Israelita [...] é mantido pela União Israelita Porto Alegrense”.

Com relação ao período que foi adquirido o cemitério, acredita-se que, pela pesquisa realizada no registro de falecimentos da União Israelita, tenha sido no mesmo ano da sua fundação. Segundo Lussem (1957 apud EIZIRIK, 1984, p. 38), parte da seguinte afirmação “A União foi organizada em 1910 e, no mesmo ano, comprou um terreno, para o primeiro Cemitério Israelita em Porto Alegre”.

O boletim informativo do ICJMC de 2011 informa a respeito da existência de poucos documentos que relatam de como ocorreu a fundação do Cemitério União Israelita Porto-Alegrense. Porém, mesmo diante da escassez de evidências da sua história, sabe-se que foi fundado em 1911, com a compra do terreno pela Sinagoga União Israelita Porto-Alegrense (1910). Uma informação importante é que, anteriormente, os corpos dos judeus eram enterrados no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia. Posteriormente, com a inauguração do Cemitério Israelita, os judeus foram transportados para lá (Site Institucional do ICJMC/2011)<sup>56</sup>.

Dessa forma, podemos verificar o acontecimento no registro abaixo. Eizirik faz referência a uma pesquisa que foi realizada no livro de registro de falecimentos da União Israelita, e foi encontrada a anotação com a letra do Dr. Leon Back. Eizirik (1984, p. 39) através da leitura desse artigo esclarece que

Pouco tempo depois da compra inicial do terreno do cemitério, faleceu a filha do Sr. José Wolf. Existindo já um cemitério israelita, ainda como um campo aberto, o Sr. Salomão Levy e Dr. Leon Back providenciaram na noite daquela quinta-feira, às 23:00 horas, de ir à residência do Diretor da Higiene, Dr. Ricardo Machado, para acordá-lo e obter uma licença verbal, e dada através da janela, para efetuar o sepultamento no novo cemitério, sob

---

<sup>56</sup> (Boletim informativo, Março de 2011, p. 4).

o compromisso que seria cercado o terreno no domingo seguinte, dois dias depois.

É interessante comentar que depois da fundação da sinagoga e do cemitério israelita formou-se junto à União, o grêmio Ezra e a agremiação Achva. Falbel (2008, p. 720) diz que a finalidade era “de amparar moral e materialmente os novos imigrantes [...]. Fundou-se igualmente uma agremiação “Achva”, que tomou a si o encargo de fornecer carne “Kosher” aos israelitas piedosos”.

O judeu Wainstein, líder comunitário da União Israelita, comenta que durante sua administração a Instituição religiosa estava baseada em direcionar seu foco de atuação para a conservação da religiosidade judaica. Isto foi possível, em grande parte, através do conjunto de pessoas responsáveis pelos atos religiosos. Wainstein (1987, p. 16-17) afirma que dentro da sua gestão tinha como meta a manutenção de um alto nível no setor religioso “Isto foi possível devido ao auxílio das lideranças espirituais como rabinos e “schoichets”. Mantendo viva a chama do judaísmo, quer no setor religioso, quer no setor histórico [...]”.

#### 4.3.1.2 A União Israelita na década de 90 do século XX

Uma grande preocupação que as Instituições Religiosas tinham era dispor de um rabino atuante na sua sinagoga. No início da década de 1990, a corrente judaica que prevalecia na estrutura da União era a ortodoxia. Isso pode ser afirmado devido à atuação do rabino contratado. O Periódico da União Israelita comenta da contratação do rabino Yehuda Kamnitzer no final de 1992, com 28 anos, e cuja formação religiosa foi em Israel e graduação pela Tomchei-Temimin (New York). Contudo, o contrato do rabino encerrou-se em 1994 e o afastamento desse jovem do rito Chabad é, também, o reconhecimento do fracasso do projeto de incremento à religiosidade ortodoxa que, passada a novidade, logo encontrou a indiferença dos associados (HALPERN, 1999).

Nos princípios da década de 1990, percebe-se que há um cenário de inquietude na comunidade judaica. Fato que um dos líderes da União expressa no Periódico União Israelita (ano 2-nº 2-out/nov-1994) “O veterano presidente Wainstein



inseriu no boletim o seu diagnóstico sobre a comunidade israelita: ela está enfrentando uma grande crise de “identidade e desagregação”.

Uma ação para alterar essa situação foi quando a União Israelita imediatamente contratou, em Buenos Aires, outro *Baal Tefilá* mais liberal em suas práticas religiosas. E o reflexo promissor dessas ações foi expressa no boletim (ano 3, nº 3) que demonstra um aumento de promoções e de frequência no decorrer de 1995. Halpern (1999, p. 136) discorre as festividades e o número de pessoas envolvidas “*Purim*: 170 pessoas; *Terceiro Seder*: 200 pessoas; *Kabat Shabat*, em abril: 100 jovens; *Shabat com Tsholent*: 150 pessoas; *Kabat Shabat* com a presença do Embaixador de Israel: 600 pessoas”.

Halpern (1999, p. 134) faz referência ao início de 1993, quando a União Israelita começou a publicar um boletim destinado aos seus associados. Apresenta o primeiro número, pela palavra do presidente Boris Waisntein, cuja meta da publicação era “dar ênfase primordial à educação na área religiosa, pois, sem isso, nada conseguiremos, já que os milênios nos provam que onde há uma sinagoga atuante existe vida judaica”.

#### 4.3.1.3 A situação da União Israelita no início do século XXI

Os pilares que moldam os princípios da União Israelita, atualmente, levam em conta os objetivos propostos no seu antigo estatuto, no que se refere à preocupação em dispor à comunidade judaica a esfera religiosa. Contudo, percebe-se que há uma diversidade de atuações da instituição, ou seja, há uma ampliação de escala que visa a atender aos interesses atuais da comunidade. Seguindo os preceitos do seu primeiro estatuto, hoje, são múltiplas as atividades da Sinagoga União Israelita Porto-Alegrense: religiosas, eventos sociais, educacionais e culturais para a comunidade judaica (Site Institucional do ICJMC/2010)<sup>57</sup>. (Anexo B).

A União Israelita de Porto Alegre é uma das mais antigas sinagogas do Brasil e a quarta das Américas com atividades ininterruptas. O rabino Ruben Luis Najmanovich que atuava em 2010 informou que “Nossa sinagoga nunca fechou as

---

<sup>57</sup> (Boletim informativo, Julho de 2010, p. 6).

portas, nem durante a Segunda Guerra Mundial, quando muitas ficaram fechadas por anos". A sinagoga abriga relíquias como uma Torá (livro sagrado do judaísmo) de 350 anos, em rolo natural; uma coleção de talmudes (registro de discussões rabínicas sobre lei, ética, costumes e história) impressos na Áustria em 1840; e bíblias em alemão trazidas por famílias vindas da Europa antes do nazismo (Site do Jornal Correio do Povo/2010)<sup>58</sup>.

A comemoração, em 2010, do centenário da Sinagoga da União Israelita foi um evento festejado pelos judeus que frequentam essa sinagoga. A data para o evento do aniversário da sinagoga estendeu-se entre o período do Ano-Novo judaico e o Dia do Perdão, quer dizer do dia 5 de outubro de 2010 e seguiu até 2011. As festividades foram realizadas na sede da União Israelita com a presença de autoridades políticas e da comunidade judaica no Estado. Também houve uma homenagem na Assembleia, cuja solenidade foi proposta pelo deputado Adão Villaverde. Além da presença do presidente da Federação Israelita, Henry Chmelnitsky, estiveram nesta solenidade os membros da comunidade judaica do Rio Grande do Sul (Site do Jornal Correio do Povo/2010)<sup>59</sup>.

Os judeus realizam eventos importantes que se repetem todos os anos, nas diferentes comunidades judaicas do mundo. O exemplo disso remete ao ato político reconhecido como *Iom HaShoá* ou "Dia do Holocausto", que marca o dia 27 de abril como a data oficial da lembrança da perseguição e extermínio de 6 milhões de judeus. O ato de reflexão sobre o Holocausto está baseado no calendário judaico para recordar o levante do Gueto de Varsóvia em 19 de abril de 1943. Há um monumento que foi erigido no Cemitério da União Israelita pela Sociedade Maurício Cardoso em homenagem a esse dia (Figura 40).

---

<sup>58</sup> 16 de Setembro.

<sup>59</sup> 16 de Setembro.

Figura 40: Monumento no Cemitério da União Israelita



Fonte: EIZIRIK, Moysés (1984, p. 60)

Em Porto Alegre, a Federação Israelita do Rio Grande do Sul e outras entidades judaicas promoveram o Ato em Memória do Holocausto e da Bravura no Memorial do Holocausto, no Cemitério União Israelita Porto-Alegrense. O principal motivo do evento, segundo o presidente da Federação, Mário Cardoni, é mostrar para os jovens a dimensão desse momento “Há 75 anos iniciou uma das maiores tragédias da humanidade. É uma obrigação moral e de justiça lembrar essa data para que os estudantes entendam o que ocorreu” (Site do Jornal Correio do Povo/2004)<sup>60</sup>. (Figuras 41-42).

Figura 41: Acendimento velas no Memorial do Holocausto



Fonte: Site do Jornal Correio do Povo, 2012

Figura 42: Ato em Memória do Holocausto e da Bravura



Fonte: Site Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2014

<sup>60</sup> 20 de Abril.

Nesse ato de reflexão estiveram presentes na celebração os alunos do Colégio Israelita Brasileiro. O *Iom HaShoá* tem como objetivo educar as futuras gerações para que os horrores do genocídio jamais se repitam e condenar todas as manifestações de intolerância ou violência baseadas em origem étnica ou religiosa. (Site do Jornal Correio do Povo/2012)<sup>61</sup>. (Figura 43).

Figura 43: Encontro de gerações na Solenidade Iom HaShoá



Fonte: Site Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2014

O Rabino argentino Ari Oliszewski, atual representante da União, teve como sua última experiência, antes de vir para o estado gaúcho, a comunidade da Bahia. Ele comenta que ela era pequena, ou seja, em torno de 600 judeus quando comparado com a comunidade gaúcha. Nesse novo espaço, ele sente esse incentivo e o desafio de poder viver em uma comunidade maior e, principalmente, a possibilidade de poder trabalhar em diferentes áreas do judaísmo. Para Oliszewski (2013, p. 1) “a comunidade gaúcha tem todas as áreas que podem desabrochar, ou seja, no colégio israelita, no lar dos velhos, nas sinagogas, nos clubes, tanto no hebraica como no campestre, tu podes trabalhar com eles”.

Em 2013, o rabino Oliszewski<sup>62</sup> concedeu uma entrevista à Hebraica News na qual ele relata sobre os principais projetos da União. O grande lema é poder vivenciar e brindar para a comunidade um espaço para desfrutar o judaísmo. Nesse sentido, vê-se que a instituição propicia uma série de atividades religiosas, culturais e educacionais para ambos os sexos e idades

---

<sup>61</sup> Mês de abril de 2012.

<sup>62</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 16 de Março de 2013.

A União Israelita hoje está crescendo, estamos reestruturando, estamos construindo uma comunidade viva que tenha atividades, obviamente nossas rezas, que tenha espaço para que toda família possa participar. O que vem agora, próximo é o *Pessach* e vamos fazer o *Seder de Pessach* comunitário. A família se reúne na primeira noite sozinha e na segunda noite damos a possibilidade que seja comunitária. Esta é uma das *mitzvá* mais linda que temos, porque a família se reúne ao redor da mesa e se canta, se discute, se contam histórias e as crianças curtem muito. Nós estamos iniciando os nossos cursos como o da introdução ao judaísmo. Temos um grupo de mulheres e homens empresários para poder estudar diferentes temáticas. Também temos o nosso curso *Bar mitzvá e Bat mitzvá*, o *Cabalat Shabat* e todas as festividades.

Um projeto que se destaca é o Projeto União Israelita na praia, quando o rabino ao descobrir que, no verão de Porto Alegre, a cidade esvaziava e as pessoas migravam para as praias como Capão, Atlântida e Xangrila decidiu-se transladar a sinagoga e trabalhar com os judeus que estavam lá. Mas a proposta era fazer um judaísmo diferente, um judaísmo atrativo e divertido. (Anexo C). A seguir Oliszewski (2013, p. 1) descreve como foi essa experiência e quais foram as atividades desenvolvidas para transmitir o judaísmo

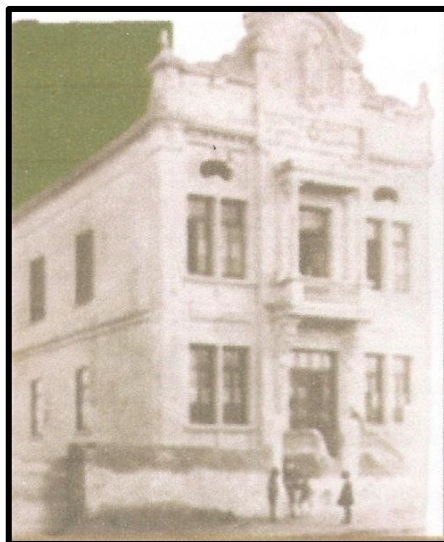
Porque fazíamos toda sexta-feira o *Kabalat Shabat* em casas de família, tínhamos que ir de bermuda. Um *Shabat* divertido onde batíamos palma, dançávamos e fazíamos perguntas. Atingimos pelo menos umas 500 pessoas que ficaram curtindo as atividades judaicas de uma forma diferente. O primeiro torneio internacional de castelos de areia. Na praia, as crianças se reuniram para fazer os castelos. Mas não era fazer os castelos que estamos acostumados a ver e, sim, era fazer os símbolos judaicos. Você via lá: bandeiras de Israel, *Menorá*, *Chanuká*, *Maguen David*, Muro de lamentações, na praia. Essas crianças que chegaram a brincar e ganharam medalhas e troféus neste domingo sentiram que eram judeus e vivenciaram os símbolos judaicos. E estava todo mundo curtindo. Nossa intenção foi transmitir o judaísmo de forma diferente.

Uma proposta da União que se enquadra como um evento social é a realização de palestras e eventos. Esses encontros visam a satisfazer e enriquecer seus associados, no que se refere a diversos temas judaicos que são debatidos pelos envolvidos.

#### **4.3.2 A Instituição Religiosa: Centro Israelita Porto-Alegrense**

Em 1917, foram lançadas as bases de outra Instituição Religiosa que possuía os mesmos objetivos da “União”, ou seja, cuidar das necessidades religiosas dos judeus. Back (1957, p. 326) registra sobre o seu surgimento e sua mudança de nome “Em 12 de setembro de 1917 fundou-se a Associação Religião e Misericórdia que passou a chamar-se, a partir de maio de 1931, Centro Israelita Porto-Alegrense” (Figura 44).

Figura 44: Primeira sede do Centro Israelita Porto-Alegrense



Fonte: Boletim informativo, ICJMC, Julho de 2011, p. 2

Segundo o boletim informativo do ICJMC de 2011, essa entidade é caracterizada por congregar judeus de todas as idades e das mais diversas origens. Os primeiros estatutos da Instituição previam o acolhimento de qualquer judeu, independente de sua nacionalidade (Site Institucional do ICJMC/2011)<sup>63</sup>. (Figura 45).

---

<sup>63</sup> (Boletim informativo, Julho de 2011, p. 2).

Figura 45: Confraternização no Centro Israelita Porto-Alegrense (1935)



Fonte: Site da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2013

Essa sociedade<sup>64</sup> emergiu devido às rivalidades dentro da comunidade, que iam desde a esfera econômica, política e social. As rivalidades formaram dois grupos, na qual Falbel (2008, p. 720) pontua suas origens

Os porta-vozes do primeiro grupo constavam dos antigos moradores, gente abastada e brasileira, que encaravam as coisas da religião, sob ponto de vista formal, ou, na melhor das hipóteses, tradicional, não zelando pela observância do ritual a risco. Os dirigentes do segundo grupo, os fundadores do Centro, constavam de gente piedosa, recém-vinda das colônias agrícolas, para quem a religião significava observar rigorosamente os preceitos do “Schulchon Aruch”. Estes começaram a criticar a ordem das coisas, procurando obter voz ativa. [...] que chegou a ponto de o “Centro” fundar um cemitério separado.

Durante o período de instabilidade no novo espaço, esse grupo decidiu alugar um local para realizar o cerimonial religioso. E, depois de alguns anos, avolumaram proventos e decidiram construir sua sede própria. Back (1957, p. 326) expõe como foi realizado esse processo

Durante alguns anos, a sinagoga e a sede social deste centro se achavam em casa alugada. Porém, desde 1924, possui a sociedade um belo edifício próprio, à rua Henrique Dias, nº 73, onde funcionava a sua sinagoga, a sua sede social e a sua biblioteca.

A memória dos indivíduos funciona como um elemento fortalecedor da identidade cultural. Nesse sentido, a recordação da sinagoga é algo relevante ao

---

<sup>64</sup> Falbel (2008, p. 720) lista quais foram os membros que fundaram a nova instituição judaica “Naum Guinsberg, Naum-Leizer Gulke, Pinie Kelbert, José Kotik, Nathan Kotik, Israel Starosta, Leib Bonder, Samuel Spiguel, sob a chefia espiritual de Ezequiel Becker, exímio talmudista e conhecedor dos trabalhos da religião”.

retroceder a vivência no bairro. Eizirik (1984, p. 43) disponibiliza o significado da sinagoga e contempla como foi a inauguração, em 1924, da sede própria

Tudo o que consigo recordar da mais remota infância, no que se refere à religião judaica, está ligado com o Shil (sinagoga) do Centro Israelita, sito à rua Henrique Dias, nº 73. minha família morava na mesma rua, um pouco adiante. Recordo o dia da inauguração, que foi em 1924. Foi uma festa grandiosa com discursos, comes e bebes, além de cantorias a cargo dos alunos do Colégio Israelita.

Uma característica da comunidade judaica é que, frequentemente, os seus membros residiam nas proximidades das sinagogas. Eizirik (1984, p. 45) diz que habitar nos seus arredores facilitava a efetivação dos cultos judaicos que eram realizados constantemente “Morar quase defronte ao *shil* era estar sempre ao alcance, seja para completar o *minian*, ou em certas ocasiões batiam em casa à meia-noite: *Mordche Kim bentchen di levone*”.

No início de sua existência, as sinagogas abrangiam funções diversas incluindo a religião, a educação de crianças e jovens, a beneficência e a proteção econômica dos necessitados. Eizirik (1984, p. 43) comenta como era realizada a divisão espacial para desempenhar suas tarefas

Na parte dianteira do térreo havia uma pequena Sinagoga, para as orações diárias, e da metade para trás, diversas salas, destinadas para os alunos do *Idische Shule* (Colégio Israelita). Na parte superior havia um grande salão, para ser utilizado nos *lamim Tovim* (dias festivos) e nas grandes festas de *Rosh Hashaná* e o *Iom Kipur*. Neste salão realizavam casamentos, bailes e era o local para apresentação de peças do teatro *Idish*.

A ampliação do Centro Israelita Porto-Alegrense repercutiu e possibilitou, através da construção de uma maior e melhor infraestrutura, o surgimento de diversas associações. Nesse caso, essas sociedades tinham como meta atuarem para a comunidade judaica, tanto na esfera educacional como na cultural e econômica. Tais informações foram retiradas do registro no livro de Atas, conforme Eizirik (1984, p. 51) “Na sua sede instalaram-se inúmeras sociedades (Colégio Israelita Brasileiro, Círculo Social Israelita, *Chevra Kadisha*, Liga Cultural Israelita e o Banco de Empréstimo Mútuo e Proteção)”.

Na sede do Centro Israelita, por exemplo, durante muitos anos, foram realizadas inúmeras atividades de importância para a comunidade, inclusive as que



contribuíram para a efetivação do atual Colégio Israelita Brasileiro<sup>65</sup>. O reconhecimento do Centro Israelita Porto-Alegrense deve-se, em grande parte, pela atitude de prosseguir com o projeto de desenvolvimento de um Colégio Israelita na capital gaúcha, que já havia se iniciado na Sinagoga União Israelita. Cohen (1980, p. 87) confirma que “O Centro Israelita foi centro cultural que patrocinou a evolução do Colégio Israelita Brasileiro, em Porto Alegre”.

O ano de 1932<sup>66</sup> foi significativo para a vida israelita de Porto Alegre, pois surge a “Liga Cultural Judaica”. Uma característica dessa entidade é que ela reunia os judeus em prol de divulgar a cultura israelita. Isso só era possível porque os mesmos não levavam em conta as suas rivalidades políticas e ideológicas. As atividades que a Liga realizava eram variadas e intensas como: conferências de temas literários e espetáculos teatrais. O grande intuito era elevar o nível cultural do “Ishuv” (FALBEL, 2008).

A rede de pessoas envolvidas para a efetivação do projeto da Liga Cultural Judaica era rica. Os encarregados pelo trabalho dividiam suas tarefas, sendo que alguns tinham cargo de diretoria e outros eram colaboradores<sup>67</sup> (Figura 46).

Figura 46: Liga Cultural Israelita (1935)/Centro Israelita Porto-Alegrense



Fonte: Site da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2013

<sup>65</sup> Esse assunto será retratado no item 5.2 Categoria Educação: o Colégio Israelita Brasileiro.

<sup>66</sup> Falbel (2008, p. 724) discorre que a iniciativa para a criação da Liga Cultural Judaica foi de “Samuel Speiski, com a participação de Isidoro Frantsuski, Max Lacher, Moíses Milgrom, David Scherman, Moíses Gutman, Henrique Scliar, Isaac Scliar, Manoel Scliar, Jacob Guevertz e Marcos Jacobovitch”.

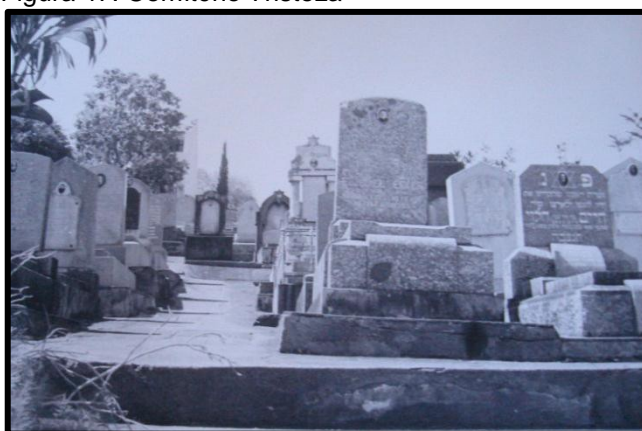
<sup>67</sup> A foto representa a Diretoria e colaboradores, por volta de 1935: Pinchas Soroca, Henrique Goldman, Don Laistner, Isaac Siminovich, Zimmerman, Isidoro Frantsuski, Henrique Finkel, Aron Keniger, Bernardo Tchernin, Abrão Goldstein, Smil Cuperstein, José Platchek, Rubin Galansky (Site FIRGS, 2013).

A fundação de uma biblioteca foi outro empreendimento realizado para que a comunidade pudesse usufruir e ampliar seus conhecimentos. Desse modo surgiu a primeira biblioteca judaica “Biblioteca Mendele Mocher Sforim” que incluiu o seu patrimônio cultural na Liga. Outro passo para diversificar as atividades culturais foi a criação de um grupo de teatro. A proposta foi encabeçada por um grupo de jovens e culminou na apresentação de diversos espetáculos para a comunidade (FALBEL, 2008).

#### 4.3.2.1 Os Cemitérios do Centro Israelita Porto-Alegrense e atuação Sociedade Beneficente e Funerária *Chevra Kadisha*

Um dos fundadores do Centro Israelita comenta que a primeira preocupação foi construir um cemitério próprio. Krasne (1962 apud EIZIRIK, 1984, p. 50) relata como foi a atuação para aquisição do cemitério judaico que ficou conhecido como Tristeza “Agindo com muito “sigilo” e com o auxílio do advogado [...] conseguiram a licença para a instalação do cemitério localizado no Bairro Tristeza”. Uma informação interessante disposta no Boletim Informativo diz respeito à ajuda do advogado Dr. Vieira Pires que conseguiu a licença para a instalação do cemitério no bairro Tristeza (Site Institucional do ICJMC/2011)<sup>68</sup>.(Figura 47).

Figura 47: Cemitério Tristeza



Endereço: Rua Liberal, nº 19, Bairro Tristeza/POA  
Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2010

<sup>68</sup> (Boletim informativo, Julho de 2011, p. 2).

Em 17 de setembro de 1932, surgiu a Sociedade Beneficente e Funerária *Chevra Kadisha*<sup>69</sup> na capital gaúcha. E o seu estatuto foi registrado em Cartório Civil de Pessoas Jurídicas, Livro A1, Folha 142, nº 286, em 19 de março de 1937<sup>70</sup>. Segundo o boletim informativo do ICJMC, a criação da Associação ocorreu na sinagoga do Centro Israelita Porto-Alegrense, à rua Henrique Dias, número 73, que lhe cedeu uma sala para o exercício de suas atividades, permanecendo nesse endereço até os dias de hoje (Site Institucional do ICJMC/2013)<sup>71</sup>.

As finalidades da *Chevra Kadisha*, segundo os estatutos, seriam as de manter um cemitério, um carro fúnebre e realizar os enterros da coletividade. Como em Porto Alegre os cemitérios são propriedades das sinagogas do Centro Israelita e da União Israelita, ela desenvolve suas atividades em parceria com essas Instituições Religiosas. Quando ocorre a morte de um membro da comunidade, seus familiares contatam a sinagoga a qual ele pertencia para providenciar o lugar do túmulo no cemitério. Os rituais<sup>72</sup> de purificação do corpo são feitos por judeus da comunidade, tanto homens como mulheres, realizados nas câmaras mortuárias dos respectivos cemitérios (Site Institucional do ICJMC/2013)<sup>73</sup>.

Essa organização de caráter religioso serviu para dar apoio à comunidade judaica nos momentos dolorosos da morte. Brumer (2004, p. 125) aponta qual era a incumbência dessa sociedade “O objetivo principal é cuidar do ritual religioso judaico relativo às pompas fúnebres. Este ritual envolve entre outras coisas a lavagem e a vestimenta dos corpos”.

---

<sup>69</sup> *Chevra Kadisha*, em hebraico e aramaico, significa sociedade sagrada, mas ela também é referida como sociedade santa ou ainda fraternidade sagrada. É uma associação voltada não apenas à preparação e ao enterro dos mortos, mas também, originariamente, a dar conforto aos doentes e consolar os aflitos (Boletim informativo, Outubro de 2013, p. 3).

<sup>70</sup> O seu estatuto consta de nove capítulos, respectivamente: Dos Fins (três artigos); Dos Fundos da Sociedade (dois artigos); Dos Direitos e dos Deveres dos Sócios (10 artigos); Das Assembleias (7 artigos); Das Votações (1 artigo); Da Diretoria (8 artigos); Dos Diretores (13 artigos); Da Extinção da Sociedade (2 artigos); Dos Estatutos (2 artigos), além do item Disposições Gerais (Boletim informativo, Outubro de 2013, p. 3).

<sup>71</sup> (Boletim informativo, Outubro de 2013, p. 3).

<sup>72</sup> Já consta na Bíblia a descrição de rituais fúnebres praticados pelos judeus. Ao longo dos séculos os ritos mortuários vêm sofrendo mudanças sejam pelas diferentes linhas ideológicas judaicas-ortodoxa, liberal, conservadora, etc, seja pelas diferenças das áreas geográficas ou épocas históricas das comunidades judaicas. Tempo e espaço são as duas variáveis das diferenças dos ritos fúnebres judaicos, desde a preparação do morto até o seu sepultamento. (Boletim informativo, Outubro de 2013, p. 3)

<sup>73</sup> (Boletim informativo, Outubro de 2013, p. 3).

Segundo Eizirik (1984, p. 67), essa Sociedade encarrega-se de dar assistência após a morte, de acordo com todo o ritual do enterro, como confecção de “*tachrichim* (roupa branca para os mortos), *talleissim* (manto sagrado). [...] e para as pessoas sem recursos, é feito o enterro e fornecido tudo gratuitamente”.

Essa sociedade, além da tarefa de preparar o morto e conduzir o cerimonial do enterro, também administrava o cemitério. Back (1957, p. 328) informa que, no prédio, essa organização, inicialmente, possibilitava a realização de múltiplas atividades

Esta sociedade de caráter religioso, mantém em prédio próprio, na Rua Fernandes Vieira nº 518, um açougue, onde se vendia carne *Kasher*, isto é, carne de gado abatido segundo a lei mosaica. Possuía um carro fúnebre para o enterro de judeus. Há dois anos, montou um forno onde fazia pão ázimo *Matsot* para as festas de páscoa judaica.

Dando continuidade aos benefícios e serviços oferecidos pela Sinagoga, criou-se o Açougue *kasher*. Nessa época, Porto Alegre tinha um grande problema quanto à alimentação *Kasher*, pois não existia na cidade nenhum açougue que pudesse fornecer à comunidade carne com carimbo *Kasher*. Em junho de 1918, contratou-se o Sr. Afonso Kassov para trabalhar em um local onde seria o açougue e que seria mantido pela Instituição (KOLEINU, 1997).

No livro de atas do Centro Israelita consta que em 1917, no ano da fundação, foi instalado um açougue com carne *Kasher*. Isso demonstra a preocupação dos primeiros integrantes da coletividade judaica no cumprimento do ritual religioso e dos seus cuidados alimentares. Eizirik (1984, p. 66) relata que “foi contratado o Sr. Isak Saitovitch, como *Shoichet* [...] e na década de 1950 foi montada uma fábrica de *matzes* (pão ázimo) para o *Pessach* (Páscoa Judaica)”.

Esse cemitério, segundo Back (1957, p. 326), foi instalado e assim consta “Em 1917 um cemitério no arrabalde da Tristeza e outro na Azenha em 1949”. Nota-se que ele cita outro além do Cemitério da Tristeza. Esse foi um projeto da mesma Instituição Religiosa que construiu o anterior. Eizirik (1984, p. 52) comenta que essa foi uma atitude de emergência que teve de ser tomada pelo Centro Israelita “[...] foi adquirido terreno na rua Vicente da Fontoura, onde foi instalado o Cemitério, tendo em vista que o da Tristeza, já estava praticamente lotado”. A imagem do cemitério encontra-se disposto (Figura 48).

Figura 48: Cemitério do Centro Israelita Porto-Alegrense



Endereço: Rua Guilherme Schell, nº 315, Bairro Santo Antônio/POA  
Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2010

Novamente Eizirik (1984, p. 52) resgata como foi a cerimônia de bênção do Cemitério do Centro Israelita Porto-Alegrense

No dia 12 de junho de 1949 realiza-se a cerimônia religiosa de Bênção do Cemitério, pelos membros da Diretoria e os doutos da Comunidade. Carregando os *Sefer-Torá*<sup>74</sup> fazem *Hacafot*, isto é sete voltas ao redor do campo santo, com orações alusivas, de acordo com o ritual judaico.

Durante longo tempo os velórios de judeus aconteciam nas residências dos falecidos ou em capelas de Hospitais da cidade, apenas o ritual da purificação ocorria nas câmaras mortuárias dos cemitérios. Atualmente, os dois cemitérios contam com capelas próprias (Site Institucional do ICJMC/2013)<sup>75</sup>.

Ainda hoje<sup>76</sup>, a *Chevra Kadisha* participa na comunidade de várias formas: ela providencia o enterro de pessoas com dificuldades econômicas, distribui *matze* a famílias carentes da comunidade por ocasião do *Pessach* e eventualmente doa recursos para as comemorações alusivas à Páscoa judaica. A *Chevra Kadisha*

<sup>74</sup> Para Unterman (1992, p. 234) em hebraico “Rolo da Torá” significa “O rolo que contém o texto hebraico do Pentateuco. Um *Sefer Torá* tem de ser manuscrito por um escriba em pergaminho feito de pele de animal *Kosher*, usando tinta especial e uma pluma, e de acordo com as regras ortográficas da Massorá. O escriba deve ser um judeu adulto do sexo masculino. O rolo é guardado na arca sagrada da sinagoga, em geral coberto com um manto decorativo, um peitoral de prata e uma coroa de guisos no topo”.

<sup>75</sup> (Boletim informativo, Outubro de 2013, p. 3).

<sup>76</sup> Uma empresa que prestou e, ainda, presta serviços fúnebres à comunidade judaica é a Funerária Pio XII, que em 2011 completou 50 anos de Bom Fim. No perfil empresarial de um jornal de bairro é exposto o estabelecimento de raízes com a comunidade do Bom Fim e em especial junto com a comunidade israelita. Os proprietários da PIO XII estabeleceram um elo de confiança e respeito ao momento difícil das famílias que perderam um ente querido (Site do Jornal Fala Bom Fim, Agosto/2011, p. 3).

mantém-se através da colaboração de seus associados. E uma responsabilidade da *Chevra Kadisha*, que já se extinguiu, foi a supervisão da qualidade da carne *kasher* (Site Institucional do ICJMC/2013)<sup>77</sup>.

Em entrevista, o Presidente do Centro Israelita David Jovegelevicius<sup>78</sup> informa sobre o plano atual de expansão do cemitério do Centro Israelita e, no futuro, a compra de outro terreno para este destino

Como é uma área que não se pode mais, pela legislação atual do município, adquirir áreas ao redor para expandir, então, nós temos que aproveitar áreas que já temos. E como nós temos lá a parte topográfica com vários declives, nós estamos com um projeto para fazer melhorias daqueles declives que têm e fazer alguns aterros e tentar ampliar um pouco mais do cemitério por mais uns 4 ou cinco anos. Mas, futuramente já estamos pensando em adquirir outra área e daí vai ter que ser uma área longe do centro, longe do Bom Fim, de onde estamos acostumados, fora do município de Porto Alegre para um cemitério futuro, nós não vamos poder escapar disso.

Representando a comunidade judaica, o presidente da Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA), Sérgio Caraver, e o professor e líder religioso Gershon Kwasniewski estiveram reunidos com o prefeito José Fortunati na tarde do dia 23 de janeiro de 2012. A pauta do encontro foi a necessidade de criação de um novo cemitério judeu na Capital. Porto Alegre, terceira cidade com maior população israelita do país, possui três cemitérios judeus. Os valores religiosos da comunidade indicam que o sepultamento deve ser feito na terra. Existe a previsão de que as áreas designadas atualmente serão esgotadas em, no máximo, dez anos. Fortunati encaminhou uma nova reunião com o secretário municipal do Meio Ambiente, Luiz Fernando Zachia, para que seja verificada a possibilidade de um novo espaço dentro de Porto Alegre. “Temos que buscar uma solução que contemple os valores da comunidade judaica e a legislação ambiental”, afirmou o prefeito (Site do Jornal Fala Bom Fim/2012)<sup>79</sup>.

---

<sup>77</sup> (Boletim informativo, Outubro de 2013, p. 3).

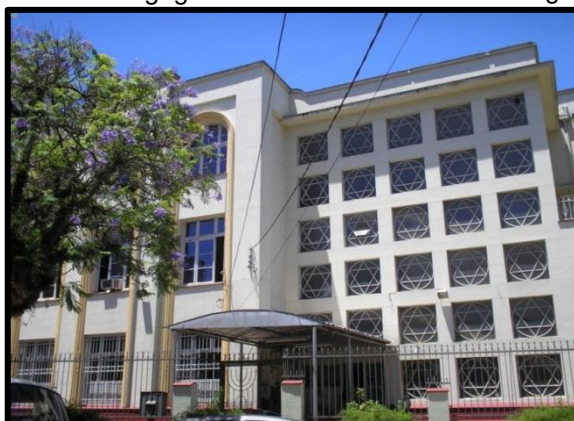
<sup>78</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 23 de Março de 2013.

<sup>79</sup> Fevereiro de 2012, p. 6.

#### 4.3.2.2 A construção da sinagoga e a situação do Centro Israelita no final do século XX

Com o passar dos anos, houve um crescimento da coletividade que, conseqüentemente, acarretou ampliações no quadro social e com isso a sinagoga e suas dependências ficaram incompatíveis para suportar tal aumento populacional. Então, a Diretoria, sob a presidência de Israel Starosta, tomou a iniciativa de realizar o empreendimento de construir a nova sede no mesmo local. (Figura 49). Eizirik (1984, p. 52) faz referência de como foi o processo desde a iniciativa até a consagração da nova estrutura sinagoga “No dia 4 de junho de 1950 realiza-se a cerimônia do lançamento da pedra fundamental. [...] no dia 23 de setembro de 1951, foi inaugurada a nova e imponente sede”.

Figura 49: Sinagoga do Centro Israelita Porto-Alegrense



Endereço: Rua Henrique Dias, nº 73, bairro Bom Fim, POA  
Fonte: Trabalho de Campo, 2009

Em dezembro de 1991, o Centro Israelita Porto-Alegrense começou a publicar um boletim, intitulado *Koleinu*. Neste cenário, da década de 1990, o líder religioso Yehuda Gitelman posiciona-se e indica o que é essencial para manter viva a chama do judaísmo e de sua identidade. Halpern (1999, p. 125) discorre sobre as reflexões do orientador religioso do Centro Israelita

Participar de uma vivência sabática, discutir nossa identidade, ler em grupos fontes judaicas, compartilhar da alegria do *Bar Mizvá* de um filho, enfrentar, quando necessário, a dor por um ente querido, planejar a *Chupá*, são alguns momentos instantâneos de nossa comunidade que quer abrir suas portas, perceber-te, ajudar-te e manter o fogo sagrado de nosso povo.

O autor Halpern (1999, p. 126) destaca outro ponto enfatizado por esse líder, ou seja, em relação aos problemas enfrentados pela comunidade judaica na década de 1990. No periódico Koleinu (96, p. 7), ele deixa explícita sua posição da função da escola e do lar judaico “não recai sobre a escola judaica a função de transformar nossas crianças em bons judeus; o encarregado de fazer judeus é o lar”.

#### 4.3.2.3 A Instituição Religiosa do Centro Israelita no início do século XXI

Os objetivos atuais dessa instituição visam a integrar a comunidade judaica de Porto Alegre, atendendo-a em vários aspectos, tornando a sinagoga um centro comunitário. Além de um ambiente no qual se pode colocar a religião em prática para rezar, o Centro Israelita é também um ambiente que propicia a discussão de textos de grandes pensadores, de estudo, canto e de vivência da cultura judaica de diversas formas (Site Institucional do Centro Israelita/2014).

Atualmente, o rabino Rabino Pablo é o líder religioso responsável pelo Centro Israelita. Ele chegou a Porto Alegre em 2010, antes havia trabalhado em Assunção (Paraguai), mas sua origem é Argentina. A sua linha do judaísmo é a Masorti. Com relação a sua trajetória profissional, ele formou-se no Seminário Rabínico Latino Americano e morou um ano em Israel para estudar<sup>80</sup>.

Uma celebração que a comunidade judaica comemora, todos os anos, é o Dia do Perdão (Iom Kipur), reconhecido como um dia espiritual muito importante do calendário judaico. O prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, e representantes da

---

<sup>80</sup> O Rabino Pablo Javier Iugt, nascido em Buenos Aires – Argentina é advogado formado pela Universidade de Buenos Aires e casado com Karina Rabinovich com quem tem dois filhos, Iair e Uriel. Em 1994, formou-se Chazan pelo Instituto Bet Asaf do seminário Rabínico Latino-americano de Buenos Aires e em setembro de 2000 formou-se Rabino pelo Instituto Abraham Joschua Heschel do Seminário Rabínico Latino-americano de Buenos Aires, tendo cursado o último ano de estudos no Machon Schechter for Jewish Studies em Jerusalem. Neste mesmo ano, ingressou como Rabino da Comunidade Israelita de Valparaíso e Reitor do Colégio Hebreo Dr. Jaim Weitzman na cidade de Viña del Mar, Chile. Em 2007 ingressou como Rabino da Comunidade Judía do Paraguai na cidade de Assunção. Em janeiro de 2010 ingressou no Centro Israelita Porto Alegrense na cidade de Porto Alegre, Brasil (Site Institucional Centro Israelita/2014).



Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS) participaram da cerimônia que ocorreu na sinagoga do Centro Israelita (Site do Jornal Correio do Povo/2010)<sup>81</sup>.

Para a comunidade judaica, esse é o momento de retirar-se do mundo material, de interesses e compromissos e dedicar-se somente às necessidades da alma e do espírito. No calendário judaico, o dia sagrado representa ainda a reconciliação e o ato de perdoar o seu semelhante por algo de errado cometido (Site do Jornal Correio do Povo/2012)<sup>82</sup>.

O Centro Israelita está fazendo parte de um grupo que é reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como pela Global Network Religions for Childrens (GNRC). O Dia Mundial de Oração e Ação pela Criança (20 de novembro) foi instituído durante o III Fórum da Rede Global de Religiões para a Infância (GNRC), realizado em Hiroshima, em maio de 2008. Essa é uma das organizações inter-religiosas mais importantes do mundo. O grupo de Religiões unidas pelas crianças funciona em Porto Alegre há 3 anos e o Centro Israelita Porto-Alegrense é a entidade que representa a comunidade judaica no Rio Grande do Sul (Site da Hebraica News/2012)<sup>83</sup>. (Figuras 50-51).

Figura 50: Visão geral do Dia Mundial de Oração e Ação pela Criança



Figura 51: Encontro das lideranças no Dia Mundial de Oração e Ação pela Criança



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2014

Na celebração, em 2013, esteve presente o novo Arcebispo de Porto Alegre, Dom Jaime Spengler, o Vereador Valter Nagelstein, o Presidente do Sinepe RS, representantes da Federação Espírita, da Pastoral da Criança, representantes do

<sup>81</sup> 18 de setembro de 2010.

<sup>82</sup> 25 de setembro de 2012.

<sup>83</sup> 13 de Dezembro de 2012.

Colégio ACM e do Colégio Santa Inês. O Rabino Pablo Iugt dirigiu umas breves palavras às crianças presentes e rezou junto a Dom Jaime Spengler, Arcebispo de Porto Alegre, mostrando que a oração e a ação devem ir juntas, na mesma direção. As alunas do Coral do Colégio Israelita Brasileiro estiveram presentes e cantaram 4 canções em hebraico (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013).

O líder David Jovegelevicius<sup>84</sup> afirma que as atividades do Centro Israelita há dois anos estão sendo reformuladas e o principal foco é a educação e a continuidade do judaísmo. De acordo com suas palavras “Nós queremos passar para nossos filhos e nossos netos que vão vir aí, queremos passar todo o judaísmo e a continuação das tradições”. A seguir podem-se conhecer quais são os programas e atividades direcionados aos seus associados

Hoje nós temos programas como *Bar Mitzvá* e *Bat Mitzvá* que são coordenados pelo professor Ilto e pelo Rabino Pablo. Temos atividades com os jovens todos os dias. Por exemplo, hoje, quinta-feira, estamos tendo palestra na sinagoga e estamos falando sobre o *Pessach*, que é a festa que se aproxima, temos em torno de 20 jovens lá. Um programa para jovens também muito importante é depois que eles completam o *Bar Mitzvá* e *Bat Mitzvá*, geralmente eles estudam e participam durante dois anos e depois se afastam. Então, nós estamos trazendo esses jovens através de um encontro na sinagoga.

Uma atividade cultural que é realizada nessa instituição é *Seder de Pessach* Comunitário. De acordo com Jovegelevicius, já é tradição do Centro Israelita comemorar o segundo dia do *Pessach*, no ano passado tiveram mais de 150 pessoas. E neste ano foi realizado o *Pessach* com parceria da Hebraica e junto com Na<sup>o</sup>amat. A vantagem desse *Pessach* é que ele foi comunitário, onde cada família trouxe um prato, o Centro ofereceu um vinho e um *matze*. As famílias reuniram-se e todos se sentaram ao redor da mesa (Anexo D).

Outra novidade do Centro Israelita é o Espaço Gourmet, onde o Chef Igal Vischnevetzki costuma fazer o prato típico judaico conhecido como o *Falafe*<sup>85</sup>. Ele mora em Porto Alegre desde 1999 e é dono do Restaurante Midbar, um lugar da

---

<sup>84</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, 23 de Março de 2013.

<sup>85</sup> Os ingredientes do Falavel são: 250 g de grão-de-bico; 1 cebola grande picada; 3/4 xícara (chá) de salsinha picada; 3 dentes de alho amassados; 1/2 colher (chá) de coentro em pó; 2 colheres (sopa) de cebolinha verde picada; 2 colheres (chá) de cominho em pó; 1 1/2 colher (chá) de pimenta; 1 colher (chá) de sal (Site Institucional do Centro Israelita/2014).

cidade onde se encontra a culinária judaica mesclada com a culinária do Oriente Médio (Figura 52).

Figura 52: Chef Igal Vischnevetzki



Fonte: Site Institucional do Centro Israelita/2014

Os projetos ligados à educação são uma grande preocupação que a instituição visa a desenvolver, sendo que os encontros ocorrem na sinagoga, semanalmente, com duração aproximada de uma hora, tendo como responsáveis os *Moré/Morá* e também o rabino Pablo (Figura 53). O público que se pretende enfatizar nos projetos, quase majoritariamente, é para os jovens que frequentam essa instituição. Os projetos são direcionados a temáticas culturais e religiosas (Figura 54).

Figura 53: Aula de preparação do Bat Mitzvá e Bar Mitzvá (Letamid)



Fonte: Site Institucional do Centro Israelita/2014

Figura 54 : Quadro dos projetos do Centro Israelita: características e objetivos

Projetos do Centro Israelita	Características e objetivos dos Projetos
Afoch Ba	Por meio de textos, leituras, vídeos e filmes, buscamos <b>despertar e aprofundar temas judaicos importantes</b> . O tema vai além das festividades, senão também para os aspectos que fazem parte da nossa <b>ética</b> , da nossa <b>história</b> , e da nossa <b>essência</b> .
Aprenda Hebraico Conosco	Este programa está destinado tanto para todos aqueles que nunca <b>aprenderam hebraico</b> , como bem para aqueles que sabiam e esqueceram ou bem que sabem e desejam <b>aperfeiçoar a nossa língua milenária</b> .
Aulas de Hebraico	O objetivo é <b>oferecer aulas de hebraico para os jovens</b> da comunidade de Porto Alegre. Os jovens de POA, chegam em Israel para os diferentes programas (Shnat, Taglit, Marcha da Vida...).
Bekef	O objetivo do Bekef é <b>reunir estes jovens para ficar num ambiente judaico</b> , e discutir sobre judaísmo e sionismo.
Curso de Conversão	Através de encontros semanais com o rabino Pablo Iugt os participantes vão <b>adquirindo conhecimento</b> sobre o nosso <b>ciclo de vida</b> , o nosso ciclo de <b>festividades</b> , as nossas <b>fontes</b> , e todo o <b>substrato cultural</b> que lhes permite ter mais segurança na sua <b>nova opção de vida</b> . Além de terem que participar nas atividades da sinagoga e nos serviços religiosos, para assim começar a sua inserção na vida judaica.
Grupo de estudos para jovens	Este projeto <b>busca trazer para os jovens</b> textos importantes do judaísmo.
Letamid	Este projeto busca <b>a preparação de nossos alunos para o Bat-Bar Mitzvá</b> . Os alunos estudam em um ano conteúdos importantes sobre o judaísmo.
Preparação para Bar Mitzavá	<b>Seis meses antes da data marcada para cerimônia de Bat-Bar Mitzvá</b> , os alunos de Letamid possuem um encontro semanal. Estes encontros são individuais e cada jovem tem uma preparação especializada.
Shabat para crianças	Cada sexta-feira as <b>nossas crianças tem um espaço</b> para receberem o <i>Shabat</i> de uma forma lúdica e divertida.
Tikun Olam	O objetivo do projeto é <b>incentivar os participantes de 18 a 25 anos, a serem protagonistas no processo de tornar o mundo um lugar melhor</b> (Tikun Olam). Procuramos não ficar somente na fala e sim fazer a diferença a partir de montagem e execução de projetos sociais.

Fonte: Site Institucional do Centro Israelita/2014

### 4.3.3 A Instituição Religiosa: o Centro Hebraico Rio-Grandense

A terceira instituição religiosa a se concretizar na capital gaúcha foi a comunidade judaica *Sefaradi*, através da fundação do Centro Hebraico Rio-Grandense<sup>86</sup>. Eizirik (1984, p. 55) comenta sobre o surgimento e os países de onde emigraram os judeus “Em 8 de outubro de 1922, fundou-se essa entidade que foi criada para congregar os judeus *sefaraditas* oriundos da Turquia, Grécia, países da África do Norte e outros países”.

Os seus pioneiros foram: Sr. Magrisso, os membros da família Castiel (Alberto, David, Elias, Isaac e Moisés). O Sr. Elias Castiel trouxe o seu genitor, Sr. Abram Castiel, e ainda sua irmã Rosa, casada com o Sr. Isaquino Montecchio. Elias Castiel é reconhecido pela instituição como um dos fundadores do Centro Hebraico Rio-Grandense, década de 1920 (Site Institucional do Centro Hebraico/2014). (Figuras 55-56).

Figura 55: Fundador do Centro Hebraico



Fonte: Acervo Davi Castiel Menda/Site Institucional/2014

Figura 56: Família Menda



Fonte: Site Institucional do Centro Hebraico/2014

<sup>86</sup> Primeira Diretoria: Presidente: David Rassi; 2º. Presidente: Elias Canetti; 1º. Secretário: David Castiel; 2º. Secretário: Alberto Nigri; 1º. Tesoureiro: Moise Zouvi e 2º. Tesoureiro: Elias Castiel (Site Institucional do Centro Hebraico/2014).

Os *sefaradim* que aportaram no Rio Grande do Sul eram oriundos, principalmente, da Turquia, Grécia e Iugoslávia. Para Golandinski (1994, p. 124), eles vieram em decorrência “Das guerras que se sucediam na região, com o conseqüente desmembramento do Império Otomano”.

A procedência dos *sefaradim*<sup>87</sup> que vieram para o Rio Grande do Sul (cerca de 250 famílias) provinham em sua maior parte da Turquia, a eles juntou-se um pequeno grupo de judeus do Egito, vindos daquele país no final dos anos cinquenta, em consequência da Guerra do Suez, em 1956. Santos (2008, p. 80) salienta o período que houve a intensificação da imigração “De 1900 a 1920 ocurrió la inmigración de un gran contingente de sefardíes: turcos, griegos y algunas personas provenientes de países árabes”.

O objetivo do Centro Hebraico Rio-Grandense estava baseado em propiciar assistência religiosa e, também, tinha a intenção de efetivar a compra de um terreno para instalar outro cemitério judaico. Esse grupo cultural sefaradi usava como idioma o ladino e tinha uma origem comum, a Turquia (COHEN, 1980).

Esses se diferenciavam dos *asquenazim* por possuírem costumes próprios, resultantes da tradição hispânica e da convivência com o universo muçulmano. Brumer (2004, p. 121) disponibiliza o depoimento de um judeu da diretoria do Centro Hebraico Rio-Grandense, que revela as tradições e ritos da cultura *sefaradi* a qual possui algumas distinções do grupo *achquenazim*

A cultura *sefaradi* é bastante diferente da cultura ocidental, procurando enfatizar que os rituais religiosos dos judeus *sefaradim* adotam a pronúncia hebraica e não a do *ídiche*, como fazem os *asquenazim*, e os cânticos *sefaradim* são tipicamente orientais, com influência turca-árabe.

A cultura *sefaradi* valoriza os momentos significativos da trajetória humana, isto é, o ciclo vital é um ponto de referência importante. Santos (2008, p. 83) pontua que isso se manifesta principalmente nos seguintes momentos “En los rituales religiosos: nacimiento, circuncisión para los niños, entrada en la vida adulta (*Bar-Mitzvá* o *Bat-Mitzvá*: 13 años para los niños y 12 años para las niñas) casamiento y muerte”.

---

<sup>87</sup> Eizirik (1984, p. 53) aponta que “o Sr Salomão Levy, que veio a Porto Alegre em 1896, deve ter sido o primeiro ou um dos primeiros sefaradim que aqui chegaram”.

Nos primeiros anos, as reuniões do Centro Hebraico eram realizadas nas residências dos sócios, ou na União Israelita. No decorrer do tempo, ou seja, em abril de 1926 foi alugada uma sala na Rua Marechal Floriano, nº 83, onde foi a primeira sede. De acordo com Eizirik (1984, p. 56), a compra ocorreu da seguinte maneira “A compra do terreno foi na rua Coronel Fernando Machado e, no dia 30 de maio de 1931, foi organizada grandiosa festividade, comemorativa do lançamento da pedra fundamental da nova sede” (Figura 57)<sup>88</sup>.

Figura 57: Lideranças do Centro Hebraico Rio-Grandense (1950)



Fonte: Site da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2013

A construção do edifício próprio tinha a sinagoga, a sede social e o salão de festas para conferências. No entanto, esse espaço não suportava mais a quantidade de pessoas que frequentavam e tiveram que realizar obras para ampliar a instituição. Eizirik (1984, p. 56) retrata sobre a construção de uma obra de três andares

Os dirigentes verificaram que o local era acanhado e resolveram aumentá-lo. Alguns anos após foi inaugurada a sede atual, que consiste num prédio de três andares: o térreo, ocupado com secretária, bar, restaurante e sala para pequenas reuniões sociais; o primeiro pavimento com salão de festas e palco, onde são realizados bailes, festas de casamento, etc, e o segundo andar, ocupado pela Sinagoga.

A construção dessa instituição foi efetivada através da movimentação dos membros da coletividade na promoção de atividades variadas e também a ajuda de

---

<sup>88</sup> Na foto: Clemente Elneave, Sócrates Lubianca e José Poyastro, da comunidade judaica de Porto Alegre. Porto Alegre/RS.



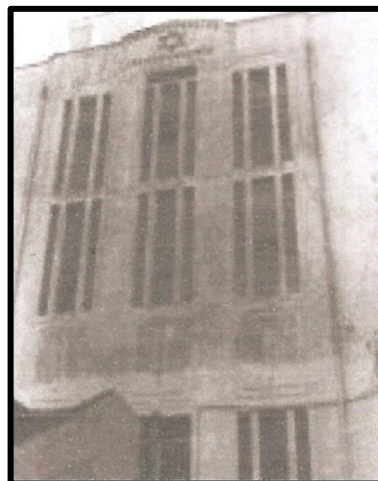
entidades judaicas do Rio de Janeiro e de São Paulo (Site Institucional do ICJMC/2013). (Figuras 58-59).

Figura 58: Vista geral do interior da sinagoga/3º andar



Fonte: Acervo do ICJMC

Figura 59: Vista externa da Sinagoga



Fonte: Boletim Informativo do ICJMC

O antigo presidente do Centro Hebraico chamado Clemente Elnecavé, que permaneceu durante muitos anos no poder, divulgou informações referente de como era a vida cultural e social dentro dessa sinagoga. Santos (2008, p. 82) repassa as seguintes informações “Tuvimos un período muy interesante, muy bonito, tuvimos una juventud muy actuante, maravillosa, principalmente inclinada para las artes [...] y muchos bailes también, nadie perdía un baile”.

Os *sefaradim* da primeira geração inserida na capital se dedicaram, principalmente, à atividade comercial. Scliar (2004b, p. 156) destaca qual era o ramo que se dedicaram “[...] dedicando-se ao comércio de tecidos no centro da cidade um ramo que compartilhavam com imigrantes sírio-libaneses”. Santos (2008, p. 81) utiliza o discurso de Elyeser Menda que relata sobre a ascensão social dos *sefaradíes* nas atividades comerciais e sua significativa representação social na cidade

Las familias sefaradíes en aquel tiempo [...] tenían buenos negocios, los mayores negocios de la Rúa da Praia. Ellos trabajaban con tejidos. Las grandes tiendas eran: Vila de Bruxelas, Casa Estrougo, Estrela das Sedas, Casa das Sedas, Ilha da Madeira, que eran las tiendas más finas que existían en Porto Alegre.



Uma característica visível do grupo *sefardi* foi a sua organização no centro porto-alegrense, pois eles residiam, trabalhavam, e desempenhavam uma vida religiosa nesse espaço. Santos (2008, p. 82) afirma que quase todos os *sefardíes* tinham suas residências situadas na zona central da capital “Principalmente en las calles Marechal Floriano (antigua calle Bragança), Riachuelo, Fernando Machado o Demétrio Ribeiro, todas cerca del local adonde estaba localizada su sinagoga”. Falbel (2008, p. 411) ressalta a importância de haver a concentração do grupo cultural em um bairro e o que isso propiciava

Sem dúvida, tal concentração populacional em um bairro próprio permitia que fosse levada uma vida judaica centrada nas instituições fundamentais, a começar pela proximidade da sinagoga, da escola, e permitia, mais do que tudo, a convivência diária entre os que habitavam no bairro e participavam dos eventos ligados à existência da comunidade.

No Centro Hebraico Rio-Grandense prevalecia uma orientação no âmbito religioso de certa maneira conservador. Fato que essa orientação ainda reflete práticas atuais que segregam homens e mulheres na sinagoga. Santos (2008, p. 83) comenta que “Es interesante mencionar que la costumbre de separar mujeres y hombres en espacios independientes para cada sexo, permanece en nuestros días” (Figura 60).

Figura 60: Fachada Externa do Centro Hebraico Rio-Grandense

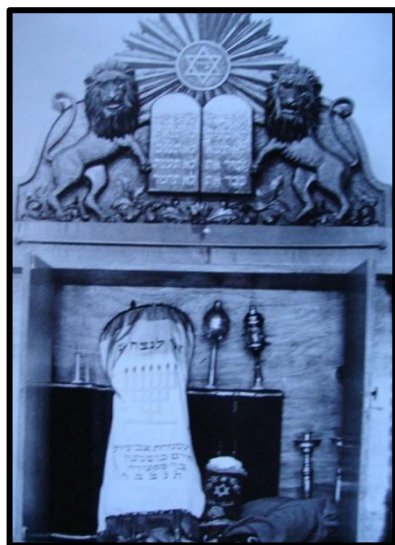


Endereço: Rua Coronel Fernando Machado, nº 1002, Bairro Centro, POA  
Fonte: Trabalho de Campo, 2009

Essa sinagoga, recentemente renovada, apresenta a característica dos templos *sefaraditas*, com a *bimá* (púlpito) no centro. Conta com um *Sefer-Torá* (livro de orações) com praticamente 500 anos, trazido da Turquia por uma família que o

manteve por gerações. As suas páginas são de pele de carneiro e ele está em bom estado de conservação. Os cultos, celebrados em hebraico e em ladino, permitem perceber a musicalidade oriental e ibérica (Site Institucional do ICJMC/2013)<sup>89</sup>. (Figuras 61-62).

Figura 61: Sefer Torá



Fonte: Acervo do ICJMC

Figura 62: Empunhadura da Torá



Fonte: Site Institucional do Centro Hebraico/2014

Segundo informações do boletim informativo do ICJMC, outras entidades foram sendo criadas, para atender a interesses diversos, tais como o Grêmio Cultural Sefaradi e a Sociedade Benéfica de Damas Israelitas Sefaradí Porto-Alegrense. O boletim informativo *Él Djudió*<sup>90</sup> foi desenvolvido para suprir aos interessados em temas religiosos, a receitas de culinária *sefaradita* e diversas notícias dessa sociedade (Site Institucional do ICJMC/2012)<sup>91</sup>.

<sup>89</sup> (Boletim informativo, Janeiro de 2013, p. 2).

<sup>90</sup> A associação é responsável pela revista *Él Djudió*, de divulgação mensal, que, após a publicação de números esporádicos a partir de 1988, vem sendo publicada regularmente desde novembro de 2010 (Boletim informativo, Janeiro de 2013, p. 2).

<sup>91</sup> (Boletim informativo, Março de 2012, p. 2).

#### 4.3.3.1 Situação do Centro Hebraico Rio-Grandense em diferentes momentos

Em 1967, surgiu *Divulgações*, órgão informativo social do Centro Hebraico Rio-Grandense, na época presidido pelo veterano ativista Clemente Elnecavé. O autor Halpern (1999, p. 100) faz referência a um artigo que circulou de autoria de Israel Lapchik. Nesse documento exalta-se o dever dos jovens para dar continuidade ao judaísmo “como podemos explicar a ausência quase total de jovens durante as principais festividades de caráter religioso, tradicional e cultural que têm o sentido de avivar a chama do judaísmo”.

Tendo consciência desse problema foram propostas algumas soluções para resolver a falta de frequência dos jovens ou, até mesmo, a sua ausência na década de 1960. Como estratégia para reavivar o judaísmo, foi sugerida a mudança no perfil das lideranças, bem como na necessidade de haver um espaço para ensinar crianças e jovens, sendo dirigida a atenção tanto para os aspectos religiosos como para os culturais (HALPERN, 1999).

O Centro Hebraico realizou um jantar para comemorar os 91 anos de sua fundação. E neste dia foi realizado o *Bat Mitzvá* de Amanda Helale Elnecavé, filha do Diretor Religioso do Centro Hebraico, Victor Elnecavé e de sua esposa Carla Helale Elnecavé. Foi o primeiro *Bat Mitzvá* realizado no Centro Hebraico em seus 91 anos de existência. A Rebetsin Reisel Binjamini oficiou o Bat e as mulheres presentes fizeram a maior parte da cerimônia (Site Institucional do Centro Hebraico/2014). (Figuras 63-64).

Figura 63: Oficialização do Bat Mitzvá



Figura 64: Cerimônia do Bat Mitzvá



Fonte: Site Institucional do Centro Hebraico/2014

No momento atual, o Centro Hebraico Rio-Grandense conta com um rabino do *Beit Chabad* que se empenha em sua revitalização, promovendo a sinagoga junto a outras representações judaicas da cidade, do país e do exterior, no sentido do retorno de seus antigos membros e no estreitamento do convívio entre seus associados. Nessa busca, o Centro Hebraico não só intensifica sua participação nas atividades da comunidade judaica, como também promove as que identificam a cultura sefaradita (Site Institucional do ICJMC/2013)<sup>92</sup>.

#### **4.3.4 A Instituição Religiosa: Associação Maurício Cardoso**

Em 1931, um novo grupo de imigrantes judeus oriundos da Polônia teve a iniciativa de fundar a sua própria instituição de caráter religioso. Back (1957, p. 327) comenta como foi efetivada essa associação e a mudança de nome

Reuniram-se os judeus poloneses e fundaram, em 30 de junho de 1931, a “Associação dos Israelitas de Origem Polonesa” que, mais tarde (1937), tomou o nome de Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso.

Em outras comunidades judaicas no Brasil já existiam associações de judeus poloneses e a de Porto Alegre, como as demais, ficou ligada ao Comitê Central, sediado no Rio de Janeiro. A cerimônia de inauguração contou com a presença do Cônsul da Polônia. Na ocasião, foram lidos os estatutos e esses enviados ao Comitê Central. Inscreveram-se 36 sócios, mas, rapidamente, esse número aumentou consideravelmente. A primeira diretoria constituía-se de presidente, J. Guevertz; secretário, J. Tzitman; tesoureiro, Max Lacher; além de outros membros colaboradores: A. Schuchman, J. Katz e A. Lederman (Site Institucional do ICJMC/2013)<sup>93</sup>.

Eizirik (1984, p. 57) disponibiliza através da fala de Tzitman que os objetivos da “Associação dos Judeus Poloneses” não eram gerar rivalidades com as outras instituições. De modo que ele esclarece o seguinte

---

<sup>92</sup> (Boletim informativo, Janeiro de 2013, p. 2).

<sup>93</sup> (Boletim informativo, Abril de 2013, p. 3).

Não se trata de fundar um grupo separado, para se separar da coletividade, com diferente atividade, mas ao contrário, com a organização dos nossos judeus poloneses, vamos criar um ambiente acolhedor, onde poderemos mostrar as atividades que trouxemos da Europa, que queremos reavivar em todos os sentidos, tanto cultural-nacional, como econômico. Também cada sócio vai encontrar uma ajuda de irmão, quando necessitar.

Durante os primeiros anos, o Poilisher Farband caracterizou-se, sobretudo, como uma Associação assistencialista. Eizirik (1984, p. 59) expõe, através da análise do relatório no livro de Atas que se verificou o “*Kranken-casse* (caixa dos doentes) que servia para empréstimo de termômetros, seringas, ventosas, etc. E também havia uma Carteira de Empréstimo, o *Laispar-Casse*”.

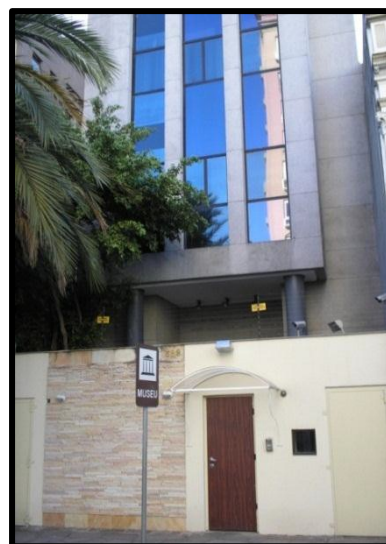
Quanto à evolução material dessa Instituição, pode-se inferir que a primeira sede foi instalada na rua Fernandes Vieira e, posteriormente, foi alugada uma casa na rua João Teles. Back (1957, p. 327) evidencia quando foi a aquisição da sede própria “[...] em 1945, adquiriu a associação um prédio próprio, à rua João Teles, número 329, onde se acham sua sinagoga e sede social e um salão de festas e conferências”. A Sinagoga Maurício Cardoso foi o nome que substituiu o de Poilisher Farband, durante o Estado Novo (1937-1945). (Figuras 65-66).

Figura 65: Fachada da Sinagoga Poilisher Farband



Endereço: Rua General João Telles, nº 329, Bairro Bom Fim, POA  
Fonte: EIZIRIK, Moysés (1984, p. 47)

Figura 66: Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso



Endereço: Rua General João Teles, nº 329, Bairro Bom Fim, POA  
Fonte: Trabalho de Campo, 2009

A Poilisher Farband foi reconhecida pela sua dedicação em difundir a cultura judaica. Isso pelo fato que essa instituição criou uma biblioteca e realizou diversos atos artísticos e sociais em Porto Alegre. Back (1957, p. 327) diz que “A Poilisher



Farband, desde 1940, mantém uma biblioteca que recebeu o nome “Don Leistner” em homenagem a um dos sócios mais operosos”. Eizirik (1984, p. 59) relata a respeito de haver peças teatrais nessa instituição “Inúmeros espetáculos de teatro foram apresentados em sua sede, por artistas do exterior e elementos locais do seu círculo dramático”. Os próprios jovens da comunidade judaica costumavam encenar as peças teatrais. As temáticas eram diversificadas e faziam referência ao cotidiano e à cultura judaica. Na foto do casamento *Idish* estão atuando: Idel Waisman, Symcha Melon, José Zilberstein, entre outros (Figura 67).

Figura 67: Peça teatral, Porto Alegre (1949)



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2012

Em 2006, a Federação Israelita do Rio Grande do Sul realizou a cerimônia de reinauguração da Sinagoga Maurício Cardoso e a inauguração do novo auditório da FIRGS, que dividem o mesmo espaço. A antiga sinagoga, no andar térreo do prédio, passou por uma reforma completa e foi equipada de recursos tecnológicos como projetor multimídia, equipamentos de som, imagem e ar-condicionado. O novo espaço, além de abrigar a sinagoga, também serve para atividades culturais, como palestras, cursos, seminários e projeções de filmes. Durante a cerimônia, os líderes espirituais recitaram salmos e colocaram a *Mezuzá*, símbolo de identificação e proteção de lares e recintos judaicos (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2014).

Nesse mesmo espaço também funciona o auditório da Federação Israelita do Rio Grande do Sul que ocupa o quarto e o último andar, nos demais, várias associações comunitárias utilizam salas. Atualmente, a Sinagoga Maurício Cardoso, ainda chamada por muitos membros da comunidade judaica de Porto Alegre de

Poisher Farband, oferece a seus associados a *Kabalat Shabat* (Site Institucional do ICJMC/2013)<sup>94</sup>.

#### **4.3.5 A Instituição Religiosa: Sociedade Beneficente Israelita de Socorros Mútuos- Linat Hatzedek**

A Sociedade Israelita de Socorros Mútuos foi fundada em 17 de agosto de 1932 e tinha por objetivo ajudar imigrantes a obter assistência médica e educação religiosa. Back (1957, p. 327) comenta a esse respeito “Mantém uma sinagoga, aulas de instrução religiosa à juventude e um serviço de assistência médica e farmacêutica a seus sócios”.

Essa sociedade é mais conhecida como “Linat Hatzedek”. Segundo o boletim informativo do ICJMC, a grande preocupação era de auxiliar o próximo nos momentos de necessidade, como doença e dificuldade econômica. O Linat Hatzedek, inicialmente, priorizou a assistência, na medida em que encaminhava seus associados necessitados a médicos, colaborava na aquisição de medicamentos e, inclusive, membros da associação acompanhavam os enfermos. (Figura 68). Outra seção importante era a caixa de auxílios, o que corresponderia a *Laispar Casse* (Site Institucional do ICJMC/2013)<sup>95</sup>.

Figura 68: Ambulatório da Sociedade Israelita de Socorros Mútuos



Fonte: Site Institucional do Linat/2014

<sup>94</sup> (Boletim informativo, Abril de 2013, p. 3).

<sup>95</sup> (Boletim informativo, Julho de 2013, p. 3).

Essa sociedade organizou um banco chamado *Dienstiguer Bank*, cujo intuito era auxiliar a grande parte dos sócios que pertenciam a “Linat Hatzedek”. Eizirik (1984, p. 63) avalia como foi a evolução do banco “Começamos emprestando 200 mil réis, para pagar durante algum tempo. O banco foi progredindo, chegou a emprestar um conto de réis, que era muito dinheiro naquela época”.

Back (1957, p. 327) afirma o período que a instituição adquiriu a sede própria “Desde dezembro de 1938 acha-se a sociedade instalada em prédio próprio à rua Bento Figueiredo, nº 55”. Eizirik (1984, p. 63) descreve vários momentos em que ocorreram remodelações nessa sede “Em 1951 [...] foi efetuada a reconstrução da sede, ficando ampliada a Sinagoga. Em 1970 foi demolido o prédio [...] e em 1971, foram concluídas as obras e inauguramos a sede atual” (Figura 69).

Figura 69: Sociedade Benficiente Israelita de Socorros Mútuos- Linat Hatzedek



Endereço: Rua Bento Figueiredo, nº 55, Bairro Bom Fim, POA  
Fonte: Trabalho de Campo, 2009

No início, essa sociedade funcionava, principalmente, como ambulatório médico, para acolher e auxiliar os novos imigrantes judeus, que chegavam sem quaisquer recursos ao Rio Grande do Sul. Além do trabalho comunitário, voltado para o auxílio a enfermos, o Linat Hatzedek tornou-se também um centro religioso, com um *Talmud Torá* e serviços de reza diários em sua sinagoga (Site Institucional do Linat/2014).



#### 4.3.5.1 A situação da Linat atualmente

O Linat, atualmente, é também reconhecido como um centro florescente da comunidade judaica, pois realiza o *minian* diário, aulas de judaísmo, *Mikve* para utensílios, *Mikve* para mulheres, *Gan Yeladim*, produz comida *Kasher* e conta com rabinos, reconhecidos pelo rabinato central de Israel, que realizam casamentos, *Bar mitzvá* e *Bat-mitzvá*, enterros, aconselhamentos e todos os demais serviços necessários à vida judaica plena. Os projetos estão sendo desenvolvidos, semanalmente, com propósitos que proporcionam aos participantes uma possibilidade de ampliar seus conhecimentos e experiências a respeito da cultura e do judaísmo (Site Institucional do Linat/2013). (Figura 70).

Figura 70: Quadro do Projetos do Linat: Características e objetivos

Projetos do Linat	Características e objetivos dos projetos
<b>Vídeo Debate</b>	A cada semana <b>assistiremos a um filme</b> (ou um trecho). Após o filme, um debate sobre situações, valores e temas associados à condição humana, ao judaísmo ou à sociedade geral.
<b>Fontes Judaicas</b>	Durante o semestre <b>conheceremos melhor as principais e mais clássicas fontes judaicas</b> : <i>Tanach</i> , <i>Talmud</i> , <i>Shulchan Aruch</i> . O Guia dos Perplexos (de Maimônides), <i>Cuzari</i> (de Rabi Iehuda Halevi).
<b>Por Dentro da Lei</b>	A cada semana <b>analisaremos situações do cotidiano</b> e sua solução à luz dos <b>valores e da lei judaica</b> .
<b>Breve História do Povo Judeu</b>	Durante o semestre faremos um raso mergulho na <b>história do povo de Israel</b> , desde a época dos patriarcas até os dias de hoje.
<b>Polêmicas e Atualidades</b>	A cada semana analisaremos <b>um tema polêmico na atualidade e as questões judaicas</b> que envolvem o tema. Aborto, feminismo, homossexualismo, doação de órgãos, eutanásia, liberação das drogas, etc.

Fonte: Site Institucional do Linat/2014

O rabino Daniel Presman<sup>96</sup> é um líder religioso do Linat que afirma ter muita vida dentro da comunidade judaica em Porto Alegre. Outra festividade importante que acontece nessa instituição é o *Pessach* (Anexo E). Isso se deve em parte a uma série de reformas, modificações e melhorias que foram e estão sendo realizadas no Linat

<sup>96</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 25 de Maio de 2013.

A principal delas eu diria que foi a construção de um *Mikve* novo e moderno, *Kasher*, de acordo com todas as opiniões e com a supervisão do Rabino Ilovitz de São Paulo. Também construímos há dois anos um terceiro andar do Linat, uma escola para crianças até 5 anos de idade, um *Galean Ladim*, lá elas aprendem hebraico, rezas, canções, inglês, têm atividades físicas. As crianças passam lá o dia desde às 8 até às 16 horas. Também reformamos a nossa sala de estudos que é o *Beit Midrach*, que hoje eu diria que tem a melhor biblioteca para estudos, aberta e disponível, aqui em Porto Alegre. E agora nós estamos começando, passo a passo, uma melhoria na nave central, na principal sala da Sinagoga, que já tem 40 anos o prédio.

O Rabino Daniel relata como foi a organização da festividade chamada de *Lag Baomer*<sup>97</sup>. Esse evento foi realizado em parceria com a Hebraica. As parcerias são realizadas nas festas alegres do ano. Outro exemplo foi a realização da Festa de *Purim*. Nesse dia fizeram uma fogueira e comeram cachorros-quentes. O público abarcou todas as idades como as crianças, os pais e os avós, sendo um encontro de gerações diante da fogueira do *Lag Baomer* (PRESMAN, 2013).

Em agosto de 2011, foi inaugurado um *Mikve* na sinagoga do Linat. (Figuras 71-72). O jornal SABABAH (2011, p. 9) disponibiliza a informação dos momentos, segundo a lei judaica, que exigem a imersão nessa fonte de água natural. Os períodos estão baseados em três ocasiões principais

Após o ciclo menstrual para que a mulher possa manter relações com o marido (o uso da fonte também é pré-requisito para o casamento judaico); no processo de conversão ao Judaísmo; os utensílios de cozinha fabricado por não-judeus devem ser imersos em um *Mikve* antes do uso. Além disso, há o habito de utilizar o *Mikve* antes de *Iom Kipur*, como sinal de arrependimento e purificação.

Figura 71: Inauguração Mikve



Figura 72: Vista interna do Mikve



Fonte: SABABAH (2011, p. 9)

<sup>97</sup> Significado da comemoração do *Lag Baomer* é uma festa não tão antiga quanto às festas que estão na *Torá*. Nós comemoramos o *Lag Baomer* há cerca de 2000 anos. Esse nome tem a ver com 33- do omer, tem ver como fato que a contagem que vai desde *Pessach* até *Shavuot*, que são 49 dias e este é o dia 33 (PRESMAN, 2013).

O Linat Hatzedek conta com os mais modernos *Mikve* de Porto Alegre. Um deles, exclusivamente, construído para a imersão de utensílios (o único do Rio Grande do Sul) e outro, especialmente, para o cumprimento das leis de *Taharat Hamishpachá* (pureza familiar) (Site Institucional do Linat/2014). (Figura 73)

Figura 73: Mikve kelim: para utensílios



Fonte: Site Institucional do Linat/2014

Após um período de pouca frequência do público jovem no Linat Hatzedek, tomou-se a atitude de implementar mudanças. A partir dos primeiros anos de 2000, houve a implementação do Projeto Kiruv, que começou a atrair os jovens da comunidade. Esse projeto foi dirigido a rapazes e moças universitárias e também aos jovens que estavam no final do segundo grau. A base do projeto era ampliar seus conhecimentos através de aulas sobre o judaísmo e estudos sobre a *Torá* (Site Institucional do ICJMC/2013)<sup>98</sup>

A partir de 2007, o Linat Hatzedek começou a atuar em parceria com o recém-criado Ohr Darom. Com a parceria, o Linat Hatzedek passou a abrigar o maior grupo de estudos jovem da comunidade gaúcha- o Projeto Kiruv. Um evento de extrema relevância foi o II Kiruv Night. Nesse evento, compareceram aproximadamente 100 jovens, cujo objetivo foi o de reunir alunos e ex-alunos do Kiruv e a realização da matrícula dos futuros alunos. Segundo o rabino Presman<sup>99</sup>, do Linat há um judaísmo forte e vibrante da comunidade com a presença de mais jovens participando dos eventos e cursos

Isso é uma das coisas mais legais que a gente vê no trabalho e o que está acontecendo na nossa comunidade de Porto Alegre. Em geral,

<sup>98</sup> (Boletim informativo, Julho de 2013, p. 4).

<sup>99</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 25 de maio de 2013.

especialmente no Linat a gente tem cada vez mais jovens participando de aulas de judaísmo todas as noites na Sinagoga, nós temos *Minian* todos os dias, nós temos festas e pessoas que frequentam todos os dias. A comunidade está cada vez maior e cada vez mais consciente de manter nossa tradição e nossos valores, de ter um judaísmo jovem, vibrante, alegre e comprometido com todas as tradições do judaísmo e da *Halachá* (conjunto leis da religião judaica).

A Câmara Municipal lembrou os 81 anos da Sociedade Israelita de Socorros Mútuos (Sinagoga Linat Hatzedek) no período de Comunicações Temáticas da sessão ordinária. O proponente da homenagem, vereador Valter Nagelstein<sup>100</sup>, explicou que a sinagoga se destaca como uma das instituições judaicas que mais cresceu em Porto Alegre, especialmente entre os jovens. (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013). (Figura 74).

Figura 74: Homenagem da Sinagoga Linat Hatzedek



Fonte: <http://www.camarapoa.rs.gov.br/Foto>: Marco Aurélio Marocco

#### **4.3.6 A Instituição Religiosa: Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA)**

Em agosto de 1936, surge outra Instituição Religiosa na capital rio-grandense tendo a denominação de Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA). Back (1957, p. 327) relata a presença dos judeus alemães “Achava-se já

<sup>100</sup> Participaram da homenagem o presidente da Sociedade Israelita de Socorros Mútuos – Sinagoga Linat Hatzedek, Jackes Faingluz, o rabino Daniel Presman, da Sinagoga Linat Hatzedek, a representante do Ministério Público do Estado, Sandra Goldman Ruwel, e o presidente em exercício da Federação Israelita do Rio Grande do Sul, Zalmir Chwartzmann (Site Institucional da FIRGS/2013).

radicado em Porto Alegre, em 1936, um grupo de judeus alemães chegados, uns há vários anos e outros, a maioria, relativamente há pouco tempo”.

Eizirik (1984, p. 65) retrata os seguintes fundadores dessa instituição judaica “Samuel Hess, Josef Neumann, David Windmüller, Heinrich Lemchen, Nina Caro, Miguel Weisfeld, Max Blumenthal, Siegfried Windmüller, Josef Windmüller, Herbert Caro e Leon Back”. A residência de Max Blumenthal e família foi durante muito tempo a sede da SIBRA (Figura 75).

Figura 75: Residência de Max Blumenthal e família



Endereço: Rua Esperança, nº 790/Porto Alegre  
Fonte: Boletim informativo, ICJMC, Janeiro de 2014, p. 3

Scliar (2004b, p. 156) retrata que “Foi no final dos anos trinta, outro grupo começou a chegar premido por circunstâncias ainda mais sombrias do que as que fizeram emigrar os judeus russos: os alemães”. Golandinski (1994, p. 124-125) relembra a situação que os judeus vivenciavam na Alemanha

Na Alemanha até a década de 1930, os judeus viveram integrados à vida e à cultura do país. Pertenciam, principalmente, ao meio urbano e muitos se destacavam na sua profissão. Com a ascensão do nazismo, em 1933, foi implantada uma política racista cujo objetivo era a total eliminação dos judeus.

Na década de 1930, gradativamente, aumentou o número de alemães de origem judaica que se radicaram em Porto Alegre. Inicialmente, eles frequentavam as sinagogas já existentes, mas esses templos não seguiam os ritos aos quais estavam habituados. Nesse período era significativo o distanciamento entre judeus alemães e a comunidade local, seja a pequena de origem *sefardi* ou a formada, preponderantemente, por judeus vindos do leste europeu. Foram as sinagogas desse segundo grupo que os judeus alemães frequentaram, mas o ambiente não



lhes satisfazia, além de não falarem o *ídiche*, comunicando-se apenas em alemão (Site Institucional do ICJMC/2014)<sup>101</sup>.

Golandinski (1994, p. 126) pontuou que terminada a Segunda Guerra Mundial muitos judeus chegaram a Porto Alegre “Entre 1945 e 1950. Aqui, ajudados pelos judeus que tinham vindo há mais tempo, conseguiram refazer suas vidas longe da intolerância racial e religiosa”.

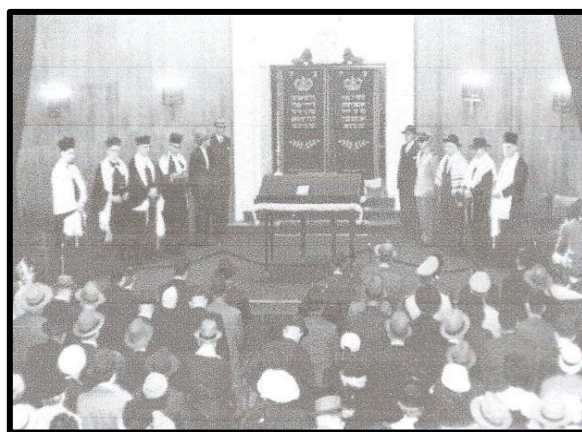
Em um terceiro endereço, os judeus alemães tiveram a sua sede permanente, na rua Mariante, nº 772. A Pedra Fundamental foi simbolicamente lançada no dia 09 de novembro de 1958, data que relembra 1938, quando os judeus sofreram violências e tiveram suas propriedades e sinagogas destruídas, em vários locais da Alemanha e da Áustria, acontecimento que passou para a história como Kristallnacht (Noite de Cristais). Solenidade de lançamento da pedra fundamental da SIBRA, sociedade fundada por judeus de origem alemã, em 1958, com a presença do então governador do RS, Dr. Ildo Meneghetti (Site Institucional do ICJMC/2014)<sup>102</sup>. (Figuras 76-77).

Figura 76: Lançamento da Pedra fundamental da SIBRA (1958)



Fonte: História de Vida II Volume 1992, p. 6

Figura 77: Inauguração solene da SIBRA (28/08/1960)



Fonte: Boletim informativo, ICJMC, Janeiro de 2014, p. 4

Eizirik (1984, p. 65) relata como foi o processo para o encaminhamento da sede própria “foi alugado o salão da Sociedade Helena Montenegro, na rua João Teles. [...] depois alugou um prédio na Miguel Tostes, 790 [...]. A construção da Sinagoga

<sup>101</sup> (Boletim informativo, Janeiro de 2014, p. 3).

<sup>102</sup> (Boletim informativo, Janeiro de 2014, p. 3).

na rua Mariante foi iniciada em 8 de junho e concluída em 28 de agosto de 1960” (Figura 78).

Figura 78: Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA)



Endereço: Rua Mariante, nº 772, Bairro Rio Branco, POA  
Fonte: Trabalho de Campo, 2009


Essa sociedade dedicou-se a vários fins como a manutenção de uma sinagoga e de uma biblioteca. Contudo, como a SIBRA não possui cemitério próprio, os seus associados são enterrados no cemitério do Centro Israelita Porto-Alegrense. Caro (1986 apud Brumer, 2004, p. 122) diz que “A Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência tinha uma programação ampla incluindo religião, educação formal e não formal dos jovens, além de atividades culturais e sociais”.

#### 4.3.6.1 Cenário atual da SIBRA

O rabino Guershon Kwasniewski<sup>103</sup>, há 18 anos atua na SIBRA, enumera diversas atividades que a congregação realiza. Há o oferecimento de serviços religiosos básicos como o Kabbalat Shabat, cursos de *Bar Mitzvá* e *Bat Mitzvá*, tanto para jovens como para adultos, a comemoração das principais festividades do calendário judaico e diversos cursos e palestras (Figura 79).

<sup>103</sup> Em Porto Alegre ele vem desenvolvendo seus trabalhos desde agosto de 1996. Em 1997, foi Professor do Colégio Israelita Brasileiro, de Porto Alegre, e Professor convidado pelo Núcleo de Estudos Judaicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Concluiu, em 2013, seus estudos rabínicos no Seminário Rabínico Latinoamericano de Buenos Aires, Argentina e no Schechter Rabbinical Seminary de Jerusalém, em Israel e em breve se apresentará no Beit Din. Atualmente é o responsável pelo Rabinato da SIBRA (Site Institucional da Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA)/2014).

Figura 79: Quadro da representação das atividades e serviços oferecidos pela SIBRA (2014)

<b>Tipo: Atividade/Serviço/SIBRA</b>	<b>Características: Atividade/Serviço/SIBRA</b>
Serviços religiosos	<i>Kabalat Shabat</i> e festividades
Cursos	<i>Bar e Bat Mitzvá</i> para jovens e adultos
Curso	<i>Shorashim</i> : Introdução ao Judaísmo. Presencial e on-line 
Cine	Debate com convidados
Comemoração festividades	<i>Seder</i> Comunitário
<i>Shabat</i> <sup>104</sup>	Na praia e na serra.
SIBRAKINDER	Para crianças de 4 a 11 anos
Programas de ex-alunos	Monitores de <i>Bar Mitzvá</i> e <i>Bat Mitzvá</i>
Palestras	Em instituições
Recepção	Diversos grupos de universidades e escolas que desejam conhecer a sinagoga
Participação no grupo	Grupo de Diálogo Inter-religioso, com palestras e encontros abertos
Representação	Comitê Estadual de Diversidade Religiosa da Secretária de Direitos Humanos do RS
Participação	Blog das Religiões no Jornal Zero Hora
Transmissão	Ao vivo os seus serviços religiosos
Publicação	Matérias e artigos em jornais e revistas
Comunicação eletrônica	Através do Facebook

Fontes: (Boletim informativo, ICJMC, Janeiro de 2014, p. 4)/ (Site Institucional da Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA)/2014).

<sup>104</sup> O *Shabat* não sai de férias, sendo que a Sede Campestre da SABA em Atlântida ofereceu a possibilidade de cultivar este dia.



Atualmente, frequenta a SIBRA um grande número de membros da comunidade judaica local, tornando possível afirmar que sua sinagoga não se constitui mais em um reduto de judeus alemães (Site Institucional do ICJMC/2014)<sup>105</sup>.

Desde 2013, a Sociedade Beneficente Israelita Brasileira (SIBRA) vinha se preparando para atuar em parceria com a cidade de Porto Alegre, no período da Copa do Mundo. O presidente Sergio Caraver e o Líder Espiritual Gershon Kwasniewski mantiveram contato direto com a prefeitura da Capital Gaúcha, obtendo o título de "Sinagoga da Copa". Com um logotipo<sup>106</sup>, especialmente feito para o evento através de um concurso, a entidade tinha o objetivo de acolher os turistas judeus na cidade. O prefeito José Fortunati acompanhou o planejamento da instituição (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014). (Figuras 80-81)

Figura 80: Reunião das Lideranças/"Sinagoga da Copa"



Fonte: Site da Federação Israelita do Rio Grande do Sul/2014

Figura 81: Logotipo da SIBRA para Copa



Fonte: Site do Coletivo Judaico, 22 de Janeiro de 2014

<sup>105</sup> (Boletim informativo, Janeiro de 2014, p. 4).

<sup>106</sup> Com isso, foi lançado em 2013 o "Concurso de logomarca comemorativa". O objetivo era escolher uma logo para ser utilizado durante o evento esportivo em painéis, materiais de expediente e como forma de identificar locais de informação para os turistas judeus que cheguem na cidade gaúcha. A peça eleita foi criada por Claudia Halperin, que recebeu o voto do prefeito José Fortunati, do Secretário Extraordinário da Copa João Bosco Vaz e do júri popular (Site do Coletivo judaico/01/22/2014).

A SIBRA, desde 2012, vem inovando a sua comunicação através da implementação da tecnologia na religião. Entre as cerimônias escolhidas para a transmissão ao vivo, pela internet, foram escolhidas *Rosh Hashaná* (dias 4, 5 e 6 de setembro) e *Iom Kipur* (13 e 14 de setembro). O serviço possibilita aos interessados a acompanhar *Rosh Hashaná*, festividade que marca o início do ano novo Judaico e acontece no mês de *Tishrei* (coincide com o final do mês de Setembro e início de Outubro). Em Porto Alegre, assim como em outras comunidades do mundo inteiro, esse é o período de maior movimentação nas sinagogas. As cerimônias religiosas são seguidas de jantares festivos de confraternização entre as famílias e amigos (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013).

O significado *Rosh Hashaná* de acordo com o líder religioso da Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA), Guershon Kwaskiewski "São dias de comemoração e que significam uma renovação nas esperanças e no desejo de uma vida longa, de paz e realizações". Segundo ele, os judeus também avaliam se são merecedores das bênçãos recebidas. Para os judeus, essa é a época para avaliar e fazer correções em suas vidas, por meio do arrependimento (*teshuvah*), da oração (*tfiloh*) ou da caridade (*tzedakah*). Passados dez dias da celebração do Ano-Novo, a comunidade judaica irá celebrar o *Iom Kipur* (Dia do Perdão). Nessa data, é realizado um jejum de 24 horas, como forma de devoção e negação do prazer terreno. Ao final do longo período de jejum, a comunidade judaica realiza um grande jantar em família (Site do Jornal do Correio do Povo/2010)<sup>107</sup>. (Figura 82).

Figura 82: Telespectadora assistindo on-line a SIBRA



Fonte: Site do Coletivo Judaico, 9 de Fevereiro de 2013

---

<sup>107</sup> 9 de Setembro de 2010.

Em julho de 2013, passou-se a transmitir também as cerimônias de *Shabat*. As transmissões são direcionadas às pessoas que, por diversas dificuldades, não podem se locomover até a sinagoga, e todos os que desejam conhecer melhor a cultura religiosa judaica. A SIBRA se define como uma sinagoga com espírito jovem. A preocupação em criar uma “identidade judaica gaúcha” é expressa na mistura entre uma perspectiva moderna entre as tradições e rituais. A SIBRA é filiada à World Union for Progressive Judaism [União Mundial para o Judaísmo Progressista] (Site do Coletivo Judaico/2013)<sup>108</sup>.

A Sociedade Israelita de Cultura de Porto Alegre também desenvolveu outro projeto inovador, que foi oferecer o curso de judaísmo via Skype. O curso oferecido foi o Shorashim [Raízes] que tinha como objetivo a introdução ao judaísmo (Site do Coletivo Judaico/2013)<sup>109</sup>.

Essa sociedade representa a comunidade judaica no Grupo de Diálogo Inter-Religioso de Porto Alegre, por meio de seu líder espiritual Guershon Kwasniewski. O grupo conta com representantes das religiões judaica, anglicana, luterana, católica, zen budismo, espiritismo, fé bahá'í, islamismo e umbanda/cultos afro-brasileiros. A atuação ocorre em diversos âmbitos como debates e manifestações de paz. Em 2008, foi criado o Blog das Religiões no site do jornal Zero Hora (TZEDAKÁ/FIRGS/2008-2009)<sup>110</sup>. (Figuras 83-84).

Figura 83: Cerimônia Diálogo Inter-religioso de Porto Alegre



Figura 84: Encontro Diálogo Inter-religioso de Porto Alegre



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014

<sup>108</sup> 9 de Fevereiro de 2013.

<sup>109</sup> 30 de Abril de 2013.

<sup>110</sup> É uma revista que a Federação Israelita publica para divulgar a situação e atuação de suas entidades filiadas.

#### 4.3.7 A Instituição Religiosa: A Sociedade Beneficente e Cultural Beit Lubavitch

A entrada da Beit Lubavitch em Porto Alegre foi a partir do início da década de 1980. Isso significou o retorno do ritual religioso mais próximo da ortodoxia neste território. Brumer (2004, p. 124) afirma que, inicialmente, com a chegada dos primeiros imigrantes judeus “Praticamente todas as Sinagogas criadas aqui eram ortodoxas. Isto é seguiam os ritos ortodoxos, de acordo com os preceitos bíblicos e a tradição” (Figura 85).

Figura 85: Vista externa do prédio onde esta a Beit Chabad



Endereço: Rua Felipe Camarão, nº 748, Bairro Bom Fim, POA  
Fonte: Trabalho de Campo, 2009

A matriz ortodoxa escolhida para a formação dessa instituição foi através do Movimento Chabad<sup>111</sup>Lubavitch<sup>112</sup>. Com relação à Chabad-Lubavitch pode-se entender como uma filosofia, um movimento, uma organização. A palavra "Chabad" é um acrônimo em hebraico para as três faculdades intelectuais de *chochmá* (sabedoria), *biná* (compreensão) e *daat* (conhecimento). A virtude da filosofia Chassídica Chabad é que ela não se esgota com ensinamentos teóricos, mas

<sup>111</sup> Chabad enfatiza a importância em cumprir para si mesmo e transmitir para os outros a beleza e profundidade do estilo de vida baseado na Torá (Site Institucional da Beit Lubavitch/2013).

<sup>112</sup> Lubavitch "A Cidade do Amor Fraternal" era uma pequena cidade no condado de Mohilev, Rússia, e seu nome transmite a essência da responsabilidade e amor engendrados pela filosofia Chabad por todo e cada judeu (Site Institucional da Beit Lubavitch/2013).

motiva e induz aqueles que estudam a traduzir seu conhecimento intelectual em ações práticas (Site Institucional da Beit Lubavitch/2013).

Essa instituição surgiu tardiamente em relação às demais. Brumer (2004, p. 123-124) enfatiza como Beit Lubavitch expandiu seu número de sócios

Conseguiu atrair um número fiel de aproximadamente 40 pessoas em suas atividades semanais. Embora haja uma tendência às predominâncias conservadoras e liberais, a vinda do *Beit Chabad* para Porto Alegre em 1981 provou que, quando os líderes religiosos são coerentes e persuasivos, podem conquistar um número razoável de seguidores, mesmo reintroduzindo pelo menos parcialmente a ortodoxia.

O Rabino responsável por essa missão foi Mendel Liberow<sup>113</sup> que atuou na comunidade local desenvolvendo seu trabalho em diversas searas da sociedade judaica. Relembra o Rabino em depoimento cedido à Lubavitch Magazine (2011, p. 22)<sup>114</sup>

Trabalhamos com todos os clubes, sociedades, famílias, hospitais, escolas, sinagogas e instituições judaicas de Porto Alegre. Nunca ignoramos ninguém de outra etnia, crença ou origem. Sem nenhuma restrição, nosso trabalho começou a se propagar.

Gutfreind (2004b, p. 98) discorre sobre a preocupação inicial desse representante “Foi com a criação de uma escola, incentivando, através da educação, um retorno à religião como modo de vida” (Figuras 86-87).

Figura 86: Rabino Mendel Liberow e sua esposa Mimi Liberow



Fonte: Lubavitch Magazine (2011, p. 22)

Figura 87: Homenagem: Rabino Mendel Liberow



Fonte: Site Institucional da Beit Lubavitch/2014

<sup>113</sup> Nascido na França, em 1958, de família tradicional, avô e pai Rabinos, Mendel Liberow partilhava a mesma vocação (Site Institucional da Beit Lubavitch/2013).

<sup>114</sup> É uma revista publicada pela Instituição Religiosa da Beit Lubavitch.

Esse Rabino permanece atuando há mais de três décadas, na Sociedade Beneficente e Cultural Beit Lubavitch. Atualmente, sua família também contribui com a sociedade através da atuação profissional da segunda geração, ou seja, os seus netos já estão trabalhando no judaísmo em prol da comunidade. Ao se deparar com a comunidade local, nos anos de 1980, chamou a atenção do rabino a pouca participação dos jovens nas instituições judaicas. A sua constatação é que estavam envolvidos apenas os avós e as gerações mais jovens não compareciam. Na sua visão, atualmente, há um processo de mudança, ou seja, a comunidade judaica está se renovando e os jovens estão mais participativos (LUBAVITCH MAGAZINE, 2011).

O Rabino pontuou como um ponto desfavorável na sua chegada a presença de somente um rabino, a fim de atender todas as sinagogas. Em contraposição, hoje, quase todas as Instituições Religiosas possuem o seu profissional. Liberow<sup>115</sup> afirma a enorme vantagem deste cenário atual

Esse rabino, sem colocar defeitos nele, era uma pessoa com setenta anos de idade e eu era um jovem. Eu estava vendo que havia uma brecha entre a comunicação da Instituição Religiosa com a juventude. Por mais que esse rabino tinha boas intenções, ele não conseguia comunicar-se com as da geração jovem. Hoje, podemos dizer que a União Israelita tem o seu profissional, o Centro Israelita tem o seu profissional, a SIBRA tem o seu profissional, o Centro Hebraico e o Linat também tem o seu profissional. Isso é um enorme progresso que, talvez, nós não conseguimos ainda enxergar, mas em pouco tempo vamos conseguir ver grandes resultados.

#### 4.3.7.1 Atualidades: Os serviços e as atividades oferecidas pela Beit Lubavitch



A Instituição está realizando um trabalho dedicado à busca da juventude judaica. A ideia é desenvolver projetos que visem a atrair os jovens para os serviços religiosos e permitir uma ampliação dos seus conhecimentos sobre o judaísmo. Nesse sentido, houve a inserção da Beit Lubavitch (2007) para o projeto internacional “Bat Mitzvah Club” e logo em seguida surgiu outro clube, internamente, chamado “Teen Club” (Figura 88).

---

<sup>115</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 23 de Fevereiro de 2013.



Figura 88: Quadro do Projeto Juventude desenvolvidos pela Beit Lubavitch

Projeto Juventude	Características e objetivos do projeto
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Este é um <b>projeto internacional</b> que já está atuando em mais de 300 cidades no mundo, e <b>Porto Alegre também está neste mapa</b> com uma filial ativa desde 2007;</li> <li>- O BMC é um <b>clube</b> “for girls, by girls and starring girls” (para meninas, por meninas e estreado meninas);</li> <li>- Permitindo que suas participantes explorem e descubram o papel especial da <b>mulher no Judaísmo</b>, expressando, alimentando e dando vida e alegria à feminidade;</li> <li>- O projeto do BMC é <b>todo em inglês</b>, possibilitando através disto um reforço importantíssimo nesta área;</li> <li>- Foi projetado para <b>meninas entre 10 e 13 anos de idade</b> independente do nível de escolaridade judaica;</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As meninas do Bat Mitzvah Club (BMC), edição 2007, <b>formaram mais um clube</b>, o Teen Club depois do Bat (um clube original);</li> <li>- Atividades: <b>estudo de temas judaicos</b> em duplas (cada participante com sua mãe), debates e pesquisas;</li> <li>- Atividades complementares: culinária e gincana <b>Kasher</b> no supermercado;</li> <li>- No Teen Club elas aprendem a <b>importância do corpo e sua preservação</b> devido ao fato de este conter uma alma sagrada;</li> </ul>

Fonte: Site Institucional Beit Lubavitch/2013

Além destes projetos direcionados ao público jovem, a Beit Lubavitch proporciona uma série de atividades religiosas e culturais na sua sede. Essa oferece na sinagoga os serviços religiosos da *Cabalat Shabat*, o *Shabat* e outras festividades. Nesse local também é possível encomendar a *Chalá*<sup>116</sup> *kasher*, que é produzida com ingredientes de alta qualidade. Como o *mikve* é uma instituição comunitária indispensável para o modo de vida, casamento, continuidade e sobrevivência judaica, esse é outro elemento existente na instituição. Também há

<sup>116</sup> Segundo o dicionário judaico proposto por Unterman (1992, p. 61) “o termo chalá passou a ser usado para designar o pão trançado que se come no *Shabat* e nos feriados”.

um espaço para desenvolver aulas, cursos, palestras e, até mesmo, o entretenimento de crianças. Como meio de divulgação, há a revista Lubavitch Magazine e o Programa de rádio Shalom (Figura 89).

Figura 89: Quadro dos serviços oferecidos pela Sociedade Beneficente e Cultural Beit Lubavitch

 Beit Chabad	 Clube Teen	 Clube das Crianças
 Aulas de Bar/Bat Mitsvá	 Clube Bat Mitsvá	 Cursos sobre as Festas
 Palestras	 Mommy and Me	 Estudo em duplas
 Atividades Manuais sobre as Festas	 Casherização de Cozinhas	 Visitas em Hospitais
 Capelão de Hospital	 Aulas Regulares	 Vistas a Idosos
 Preparação para Casamentos	 Serviços Funerários	 Programas de TV/Rádio
 Publicações	 Shabbat/Holiday Hospitality	 Casamentos
 Clube do Bar Mitsvá	 Micve de Utensílios	 Educação para Adultos
 Sinagoga	 Biblioteca	 Micve

Fonte: Site Institucional Beit Lubavitch/2013

O trabalho do Rabino também incentivou a comunidade judaica a comemorar as suas datas festivas. Um exemplo disso é a festa do *Chanuká*, Festa das Luzes (que significa inauguração), comemorada entre os dias 21 e 28 de dezembro, hoje bastante cultuada. O Rabino inovou ao levar o judaísmo para o âmbito público. Foi erguida, por iniciativa dele, uma *Menorá*, que é um candelabro tradicional da festa de *Chanuká*, na Praça Silvio Ughini da Avenida Goethe, em Porto Alegre (LUBAVITCH MAGAZINE, 2011). (Figuras 90-91).

Figura 90: Acendimento Chanuká na praça



Endereço: Avenida Goethe, s/nº, Bairro Rio Branco/POA

Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2013

Figura 91: Vista ampla da Chanuká na praça



Endereço: Avenida Goethe, s/nº, Bairro Rio Branco/POA

Fonte: Trabalho de campo, 2011



A Sociedade Beneficente e Cultural Beit Lubavitch possui o apoio da Federação Israelita do RS (FIRGS) para realizar uma das maiores celebrações anuais da comunidade judaica: o acendimento da gigante *Chanuká*. A solenidade faz parte das festividades de final do ano e é um evento que ocorre todos os anos na Praça Silvio Ughini, há quase 20 anos, em Porto Alegre com o objetivo de divulgar os valores e símbolos do judaísmo para a comunidade em geral. O evento é aberto ao público e sempre conta com a participação de autoridades do Estado e lideranças judaicas (Site do Jornal Correio do Povo/2011)<sup>117</sup>. (Figura 92).

Figura 92: Festa das Luzes



Endereço: Rua João Telles, Bairro Bom Fim/POA  
Fonte: Correio do Povo (06 de dezembro de 2010)

O significado para o rabino Mendel Liberov é que a "Chanuká é um momento para comemorar a liberdade de expressão e, principalmente, a luta do povo judeu ao longo do tempo por esta causa". Para o religioso, é preciso produzir luz e esclarecimento todos os dias: "Esta festa deve nos inspirar o ano todo". Nessa ocasião se costuma distribuir os tradicionais *Sufganiot* (sonhos) e *Sevivonim* (piões para as crianças), elementos tradicionais da festa de *Chanuká*. É um evento com atrações como canções em hebraico, vídeos e comidas típicas (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013).

Outro momento festivo foi a comemoração dos 30 anos da Sociedade Beneficente e Cultural Beit Lubavitch. Nesse dia teve o lançamento oficial do projeto de construção do Centro Cultural Shofar Center. Os fundadores da entidade e o rabino Mendel Liberow reuniram-se com a comunidade judaica e parceiros em solenidade na Associação Leopoldina Juvenil. O projeto do Centro Cultural foi

---

<sup>117</sup> 22 de dezembro de 2011.

elaborado pelo arquiteto Daniel Libeskind (Site Institucional da Prefeitura de Porto Alegre/2011). (Figuras 93-94).

Figura 93: Homenagem Prefeito e Rabino

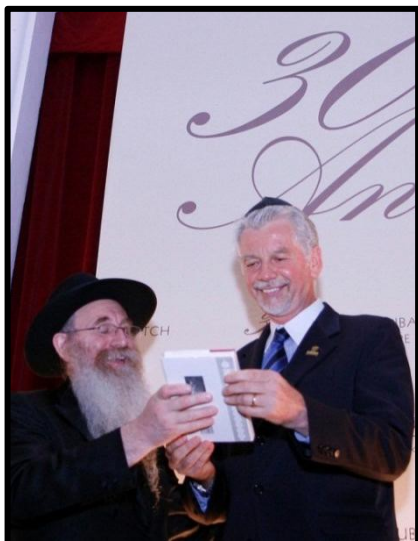


Figura 94: Cumprimentos entre Prefeito e Rabino



Fonte: <http://bancodeimagens.procempa.com.br/Foto: Ivo Gonçalves/PMPA>

O Beit Lubavitch entregará para a cidade seu novo centro comunitário e cultural e com ele um moderno museu interativo, contando a história, as mensagens e os valores do povo judeu para as novas gerações (Figuras 95-96). Liberow salienta a importância desse projeto para a cidade de Porto Alegre e para os judeus

Olha os nossos projetos para este ano. Nós temos um projeto muito grande de construir uma sede própria que tem o apelido de Shofar Center, porque ele tem o formato de um *shofar*. E esperamos que, em 2013, possa ser dado início da campanha para esta bela construção, o belo monumento que vai mostrar à grande comunidade de Porto Alegre o lado cultural do povo judeu, dos milênios da história do povo judeu.

Figura 95: Vista externa/Projeto Shofar Center



Figura 96: Vista interna do Projeto/Shofar Center



Fonte: Site Institucional da Beit Lubavitch/2014

A seguir trataremos do terceiro processo da reterritorialização: a formação das categorias institucionais. O objetivo é discorrer esse assunto através de instituições judaicas que foram sendo organizadas para atender a comunidade judaica na cidade de Porto Alegre nos âmbitos cultural, educacional, esportivo, assistencial e sionista.

## 5. O TERCEIRO PROCESSO DA RETERRITORIZAÇÃO: A FORMAÇÃO DAS CATEGORIAS INSTITUCIONAIS

Neste capítulo trabalhamos com o surgimento e a formação da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS) e as categorias institucionais: Cultura, Educação, Entidades Femininas, Movimentos Juvenis e Social. A Federação surgiu com o propósito de ser o órgão de representação da comunidade judaica, aliado às 36 entidades que atuam e atendem em diferentes áreas.

A mobilidade migratória internacional no cenário brasileiro foi alterada com o término da Primeira Guerra Mundial. Após esse episódio, houve a vinda de uma grande corrente imigratória de israelitas para o Brasil, provenientes fundamentalmente da Europa oriental. De acordo com Falbel (2008, p. 53), as consequências “foi dar forte impulso à criação de instituições comunitárias que pudessem atender aos recém-chegados”.

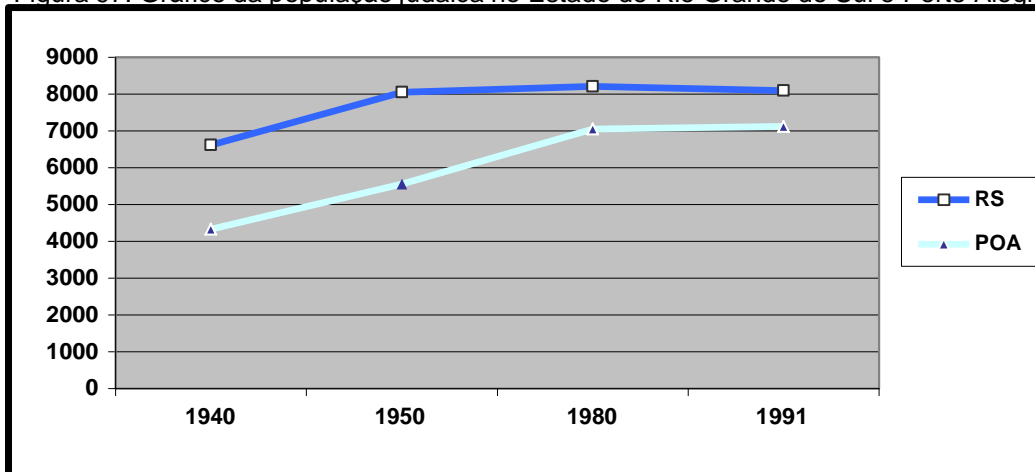
Em Porto Alegre, pode-se perceber que inúmeras Instituições Judaicas foram fundadas, como: Associação Israelita Damas de Caridade (1922), Cooperativa de Crédito Popular (1922), Colégio Israelita Brasileiro (1922), Grêmio Esportivo Israelita (1929), Círculo Social Israelita (1930), Sociedade Beneficente das Damas Israelitas Sefaradis (1931), Sociedade Beneficente de Socorros Mútuos Linath Hatzedek (1932), Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência – SIBRA (1936), fundada por judeus alemães chegados nos anos 1930, e os movimentos juvenis lavne, Habonim Dror, Betar, Shomer Hatzair e Chazit haNoar. Em 1941, a comunidade mantinha um programa de rádio (Confederação Israelita do Brasil/CONIB, 2012). As entidades atuais estão dispostas (Anexo F).

É interessante notar que houve um período de intensificação da corrente migratória judaica em direção à capital gaúcha. Scliar (2004b, p. 157) diz que foi “Ao final da Segunda Guerra, que a comunidade judaica no Rio Grande do Sul, em particular em Porto Alegre, havia crescido muito [...]”. Isso poder ser visualizado (Figura 97).

Após a Segunda Guerra Mundial, novas instituições foram criadas em Porto Alegre como: Organização Sionista (1945), WIZO (1947), Na<sup>o</sup>amat Pioneiras (1948),

Clube Campestre (1958), Federação Israelita do Rio Grande do Sul (1961) e um Clube Esportivo (em 1966) (Site da Confederação Israelita do Brasil (CONIB)/2012).

Figura 97: Gráfico da população judaica no Estado do Rio Grande do Sul e Porto Alegre



Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2012

Falbel (2008, p. 533) pontua o papel das instituições ao olhar para a comunidade, a partir do final dos anos 1920 “Veremos que, sob todos os aspectos, sejam eles religiosos, sociais, culturais ou econômicos, a vida judaica local encontrava-se razoavelmente amparada por instituições”.

Com o aparecimento dessas entidades (associações), emergiu a necessidade da constituição de um órgão integrador para coordenar e representar a comunidade judaica. Em 1930, houve uma tentativa para a organização de um organismo que fosse o único autorizado a falar em nome de todos. Conforme Eizirik (1984, p. 35), nesse momento a “comunidade judaica de Porto Alegre contava com 15 organizações, mas não chegou a se concretizar”. Brumer (2004, p. 118) informa que entre o período de 1945 até 1961 “foi a Organização Sionista Unificada [...] que atuou como entidade aglutinadora da comunidade judaica”.

Em 1961, fundou-se a Federação das Sociedades Israelitas Brasileiras do Rio Grande do Sul que, em 1977, passou a chamar-se Federação Israelita do Rio Grande do Sul. Halpern (1999, p. 113) faz referência a Publicações da Federação com relação a sua primeira diretoria “[...] constituída entre 1962-1963, era presidida por Saul Nicolaievski e tinha Rafael Zippin como vice-presidente e Mauro Kaufman como secretário”.

Brumer (2004, p. 118) comenta que a comunidade judaica de Porto Alegre conta, atualmente, com “Mais de trinta associações (entidades), abarcando a área religiosa, social, esportiva, educacional, assistencial e filantrópica, cultural e sionista”. E a Federação Israelita do Rio Grande do Sul<sup>118</sup> é o órgão de representação da comunidade junto com essas entidades que compõem a comunidade. O Presidente da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRS) em exercício, Mário Cardoni<sup>119</sup>, explica qual é o trabalho da Federação e sua principal função

O trabalho da Federação é de servir como um guarda-chuva, como uma ampla rede de integração entre as entidades e o funcionamento da vida cultural, religiosa, educacional, artística, comunitária. A principal função da Federação é agir como um elo político com a comunidade e a comunidade maior. Nosso trabalho permanente é de manter vínculos com os poderes públicos e com a sociedade civil, através de todas as outras organizações quer sejam as organizações educacionais, culturais, do direito e as sindicais. Enfim, com toda a sociedade civil nós fazemos esta intermediação mostrando a pujança, as características da comunidade judaica.

A missão da Federação Israelita do Rio Grande do Sul é representar a comunidade judaica e coordenar as estratégias interinstitucionais a partir das entidades filiadas, tanto em nível interno como na comunidade maior do Rio Grande do Sul. Outra incumbência é valorizar a preservação da sociedade plural e lutar pelo contínuo desenvolvimento da identidade judaica (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014).

A seguir são expostas as Instituições em cinco categorias. A primeira é a Categoria Cultura que possui as seguintes entidades: A Organização Sionista do Rio Grande do Sul, A Fundação Israelita Brasileira de Arte e Cultura Kadima, O Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), Os Programas Radiofônicos: Hora Israelita e o Programa Shalom. A segunda, Categoria Educação com: O Colégio Israelita Brasileiro. A terceira Categoria é das Entidades Femininas: A Organização Sionista Internacional das Mulheres (WIZO) e A Organização Feminina: Na”amat Pioneiras. A

---

<sup>118</sup> Pregam-se os seguintes valores: Valor da vida; Valor da liberdade; Valor da democracia; Valor da justiça; Valor do respeito à diferença; Valor da liberdade de expressão; Valor de respeito à liberdade religiosa; Valor do respeito às minorias; Valor da solidariedade às comunidades judaicas e ao Estado de Israel; Valor do Estado Democrático de Direito (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014).

<sup>119</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 02 de Março de 2013.

quarta Categoria é dos Movimentos Juvenis: Movimento Juvenil Sionista Betar, Chazit Hanoar Hadrom Americat e *Habonim Dror*. E a quinta Categoria, das Entidades de Cunho Social: A Associação Israelita Damas de Caridade, A Sociedade Beneficente Damas de Caridade Sefaradi e o Lar da Criança Anne Frank, A B'nai B'rith Rio Grande do Sul e O Lar Maurício Seligman (Figura 98).

Figura 98: Quadro das cinco categorias institucionais: cultura, educação, feminina, juvenil e social

<b>CATEGORIAS</b>	<b>ENTIDADES</b>
<b>CATEGORIA DA CULTURA</b>	A Organização Sionista do Rio Grande do Sul; A Fundação Israelita Brasileira de Arte e Cultura Kadima; O Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC); Os Programas Radiofônicos: Hora Israelita e o Programa Shalom;
<b>CATEGORIA DA EDUCAÇÃO</b>	O Colégio Israelita Brasileiro;
<b>CATEGORIA DAS ENTIDADES FEMININAS</b>	A Organização Sionista Internacional das Mulheres (WIZO); A Organização Feminina: Na <sup>o</sup> amat Pioneiras;
<b>CATEGORIA DOS MOVIMENTOS JUVENIS</b>	O Movimento Juvenil Sionista Betar; A Chazit Hanoar Hadrom Americat; O Habonim Dror;
<b>CATEGORIA DAS ENTIDADES DE CUNHO SOCIAL</b>	A Associação Israelita Damas de Caridade; A Sociedade Beneficente Damas de Caridade Sefaradi; Lar da Criança Anne Frank; A B'nai B'rith Rio Grande do Sul; O Lar Maurício Seligman;

Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2014

## 5.1 A Categoria Cultura

### 5.1.1 A Organização Sionista do Rio Grande do Sul

O nacionalismo judaico surgiu na Europa no final do século XIX. O Theodor Herzl, seu idealizador, expôs ao mundo as principais ideias e diretrizes do Projeto Sionista no Livro “O Estado judeu”, publicado em Viena, em 1896. Ele afirmava que a questão judaica não era nem social, nem religiosa, mas, sim, nacional, pois, segundo ele, o antissemitismo só seria resolvido através da criação de um Estado judaico. As ideias de Herzl foram discutidas no primeiro Congresso Sionista Mundial,

sendo, na ocasião fundada, sob um regime presidencialista, a Organização Sionista Mundial (OSM). (Site Institucional do ICJMC/2014)<sup>120</sup>.

Um dos representantes da comunidade judaica gaúcha Gedali Saitovich<sup>121</sup> faz referência à Organização Sionista Mundial “foi uma das entidades mais importantes e profícuas do século passado. Essa organização iniciou-se em 1897 quando ocorreu o primeiro Congresso Sionista Mundial com Theodor Herzl”.

O sionismo possuía como referência e tópicos principais os seguintes pontos: criação de um Estado nacional judaico no território ancestral dos judeus; imigração para a Palestina; o idioma hebraico; o fim da Diáspora; a formação de uma nova identidade judaica, secular e vinculada ao sionismo e a Israel e a resolução do antissemitismo, questões essas condizentes ao judaísmo e que foram prontamente incorporadas à agenda sionista.

O projeto sionista propunha a formação de uma nova identidade judaica: uma identidade laica e vinculada ao novo estado nacional. Em última instância, o movimento, ao se apresentar como sinônimo de judaísmo, propunha unificar os diferentes judaísmos por meio de uma mesma cultura de caráter nacional. Para isso, a língua e o território foram “suportes fundamentais da nova identidade que se distinguiu da identidade judaica tradicional alicerçada por uma consciência religiosa”.

No contexto brasileiro, os primeiros anos da década de 1920 foram decisivos na formação das instituições comunitárias e, também, na consolidação de um movimento sionista. Falbel (2008, p. 373-391) cita as organizações sionistas e o papel de Schneider, um dos fundadores do movimento sionista no cenário nacional

A Tiferet Sion no Rio de Janeiro, fundada em 1916; a Shalom Sion em Curitiba, fundada em 1917; a Ahavat Sion em São Paulo, fundada em 1916; a Ahavat Sion, no Pará, fundada pelo Major Eliezer Levy, em 1918; e a Associação Sionista de Porto Alegre, provavelmente na mesma data [...]. Jacob Schneider, chamado certa vez de “pai da comunidade”, teve papel importante na formação da atual comunidade judaico-brasileira.

Como a maioria das comunidades israelitas do país, as atividades sionistas de Porto Alegre também eram de início, esporádicas<sup>122</sup>. Em 1915, por iniciativa de Samuel Spiguel, foi fundado o primeiro grupo de Poalei Sion (da direita). Pelo

<sup>120</sup> (Boletim Informativo, Abril de 2014, p. 4).

<sup>121</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 6 de Julho de 2013.

<sup>122</sup> Falbel (2008, p. 627) destaca os primeiros sionistas “Naum Guinzberg, Tobias Krasni, Moisés Peçis, Jacob Peçis, Moisés Topolar, Leo Bonder e Leão Kutin. Diferenciação partidária dentro do movimento não existia ainda naquela época”.



começo de 1927, fundou-se em Porto Alegre oficialmente o partido Poalei Sion do Brasil. Em 1937, com o advento do novo regime no país, ficaram proibidas as atividades dos grupos étnicos, que tinham qualquer indício de caráter político, ou nacional. Em 1945, ano da decisiva vitória das forças da democracia sobre as hordas totalitárias, também no Brasil se restabelece o regime democrático, sendo novamente permitido o movimento sionista. Assim, em 24 de novembro de 1945, surgiu a “Organização Sionista Unificada de Porto Alegre<sup>123</sup>” (FALBEL, 2008).

Nessa época, fervilhavam em Porto Alegre atividades societárias judaicas, especialmente no setor sionista. Halpern (1999, p.29) comenta que, pouco antes do término da Segunda Guerra Mundial e logo após a assinatura do Tratado de Paz, surgiram ou foram revividos em Porto Alegre

Ao lado do Comitê Pró-Vítimas da Guerra e do Círculo Cultural Iavné, o Comitê Pró-Palestina, K.K.L., *Keren Haiessod, Hatzoar, Mapai, Betar, Dror*, Unificada Juvenil, *WIZO*, Pioneiras, *K. Tel Chai*, Theodor Herzl, *Brith Nashim, Shelach, Clalim, Hashomer Hatzair* e outras entidades. Cada um tinha o seu programa, suas motivações e procurava ocupar espaço no *ishuv*.

Para Brumer (2004, p. 120) a Organização Sionista Unificada tinha como função “fazer a ligação e manter a solidariedade dos judeus gaúchos com Israel. Durante 16 anos, antes da criação da FIRGS, atuou também como uma federação das entidades judaicas no Estado”.

A criação de Israel representou, simultaneamente, o auge e o início da crise do sionismo que, gradualmente, perdeu força de agregação e ideologia entre os judeus da diáspora, junto a isso a ideia de uma Federação era aceita. Em São Paulo, Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, o início das Federações esteve a cargo do sionismo por meio de suas lideranças, as quais de modo gradual perderam espaço enquanto líderes sionistas, através de concessões que foram obrigadas a fazer em prol de interesses comunitários mais amplos (Site Institucional do ICJMC/2014)<sup>124</sup>

A Organização Sionista do Rio Grande do Sul é uma Instituição voltada para a realização de atividades ligadas ao Estado de Israel. E é representante da

---

<sup>123</sup> Falbel (2008, p. 726) A primeira diretoria da entidade recém-fundada foi constituída dos seguintes ativistas “Mauricio Pessis – presidente; José Neumann – vice-presidente; Claus Oliven – secretário geral; Samuel Goldfeld – 2º secretário; Samuel spiguel – tesoureiro; Abraão Milmann – 2º tesoureiro; Dr Isaac Siminovitch – diretor de publicidade; Claus Oliven, Samuel Goldfeld e Maurício Milgron, Matias Ben David, David Scherman e Adolfo filstiner – conselheiros”.

<sup>124</sup> (Boletim Informativo, Abril de 2014, p. 5).

Organização Sionista Mundial. A Organização é uma das principais realizadoras da Festa na Rua, evento anual que acontece sempre no último domingo<sup>125</sup> de maio no bairro Bom Fim, em Porto Alegre, em homenagem à Independência do Estado de Israel. Há atrações de dança, culinária<sup>126</sup>, entre outras com a participação da coletividade em geral. O tradicional evento é frequentado pela comunidade judaica e pela comunidade gaúcha em geral (TZEDAKÁ/FIRGS/2008-2009). (Figuras 99-100).

Figura 99: Divulgação da XXIII Festa na Rua



Fonte: Site News Hebraica/2014

Figura 100: Festa na Rua: perspectiva ampla



Endereço: Rua João Telles, Bairro Bom Fim, POA

Fonte: Site da Federação (FIRGS)/2013

Uma das organizadoras da festa é Zoé Kvitko<sup>127</sup>. Ela explica quando e como surgiu a ideia de realizar a Festa na Rua, quais foram os idealizadores, o que é comemorado e quais são as atrações dessa festa

Foi há 26 anos. Essa ideia surgiu do Departamento Jovem da Organização Sionista que, na época, era formada por Roberto Chorsks, Luis David Leventhal e Ana Leventhal e Ricardo Mester. Esses jovens se reuniram e acharam que seria muito interessante realizar uma Festa na Rua. Muita gente fala festa da rua, mas nós não estamos comemorando a rua João Telles e sim, a independência do Estado de Israel que esse ano foi 65º aniversário e também a gente aproveita esse momento para confraternizar com todas as etnias. Por isso nós temos diversas atrações no palco com diversos grupos, corais, danças. Tivemos a apresentação do grupo de dança Kadima, que é o grupo oficial de dança da comunidade, do Lechaim (grupo que canta não somente músicas judaicas, enfim um repertório

<sup>125</sup> A festa se estende das 9h da manhã até às 18h. Parte da rua João Telles é fechada para o trânsito juntamente com a Henrique Dias até uma determinada parte. Nesse espaço é montado um palco onde se apresentam diversas atrações.

<sup>126</sup> A festa se caracteriza por oferecer todos esses tipos de alimentos que são a comida típica de Israel como *strudel* que é um doce muito conhecido, *Kniches*, *burrekas* e outras especialidades da cozinha judaica.

<sup>127</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 06 de Julho de 2013.

bastante amplo), as danças do Colégio Israelita que sempre nos conduzem até aqui seus alunos.

A organizadora desse evento, Kvitko, informa quanto ao destino da renda da festa “A nossa satisfação é que as ONGs/POA sejam gratificadas”<sup>128</sup>. Outra é que os movimentos juvenis precisam de recursos para se sustentar em suas sedes provisórias ou próprias, e o “faturamento dessa festa é para eles”. Brumer (2004, p. 120) destaca “o apoio à formação e atuação de grupo de jovens e a organização anual de uma festa na rua, cuja renda é destinada aos movimentos juvenis, na qual se fazem presentes várias entidades judaicas de Porto Alegre” (Figuras 101-102).

Figura 101: Participação do Betar na Festa na Rua



Endereço: Rua João Telles, Bairro Bom Fim, POA  
Fonte: Trabalho de campo/2012

Figura 102: Barraca do Movimento Dror na festa



Endereço: Rua João Telles, Bairro Bom Fim, POA  
Fonte: Trabalho de campo/2012

As instituições filantrópicas contam com infraestrutura para montarem suas barracas e venderem seus produtos com fins beneficentes. Um dos destaques é a parceria com a Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE) e do Estado do Rio Grande do Sul, por meio da qual presidiários vendem produtos confeccionados por eles em uma barraca própria (TZEDAKÁ/FIRGS/2008-2009).

A estimativa da Brigada Militar, referente ao ano 2013, é que circularam na festa cerca de 4 mil pessoas. O público presente é diverso, porém convém destacar o posicionamento de diferentes lideranças e representantes que atuam diante da comunidade judaica porto-alegrense. A pergunta foi realizada aos mesmos com a seguinte indagação: - Como você está vendo a 26ª Festa na rua? (Figura 103).

<sup>128</sup> Tudo que elas coletam é em prol da sua assistência, além disso, nós temos também a participação de certas entidades da nossa comunidade como a WIZO, as pioneiras, o Centro Hebraico e as Damas de Caridade, que são algumas entre as várias instituições judaicas.

Figura 103: Quadro da 26ª Festa na Rua/2013 e seus diversos posicionamentos

Representantes e líderes da comunidade judaica de Porto Alegre	Posicionamento
<p><b>Rabino Mendel Liberow</b> <b>Sociedade Beit Lubavitch</b></p>	<p>Olha, eu que estou em Porto Alegre há 32 anos, eu acompanhei todas, e cada vez está melhor, cada vez está mais bonito, cada vez tem uma integração maior, realmente, é um marco para a comunidade judaica de Porto Alegre. Sempre estamos aqui com barraca através da venda de livros, da <i>Mezuzá</i>, <i>Tefilim</i>. Também temos a colocação de <i>Tefilim</i>.</p>
<p><b>Luiz David Leventhal</b> <b>Coordenador do Evento</b></p>	<p>São 26 anos de história, né? Nós começamos em cima de uma mesa e de quatro engradados de cerveja, na frente do Centro Israelita. E daí ela foi crescendo e hoje estamos com esta festa que temos mais de 100 barracas, com mais ou menos 600 voluntários trabalhando na festa. De 15 a 15 minutos temos uma atração no palco.</p>
<p><b>Mario Cardoni</b> <b>Presidente FIRGS</b></p>	<p>Essa festa, em minha opinião, é a que mais reflete o espírito de integração da nossa comunidade. É na nossa rua, na João Telles, em frente à Hebraica que foi o palco de todas as nossas reuniões da infância. Com todas as manifestações e entidades reunidas, eu acho que ela representa a nossa integração, muito bom.</p>
<p><b>Rabino Daniel Presman</b> <b>Linat Hatzedek</b></p>	<p>É um evento fantástico por reunir toda a comunidade, por ter esta alegria e esta troca entre as instituições da comunidade. E também uma oportunidade de ver um trabalho tão bonito de voluntários e também daqueles que são profissionais, desde Damas de Caridade, a WIZO, a Na"amat Pioneiras, os movimentos juvenis e as Sinagogas.</p>
<p><b>Presidente da SIBRA</b></p>	<p>Cada vez mais é necessário que as entidades se unam pelo bem da comunidade. Então, a Festa na Rua é um dos eventos em que a comunidade judaica está unida em prol de um objetivo.</p>
<p><b>Jovens Uriel e Dafne</b> <b>Integrantes do Dror</b></p>	<p>Está muito legal e todo mundo vem pra Festa na Rua e procura o nosso falável, que é um produto tradicional aqui. É o tradicional ímã da Festa. Fazíamos um ano que não participávamos porque nossa <i>Kutsá</i> estava pra Israel fazendo a <i>Shanat</i>.</p>
<p><b>Rabino Ari Oliszewski</b> <b>União Israelita</b></p>	<p>Eu acho que isto é um ideal que não acontece em outras partes do mundo. E não é brincadeira ver que, em uma mesma festa, você tem todas as sinagogas trabalhando juntas, todas as entidades femininas, sem importar qual seja o alinhamento, ortodoxo, reformista ou conservador, sionista de direita ou de esquerda. Todos num mesmo lugar, realmente, acho que é um exemplo para o mundo, devíamos exportar isso. A Argentina não tem, em Salvador, onde morei, não tem, em Israel nunca vi.</p>

Fonte: Entrevistas concedidas à Hebraica News cedidas nos dias 1º, 8 e 15 de Junho de 2013  
Org: Santos, Maria Medianeira dos/2014.

Essa festividade é comemorada num domingo de maio. Em 2014, aconteceu a 27ª edição da “Festa na Rua”, em celebração aos 65 anos de independência do Estado de Israel. Os meios de divulgação para a realização desse evento são diversos: como os Sites Institucionais, da Federação, os jornais de bairro como o Jornal Fala Bom Fim e outros.

O evento, que já faz parte do calendário de festividades da capital gaúcha, contou este ano com 80 barracas, muitas das quais cedidas para várias entidades beneméritas poderem vender seus produtos. O público pode experimentar as comidas típicas da culinária judaica e comprar artigos variados como objetos religiosos e livros. Houve atrações de dança e música representativas não só da comunidade judaica, mas também de diversas etnias e segmentos da sociedade gaúcha. Também foi possível doar roupas para a Campanha do Agasalho da Comunidade Judaica, os organizadores do *Iom Mitzah* estiveram recebendo doações (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul/2014).

Brumer (2004, p. 120) salienta que a Organização Sionista do Rio Grande do Sul conta, atualmente, com cerca de “45 sócios contribuintes e sua diretoria atual tem como metas o fortalecimento e a difusão da ideia “Israel”, a promoção da *aliah*, a formação de lideranças juvenis, a difusão da cultura judaica [...]”.

### **5.1.2 A Fundação Israelita Brasileira de Arte e Cultura Kadima**

A dança folclórica israelense é um código cultural essencial para a comunidade judaica, pois, através das suas práticas, o grupo, independente do contexto espacial que esteja, pode rememorar sua cultura, sua história, sua música e suas vestimentas. É uma atividade cultural muito rica e peculiar e engloba diversos elementos que reunidos reforçam a sua identidade cultural. Brumer (2004, p. 140) refere-se de como a dança foi sendo inserida na comunidade judaica porto-alegrense

Praticadas, inicialmente, no Colégio Israelita Brasileiro e nos movimentos juvenis, as danças folclóricas difundiram-se para outras associações, nos anos 1970, culminando, em 1979, com a criação da Fundação Kadima, que além de manter seu próprio grupo de dança passou a congregar os demais

grupos em apresentações para o público em geral, em Porto Alegre no interior e fora do estado.

A dança folclórica israeli foi sendo praticada em diversos núcleos da comunidade judaica, principalmente, pelo público jovem. No entanto, no decorrer do tempo, surgiu a necessidade de organizar um grupo e legitimá-lo perante a comunidade judaica e a comunidade maior. Em 1979, foi formado o Grupo de danças folclóricas Kadima. Uma informação interessante é que alguns dos jovens que foram os pioneiros no Estado, hoje, trabalham na sua diretoria (Figura 104)<sup>129</sup>.

Figura 104: Pioneiros da dança



Fonte: Site da Federação retirada do Acervo da Fundação Kadima/2014

No ano de 1993, a Federação Israelita do Rio Grande do Sul tomou a iniciativa de transformar esse grupo de dança em Fundação Israelita Brasileira de Arte e Cultura Kadima. Desse modo, o Kadima<sup>130</sup>, como é conhecido, tornou-se o responsável pela preservação e manutenção da identidade judaica. Essa entidade apoia e divulga a cultura e folclore judaicos, valorizando e contribuindo para a criação de grupos que atuem nas diferentes áreas culturais como a dança, a música e o teatro (Site Institucional do Kadima/2014).

A dança folclórica israeli, em Porto Alegre, tornou-se ao longo desses últimos anos, um marco importante dentro da vida da comunidade judaica. Esse movimento mobiliza em torno de 800 dançarinos entre crianças, jovens e adultos. A atual presidente da Fundação Kadima, Denise Boianovski Turkenicz<sup>131</sup>, explica como está sendo a organização do grupo, a sua atuação e seus objetivos

<sup>129</sup> Na foto encontra-se parte do grupo pioneiro da dança em Porto Alegre, numa confraternização após o ensaio no ano de 1980.

<sup>130</sup> Kadima em hebraico significa avante (TURKENICZ, 2013).

<sup>131</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, 15 de Junho de 2013.



Promovemos eventos anuais em que convidamos todos os grupos para participar dos eventos, que são os festivais. Em Porto Alegre, temos 12 professores de *Arcadá* que é a dança de roda judaica. O grupo Kadima no Brasil, hoje, é considerado um dos melhores grupos de folclore israeli. Um dos objetivos da minha gestão é fazer com que a comunidade em geral e Rio Grande do Sul conheça o nosso trabalho do folclore.

Há uma participação ativa do Kadima nos eventos que acontecem na comunidade judaica de Porto Alegre. Nesse caso, sua presença é marcante no evento da Festa na Rua. A utilização desse espaço é fundamental para a divulgação de seus eventos, bem como da demonstração de sua dança folclórica para o público presente (Figura 105).

Figura 105: Participação da barraca do kadima: Festa na Rua



Endereço: Rua João Telles, Bairro Bom Fim, POA  
Fonte: Trabalho de campo/2012

O grupo de dança folclórica israelita Kadima apresentou o espetáculo de dança "Ritmos da Paz", indicado ao Prêmio Açorianos 2012, no Teatro Renascença (Érico Veríssimo, 307). Dentro desse contexto, o show tratou de temas relacionados ao anseio da comunidade judaica pela paz (Site do Jornal Correio do Povo/2012)<sup>132</sup>.

O Grupo Kadima recebeu a Companhia Israelense Misgav que realizou um show em Porto Alegre. O Misgav Dance Troupe, composto por 40 jovens bailarinos, foi o vencedor do Festival Karmiel de 2013. O grupo mixa em suas mais recentes criações a dança contemporânea ao folclore, levando ao palco uma experiência única e cheia de sensações que inclui coreografias étnicas, danças que combinam

---

<sup>132</sup> 15 de Julho de 2012.

humor e jogos e a dança folclórica israeli (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013)<sup>133</sup>. (Figura 106).

Figura 106: Apresentação da Companhia Israelense Misgav



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013

Atualmente, a Fundação Kadima é reconhecida, tanto nacionalmente como internacionalmente, devido a sua participação em festivais no Brasil e no Exterior. A Entidade tem duas grandes promoções na área de dança folclórica israeli: o Festival Choref, Festival Latino-Americano de Dança Folclórica Israelí e o Festival Darom, Festival de Dança Folclórica Israelí.

O Festival Darom reúne grupos representantes das entidades judaicas de Porto Alegre, além de agrupar mais de 400 dançarinos de crianças a adultos. Nos shows, é possível visualizar as influências recebidas dos rituais e dos costumes, das festas e das cerimônias religiosas. Os grupos são os representantes do Colégio Israelita Brasileiro, do Club Campestre-Macabi, das Sinagogas e Movimentos Juvenis, além do grupo de danças Kadima. Já o Festival Choref, por sua amplitude, faz parte do Calendário de Eventos da cidade de Porto Alegre, como evento de divulgação e preservação da história da comunidade judaica. Foram realizadas 13 edições do Festival que reúne, a cada ano, mais de 600 dançarinos de diversas faixas etárias, de várias cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e de países como Argentina, Venezuela e Uruguai (Site Institucional do Kadima/2014).

A Diretora da dança Israelí da Hebraica/RS, Marta Feder<sup>134</sup>, está a quase trinta anos inserida no meio da dança israelí. Feder participou em 2012 do 14º Festival Choref e afirmou quais são as principais intenções dos grupos de dança “Nós

---

<sup>133</sup> 04 de Dezembro de 2013.

<sup>134</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 03 de Novembro de 2012.



imaginamos que isso vai dar uma continuidade muito grande na cultura da dança israeli. Nós imaginamos que isso, como preservação de cultura, tem um papel muito importante na nossa comunidade” (Figura 107).

Figura 107: Apresentação do Grupo Kadima



Fonte: Site do Coletivo Judaico, 03 de Agosto de 2013

A Presidente da Fundação Kadima Denise Boianovski Turkenicz<sup>135</sup> também participou do 14º Festival Choref. Nesse sentido, ela comenta como é realizada a preparação para esse festival e as expectativas da realização deste evento

A abertura do Festival Choref é muito emocionante porque esperamos o ano inteiro para juntar 300 jovens da América Latina para fazer o intercâmbio de Folclore Israelí. Hoje são três países aqui o Brasil, a Argentina e o Uruguai. Como acontece um ano sim e outro não, então significa que são 28 anos de trabalho comunitário para manter esta galera animada dançando o folclore Israelí.

O Kadima também tem participado do Festival do Folclore Internacional e recebeu o convite para realizar a abertura da Copa do Mundo 2014. A atuação do movimento da dança folclórica como um todo vem sendo trabalhado para que se engaje dentro da comunidade judaica. Em julho de 2013, o grupo foi para Israel fazer um intercâmbio de aprendizagem com 14 países e, também, participou do Festival Carmiel, que é um festival internacional de folclore israelí, bem como participou da abertura das Macabíadas, desfilando com a delegação brasileira (TURKENICZ, 2013).

Em 2013, o grupo recebeu o convite para fazer parte da delegação brasileira nas Macabíadas, evento que reuniu esportistas judeus de todo o mundo. Foi a

---

<sup>135</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 03 de Novembro de 2012.

primeira vez que a dança fez parte desse evento, que ocorreu em Israel, de 18 a 30 de julho de 2013. Em Israel, o Kadima também participou do Karmiel Dance Festival, o maior festival de dança folclórica israeli do mundo, que foi realizado de 23 a 25 de julho (Site do Coletivo Judaico/2013).

### **5.1.3 O Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC)**

A preservação da identidade cultural judaica e de sua história sempre foram preocupações aliadas à valorização de espaços que permitissem o desenvolvimento de formas de expressão cultural. No cenário gaúcho, várias foram as instituições criadas para subsidiar, diretamente e/ou indiretamente, essa finalidade. No entanto, notou-se a necessidade de uma que pudesse armazenar e divulgar a documentação de tudo isso através de um acervo documental. Desse modo, surgiu, em 1985, o Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC).

A Vice-presidente do Marc Chagall Ieda Gutfreind<sup>136</sup> explica que o Chagall possui o diferencial de ser uma Instituição voltada também para a sociedade maior “O Chagall [...] durante alguns anos teve uma fase bastante exuberante, tinha como objetivos, distintamente, de todas as demais associações comunitárias judaicas o de não estar voltado para dentro da comunidade, mas sim para fora”. A fim de complementar essa afirmação, Brumer (2004, p. 140) expõe as pessoas que foram as responsáveis pela idealização desse projeto e quais eram os objetivos que pretendiam alcançar

O ICJMC foi criado [...] por um grupo de intelectuais e empresários judeus, sua meta principal era preencher uma lacuna existente na comunidade judaica da capital, no sentido de voltar-se para a sociedade mais ampla, mostrando aos não judeus uma visão sobre os judeus desvinculada de preconceitos tradicionais e buscando, com isso, diminuir preconceitos, atualizar informações, assegurar a autoestima judaica, interna e externamente, com o reforço de sua identidade.

No início, o Instituto era organizado através da formatação de cinco câmaras de letras, de artes, de ciência e tecnologia, de teatro e música. E o Departamento de

---

<sup>136</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 20 de Julho de 2013.

Memória é o que fez grandes realizações nos primeiros anos de vida do Instituto, com grandes exposições, a vinda de cientistas, representações teatrais, exposições de arte, enfim muita produção em todas as áreas do conhecimento. Esse departamento, num certo sentido, estava voltado para a comunidade, porque houve a preocupação de recuperar e garantir a história dos imigrantes pioneiros e seus descendentes (GUTFREIND, 2013)<sup>137</sup>.

No decorrer do tempo, o Instituto mudou a sua formatação e as câmaras foram abolidas. Os objetivos de preservação e valorização continuaram em vigor, mas foram ampliados. Brumer (2004, p. 140) informa o surgimento de um museu que está dentro do Chagall “Em 1994, foi dado início ao Museu Nacional das Migrações Judaicas, que organizou várias exposições sobre a imigração judaica e sobre assuntos relacionados ao judaísmo”. A vice-presidente Gutfreind<sup>138</sup> relata que “O que nos move é a consciência da necessidade de preservar a nossa história”. A mesma destaca que perante o cenário atual, o Instituto realiza diversas atividades, tanto para a comunidade judaica como para a sociedade maior

O que temos hoje no Chagall é uma série de atividades e ele se caracteriza como um espaço da memória judaica, da história judaica. Assim sendo, aquelas 400 entrevistas realizadas na década de 1980 e início dos anos 1990, hoje chega a 600 depoimentos. Temos um site, temos uma revista eletrônica Web Mosaica, temos um grupo de estudos que se dedica à pesquisa sobre cristãos novos e sobre a Inquisição na América Meridional, temos um painel que se apresenta em Escolas e Universidades, aonde vão os sobreviventes do Holocausto e apresentam suas palestras. Tem uma biblioteca com mais de mil volumes centrados na temática da migração e judaica.

#### **5.1.4 Os Programas Radiofônicos: Hora Israelita e o Programa Shalom**

Hoje estamos na era digital, mas, antigamente, as notícias da comunidade eram divulgadas pelas ondas do rádio, através do Programa Hora Israelita, existente até hoje. Halpern (1999, p. 146) explica que o Círculo Cultural Iavne foi o pioneiro<sup>139</sup>

---

<sup>137</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 20 de Julho de 2013.

<sup>138</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 20 de Julho de 2013.

<sup>139</sup> A ideia partiu de José Grimberg. Ele a expôs em uma reunião do Brith Hatzoar e, para concretizá-la, contou com a assessoria de David Bonder e Chaim Welczer, também integrantes dessa Diretoria.

das programações radiofônicas israelitas “A primeira audição do programa Hora Israelita aconteceu em 5 de julho de 1946, às 22 horas, pela Rádio Farroupilha, na época, a mais potente e a mais ouvida no sul do Brasil” (Figura 108)

Figura 108: Radialistas apresentando a Hora Israelita



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2013

Na fase inicial, o programa consistia, conforme Eizirik (1984, p. 115), em um programa “noticioso; comentários sobre a atualidade judaica; notas sociais da coletividade; música *ídiche* e *hebraica*. Após, foram acrescentadas páginas culturais e noticiários que vinham da Kol Israel, em português, e entrevistas”.

A “Hora Israelita” é um programa radiofônico institucional com quase 70 anos de experiência, apresentado todos os domingos pela Rádio Bandeirantes AM 640 KHz de Porto Alegre, RS, das 8h às 10h, destinado a divulgar para a grande sociedade as tradições, a cultura e a atualidade relativa ao judaísmo como um todo. É destaque a grade de programação dos seguintes blocos: notícias, em duas edições; avanços científicos israelenses; crônicas, comentários; entrevistas; músicas judaicas e hebraicas; culinária judaica; efemérides do calendário hebraico; eventos sociais e registros sobre a atualidade israelense. Têm-se correspondentes fixos nos Estados Unidos, Israel, Buenos Aires, Rio de Janeiro e Curitiba, que transmitem boletins e comentários no decurso das programações. As audições são preparadas e apresentadas exclusivamente por ativistas da filantropia comunitária. Tudo isso é focado no programa ao vivo e também disponível no site, onde se pode escutar o

---

O Hatzoar era, então, presidido por Maurício Wolf e secretariado por Josef Halpern (HALPERN, 1999).

programa anterior que fica à disposição durante a semana (Site Institucional da Hora Israelita/2014).

No site da Hora Israelita é possível encontrar à disposição um link que permite visualizar as Notícias da Semana. A abrangência das notícias é de escala global, levando em conta a atuação dos judeus no mundo. Há também um link das Atividades da Comunidade. Assim, as pessoas podem encontrar informações referentes a eventos que a comunidade judaica tem à disposição, sendo que o suporte utilizado é a agenda da Federação. Há dicas de viagem, cujo foco visa a incentivar a ida para Israel e divulgar o uso da tecnologia e da inovação proposta por eles. Uma seção é dedicada à Culinária Judaica com Helena Zelmanovitch, que divulga receitas importantes para fazer nas festividades como o *Pessach*, *Rosh Hashaná* e outras. Os radialistas locais têm o apoio de correspondentes como Herman Glanz, do Rio de Janeiro e Deborah Srour, de Nova York (Site Institucional da Hora Israelita/2014).

Outro programa radiofônico que existe, atualmente, é o Programa Shalom, que também ocorre todos os domingos das 08h30min às 09h, na Rádio da Universidade ZYK 280, 1080 kHz AM estéreo. O rabino Mendel é o idealizador e o responsável por esse programa. O site Beit Chabad possui o link onde você pode escutar ao vivo o programa, bem como escutar a última gravação (Site institucional do Beit/2014).

## **5.2 Categoria Educação: O Colégio Israelita Brasileiro**

A continuidade dos valores judaicos no sentido cultural e educacional é um lema importante para a comunidade judaica. Dessa forma, é necessário salientar que a grande preocupação da primeira geração de imigrantes judeus foi a de oferecer uma excelente educação para seus filhos. Conforme a historiadora Gill (2001, p. 73), eles entendiam que “independente da situação política vivida por qualquer país, o conhecimento individual adquirido pelo judeu era o meio mais seguro de conseguir recomeçar, em qualquer lugar, a qualquer tempo”.

No cenário gaúcho, convém salientar que tanto na colônia agrícola de Philippon como na colônia de Quatro Irmãos já existiam escolas de nível primário. Essas foram construídas pelos próprios colonos, mas as cidades de porte médio

foram polos de atrações, em grande parte, pelo fato de proporcionar o desenvolvimento em níveis mais elevados nos estudos.

No início do século XX, a comunidade judaica de Porto Alegre possuía uma forma de instrução educacional que valorizava o ensino religioso dos filhos dos imigrantes, cujo objetivo era prepará-los para o *Bar Mitzvá* e *Bat Mitzvá*. O ensino não era institucionalizado, sendo que algumas Sinagogas davam o suporte para a realização de grupos de estudos judaicos ou eram, até mesmo, realizados nas próprias residências dos mestres. Brumer (2004, p. 126) salienta que essa era a forma de ensino “nos primeiros anos de vida comunitária judaica em Porto Alegre, as escolas de ensino religioso (*Talmud Torá*) [...]. Já o estudo das matérias laicas era feito em escolas primárias públicas”. Falbel (2008, p. 341) complementa que esse ensino religioso era denominado de *Talmud Torá* ou *Hedorim*. Segundo ele, “existiam igualmente pequenas casas de ensino religioso, onde se ensinava à moda antiga. Porém, o estabelecimento de ensino judaico secular não existiu até o ano de 1920”.

Em 1922, esse cenário na cidade de Porto Alegre alterou-se com a criação do primeiro estabelecimento do ensino judaico secular, quer dizer, foi inserida a primeira escola israelita de ensino laico. Scliar (1990, p. 40) explica como foi atendida outra tradicional prioridade “do judaísmo: a educação e a cultura. Em 1922, foi criado um grupo escolar. O Colégio ídiche, como era conhecido, funcionava a princípio, na sede da União Israelita; adquiriu depois sede própria”. Logo, no dia 04 junho de 1922 foi fundado o Colégio Israelita Brasileiro, sendo seu estatuto registrado em novembro do mesmo ano<sup>140</sup> (Figura 109).

Figura 109: Turma de alunas do curso primário (1935)



Fonte: EIZIRIK, Moysés (1984, p. 73)

<sup>140</sup> De acordo com as informações dispostas no seguinte documento (Boletim informativo, Dezembro de 2011, p. 3).

O ensino associava a cultura judaica ao ensino tradicional, portanto era considerado laico. Falbel (2008, p. 341) explica que “Era uma escola “integral”, de curso primário, onde se ensinava, a par das disciplinas gerais, o hebraico, o *ídiche*, história do povo judeu etc”. Eizirik (1984, p. 70) diz que a iniciativa da criação partiu de pais preocupados com a “educação de seus filhos, sempre baseados no exemplo do *cheder*<sup>141</sup> (grupo de estudos judaicos) como meio de proporcionar, no mínimo, o ensino formal aos seus descendentes”.

Inicialmente, a coletividade era pequena e só havia o curso primário. Eizirik (1984, p. 67), ex-aluno dessa instituição, explica que “No turno da manhã, eram ministradas as matérias básicas, como português, aritmética, geografia e história, enquanto que no turno da tarde estudávamos *ídiche*, hebraico e história judaica”. Kliemann (1992, p. 28) destaca o número de alunos que participavam das aulas. No início, eram em torno de setenta alunos e dois professores que dividiam entre si o “ensino leigo e o hebraico, o professor Vecksler e a professora Teitelbaum que vindos de Israel dominavam bem o *ídiche* e o hebraico e conheciam um pouco da atividade pedagógica” (Figura 110)<sup>142</sup>.

Figura 110: Recepção no Colégio Israelita Brasileiro à professora vinda de Israel



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2014

<sup>141</sup> Eizirik (1984, p. 70) explica que “*cheder* é uma pequena escola, com sala, em que um professor ministrava ensino judaico. Portanto, os *cheder* acima foram às primeiras aulas de ensino em Porto Alegre”.

<sup>142</sup> Na foto: Danile Sukster, Samuel Spritzer, Guilherme Finkelstein, Israel Turquenitch, Estela Kacman, Paulina Silbert, Sarita Turik, Ketty Ritter (professoras do colégio), Nechama (professora vinda de Israel), Clarisse Fridman, e Tônia de Komar (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2014).

Em outro momento a comunidade recebeu outros professores que vieram da Palestina. Os mesmos eram contratados para serem professores de ensino judaico. Nesse sentido, o *Moré Glambotzky* era responsável pelas aulas de hebraico e sua esposa *Morá Glambotzky*, pelas de *ídiche*. Eizirik (1984, p. 67) em um dos seus relatos explana sua indagação

Como uma comunidade tão pequena, constituída de poucas famílias, teve condições para trazer um casal de professores da Palestina, quando seus componentes eram imigrantes pobres, e o que cobrava dos alunos era uma insignificância.

Além das crianças frequentarem a “Escola Ídiche” era comum a procura por aulas extras com um professor judeu. O conteúdo era direcionado para o aprofundamento linguístico, bem como para uma melhor compreensão de temas religiosos. Copstein (1994, p. 89) retrata que essa atitude não ocorreu somente na capital gaúcha

Um cuidado da coletividade, não só aqui como em qualquer parte do mundo onde se fixou, foi com a educação. Afora essa escola, existiam aulas isoladas, geralmente com uma só classe e consequentemente um professor judeu, onde se estudava apenas o *ídiche*, o hebraico e religião.

Naquele tempo já era reconhecido o ensino desse colégio. No final do ano havia uma prova escrita e outra oral. Isso era realizado por uma banca de professores. Uma informação interessante diz respeito ao custo do Colégio Ídiche, que acarretava a decisão de deslocar seus filhos para outras escolas da capital. Santos (2008, p. 81) expressa seus conhecimentos a respeito das famílias sefaradis

Muchas familias de origen sefardí vivían de forma modesta y sus hijos no podían frecuentar el Colegio Israelita, el “colegio ídish”, privado como era llamado en la época. Ellos estudiaban, entonces, en colegios públicos o en algunos privados de religión católica.

Essa escola foi instituída e mantida pelos membros da comunidade. E alguns dilemas e conflitos surgiram nessa Instituição. Um deles se refere a diferentes momentos que prevaleceram o ensino da língua e da cultura *ídiche* e em outros o ensino da língua e da cultura hebraica. No primeiro momento, a escola israelita de ensino laico ensinava: o hebraico, o *ídiche* e a história do povo judaico. Decorrido



algum tempo, instituiu-se o método “tarbussista”<sup>143</sup>, excluindo do ensino a língua *ídiche*. Este cenário alterou-se com o professor Isaac Raizman de Buenos Aires que introduziu, novamente, o ensino da língua *ídiche*. Depois foi reinstituído o sistema “tarbussista”. Por fim, culminou na fundação de uma nova escola israelita “Escola Borochov”<sup>144</sup>. Isso durou alguns anos até que uniram ambas as escolas num único estabelecimento de ensino<sup>145</sup> (FALBEL, 2008).

Em 1937, o Colégio Israelita Brasileiro mudou de nome. Passou a chamar-se Sociedade de Educação e Cultura. E, no ano seguinte, a escola foi instalada em outra sinagoga, ou seja, da União Israelita Porto-Alegrense trasladou-se, em 1938, para o prédio do Centro Israelita Porto-Alegrense. E, em 1942, instalou-se num prédio alugado na Avenida Osvaldo Aranha, nº 1006 (KLIEMANN, 1992).

Nesse período, o colégio sofreu as consequências do cenário político nacional, que estabeleceu, durante o Estado Novo, a proibição de qualquer estrangeirismo no nome das instituições. Dessa forma, a Escola precisou trocar o seu nome, de Colégio Israelita Brasileiro para Colégio de Educação e Cultura (Site Institucional do ICJMC)<sup>146</sup>. (Figura 111).

Figura 111: Sociedade de Educação e Cultura



Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2010

<sup>143</sup> Segundo Falbel (1999, p. 723) trata-se da rede educacional denominada “Tarbut, de tendência sionista e adepta da cultura predominante hebraica que se formou na Europa Oriental entre as duas guerras mundiais”.

<sup>144</sup> Por espaço de alguns anos, funcionavam na metrópole sul-rio-grandense duas escolas israelitas: uma de ensino hebraico e outra de ensino *ídiche*. Durou isso até que a Escola Borochov passou a ser dirigida pelo professor Isaac Mischkis, quem logrou unir ambas as escolas num estabelecimento de ensino, denominado “Escola Ídiche-Hebraica de Porto Alegre (FALBEL, 1999).

<sup>145</sup> A este respeito Brumer (2004, p. 127) relata que “recentemente, a escola eliminou a obrigatoriedade do ensino hebraico e adotou uma nova metodologia de ensino, que contempla o uso de expressões nessa língua no contexto do aprendizado da cultura e da religião judaicas”.

<sup>146</sup> (Boletim informativo, Dezembro de 2011, p. 4).

Kliemann (1992, p. 53) salienta que essas restrições não impediram a expansão e divulgação do Colégio Israelita “[...] que passaria de 156 alunos em (1945) para 254 em (1947). Então, era preciso criar um ginásio para inserir esta mesma comunidade nos novos tempos [...]”.

A década de 1950 foi muito importante para a comunidade judaica que se empenhou em adquirir a sede própria para o colégio. Kliemann (1992, p. 77) relata como foi a ideia para a aquisição deste terreno “o comitê que administrava a Instituição decidiu comprar um terreno na Avenida Protásio Alves”. Eizirik (1984, p. 71) explica que “O comitê adquiriu uma área de grande extensão na Protásio Alves, próximo ao bairro onde morava a maioria dos judeus, e no dia 30 de novembro de 1952 foi lançada a pedra fundamental do Ginásio Israelita-Brasileiro” (Figuras 112-113).

Figura 112: Alunos da 5ª Série (1950)



Figura 113: Professores no Novo Prédio (1956)



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014

Na década de 1960, o Colégio retorna com o seu nome original e oficializa o ensino ginásial e colegial. Eizirik (1984, p. 72) descreve as transformações do colégio “Em 1960 passou a funcionar o segundo ciclo, ou seja, o Curso Colegial. Em 19 de agosto de 1962 foi inaugurado o Pavilhão para o Jardim de Infância [...]. em 1964 ampliou-se a sede, com a conclusão do segundo bloco” (Figura 114).

Figura 114: Colégio Israelita Brasileiro



Endereço: Avenida Protásio Alves, nº 943, Bairro Santa Cecília/POA  
Fonte: Trabalho de campo, 2010

O Informativo do Colégio Israelita Brasileiro circulou entre 1990 e 1993 e foi chamado Linha Direta. Halpern (1999, p. 127) declarou quais eram os objetivos desse colégio no que diz respeito à formação educacional e cultural

O CIB é uma escola comunitária que objetiva formar pessoas conscientes do direito que a comunidade judaica, como grupo sociocultural determinado, tem que preservar sua vida, cultura, tradições, embasadas em valores éticos e sociais sem um programa pronto, levantar ideias e colocá-las em prática para futura avaliação.

O relato de uma judia é interessante para compreender os motivos que contribuíram para inserir as suas filhas no Colégio Israelita e quais foram as suas expectativas. Ao ser questionada se suas filhas estudaram no Colégio e qual foi a sua intenção perante esta escolha, Faermann (1992, p. 26) relata que todas as suas filhas “a Desiree, a Liane estudaram no Colégio Israelita [...] elas queriam estudar no Israelita. Fazia questão para elas terem bastante conhecimento sobre as festas judaicas, né. E aprender aquele pouquinho de hebraico que ensinavam no colégio”.

Outro informativo do Colégio Israelita Brasileiro de Porto Alegre foi o Kol Israelita em 1995. É notório que há um redirecionamento de sua prática pedagógica. Halpern (1999, p. 129-131) informa as melhorias do ensino judaico e a formulação de sua política educativa

O professor Ilton Gitz, recém-vindo de Israel, está orientando um Curso Livre sobre judaísmo para o 3º ano do 2º Grau e também sobre a *Leshivá*,

aberto para todos os interessados. O Colégio Israelita, ao formular sua política educativa, visando à concretização dos princípios filosóficos que orientam como Escola Judaica, inspirou-se no Processo de Paz no Oriente Médio para elaborar o Projeto Educação para a Paz. Assim, está integrando à sua ação pedagógica os valores da tradição como referenciais para lidar com os problemas do nosso tempo. A Escola Judaica é o lugar onde o estudante mantém o diálogo com as fontes e com a tradição ética do judaísmo, e o Israelita se dispõe a oferecer o tempo e o espaço para que este diálogo aconteça.

O Informativo do Colégio Israelita, de 2002, chamado KOI Express informou que nesses quase noventa anos do Colégio, o principal lema dessa Entidade de Educação foi “Educar para a vida”. Nesse sentido, aliar o ensino de qualidade à preservação e valorização da identidade judaica e integrar a Escola numa comunidade plural, tem sido uma constante dentro da Instituição (Figura 115).

Figura 115: Quadro das características do Colégio Israelita Brasileiro

<b>PROJETO DO COLÉGIO</b>	<b>CARACTERÍSTICAS E FUNDAMENTOS</b>
<b>MISSÃO</b>	O Colégio Israelita Brasileiro é uma entidade educacional comunitária, embasada nos valores culturais, éticos e morais do judaísmo, que elege a educação para a Paz e a busca constante pela excelência de ensino com vistas à formação de cidadãos preparados para a vida e para a construção de uma sociedade plural.
<b>VISÃO</b>	Ser uma instituição reconhecida pela alta qualidade de ensino, cujo projeto educativo valoriza de forma marcante a cultura e as relações interpessoais através de práticas inovadoras, vinculadas à preparação para o empreendedorismo.
<b>PROPOSTA</b>	O Colégio Israelita pauta a sua prática num conjunto significativo de valores, fruto de um judaísmo pulsante, rico em conhecimento, força de grupo e ideais. A Cultura, tomada em sentido amplo, é o centro do seu projeto educativo.
<b>O CURRÍCULO SOCIOAFETIVO</b>	É um conjunto de objetivos, competências e conteúdos relativos às áreas de desenvolvimento social e afetivo dos alunos, para além das práticas educativas centradas na dimensão cognitiva
<b>EDUCAÇÃO JUDAICA</b>	Os valores judaicos são à base da identidade da Escola, que oferece uma série de projetos inovadores, conectando o judaísmo às grandes questões do mundo contemporâneo.

Fonte: Site Institucional do Colégio Israelita Brasileiro/2014

As informações contidas no Boletim informativo do ICJMC permitem entender sobre a situação atual do colégio. Seguindo a trajetória de preocupação plena com a educação e a formação de bons valores, o Colégio Israelita Brasileiro vem surpreendendo a comunidade na inovação e implementação de diversos projetos que afirmem essas premissas estabelecidas anteriormente. A Instituição acredita que, além de uma formação de alta qualidade, ainda possui um elemento essencial que move a ação em seus projetos, a Tradição (Site Institucional do ICJMC/2011)<sup>147</sup>.

<sup>147</sup> (Boletim informativo, Dezembro de 2011, p. 4).

Assim, seguindo sua tradição histórica, atualmente, são muitas as atividades em destaque no Colégio que, além de buscar preservar os objetivos iniciais da Instituição no que se refere à formação plena do seus alunos, desenvolve projetos específicos para “que os alunos não somente constituam uma bagagem de cultura e erudição, mas que tenham como valor a aprendizagem permanente”. Entre esses projetos merecem destaque uma preocupação com o meio ambiente, com a “Oficina de Marketing, 2011”, a criação de uma “mini cidade”- a Ir Ktaná e outros projetos (Site Institucional do Colégio Israelita Brasileiro/2014). (Figura 116).

Figura 116: Quadro dos projetos atuais do Colégio Israelita Brasileiro

<b>NOME PROJETOS</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
<b><u>Núcleo de Ciência &amp; Tecnologia</u></b>	O Israelita dispõe de laboratórios de Química, Física e Biologia para que os estudantes possam pôr em prática os conceitos apreendidos. O Colégio tem a preocupação de trazer os conteúdos para o “mundo real”, para serem utilizados no cotidiano, na vida dos alunos.
<b><u>Ir Ktaná</u></b>	Este projeto é uma das iniciativas previstas no Projeto Político-Pedagógico do Israelita, pautado pela busca da melhor conjugação entre os eixos: judaísmo, excelência acadêmica e gestão.
<b><u>Núcleo de Cultura e Erudição</u></b>	O Núcleo de Cultura e Erudição tem por finalidade desenvolver experiências que enriqueçam o universo dos alunos.
<b><u>Israelita Ecorresponsável</u></b>	No Israelita, o conceito de ecorresponsabilidade sai das revistas e livros didáticos para o cotidiano da Escola.
<b><u>Currículo do Movimento</u></b>	A cultura do movimento é valorizada no Israelita. Além das aulas de Educação Física, são oferecidas escolinhas de esporte e incentivada a participação dos alunos em campeonatos diversos. A Escola conta com ginásio e quadras e oferece diversas modalidades de esportivas.
<b><u>Triple A</u></b>	O projeto Triple A - Israelita referência em Educação -, traz a proposta de um novo posicionamento do Colégio Israelita Brasileiro frente a sua comunidade e ao mercado, em continuidade ao processo de qualificação já implementado na Escola.
<b><u>English Fun Center</u></b>	O English Fun Center é um complexo para ensino de Língua Inglesa (English Fun Center), composto por duas salas temáticas climatizadas, dotadas de materiais didático-pedagógicos de ponta (livros, gramáticas, dicionários, jogos, bom como aparelhos de som, DVD, TV, datashow com integração permanente à Internet).
<b><u>Núcleo Educacional de Empreendedores</u></b>	O Colégio Israelita tem o empreendedorismo como um dos seus pilares pedagógicos. O Colégio acredita que é papel da Escola mostrar caminhos para que os jovens possam gerenciar suas vidas.

Fonte: Site Institucional do Colégio Israelita Brasileiro/2014

A Câmara Municipal homenageou os cinco anos da Ir Ktaná, projeto voltado ao desenvolvimento do civismo e da cidadania para jovens e adolescentes alunos do Colégio Israelita Brasileiro. Na ocasião, foi realizada a posse dos 11 vereadores mirins da pequena cidade. O projeto é uma das iniciativas previstas no Projeto Político-Pedagógico do Colégio Israelita, pautado pela busca da melhor conjunção entre os eixos judaísmo, excelência acadêmica e gestão (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014). (Figura 117).

Figura 117: Posse dos Vereadores Mirins do Colégio Israelita



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2014.

Como a prioridade do judaísmo é educação e cultura, Scliar (2004, p. 6) afirma que “Além do cuidado com as tradições e a religião, o povo judeu tornou-se uma referência na educação. A força disso se resume ao título de “Povo do Livro”, como é comumente chamado”. Nesse sentido, Brumer (1994, p. 24) salienta a ascensão profissional dos judeus no contexto do Estado do Rio Grande do Sul

Graças aos seus sacrifícios e trabalho duro, e movido pela aspiração de proporcionar uma vida melhor a seus descendentes, os imigrantes judeus incentivavam seus filhos ao estudo e a sua inserção em atividades liberais, comerciais e industriais.

## 5.3 Categoria das Entidades Femininas

### 5.3.1 A Organização Sionista Internacional das Mulheres (WIZO)

A Organização Sionista Internacional das Mulheres (WIZO) é um movimento internacional de mulheres sionistas fundada na Inglaterra em 1920 (Figura 118). Hoje, há mais de um quarto de milhão de voluntários em 50 Federações de todo o mundo, trabalhando ativamente para o bem-estar dos cidadãos de Israel e proporcionando ajuda e apoio na operação de centenas de projetos e serviços de educação e de assistência social. É dedicada ao avanço da condição das mulheres, bem-estar de todos os setores da sociedade israelense e incentivo à educação judaica em Israel e na Diáspora (Site Institucional da WIZO/2014). (Figura 119).

Figura 118: Delegação Inglesa/WIZO



Fonte: Site Institucional da WIZO/2014

Figura 119: Quadro com as características da WIZO

MISSÃO	VISÃO	VALORES
<b>Fortalecer</b> o papel das mulheres da comunidade e <b>promover</b> o judaísmo e a benemerência, <b>criando</b> um elo de continuidade e ligação com Israel.	<b>Continuar</b> o exercício da missão WIZO, <b>crescendo</b> como instituição moderna, integradora e <b>investindo</b> na educação judaico-sionista das novas gerações.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Benemerência;</li><li>• Continuidade;</li><li>• Sionismo;</li></ul>

Fonte: Site Institucional da WIZO/2014

A pesquisadora Brumer (2004, p. 137) relata do período de transferência da WIZO para Israel “Em 1949, seu executivo mundial transferiu-se para Israel. É um movimento sionista e partidário-o que significa que apoia o Estado de Israel, mas não assume posições político-partidárias internas daquele país”.

Um dos pilares do Judaísmo é a *Tzedaká*<sup>148</sup> que pode ser traduzida como Justiça Social e que se compõe de múltiplas *Mitzvot*, ou seja, boas ações. A prática de *Tzedaká* é milenar e está inserida em todas as instituições judaicas, religiosas ou não. Na WIZO, a *Tzedaká* está sempre presente através do trabalho voluntário. A base do trabalho para atingir os objetivos é através da profissionalização aliada à dedicação e ao afeto (Site Institucional da WIZO/2014).

A WIZO no Rio Grande do Sul foi fundada em 1946, filiada à Cruz Vermelha do Brasil. Procurava atender a entidades carentes locais e vítimas da guerra e comemorava as festas judaicas. A primeira presidente foi Joana Weil (por 23 anos). A ela seguiram-se Ida Weisfeld, Bella Waistein, Annita Soibelman, Frida Zatz lochpe, Matilde Groisman Gus, Suzana Starosta e, atualmente, Eugenia Berlim. A pesquisadora Brumer (2004, p. 137) comenta a respeito do surgimento em Porto Alegre e sua relação com Israel

Desde a sua criação [...] a organização mantém vínculos com a *Moetzet Hapoalot* (Conselho das Mulheres Trabalhadoras), de Israel, que luta pela ampla emancipação de todas as mulheres que trabalham, mantendo diversos centros educacionais e profissionais, escolas noturnas, jardins de infância e creches para os filhos das mães trabalhadoras. A organização local tem objetivos sociais, culturais e filantrópicos.

A WIZO toma parte ativa nos empreendimentos da vida comunitária e procura incentivar o intercâmbio artístico, cultural e social. É filiada à Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS). Outro objetivo da WIZO é o estudo e a difusão da rica e milenar cultura judaica dando, assim, continuidade à história. Convém salientar que existe uma divisão nos cargos das representantes através de seis departamentos (Site Institucional da WIZO/2014). (Figura 120).

---

<sup>148</sup> A palavra hebraica mais citada no Antigo Testamento, na Bíblia, é *Tzedaka*, que significa "justiça social", ensina o rabino Henry Sobel. São 513 citações (Site Institucional da WIZO/2014).



Figura 120: Estrutura organizacional e administrativa da WIZO/RS



Fonte: Site Institucional da WIZO/2014

A Organização Feminina WIZO de Porto Alegre editou, em setembro de 1990 e junho de 1993, um boletim através do qual relaciona suas promoções locais e as de âmbito mais amplo. Halpern (1999, p. 121) expõe a “Mensagem da Presidente”, assinada por Frida Zatz lochpe. No primeiro número dizia

Em cada lugar no mundo onde existe uma comunidade judaica, pequena ou grande, funciona um centro WIZO. Para quê? Para, além de fazermos benemerência às entidades locais, estudarmos nossa História, nossas tradições e oferecer nossa solidariedade e apoio ao Estado de Israel. A WIZO, acima de tudo, é um movimento sionista e, como expressa a própria palavra, nos movemos em direção ao desafio da hora. Nossa meta primordial é atrair a atual e futuras gerações. Como, na nossa História, tem sido sempre a mulher que, pela sua importância e influência no lar, transmite a Educação Judaica, assim ela atua na entidade, comprovando que a WIZO é força e dinamismo.

A Feira da Fraternidade é o grande evento beneficente da WIZO, celebrado desde os anos 1970. Realizada anualmente, a feira vende desde objetos de decoração a roupas. Uma parte da renda obtida é doada para três instituições escolhidas a cada ano. A outra parte é utilizada para doações que acontecem durante o ano e para as despesas internas da WIZO (TZEDAKÁ/FIRGS/2008-2009).

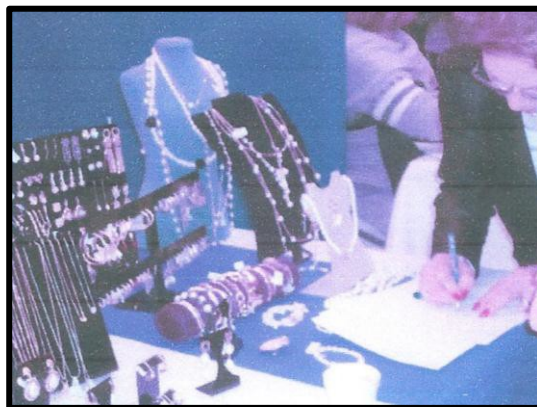
Além das atrações típicas da Feira da Fraternidade da WIZO/RS, como a gastronomia, produtos judaicos e o desfile de moda infantil, o evento de 2011 homenageou a sua ex-presidente Matilde Groisman Gus, pelo reconhecimento a sua atuação comunitária. A feira contou com bancas dos diversos grupos da entidade que comercializaram diversos produtos e, também, com um espaço destinado a expositores. Com finalidade benemerente, a Feira da Fraternidade 2011 destinou a

sua renda para o Pão dos Pobres e para a Marcha da Vida (Site do Jornal Fala Bom Fim/2011)<sup>149</sup>. (Figuras 121-122).

Figura 121: Visão geral: Feira da Fraternidade



Figura 122: Barraca: Feira da Fraternidade



Fonte: Boletim Digital ReWizo (nº 19, p. 6, 2012)

### **5.3.2 A Organização Feminina: Na'amat Pioneiras**

A Na'amat Pioneiras foi fundada em Israel, em 1921, sendo hoje o maior movimento feminino daquele país. Suas fundadoras eram idealistas e sonhadoras que, além da divisão de responsabilidades, acreditavam na justiça social e na igualdade de oportunidades para as mulheres. Várias dessas mulheres, pelo trabalho desenvolvido, destacaram-se em suas áreas de atuação, inclusive figurando no cenário político-mundial. Como figura maior desse processo, destacamos Golda Meir (Site Institucional da Na'amat Pioneiras/2014).

No primeiro semestre de 1987, a Na'amat Pioneiras contou com um boletim. Nesse, Halpern (1999, p. 115) discorre sobre o surgimento e quais eram as suas prioridades

Na'amat existe desde antes da fundação da Mediná. Em 1921, era constituída por 421 sócias; hoje representa o maior movimento da mulher em Israel, com 750 mil associadas. Suas prioridades são: creche para os filhos de mães que trabalham, assistência jurídica gratuita e integração de imigrantes.

<sup>149</sup> Setembro de 2011.

A Na"amat construiu e mantém albergues para jovens, escolas profissionalizantes e escolas agrícolas, incentiva e ajuda jovens e mulheres adultas a frequentarem cursos superiores, atende a uma extensa rede de creches para filhos de mulheres trabalhadoras, possui centros comunitários e clubes familiares (Site Institucional da Na"amat Pioneiras/2014).

No Brasil, a Na"amat Pioneiras foi fundada em 1948, em Porto Alegre, sob inspiração dos ideais de justiça social, oferecendo às mulheres da comunidade desenvolvimento cultural e oportunidade de autorrealização através do trabalho social. Sendo uma instituição cultural beneficente, tem no trabalho voluntário a sua maior ênfase, promovendo seminários, palestras e múltiplas atividades para poder concretizar a ajuda a creches e outras instituições carentes (Site Institucional da Na"amat Pioneiras/2014). Essa instituição desde o princípio realiza o Bazar anualmente, e as doações sempre foram uma de suas grandes preocupações (Figuras 123-124).

Figura 123: Bazar da Na'Amat Pioneiras (1952)



Figura 124: Doação N'amat Pioneiras (1976)



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2014

A atual Presidente da Na"amat Pioneiras Centro Porto Alegre Sonia Unicowski Teruchkim<sup>150</sup> discorre sobre os objetivos dessa instituição no início da sua consolidação e as mudanças desses

Ela foi criada em 1948, e o objetivo dela era de atender a mulher, aquela mulher pioneira, porque é aquela mulher que migrou das primeiras imigrações em Israel. Nosso objetivo é trabalhar a tradição judaica. Existe um lado tradicional das nossas antigas, *chaverá*, que era muito benemerente. Hoje, além disso, há uma preocupação em elevar o patamar social da mulher [...]. Um dos objetivos do centro de Porto Alegre é aumentar o número de associadas [...]. E uma das coisas que a gente tem

<sup>150</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 23 de março de 2013.

se preocupado bastante é em preservar a tradição judaica. Neste momento, a Na"amat tem que atender, internamente, suas ativistas e ela tem que atender a comunidade.

A Na"amat tem crescido muito e, hoje, tem em torno de 200 ativistas além das sócias. As veteranas estão há mais de 30 anos e são grandes colaboradoras dentro da Instituição. Por outro lado, também houve a preocupação em trazer a geração mais jovem. Essa Instituição é formada em torno de 17 subgrupos. Ela é dividida mais ou menos por faixa etária. Tem que atender pessoas bem mais velhas que tem um tipo de necessidade diferente das mais jovens, que não querem mais vender rifa e nem fazer chazinho (TERUCHKIM, 2013)<sup>151</sup>.

A Presidente da Na"amat Pioneiras<sup>152</sup> comenta sobre os projetos que estão sendo desenvolvidos na Instituição e, nos dias atuais, quais são as suas preocupações

Um dos projetos que está sendo desenvolvido é ter um maior contato com outras instituições, aqui mesmo na Hebraica nós temos feito algumas coisas em comum, ela nos apoia no Bazar todos os anos. E também nós vamos fazer agora o *Pessach* juntos, temos feito atividades com as sinagogas como a União, Sibra, Centro Israelita, atividades com a WIZO. Eu acho que uma das coisas importantes e é uma filosofia que parece que está se criando na comunidade, é que para crescer nós temos que interagir, tem que integrar, não adianta mais ficar cada um no seu reduto.

Durante o ano ocorrem diversos eventos e empreendimentos na esfera da Na"amat Brasil<sup>153</sup>. O Coral Zemer é um grupo formado dentro da Na"amat de Porto Alegre, que realiza diversas apresentações para a comunidade. Esse teve a oportunidade de se apresentar em dois eventos, mostrando seu repertório de músicas em *ídiche*, hebraico e ladino. Na Hebraica, aconteceu o Sarau Cultural da WIZO. O coral foi convidado para cantar na Associação Rosacruz, loja Porto Alegre, para um público muito interessado em conhecer a música judaica (Figura 125).

---

<sup>151</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 23 de março de 2013.

<sup>152</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 23 de março de 2013.

<sup>153</sup> Bazar anual; Chá do Dia das Mães; Painéis Culturais; Festival de Cinema Judaico; Festas Judaicas; Seminário Cultural para as ativistas; Projeto Criança; Bombons de Rosh Hashana; Campanha do Agasalho; Dia Internacional da Mulher; Feira da Comunidade; Festas Judaicas; Teatro adulto e Infantil; Geração de renda; Jantar da Amizade; Projeto Abraço; Jantar dos Cozinheiros Gaúchos; Ação entre Amigas; Coral; Livro de receitas judaicas; Kit Chanuká (Site Institucional da Na"amat Pioneiras/2014).

Figura 125: Coral Zemer da Na"mat Pioneiras/RS



Fonte: Hebraica News/2014

O Coral Zemer participou de uma solenidade na Câmara Municipal. A homenagem foi prestada aos 65 anos da criação do Estado de Israel. O evento também contou com a presença do embaixador de Israel no Brasil, Rafael Eldad (Site do Coletivo Judaico/2013)<sup>154</sup>.

Um programa social importante é desenvolvido pelos departamentos regionais da Na"amat, cujos centros comunitários organizam conferências, seminários e painéis. Com a presença de voluntárias de diversos Centros do Brasil, o XIX Kinus Artzi – Hatikva, na cidade de Recife-PE, teve como tema “Repensando Na"amat – Passado, Presente e Futuro” que resultou numa troca de experiências entre as mais de 50 participantes. Cada estado teve a oportunidade de mostrar o que tem feito em suas comunidades locais, além do incentivo através das boas ideias e dos resultados positivos alcançados. O centro Na"amat Recife promoveu, juntamente com a Secretaria de Turismo do Estado de Pernambuco, uma palestra e um vídeo muito interessantes sobre a cultura local (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013).

Com parte da renda do happy hour realizado pelo grupo Any Rerin, as *chaverot* juntamente com a Presidente da Na"amat Porto Alegre entregaram os presentes de Natal para as crianças do Instituto do Câncer Infantil (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013). (Figuras 126-127).

---

<sup>154</sup> 20 de Maio de 2013.

Figura 126: Doação da Na'amamat



Figura 127: Arrecadação de alimentos da Na'amamat



Fonte: Site da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014

O Bazar das Pioneiras foi um evento que iniciou tímido em 1959, poucos anos após a fundação da organização feminina e, na Na'amamat Pioneiras, tornou-se uma das principais atividades benemerentes desenvolvidas pela comunidade judaica. O Bazar que era realizado numa tarde, em um dia da semana, passou a ser promovido em um domingo, ganhando força, colaboradores e destaque perante a sociedade porto-alegrense (Site do Jornal Fala Bom Fim/2009)<sup>155</sup>.

Anualmente, o Bazar das Pioneiras sempre tem um tema central proposto para ser desenvolvido no dia da festa, que acontece na Sede Bom Fim da Hebraica. Por exemplo, em 2010, o tema do bazar foi "Música: integração entre os Povos" (Jornal Fala Bom Fim, Agosto de 2010). Entre as figuras ilustres já homenageadas no evento, estiveram os escritores Érico Veríssimo e Mário Quintana, o Ecologista José Lutzenberg, o tradicionalista Paixão Côrtes e o imortal Moacyr Scliar (Site do Jornal Fala Bom Fim/2009)<sup>156</sup>

As *chaverot* (participantes) promovem a venda de produtos típicos da culinária e cultura judaica, artesanato, obras de arte, livros e outros itens. Além de tudo, há um grande almoço, seguido de shows nos quais a arte judaica é destaque (TZEDAKÁ/FIRGS/2008-2009). (Figuras 128-129). A atual Presidente da Na'amamat Pioneiras<sup>157</sup> relata sobre esse bazar, desde o tema central até as instituições que foram agraciadas

<sup>155</sup> Julho de 2009.

<sup>156</sup> Julho de 2009.

<sup>157</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 23 de março de 2013.



Com o tema central, o centro histórico de Porto Alegre, nós escolhemos como homenageados figuras que personificam esse centro histórico, quem melhor personifica como: Carlos Appel, Eva Shopper com o teatro São Pedro, Luiz Coronel, poeta, os judeus Sefaradim do Centro Hebraico na pessoa de seu presidente David Mendel. A renda desse bazar vai ser destinada a cinco instituições. São elas: Associação Israelita Damas de Caridade, Casa do Artista Rio-grandense, Instituto da Criança com Diabete, Lar da Criança Anne Franklin e Instituto do Câncer Infantil do Rio Grande do Sul. Os objetivos do Na<sup>a</sup>amat é valorizar a mulher, é elevar o patamar da mulher, nós também temos que ajudar instituições ligadas à mulher e à criança.

Figura 128: 54º Bazar da Na<sup>a</sup>amat Pioneiras



Figura 129: Grupo Chai da Na<sup>a</sup>amat Pioneiras



Fonte: Site Institucional da Na<sup>a</sup>amat Pioneiras/2014

Atualmente, há quatro Entidades Femininas de acordo com a Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS). O Brit Nashim que é um Conselho formado por mulheres para dar apoio às atividades do Movimento Juvenil Betar. O Conselho da Mulher Judia que é uma entidade que reúne representantes de todas as instituições judaicas femininas e apoia projetos sociais e educacionais da comunidade. A Na<sup>a</sup>amat Pioneiras<sup>158</sup> e a WIZO<sup>159</sup> são entidades sionistas femininas. A primeira possui a revista denominada Na<sup>a</sup>amat Pioneiras- Brasil e a outra Revista da Feira da Fraternidade (Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2012).

<sup>158</sup> A Na<sup>a</sup>amat Pioneiras, cuja principal preocupação era a mulher judia, sua família, o sionismo, a preservação dos valores judaicos e da cultura do nosso povo, nesse novo lar o Brasil.

<sup>159</sup> A WIZO com centros 55 países, um acento na ONU (UNICEF e ECOSOC) e com núcleo central em Israel. WIZO é um movimento dinâmico e moderno, voluntário e apolítico, reconhecido pela ONU, como uma organização não governamental. Segundo Brumer (2004, p. 137) a mesma "Conta atualmente com 1000 sócias, embora menos da metade participe ativamente de suas atividades".

Uma evidência é que a Na"amat Pioneiras e a WIZO, têm origens diferentes, porém há semelhanças nos objetivos e nas atividades que desempenham. Ambas possuem suas sedes no prédio da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), na Rua João Telles/nº 329, Bairro Bom Fim. Brumer (2004, p. 137) realizou uma comparação entre as duas entidades

As duas organizações tem atividades semelhantes: organizam seminários, reunindo os grupos da entidade, nos quais são estudadas os temas da tradição e da cultura judaica e aspectos da sua vida no Brasil; engajam-se em campanhas de ajuda a creches, abrigo de idosos e outras entidades carentes de Porto Alegre. Através de uma feira (no caso da WIZO) ou de um bazar (no caso das pioneiras), com preparação prévia de vários meses, e de diversos empreendimentos sociais e culturais- que funcionam também como espaços de confraternização-, as duas organizações mobilizam suas associadas e arrecadam recursos para suas atividades assistenciais.

#### **5.4 A Categoria dos Movimentos Juvenis**

O movimento juvenil é, para a maioria dos jovens, a primeira forma de organização da qual eles participam. Esses movimentos são reconhecidos como a principal entidade que têm a educação não formal como principal objetivo. Esses grupos são organizações sionistas e desse modo valorizam o Estado de Israel, tanto no seu contexto geográfico como no aspecto espiritual. Contudo, há uma atenção no desenvolvimento de um trabalho dedicado aos jovens judeus para se dedicar a suas comunidades locais. A preservação da identidade judaica é uma preocupação dos movimentos, que possuem como objetivos informar esses valores e discuti-los perante a realidade desses jovens (BRUMER, 2004).

O primeiro movimento juvenil judaico foi criado em Porto Alegre, em 1944, por iniciativa de um pequeno número de jovens, com o nome de Círculo Cultural Iavné. Brumer (2004, p. 129) retrata o auge desse movimento até o seu declínio e, conseqüentemente, a formação de outros movimentos

Entre suas atividades destacaram-se a edição de um boletim, a organização de uma biblioteca (com livros trazidos principalmente de Buenos Aires), a montagem de peças de teatro e a realização das duas primeiras programações judaicas de rádio em Porto Alegre, em 1946, antes da criação da Hora Israelita. O grupo desfez-se em 1947, devido ao surgimento do sionismo político, que levou os jovens a se subdividirem em grupos com orientações distintas (formando, em 1945, o Habonim Dror e o Betar, ainda atuantes e, mais tarde, a Shomer Hatzair, desativada na década de 1970).



Outro movimento juvenil, a Chazit, foi criado na década de 1970 pela SIBRA, mas hoje atua de forma independente.

O autor Halpern (1999, p. 23) comenta sobre a fundação do Círculo Cultural Iavné “uma entidade de jovens foi fundada [...] por Samuel Goldfeld, Maurício Kersz, Josef Halpern, Yankiel Jacobson e Julio Prawer. Esse grupo e mais alguns jovens constituíram a primeira diretoria. A afluência de sócios foi grande”.

Os jovens da comunidade e seus movimentos sionistas sempre estiveram presentes nas atividades relacionadas com as datas festivas judaicas. Na capital gaúcha, houve diversos momentos que os grupos realizaram homenagens e apresentações. Isso era efetuado na esfera privada, ou seja, para a comunidade judaica dentro das sinagogas e nos clubes, bem como para a esfera pública (comunidade maior). Em 1979, foi realizado o Ato de *Iom Hashoá* pelos movimentos juvenis, no teatro do Círculo Social Israelita (Hebraica-RS) (Figura 130). Em 1982, o grupo formado pelo movimento *Ichud Habonim* (hoje Habonim Dror) e o Movimento juvenil da SIBRA (hoje Chazit Hanoar) realizaram uma caminhada em homenagem ao Dia de Jerusalém (Figura 131).

Figura 130: Movimentos juvenis: Iom Hashoá

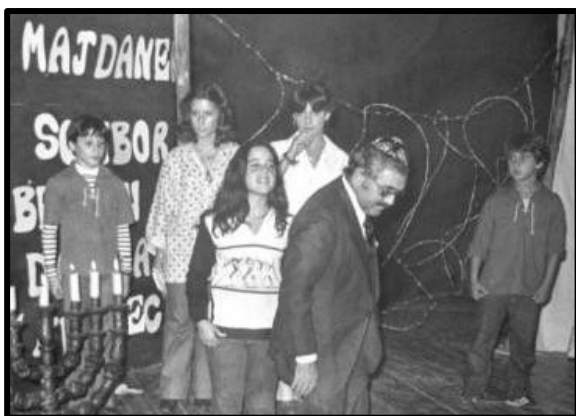


Figura 131: Caminhada dos jovens: Dia de Jerusalém



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014

#### 5.4.1 Movimento Juvenil Sionista Betar

Em Porto Alegre, existem atualmente três movimentos juvenis sionistas com orientações diferentes. Brumer (2004, p. 129) explica o Betar, cuja sigla em

hebraico, significa “pacto da juventude hebraica com Jossef Trumpeldor, foi fundado em Riga (Letônia) em 1923 e existe no Brasil desde 1942; em Porto Alegre, foi fundado em 1945”.

Em 1954, o Betar publicou no seu Calendário Explicativo algumas informações interessantes. Segundo Halpern (1999, p. 82), “este calendário destinava-se especialmente aos *madrachim*<sup>160</sup> e aos participantes das *sichot*, em um número bastante elevado. A sede, nesta época, se localizava na rua João Telles, nº 257”.

Atualmente, o Movimento Juvenil Sionista Betar promove seus encontros semanalmente, na sede Bom Fim do clube “A Hebraica”. As atividades são desenvolvidas ligadas ao judaísmo e à cidadania, tendo como foco tanto as crianças como os adolescentes. Está presente no Brasil e em outros 17 países (TZEDAKÁ/FIRGS/2008-2009). (Figura 132).

Figura 132: Representantes do Grupo Juvenil Betar



Fonte: Revista Tzedaká (2009, p. 16)

#### **5.4.2 O movimento juvenil da Chazit Hanoar Hadrom Americat**

Há outro grupo, a Chazit Hanoar Hadrom Americat (Frente Juvenil Sul-Americana). A Chazit Hanoar é um movimento juvenil judaico, sionista, educativo, apartidário e continental. Segundo Brumer (2004, p. 129), em Porto Alegre “a Chazit foi criada na década de 1970 pela SIBRA, mas hoje atua de forma independente”. (Figura 133).

<sup>160</sup> Segundo o Glossário da Chazit: Madrich - "Moré Derech", Encaminhador, Guia, "Professor" (Site Institucional da Chazit/2014).

Figura 133: Quadro da Plataforma ideológica da Chazit

ELEMENTOS DA PLATAFORMA	DEFINIÇÕES E ENTENDIMENTO
<b>JUVENTUDE</b>	Como um movimento juvenil educativo, procuramos transmitir nossos ideais através da educação não formal do jovem pelo jovem. Além disso, os líderes do nosso movimento têm como objetivo formar novos líderes para que este ciclo não se quebre.
<b>JUDAÍSMO</b>	Vemos no Judaísmo a resultante da elaboração cultural do Povo Judeu ao longo de sua história; e reconhecemos nele uma gama de valores e tradições que devemos conhecer e vivenciar, bem como transmitir.
<b>SIONISMO</b>	Vemos no Sionismo o movimento de liberação nacional, pelo qual, o Povo Judeu está processando sua concentração territorial e cultural no Estado de Israel, processo este para cuja aceleração devemos e desejamos contribuir.
<b>EDUCAÇÃO</b>	Vemos na educação o potencial fundamental para instaurar em nossos <i>chaverim</i> um compromisso com a ecologia e assim estimulá-los a adotar uma atitude responsável e respeitosa em relação à natureza e ao meio ambiente.
<b>APARTIDARISMO</b>	Definimos nosso apartidarismo como a não filiação ideológica de nossa <i>tnuá</i> a algum partido político, sendo que esta postura não elimina a possibilidade de tomar posições em relação a diversas situações políticas israelenses e mundiais.
<b>CONTINENTAL</b>	Somos uma <i>tnuá</i> continental, composta de quatro <i>snifim</i> localizados em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, no Brasil e Montevideo no Uruguai. Nossa plataforma ideológica e nosso programa educativo, <i>Tochnit Chinuchit</i> , são unificados e continentais.

Fonte: Site Institucional da Chazit/2014

A Chazit promove atividades educativas semanais ligadas ao judaísmo e à cidadania para as crianças e adolescentes. Os encontros acontecem no Colégio Israelita Brasileiro. Está presente no Brasil e no Uruguai (TZEDAKÁ/FIRGS/2008-2009)

Desde cedo, no período em que a criança tende a desenvolver a sua individualidade e seu senso crítico, torna-se indispensável um esforço no sentido de estimular o amadurecimento de uma identidade judaica. O papel da família é essencial na formação do caráter do jovem judeu. Porém, além da orientação recebida em casa, a educação formal dada pela escola e a não formal dada pela Chazit Hanoar complementam-se de maneira efetiva. Durante a vida dentro de uma *tnuá* (movimento juvenil) é desenvolvido um espírito de grupo, liderança, responsabilidade, além de serem fortalecidas as raízes com a comunidade de uma maneira ativa e participativa. Todos os sábados, os *chanichim* (educando), separados por idades, participam de atividades durante a tarde (Site Institucional da Chazit/2014).

O Ricardo Weinstein<sup>161</sup> que possui a função de *Rosh Chinuch* (Diretor de Educação) explicou como é a organização da Chazit, desde a estrutura física até os fundamentos da formação da identidade judaica

É dividido por idades que vai da 1ª série do Fundamental até o meio do segundo ano, os *chanichim* viram *madrichim*. Temos atividades todos os sábados das 14h até às 17h e 30 min. No final do semestre há uma finalização. Os grupos de responsáveis por série trocam a cada semestre. Trabalhamos com: a identidade judaica das crianças, a identidade sionista delas, focamos a consciência delas em relação ao meio ambiente, ao mundo onde ela se encontra. Todo ambiente judaico tentando passar os valores e a vivência que todos nós já tivemos. Inclusive gente que já saiu daqui e continua vindo em sábados especiais, principalmente, para ajudar. Porque é uma coisa muito legal, marcante e significativa para todo mundo.

O processo de educação da Chazit é realizado de acordo com sua idade e possui uma finalidade específica. Desde pequeno até o segundo ano, foca-se na identidade judaica e sionista, bem como na sua percepção de mundo. Quando eles começam a ficar mais velhos, começa-se a focar outros tipos de cursos como a parceria do EITAN<sup>162</sup>, cursos na Hebraica como o de *Madrichim*, ocasião em que passam todo o primeiro ano estudando. E quando estivão no segundo ano já estão mais qualificados, com mais ferramentas para poder cuidar das crianças. Há cursos de primeiros socorros, defesa de Israel perante o público não judeu, além de cursos próprios para os *chanichim*. Depois que eles viram *Madrichim* continuam tendo atividade e depois vão para Israel obter uma capacitação (WEINSTEIN, 2012)<sup>163</sup>.

O esquema da estrutura ideológica e educativa da Chazit Hanoar é baseado no conceito da Pirâmide Educativa. Essa deve ser utilizada por todos os educadores da *tnuá*. A Pirâmide Educativa abrange três processos simultâneos (pensar, sentir e fazer) que visam à construção da identidade do *chaver* (amigo) e do *Chazit Hanoar* (ser). É papel da educação da Chazit garantir que esses três processos apontem para a autorrealização ideológica. O equilíbrio entre eles é necessário para a formação de uma identidade coesa. Isso não significa que os processos devem estar em igual proporção, mas que devem se ajustar às situações específicas, relevando as necessidades dos educandos e da *tnuá* (Site Institucional da Chazit/2014). (Figura 134).

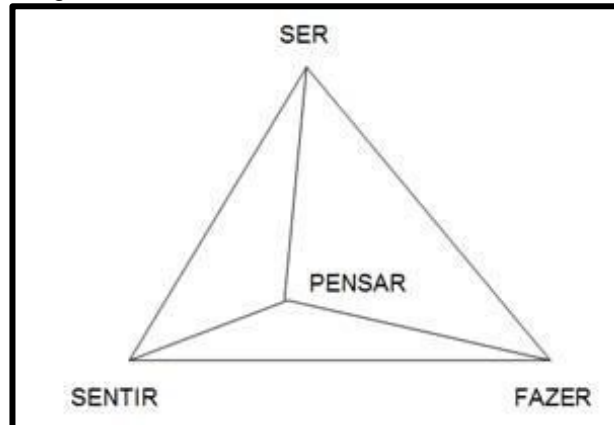
---

<sup>161</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 20 de outubro de 2012.

<sup>162</sup> É a Central Educação Educativa da Agência Judaica.

<sup>163</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 20 de outubro de 2012.

Figura 134: Pirâmide Educativa da Chazit Hanoar



Fonte: Site Institucional da Chazit/2014

O *Makzir*<sup>164</sup> Felipe Tetelbom<sup>165</sup> explicou a realização da *Chodesh* que são as olimpíadas da Chazit. Esse evento acontece todos os anos e durante quatro sábados seguidos. A palavra *Chodesh* em hebraico significa mês. Então, por isso, são quatro semanas com competição de futebol e diversas atividades culturais. É uma competição e, ao mesmo tempo, uma interação de todos os *chanizim*. Eles se integram e competem, mas de uma forma divertida, dinâmica e, também, respeitosa. Isso é o que se prega que são os valores dentro da Chazit. Hoje existem em torno de uns 180 *chanizim* e ao todo devem ter umas 230 pessoas. O primeiro sábado foi no Colégio Israelita, o segundo foi na sede Petrópolis, e os outros, no Colégio novamente (TETELBOM, 2013). (Figura 135).

Figura 135: Chodesh da Chazit



Fonte: Site Institucional da Chazit/2013

<sup>164</sup> A sua atuação é como educador na Chazit.

<sup>165</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 25 de março de 2013.

### 5.4.3 O movimento juvenil Habonim Dror

O *Habonim Dror* é outro movimento juvenil judaico implementado na cidade de Porto Alegre. Esse movimento possui as seguintes características: sionista, socialista, *chalutziano* e *kibutziano*. Ele está baseado no conceito de que jovens educam jovens criando juntos um marco organizado com fins ideológicos e educativos. A *Tnuá* educa e orienta a juventude judaica, apoiando-se nos valores humanistas dos pilares ideológicos. Essas ideologias devem ser compreendidas como um conjunto integral, em que cada uma completa a outra (Figura 136).

Figura 136: Quadro do Estatuto do Movimento *Habonim Dror*

ELEMENTOS	CARACTERÍSTICAS
<b>JUDAÍSMO</b>	Definimos nosso judaísmo como Judaísmo Cultural Humanista. Pois acreditamos que o judaísmo é uma civilização que possui povo, nação, idioma, história, tradições, uma cultura e uma religião que faz parte dessa cultura.
<b>SIONISMO</b>	Somos Sionistas porque acreditamos que, como povo, temos o direito de ter uma nação e que Israel é o lar nacional do povo judeu.
<b>SOCIALISMO</b>	Somos socialistas porque acreditamos em uma via alternativa para satisfazer nossas aspirações humanas de liberdade, justiça e igualdade.
<b>CHALUTZIANISMO</b>	O <i>Habonim Dror</i> é um movimento <i>chalutziano</i> em sua raiz, não só em homenagem aos nossos <i>chaverim</i> que seguiram nossos ideais de construção do Estado de Israel, mas também pelo estilo de vida <i>chalutz</i> dos mesmos.
<b>KIBUTZIANISMO</b>	Somos <i>Kibutzianos</i> , porque o <i>Kibutz</i> sintetiza todos os valores e as ideologias que cremos em seu modo de vida. O <i>kibutz</i> é uma forma organizacional idealizada e concretizada pelos <i>chalutzim</i> e foi um dos melhores e mais úteis instrumentos de criação do Estado e também formador da cultura do povo.

Fonte: Site Institucional da Habonim Dror/2014

Esse movimento evidenciou a necessidade da criação de uma Torá Educativa<sup>166</sup> que serviria como base fundamental na educação da *Tnuá*. Dessa forma, a Torá Educativa foi baseada desde os pensamentos e teorias educativas

<sup>166</sup> A Torá Educativa segue os seguintes tópicos como eixo fundamental: Autogestão; Práxis; Inovação da prática; Relação educador-educando; Educação problematizadora; Educação como ato político; Educação Humanista; Educação de acordo com as idades; Seguimento das etapas do desenvolvimento; Exemplo e confiança mútua; Educação Transparente; Amor ao *Chaver* e Tratamento digno do *Chanich* (Site Institucional da Habonim Dror/2014).

dos mais importantes educadores contemporâneos, até na forma como os próprios *Chaverim da Tnuá* enxergam a educação e como acreditam que ela deva ser aplicada. É o que se encontra definido em Paulo Freire, na humana emotividade de Januzs Korczack, na preocupação com o desenvolvimento da criança de Piaget e Vigotsky (Site Institucional da Habonim Dror/2014).

Brumer (2004, p. 130) comenta onde o Habonim Dror surgiu no Brasil [...] “em hebraico, significa “construtores da liberdade”, surgiu da fusão de três movimentos originários da Europa, e foi fundado no Brasil, em Porto Alegre, em 1945”. Halpern (1999, p. 34) complementa as informações sobre o surgimento em outubro de 1945 “Segue Friesel em sua brochura Dror Chail, escrita em colaboração da Comissão do Movimento desse Kibutz e editado no ano de Jerusalém, pelo Departamento da Juventude e Halutz, da Organização Sionista Mundial”.

O Habonim Dror promove atividades educativas semanais ligadas ao judaísmo e à cidadania para crianças e adolescentes. Os encontros acontecem em sede própria, no bairro Bom Fim. Está presente no Brasil e em mais de 20 países (TZEDAKÁ/FIRGS/2008-2009). (Figuras 137-138).

Figura 137: Sede da Habonim Dror/POA



Endereço: Rua Felipe Camarão, nº 487,  
Bairro Bom Fim/POA  
Fonte: Trabalho de campo/2010

Figura 138: Jovens em confraternização na sede do Habonim Dror/POA



Endereço: Rua Felipe Camarão, nº 487, Bairro  
Bom Fim/POA  
Fonte: Blog Habonim Dror de Porto Alegre/2014

#### **5.4.4 Programas e apoios para todos os movimentos juvenis**

O IN Formando, programa da “Jewish IN”, que estimula jovens a se engajarem em trabalhos sociais da comunidade judaica, reuniu seus participantes para conhecerem um pouco mais sobre o trabalho do Fundo Comunitário e da Na“amat Pioneiras, duas importantes entidades da comunidade judaica. O Fundo Comunitário é uma instituição sionista, internacional, de caráter filantrópico, e que tem como missão o fortalecimento de Israel e do povo judeu em todo o mundo (Site do Coletivo Judaico, 27 de Junho de 2012).

Outro programa é a Marcha da Vida<sup>167</sup> a qual proporciona uma experiência de duas semanas para os jovens judeus e conta com milhares de participantes de todas as partes do mundo. Transformou-se em uma organização não governamental, sem fins lucrativos e independente, comprometida em manter acesa a chama da memória das vítimas da barbárie nazista, objetivando promover atividades que mantenham viva a memória das vítimas do Holocausto judaico e combatendo o antissemitismo e o preconceito em geral. A primeira semana do programa ocorre na Polônia, onde são visitadas as cidades de Varsóvia, Cracóvia, Lodz e Lublin. Os participantes visitam museus, monumentos, campos de concentração, tendo contato direto com a história da perseguição e resistência dos judeus durante a II Guerra Mundial. Na segunda semana o grupo visita Israel, justamente na data em que se comemora a independência do Estado. A experiência, além de agregar conhecimento e identidade, resgata o sentimento de renascimento que é representado pelo sionismo pós-guerra e a autodeterminação do Povo Judeu (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), 2014). Os movimentos juvenis de Porto Alegre participam da Marcha da Vida. Nesse caso, salienta-se a experiência do Habonim Dror (Figuras 139-140).

---

<sup>167</sup> Há 23 anos, um grupo de jovens resolveu refazer a chamada Marcha da Morte, que era o percurso entre Auschwitz e Birkenau, feito a pé pelos prisioneiros. Era um caminho sem volta, rebatizado então, por estes jovens de "Marcha da Vida". A experiência de jovens gaúchos encontra-se no seguinte blog: <http://israelitanamarchadavida2014.blogspot.com.br/>.



Figura 139: Kikar Rabin (Praça Rabin)/Tel Aviv/Israel



Figura 140: Shuk Hacarmel (Mercado Carmel)/Tel Aviv/Israel



Fonte: Site Institucional da Dror/2014

Convém salientar que os alunos, do segundo ano do Ensino Médio, do Colégio Israelita Brasileiro, também participam desse programa. Em 2014, cerca de 40 jovens participaram do programa acompanhados de dois (2) professores e uma (1) monitora. Esse programa é uma oportunidade para vivenciar a história sobre o homem e sobre a humanidade. Esse é o sexto grupo que participou da Marcha, promovido pelo Colégio Israelita Brasileiro e pelo Fundo Comunitário do Rio Grande do Sul (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014).

Outra instituição extremamente importante é o Hillel que possui o eixo central focado nos jovens judeus. É uma instituição internacional jovem judaica que tem como missão integrar jovens adultos em um ambiente pluralista de valores judaicos, dar oportunidades de excelência para o seu desenvolvimento social, profissional e cultural, além de desenvolver os futuros líderes da comunidade. Oferece uma programação atrativa e eclética, apresentando a cultura e os valores judaicos (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014).

Nesse contexto, Porto Alegre, agora, conta com a representação da maior instituição jovem judaica do mundo. A comunidade pode prestigiar a palestra da instituição Hillel na capital gaúcha. A chegada da entidade Hillel ao Estado se deve à parceria com o grupo Ofakim que desenvolve atividades e projetos para jovens universitários no Rio Grande do Sul (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014) (Figura 141).

Figura 141: Apresentação de Hillel em Porto Alegre/RS



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014

A Agência Judaica é outra entidade com valor inestimável para a comunidade judaica. No dia 14 de agosto de 1929, foi celebrada a constituição dessa agência. Criada há mais de 80 anos, sua história está diretamente ligada à do Estado de Israel, tendo desempenhado um papel fundamental para sua construção e consolidação. Nas últimas oito décadas, a Agência Judaica uniu as comunidades e instituições judaicas do mundo com um único propósito: garantir o futuro do Povo Judeu. Há diversos programas desenvolvidos pela agência como: o Onward, o Masa, o Partnership2Geher e outros (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014). (Figuras 142-143).

Figura 142: Sede da Agência Judaica



Figura 143: Onward: Programa da Agência Judaica



Fonte: Site Institucional da Agência Judaica/2014

O vice-diretor geral da Agência Judaica de Israel Shay Felber ressaltou o trabalho de valorização dos jovens pela Agência Judaica. “O povo judeu sempre avançou, especialmente pelos jovens”. Para ele, o grande desafio é pensar como conectar os jovens com o judaísmo. “O novo programa da Agência Judaica lida muito com essa perspectiva por entender que é nessa fase que se forma a identidade com o judaísmo, por isso buscamos encontrar essa forma de conexão” (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014).

O Felber explicou que, em até 5 anos, o Estado de Israel deve investir cerca de 100 milhões de dólares em programas comunitários da Diáspora. O foco serão os jovens. Se antes a visão da Agência Judaica como a única solução para os judeus da diáspora era fazer a *Aliá* (migrar para Israel), agora esse conceito mudou. Segundo Felber, o objetivo atual é trabalhar junto com as comunidades do mundo todo, através do apoio e investimentos nessas pequenas sociedades. Nos últimos anos, muitos judeus estão se desligando das comunidades. “Temos que assegurar a cultura judaica, pois o importante é que a pessoa continue um judeu, ligado à sua comunidade, seja a forma que for”. Essa valorização se dará através de programas que serão definidos em conjunto com as comunidades ao redor do mundo, levando em consideração sete temas centrais, mas sempre com o enfoque nos jovens (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014).

O EITAN constitui a Central Educativa da Agência Judaica e está voltado à formação e capacitação de educadores tanto da área formal como não formal, bem como líderes comunitários. Gera ferramentas para diagnosticar as necessidades educativas e institucionais, elaborando e executando projetos de apoio que visem ao desenvolvimento comunitário. Promove cursos, oficinas, palestras e outras atividades (TZEDAKÁ/FIRGS/2008-2009).

Para dar sustentação a esses propósitos da Agência Judaica o papel do Eitan é fundamental, pois ele atua perante os movimentos juvenis. Segundo Brumer (2004, p. 130), os movimentos juvenis recebem “apoio e orientação do EITAN, coordenado pela Organização Sionista, que oferece material pedagógico e organiza atividades culturais (projeção de filmes e vídeos), palestras e cursos”. Na capital gaúcha há diversos projetos que são desenvolvidos no decorrer do ano (Figuras 144-145).

Figura 144: Beit Sefer LeMadrichim (Escola para Educadores)



Figura 145: Mini Knesset: Projeto EITAN



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014

A entidade Feminina Brit Nashim<sup>168</sup> proporcionou uma confraternização com o Betar para a despedidas de jovens que foram para o Shnat, em Israel. O programa Shnat é uma capacitação para a formação de líderes que, além dos estudos, participam de trabalhos comunitários e seminários em vários locais do país, com a duração de aproximadamente 1 ano em Israel. O Brit Nashim, mais uma vez, teve a satisfação de alcançar os seus objetivos de apoiar e contribuir com o Betar. O objetivo desse projeto é que esses jovens fortaleçam sua identidade judaica e se tornem novos líderes comunitários (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2011).

O Victor Grumberg<sup>169</sup> que possuía a função de *Mazkir*, o educador na Chazit, conta como foi sua vivência no Programa de Israel

Eu desde pequeno venho na Chazit, agora eu sou *Mazkir* que é o educador. E uma das fases do educador é fazer um Shanat, que é um programa de Israel de formação, em que moramos um ano lá em Kibutz, fazendo um trabalho voluntário e comunitário, estudamos na Universidade Latinos em Jerusalém. A gente vai com 19 anos e, para mim, mudou a minha vida. Este ano estou na administração da Chazit e vou passar o bastão, a continuidade é isso que a gente prega bastante na comunidade judaica e conseqüentemente na Chazit.

<sup>168</sup> É uma entidade feminina filiada à Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS).

<sup>169</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 20 de outubro de 2012.



A posição de outro jovem também pertencente à Chazit, porém em situação diferente, reflete um pouco da importância desse programa para os jovens (Figura 146). Salomão Nicilovitz<sup>170</sup> (*Madrich*) que estava indo para Shanat tinha o seguinte ponto de vista “Shanat é para ser o ano em que as pessoas mudam, se capacitam, crescem, e o mais interessante é que elas crescem juntas, crescem em grupo”. O mesmo consegue ver esse programa sob três perspectivas

A primeira é energética e desde sempre estamos esperando. É um ano esperado pelo movimento juvenil. A segunda é que vamos nos capacitar e depois voltaremos e vamos contribuir muito mais para a Chazit e terceiro chegar a Israel e conhecer um terreno, que daqui a uns anos, se tudo der certo, a gente vai morar lá, vamos contribuir juntos.

Figura 146: Shanat da Chazit (2009)



Fonte: Site Institucional da Chazit/2013

O jovem Uriel<sup>171</sup>, integrante da barraca do Dror, participava da 26ª Festa na Rua/2013 e pronunciou-se sobre a realização do programa Shanat

Shanat é o melhor ano da sua vida. Eu indico para todo jovem de 18 anos ter uma experiência de um ano fora do país, não necessariamente pelo movimento juvenil Dror, mas pela Chazit ou pelo Betar. Olha, tu está, em Israel e a gente começa a sentir as coisas diferentes: o sionismo, o judaísmo. A gente viveu quatro meses num *Kibutz*. Então, realmente, a cabeça mexe um pouco.

<sup>170</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 20 de outubro de 2012.

<sup>171</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 15 de junho de 2013.

## 5.5 A Categoria das Entidades de Cunho Social

### **5.5.1 As Entidades Assistenciais Judaicas: A Associação Israelita Damas de Caridade, A Sociedade Beneficente Damas de Caridade Sefaradi e o Lar da Criança Anne Frank**

As Instituições Assistenciais foram uma medida emergencial que a comunidade logo tratou de se organizar a fim de auxiliar os imigrantes judeus mais necessitados. As mulheres foram as idealizadoras dos projetos e colocaram em prática suas boas ações, a *tzedaká* estava sendo exercida. Eizirik (1984, p. 91) afirma sobre o surgimento “no dia 24 de agosto de 1921, um grupo de senhoras da coletividade israelita reuniu-se na União Israelita e fundou a Associação Israelita Damas de Caridade”.

Através da Associação, as atividades de filantropia estavam sendo realizadas de maneira institucional. A proposta das Damas é ajudar a quem necessita, dentre os membros da comunidade judaica local, permanecendo o anonimato. A comunidade judaica transformou-se assim: se, no primeiro momento as Damas de Caridade ajudavam aos imigrantes, num segundo momento passavam a dirigir-se a indivíduos ou a famílias das gerações que os sucederam (Site do Boletim do ICJMC/2011)<sup>172</sup>.

A diretoria da Associação compõe-se de vários cargos, aparentemente hierárquicos, mas as Damas trabalham em equipe e as decisões são tomadas coletivamente. Com o aumento da demanda, as atividades da Associação usaram de criatividade para promover eventos, antes mensais, agora anuais. A resposta da comunidade às demandas das Damas de Caridade efetua-se através do pagamento de mensalidades e de doações diversas (Site do Boletim do ICJMC/2011)<sup>173</sup>. (Figura 147).

---

<sup>172</sup> Outubro de 2011, p. 1.

<sup>173</sup> Outubro de 2011, p. 1.

Figura 147: Almoço das Damas de Caridade (1920)



Fonte: EIZIRIK, Moysés (1984, p. 92)

Como as Damas já existem há mais de 90 anos, é natural que há vários casos de mães, filhas e netas prestando sua colaboração a essa associação. Um problema que já foi constatado é que as lideranças ficam atuando nos cargos durante um longo período, pois há poucas pessoas interessadas em atuar perante essa entidade. Brumer (2004, p. 133) informa dados atuais dessa associação como, por exemplo, a sua organização e como são realizadas as contribuições para mantê-la funcionando e auxiliando os mais carentes

Associação Damas de Caridade é formada por um pequeno número de mulheres e presta assistência aos pobres da comunidade judaica local que a procuram diretamente. No total, são atendidos cerca de 50 indivíduos ou famílias, na maioria dos casos idosos ou doentes. Para atender as necessidades dessas famílias conta com contribuições mensais de aproximadamente 700 sócios, além de fazerem campanhas eventuais.

Outra Entidade Assistencial Judaica que surgiu posteriormente foi “A Sociedade Beneficente Damas de Caridade Sefaradi”, vinculada a uma Instituição Religiosa, ou seja, o Centro Hebraico, e começou a atuar em 1931. Isso foi possível após a inauguração do prédio no Centro Hebraico. Há uma gama de atuações que essa Sociedade ficou à frente como as atividades sociais e culturais, bem como no auxílio aos necessitados. Atualmente, as “damas”, mesmo que em menor número, continuam atuantes na sociedade sefaradita (Site Institucional do ICJMC/2013)<sup>174</sup>.

Mais tarde surge, em 1982, o Lar da Criança Anne Frank, voltada ao atendimento de pessoas carentes. Contudo, o grande diferencial das entidades assistenciais dispostas anteriormente, é que essa visa ao atendimento para fora da

<sup>174</sup> (Boletim informativo, Janeiro de 2013, p. 2).

comunidade judaica. Esse lar é mantido pela Entidade Comunitária Israelita Brasileira (ECIBRAS). Brumer (2004, p. 134) relata que o Lar “mantém uma creche, construída com os recursos do grupo loschpe, na Vila Santa Isabel, junto ao Campus do Vale da UFRGS, onde atende cerca de 80 crianças”.

### **5.5.2 A B'nai B'rith Rio Grande do Sul**

A B'nai B'rith foi fundada há aproximadamente 170 anos, em Nova York (significa "os filhos da aliança"). Seu objetivo é a defesa dos direitos humanos, dentro e fora da comunidade judaica. De acordo com Brumer (2004, p. 138), ela foi “uma entidade criada nos moldes da maçonaria, calcada nos princípios “beneficência, fraternidade e harmonia” e internacionalmente ligada às causas dos direitos humanos”.

A Matilde Gus<sup>175</sup> explica um pouco da B'nait B'rith, de como era constituída essa organização judaica que foi fundada, em 1843, por um grupo de judeus da “comunidade alemã de lá e nos moldes da maçonaria, pois, inicialmente, eram só homens. Com o tempo, começou a admitir e até agora recebe com muito prazer, a gente nota, os casais”. A mesma salienta que essa organização é moldada com os mesmos objetivos da Organização das Nações Unidas (ONU), ou seja, baseada nos direitos humanos

E quais os objetivos prioritários da B'nai B'rith? Em primeiro lugar, a defesa dos direitos humanos, mas não só a defesa dos direitos humanos dos judeus, mas de quaisquer minorias discriminadas e perseguidas. E isso a B'nai B'rith internacional tem feito com muita eficiência e nós temos muito orgulho de pertencer a essa Instituição.

No cenário nacional, a B'nai B'rith tem lojas no Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Está presente em mais de 50 países. A entidade trabalha no apoio ao aprimoramento da legislação contra o racismo em todas as suas formas e na defesa do direito do Estado de Israel a uma existência segura e pacífica, em harmonia com seus vizinhos. Sua ação se dá através da Comissão Nacional de Direitos Humanos e das diretorias regionais de Direitos Humanos, nas

---

<sup>175</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 06 de Abril de 2013.



áreas: educacional, capacitação, eventos e participação e apoio a entidades (Site Institucional da B'nai B'rith/2014). (Figura 148).

Figura 148: Quadro das atuações da B'nai B'rith

<b>Educacional</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Concurso Fábio Dorf</li> <li>• Concurso sobre Holocausto para Rede Pública de Ensino de SP, RJ, PR , DF e RS.</li> <li>• Jornadas Interdisciplinares para o Ensino do Holocausto, voltadas a educadores.</li> <li>• Palestras nas escolas públicas, com sobreviventes do nazismo.</li> </ul>
<b>Capacitação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seminário de Capacitação em Direitos Humanos para jovens e adultos.</li> <li>• Exposições</li> <li>• <u>Palestras com especialistas sobre temas atuais</u></li> </ul>
<b>Eventos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Outorga da Medalha Nacional de Direitos Humanos</li> <li>• Outorga da Medalha de Personalidade Comunitária</li> <li>• Sessão Solene em Memória dos Heróis e Mártires do Holocausto, evento da Câmara Municipal de São Paulo, realizado na B'nai B'rith.</li> <li>• <u>Dia Internacional de Recordação do Holocausto, instituído pela ONU.</u></li> </ul>
<b>Participação e apoio a entidades</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CONPAZ – Conselho Parlamentar para Cultura de Paz da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (membro da Executiva).</li> <li>• Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa de São Paulo</li> <li>• SOS RACISMO</li> <li>• DECRADI – Delegacia de Crimes Raciais e Delitos da Intolerância</li> <li>• URI – Iniciativa das Religiões Unidas Conselho de Fraternidade Cristão-Judaico – São Paulo e Rio de Janeiro</li> </ul>

Fonte: Site Institucional da B'nai B'rith/2014

A B'nai B'rith de Porto Alegre foi criada em 1955 reunindo em torno de 50 membros. Seu objetivo principal é a promoção dos direitos humanos. Brumer (2004, p. 138) comenta sobre a evolução dessa associação no sentido de inserir as mulheres na organização e expansão de suas lojas

Nas primeiras décadas de atuação tinha somente sócios do sexo masculino, embora as mulheres não fossem totalmente excluídas, pois participavam dos jantares organizados pelos irmãos. A partir da década de 1990, a composição passou a ser mais mista. Desde então, foram criadas duas novas lojas, aumentando o número de membros e rejuvenescendo com o ingresso de pessoas mais jovens.

Na comemoração da Fundação da 1ª loja B'nai B'rith de Porto Alegre estiveram presentes: Abram Knijnik, Francisco Teitelroit, Guilherme Tessler, Henrique Tessler, Jacob Axel Bud, Israel Kirjner, Isaac Teitelroit, Maurício Kirjner, Arão Bibe, Abram Goichemberg, Motel Segal, Luiz Gitz (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014). (Figura 149).

Figura 149: Fundação da 1º loja B'nai B'rith de Porto Alegre



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014

O Pedro Gus<sup>176</sup> que, atualmente, é o vice-presidente da B'nait B'rith do Brasil na Região Sul explica que a atuação dessa associação está baseada no tripé (SEDACAR), quer dizer, baseada nos princípios da solidariedade humana, na defesa dos direitos humanos e na justiça social. Assim, as ações e prestações de serviço são realizadas “Ainda, recentemente, fizemos um trabalho junto no Instituto Madre Pelletier, que é um presídio feminino, inclusive de doações. Fizemos palestras [...] mostrando o papel da família e da solidariedade humana”.

Em solo gaúcho, são três Lojas que atuam: a Yehuda Halevi, o Barão Hirsch e o Marc Chagal. O Vice-presidente Pedro Gus<sup>177</sup> retrata como é o funcionamento da loja e como são realizadas as reuniões

Nós nos reunimos na sede da hebraica todas as quintas-feiras, ao meio dia. Nós somos bem recebidos aqui, nós somos em torno de 30 irmãos associados, participamos de conferências todas as semanas, trazemos alguém para fazer uma palestra dos mais variados sentidos, sociológicos, humanos, históricos.

A B'nai B'rith Rio Grande do Sul é extremamente ativa. Um dos grandes eventos promovidos pela entidade foi a “Exposição Anne Frank, uma história para hoje<sup>178</sup>”, visitada por mais de 100 mil pessoas, em sua maioria estudantes (Site Institucional da B'nai B'rith/2014).

Em 2010, coube ao Brasil sediar o Encontro Anual da Sessão Latino-Americana. Segundo a coordenadora do evento, Matilde Gus, a preparação para

<sup>176</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 06 de Abril de 2013.

<sup>177</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

<sup>178</sup> Entre abril a maio de 2008, foi realizada esta exposição na Usina do Gasômetro (TZEDAKÁ/FIRGS, 2008-2009).

receber os convidados na capital gaúcha exigiu quase um ano de trabalho. O encontro foi realizado para discutir os direitos comuns envolvendo diferentes povos, no Hotel Sheraton, em Porto Alegre, com especialistas nacionais e internacionais. A plenária, organizada pela entidade judaica B'nai B'rith da América Latina, contou, aproximadamente, com 200 participantes. O encontro discutiu temas como política judaica, erradicação da violência e do preconceito (Site do Jornal Correio do Povo/2010)<sup>179</sup>.

Em outubro, a B'nai B'rith de Porto Alegre promoveu e participou de uma série de eventos comemorativos que marcaram os 170 anos de fundação da B'nai B'rith e os 80 de sua presença e ação no Brasil. As celebrações iniciaram nas sinagogas com o *Cabalat Shabat* e o *kidush* festivo, na SIBRA, prosseguindo no Beit Chabad, Centro Israelita, Linat Hatzedek e União Israelita Porto-Alegrense (Site do Coletivo Judaico/2013)<sup>180</sup>.

O período de Comunicações Temáticas da sessão ordinária da Câmara Municipal foi destinado a homenagear os 80 anos da B'nai B'rith no Brasil e os 170 anos de atividade da instituição no mundo em prol da paz, da tolerância e da humanidade (Figura 150). A sessão iniciou com a apresentação de um vídeo sobre as ações da B'nai B'rith, que é uma das instituições de direitos humanos mais antigas ainda em funcionamento no mundo, e está presente em 47 países, dedicando-se à assistência médico-hospitalar aos necessitados, campanhas humanísticas em prol de guerras e desastres naturais, educação, combate a qualquer tipo de racismo e discriminação de todas as espécies, além da defesa do sionismo (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013).

---

<sup>179</sup> 20 de Agosto de 2010.

<sup>180</sup> 11 de Abril de 2013.

Figura 150: Homenagem na Câmara Municipal: 80 anos da B'nai B'rith no Brasil



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013

Em 2010 foi o ano que a capital gaúcha organizou a 1ª Jornada Multidisciplinar de Porto Alegre sobre o Ensino da História e da Memória do Holocausto. A coordenação foi de responsabilidade da B'nai B'rith do Brasil. O Vereador Valter Nagelstein<sup>181</sup> foi o idealizador desde projeto junto com as lideranças da B'nai B'rith Matilde Gus e Pedro Gus. O Vereador expõe que foi um processo que passou pela câmara de vereadores “instituímos em Porto Alegre o ensino do holocausto [...] se conseguiu aprovar algo que é precursor no nosso país que é a institucionalização desta lei do ensino da rede municipal de Porto Alegre”.

Assim, essa jornada se tornou um evento anual, que acontece na sede da Associação Israelita Hebraica. A jornada é direcionada para professores e estudiosos do assunto, lideranças das entidades e, também, aos interessados no tema. As atividades como palestras, filmes, depoimentos, apresentações de música já fazem parte do cronograma dessa jornada. A partir de 2012 foi lançado a proposta do concurso da melhor redação. O tema, todos os anos, é diferente e o vencedor junto com a professora é brindado com uma visita ao Museu do Holocausto de Curitiba. Em 2013, o tema do evento foi “O direito de ser diferente” (Figuras 151-152).

---

<sup>181</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

Figura 151: Representantes da Jornada



Figura 152: Público presente na Jornada



Fonte: Site do Coletivo Judaico, 10 de Novembro de 2012

O vice-presidente da Hebraica Joel Fridman<sup>182</sup> posiciona-se a respeito de sua visão sobre esse evento “é muito importante para preparar os professores da rede pública para poder ensinar as crianças sobre o Holocausto a fim de que isso não mais se realize e que possa educar as novas gerações”. Já Pedro Gus<sup>183</sup> lembra que Shoá ou Holocausto marcou muito naquele tempo o desaparecimento dos direitos humanos, que contrapõe os objetivos do evento os quais são os direitos humanos. Para Fridman, a importância desse evento é que

Nós temos afirmado, confirmado e repetido. É chegar ao momento do mundo em que os direitos humanos sejam respeitados por todos e que as diferenças sejam importantes que existam, que nós não vemos isso como diferença, mas como uma igualdade de sensibilidade e respeito. Essa é a grande finalidade da B'nai B'rith, nós todos somos iguais.

A jornada organizou diversas atividades ao público que teve a oportunidade de assistir a trechos de filmes sobre a II Guerra Mundial; debater seus conteúdos, ouvir palestras sobre nazismo, ciência e arte; intolerância e preconceito, utopias científicas e sobre a situação do neonazismo no Rio Grande do Sul e no Brasil. A jornada teve a apresentação do conjunto musical Lechaim. O público também ouviu os depoimentos dos sobreviventes Bernard Kats, Curtis Henri Stanton, Max Schanzer e Johannes Melis que, em seguida, receberam uma homenagem. Na ocasião, ainda foi feito o lançamento do Concurso de Redações “Intolerância em Tempos de Nazismo – Exclusão à Solução Final”, no qual participarão alunos de escolas da rede pública (Site do Coletivo Judaico/2012).

<sup>182</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

### 5.5.3 O Lar Maurício Seligman

O suporte institucional aos idosos judeus já era uma preocupação da comunidade judaica, visto que, desde a década de 50, os integrantes da Sociedade Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA) conseguiram uma verba para a construção de uma entidade beneficente voltada aos idosos, através da Claims Conference<sup>184</sup> (Conferência de Reparações). Mas, a ideia da construção de um “Lar dos Velhos” somente se concretizou em 1961 (Figura 153).

Figura 153: Estudo do Projeto do Lar Maurício Seligman (Década 1960)



Fonte: Acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC)/2011

Segundo Halpern (1999, p. 143), isso se deve à doação dos terrenos no Bairro Jardim Sabará e à organização da comunidade que se mobilizou em prol da efetivação desse projeto. Alguns anos depois, em 1966, era inaugurada a Sociedade Israelita Rio-Grandense Lar dos Velhos, hoje Lar Maurício Seligman<sup>185</sup>

O Isaac Radin e seus sócios Maurício Steinbruch e Jerônimo Zelmanovitz doaram, quase onze hectares de terra, resto de um grande loteamento chamado “Jardim Sabará”, nos altos de Petrópolis, local praticamente desabitado naqueles dias. A construção incentivaria e valorizaria toda aquela gleba. As partes se associaram e, em outubro de 1961, foi lançada a pedra fundamental na rua Leopoldo Bettiol, onde hoje se situa o “Lar dos

<sup>184</sup> Ela foi criada pelo Congresso Judaico Mundial, que se prontificou a destinar recursos financeiros às comunidades judaicas em todo o mundo para deduzir os prejuízos causados pelo nazismo.

<sup>185</sup> Médico, formado em 1932 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi o primeiro presidente do Lar dos Velhos, de 1959 até sua morte, durante 18 anos (Site Institucional do Lar Maurício Seligman/2014).

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

Velhos”. A 15 de novembro de 1966, a instituição abria suas portas para receber os primeiros residentes.

Brumer (2004, p. 134) relata quais são as pessoas que podem residir no Lar Mauricio Seligman “O ingresso no Lar dos Velhos é aberto aos judeus com idade mínima de 65 anos, que devem passar por exames médicos e apresentar uma situação regular de saúde”.

O principal objetivo do Lar é tornar mais agradável a vivência deles. Há casais que moram no lar, a maioria deles vêm em momentos de vida diferentes. O número é de 62 residentes no Lar, a maioria é de judeus, alguns sociais e outros são pagantes. Eles ficam acomodados conforme o grau de dependência deles. O lar tem serviço de lavanderia e higienização, de serviço ocupacional, de fisioterapia, central de medicação, pessoal de compra que é a logística, tem a copa e a cozinha que funciona 12 horas por dia, psiquiatra, assistente social, médica geriatra, enfermeiras e gerente geral. O lar, hoje, deve ter uns 100 funcionários (REIMON, 2012).

O Lar Mauricio Seligman oferece os seguintes serviços aos seus residentes: Hotelaria, Infraestrutura médica e Central de saúde. Há também diversos espaços que possibilitam uma qualidade de vida aos mesmos, como: Área de lazer, Unidade intermediária, Sala de informática, Terapia ocupacional, Home Theater, Sinagoga, Salão de festas, Jardins (Site Institucional do Lar Mauricio Seligman/2014). (Figura 154).

Figura 154: Sede do Lar Maurício Seligman



Fonte: Folder Institucional distribuído Festa na Rua/2012

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

O pessoal da diretoria é composto de voluntários que se reúne todas as terças-feiras para fazer suas reuniões. O objetivo é estimular o convívio e a integração entre os moradores. Para cada dia há uma programação específica. Hoje, em torno de 30 a 40 % participam das atividades, e existem residentes que participam somente de uma atividade. Mas, sempre está se tentando atrair os residentes, pois a sociabilização é muito importante. Os residentes, os mais independentes, saem para assistir a um filme ou uma exposição. É habitual a ida ao supermercado aonde vão de 7 ou 8 residentes (REIMON, 2012).

O lar possui um cronograma onde é possível averiguar que as festividades judaicas, as mais importantes, podem ser vivenciadas pelos residentes do lar. Segundo as informações da funcionária Reimon

Tenho três residentes: a Dona Eva que é a professora da cerâmica, ela tem a turminha todas as segundas-feiras; a Dona Rerta que é a nutricionista, ela tem os bate-papos todas as quintas-feiras; o Levi e o seu Guilherme fazem a atividade de divulgar os acontecimentos da semana para os demais residentes. Temos o cronograma com todas as atividades. Tem o chá do dia das mães, do pai, se festeja o aniversário do Lar. Temos o *Purim*, o *Rosh Hashaná* *Pessach*, *Iom kipur*, *Sucot*, *Chanuká*. São as festividades comemoradas pelos residentes do Lar.

A presença e convívio entre gerações é algo importante e no lar isso é possível através da participação do Colégio Israelita Brasileiro. A escola tem vários projetos no lar, porque a cultura judaica valoriza o idoso. Tem um projeto que é desenvolvido nas sextas-feiras, de quinze a quinze dias, quando vem a turma do colégio até a 4ª série para fazer o *Shabat* com eles às 14 horas. Outro é a presença de 4 a 5 voluntários, alunos da 8ª série, que fazem trabalho com os residentes, com uma hora de atividade ainda a participação do Eitan que também vem ao lar com uma turma de 24 jovens (REIMON, 2012).

Como o aspecto religioso é um elemento importante para o judaísmo encontra-se à disposição dos residentes uma Sinagoga. A *chazanim* Isabel Weisfeld é a responsável por realizar todas as sextas-feiras o *Shabat*. Neste dia, eles leem a Torá, as mulheres ficam de um lado, os homens ficam de outro. Mas, se um residente morre sexta feira às 17 horas, ele só vai poder ser enterrado sábado à noite (REIMON, 2012). A fim de complementar essas informações do atendimento institucional do lar aos idosos, Brumer (2004, p. 134) enfatiza que a instituição oferece “uma convivência dentro dos hábitos e costumes judaicos [...] uma

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.



alimentação qualificada, com duas cozinhas (uma das quais *Kasher*) e cuidado diário aos residentes”.

Os residentes também participam da Festa na Rua, cujo maior significado é a possibilidade de sociabilização e valorização. Dessa forma, eles expõem seus trabalhos em forma de artesanato, como as caixinhas, os panos de prato, os crochês e as cerâmicas. Isso é confeccionado durante as oficinas que são programadas no lar, aliadas ao trabalho de autoestima. O povo de fora percebe que os residentes estão produzindo e, também, é um espaço de reencontro na festa. As pessoas esperam o lar com sua barraca, já é cultural sua participação (Figura 155).

Figura 155: Barraca do Lar Mauricio Seligman na Festa na Rua (2012)



Fonte: Trabalho de campo/2012

A seguir trabalharemos com o entendimento das múltiplas territorialidades judaicas que estão envolvidas na cidade de Porto Alegre. Nesse sentido, pretende-se desenvolver os aspectos e as características das Instituições Religiosas, da vida social e dos clubes, das lojas *Kasher*, das demais Instituições filiadas à Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS) e o Bairro Bom Fim e de seus respectivos geosímbolos judaicos.

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

## 6. AS MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES JUDAICAS EM PORTO ALEGRE

Neste capítulo buscamos entender os aspectos que unem e divergem nas Instituições Religiosas Judaicas de Porto Alegre. Outro ponto desenvolvido foi a organização da vida social judaica no bairro Bom Fim, principalmente, através da construção dos clubes e do estabelecimento de lojas *Kasher*. Também delineamos as características e atuações das categorias institucionais perante a comunidade judaica e a comunidade maior. E, por fim, salientamos o ressignificado do bairro Bom Fim e quais são os elementos judaicos existentes na paisagem porto-alegrense.

### 6.1 As Instituições Religiosas: unidade e diversidade

A Instituição Religiosa abarca uma gama de funções que podem ser realizadas na mesma, visto que, nesse lugar, eles poderiam e podem orar, fazer a leitura da Torá<sup>186</sup> e conduzir os assuntos comunitários<sup>187</sup>. Também há um espaço reservado para a biblioteca e salas que podem ser utilizadas para apresentação de peças teatrais. Essas diversas funções foram realizadas em, predominantemente, todas as Instituições Religiosas Judaicas de Porto Alegre.

Como pontua Gutfreind (2004b, p. 93) “No Centro Israelita, como na União Israelita, ocorriam não apenas as cerimônias religiosas, mas uma gama variada de atividades sociais e culturais, que congregavam seus associados”.

É possível identificar diferenças nessas Instituições Religiosas Judaicas, que embora apresentassem unidade religiosa havia práticas e rituais específicos. Isso é notável através das instituições que foram sendo criadas pelos grupos de judeus imigrantes. Scliar (1990, p. 28) chamou atenção para o fato de que a sinagoga é um lugar de orações, mas também desempenha o seguinte papel na dinâmica

---

<sup>186</sup> Azria (2000, p. 17) diz que “a Bíblia hebraica (*Torá*) compreende três partes: o Pentateuco (*Houmach*), os Profetas (*Nevim*) e os Hagiógrafos (*Ketourim*)”.

<sup>187</sup> A sinagoga era o lugar de encontro da comunidade, daí seu nome, tanto em grego como hebraico (Deitchman, 2004, p. 10).  
<sup>188</sup> *Porto Alegre tem a primeira sinagoga do Brasil*. News, em 22 de Julho de 2013.

comunitária “Reunindo grupos ou até mesmo separando-os. Mesmo nos grupos menores ocorrem divisões, que procuram aproximar os que têm características semelhantes, distinguindo-os dos demais”.

Segundo um depoente<sup>188</sup>, cujo pai durante anos fazia parte da diretoria do Polisher Farband, o significado para a fundação da quarta sinagoga estava embasado na seguinte delimitação

Eram só poloneses, praticamente, com raras exceções, pelos seguintes fatores: naquela época o pessoal se [de]limitava. De cada região fazia o seu grupinho. Então, ali era o Polisher Farband [dos poloneses]. Na Barros Cassal [União Israelita] eram os que vinham da Rússia. Então cada um tinha a sua sociedade, criaram a sua sociedade. Então ali ficou centralizado mais para os judeus poloneses.

A fundação dessas diversas Instituições são sinalizações das aproximações de judeus, intragrupais, motivadas por traços etnoculturais comuns. Para Brumer (2004, p. 112), a divisão dos membros da comunidade judaica entre várias sinagogas refletia “A diferenciação cultural e, em parte econômica, existente entre os imigrantes”. Gutfreind (2004b, p. 91) expõe essas disparidades internas entre judeus em uma entrevista realizada pelo ICJMC<sup>189</sup>

Aqui [referindo-se aos Polisher Farband] não se misturavam tinha esse preconceito social. Na Barros Cassal [União Israelita], eram os judeus ricos, a Polisher Farband era um dos mais pobres. Na Henrique Dias, o Centro Israelita eram os médicos. A SIBRA era uma sociedade de judeus alemães.

A sinagoga constitui-se em um dos principais elementos do judaísmo, onde se encontram todos os traços identitários e representativos desta comunidade. O judeu Pechansky (1987, p. 7) relembra o procedimento da comunidade, em ir à sinagoga, quando chegava o *Shabat* “Os judeus viviam muito bem, chegava sábado todos fechavam as casas, iam para o *shil*, como se fosse na Europa”. Pode-se dizer que mesmo divididos em correntes, onde defendem diferentes práticas do judaísmo, há uma concordância de que a Sinagoga é o elemento mais representativo da identidade judaica.

Esta inclinação do imigrante recolher-se entre os seus conterrâneos é tratada por diversos pesquisadores como uma maneira de proteção e, conseqüente, adaptação à nova realidade. No caso da temática judaica, Falbel (2008, p. 296)

<sup>188</sup> N.E.E. Número 357, 1991. ICJMC/Dpto. de Memória. Retirado de Gutfreind (2004, p. 94).

<sup>189</sup> Entrevista com o depoente 357, 1991. ICJMC/Dpto. de Memória. Retirado de Gutfreind (2004, p. 91).

destaca o papel da multiplicação de sinagogas, que além de ser fruto do crescimento natural da imigração, é resultado da tendência de agrupar em “comunidades de origem [...]”. A comunidade religiosa preenche o vácuo inevitável que se forma pela ruptura com o passado vivido em outro lugar e o novo no qual o imigrante veio se fixar”.

O relato da judia Siminovich é enriquecedor, pois o mesmo possibilita reconhecer como foi realizado o repasse dos ensinamentos judaicos para seus irmãos. O fato é que ela era a filha mais velha e após um ano residindo no Brasil perdeu sua mãe. Isso acarretou na atribuição de responsabilidades que até então não eram de sua competência. O que pode ser visto através do seguinte questionamento direcionado à mesma “Como conseguiu preservar as tradições judaicas e a religiosidade que trouxe tão arraigada?”. Siminovich (2004, p. 9) respondeu da seguinte maneira

Cedo tive que tomar conta de meus irmãos e procurei seguir todos os ensinamentos que minha mãe passou, seja nas tradições, seja na culinária para as festividades, dando assim continuidade e transmitindo o judaísmo para as outras gerações. Procurei transmitir a meus familiares o meu conhecimento, continuei a estudar por toda vida e acho que, quando se sabe o assunto, consegue-se transmiti-lo sem dificuldade.

A judia Pinheiro destaca quais eram as ações cultuadas pela sua mãe durante os rituais religiosos, além de desempenhar a tarefa de cozinhar pratos típicos para a família. Pinheiro (2000, p. 6) relata que

É a mãe que colocava aquele véu na cabeça e reunia toda a família e era ela que preparava tudo e as rezas todas, não é! Com todas as comidas tradicionais! [...] comidas típicas sefaradis.

Em uma entrevista realizada com Beatriz Faermann (1992, p. 27) foi feita a seguinte indagação: “Como vocês se preocuparam em repassar os valores do judaísmo para as meninas?”. A mesma deixou explícito o significado do *shabat* e como esse dia era cultuado no seu seio familiar

Nós fazíamos o *Shabat*, sexta-feira aqui em casa era *Shabat*. Eu acendia as velas e nós fazíamos *Shabat* pras meninas. Sextas-feiras nós fazíamos questão de todo mundo jantar junto, não dava comida antes pra elas, elas sentavam na mesa, o pai, eu, né. Sentávamos, fazíamos *Shabat*, nós cinco, né.

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

As lembranças de Wainstein (1987, p. 12) remetem como sua mãe procedia no *Shabat* para a efetivação do jantar

Minha mãe, eu me lembro até agora, ela preparava uma célebre janta de *Shabat*, que era a melhor comida que se podia fazer. E a comida era guardada para o sábado e esquentada no forno, onde se fazia o pão e lá deixava-se quentinha a comida até o meio dia.

O interessante também é que, nas vésperas do *Shabat*, havia a interferência no trabalho dos judeus. Era fato que, quando chegava sexta-feira, às quatro horas, grande parte dos judeus encerrava o expediente. Wainstein (1987, p. 12) relembra esse fato

O comércio parava, fechava o comércio e todo mundo se enfeitava. Tomava o seu célebre banho e todo mundo se preparava para esperar o *shabat*, numa maneira festiva. [...]. Então à tarde se ia ao *shil* que era uma festa para a gente, para todos os jovens, crianças, era uma gritaria.

Outra recordação a respeito dos ensinamentos judaicos no seio familiar é relatada pela judia Waimberg. Essa narra que durante período da sua adolescência a convivência com sua avó materna foi intensiva. O culto do *Shabat* era realizado, na maioria das vezes, na residência de sua avó. E uma preocupação da sua avó residia em repassar os ensinamentos da tradição judaica através do código gastronômico. Waimberg (1992, p. 24) retrata como isso foi transmitido e quais eram as festividades que deveriam ser comemoradas “Minha avó [...] legou isso para minha tia que continua a seguir as tradições do *Pessach*, do *Rosh Hashaná*, do *Iom Kipur*, do *Shavuot*, do *Sucot*, todas as festas”.

A realidade atual é que as sinagogas da capital decresceram o número de frequentadores nos serviços religiosos diários e semanais. Esse cenário altera-se bruscamente quando, em momentos de grandes festividades como o *Rosh Hashaná* e *Iom Kipur*<sup>190</sup>, elas ficam repletas e cheias de vivacidade. O ponto que as sinagogas convergem é a unanimidade em manter os serviços religiosos do *Shabat*, bem como a preparação para o *Bar Mitzvá/Bat Mitzvá* e a realização de casamentos. A presença de um grande público no *Kabalat Shabat* deve-se, em parte, à contratação

---

<sup>190</sup> Os governos Municipal e Estadual publicaram os decretos liberando os servidores de fé judaica nas datas correspondentes às festividades de *Rosh Hashaná* e *Iom Kipur* (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS) 2013).  
Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Junho de 2013.

de líderes religiosos jovens e dinâmicos, que introduziram inovações nas comemorações (BRUMER, 2004).

### **6.1.1 Aspectos materiais e imateriais das sinagogas**

A pesquisadora Emili Schlögl explica a existência de diferentes configurações espaciais que são: as espacialidades femininas e as espacialidades masculinas. A título de exemplo, há espaços que são proibidos às mulheres ou aos homens, espaços esses definidos dentro de esquemas rigidamente estabelecidos, como: rituais nos quais só participam homens, posições hierárquicas no âmbito das instituições religiosas e, até mesmo, os espaços físicos ocupados por homens e mulheres no interior do templo (SCHLÖGL, 2010).

Nas Instituições Religiosas Judaicas do Rio Grande do Sul percebem-se diferentes definições nos espaços sinagogais. Esses definem posições hierárquicas destinadas aos homens judeus, bem como um espaço destinado aos frequentadores, onde ficam homens de um lado e mulheres em outro, em determinadas sinagogas.

Os judeus, quando inseridos, logo tratavam de construir sua sinagoga e isso exigia a presença de uma autoridade religiosa, às vezes antecedia a construção do templo ou era providenciada posteriormente. O rabino é a pessoa encarregada de exercer as funções sinagogais, além de atender as necessidades do cotidiano no qual a sua presença se faz imprescindível, desde casamentos, circuncisões, *Bar Mitzvá/Bat Mitzvá* e em todos os atos que exijam orientação religiosa. Segundo Unterman (1992, p. 216), o significado da palavra rabino é a seguinte

Do hebraico “rabi” significa “meu mestre”. Erudito que recebe ordenação e, pela tradição, está licenciado para decidir em questões de ritual judaico, geralmente ligadas às leis dietéticas.

Nesse sentido é conveniente destacar que, na religião judaica, não é obrigatório que o ofício litúrgico seja conduzido por uma autoridade religiosa qualificada formalmente, ou seja, um rabino, pois qualquer membro da comunidade

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

que tenha o conhecimento suficiente da religião e da liturgia estará apto a servir de *chantré*<sup>191</sup> e condutor do serviço divino.

Outro ritual no qual somente participam homens na sinagoga chama-se *minyan*, constituído por um quórum de dez judeus do sexo masculino com mais de treze anos de idade. É a comunidade mínima necessária para atos públicos de culto e para a leitura da Torá.

Em algumas sinagogas há uma rigidez ao segregar homens e mulheres judias que frequentavam/frequentam esses espaços. A esse respeito, Saraiva (2004, p. 28) destaca a sinagoga de Santa Maria

No princípio do século XX, quando a mesma foi construída até a década de 80 do mesmo século, esta era uma sinagoga nos moldes ortodoxos, ocorrendo desta forma a separação de homens e mulheres. Após sua reconstrução na década de 90 do século XX, esta se torna uma sinagoga reformista, voltada para a recuperação de sua religião e cultura.

O relato de Waimberg é enriquecedor, pois seus pais tinham diferentes ascendências, ou seja, seu pai era *sefaradi* e sua mãe *asquenazi*. Isso propiciou dupla vivência em Instituições Religiosas diversas. O seu pai frequentava o Centro Hebraico e sua mãe a União Israelita Porto-Alegrense. Waimberg (1992, p. 14-15) correlaciona as espacialidades nas sinagogas

Nós fomos primeiro na sinagoga do meu pai, onde estava o meu avô, onde estavam todos os meus primos, no Centro Hebraico. Eu sentia que lá existia uma maneira diferente, eles [...] não sei te dizer [...] de eles colocarem as coisas. Lá as pessoas iam, as pessoas sentavam cada uma na sua cadeira, com seu livro de reza e rezavam. Mas havia uma conscientização, posso te dizer, uma conscientização maior, um respeito muito grande dentro da sinagoga. O que eu achava e acho até hoje, que nas nossas *asquenazi* não [...] lá era diferente, a maneira de levar [...] por ser menor também, pode ser, homens e mulheres quase, bem dizer, juntos. Uma separação muito pequena sabe? E eu sentia isso lá dentro.

No Centro Hebraico Rio-Grandense pode-se dizer que prevalecia uma orientação no âmbito religioso de certa maneira conservador. Fato que essa orientação ainda reflete práticas atuais que segregam homens e mulheres na sinagoga. Santos (2008, p. 83) comenta que “Es interessante mencionar que la

---

<sup>191</sup> Unterman (1992, p. 64) em hebraico “Chantré” significa cantor. “Funcionário da sinagoga que conduz as orações, particularmente no *shabat* e nas festas, e que também pode ser aquele que lê o *Sefer Torá* e ensina as crianças da congregação”.

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

costumbre de separar mujeres y hombres en espacios independientes para cada sexo, permanece en nuestros días”.

Uma festividade de extrema importância que as famílias judaicas têm é a tradição de comemorar a maioridade de seus filhos. Nesse sentido, há uma cerimônia religiosa destinada aos meninos denominada *Bar Mitzvá* “filho do mandamento” e outra para as meninas definida como *Bat Mitzvá* “filha do mandamento”. Ratnner (1977, p. 121) salienta que a *Bar Mitzvá* é uma cerimônia religiosa que “Está associada diretamente aos eventos mais importantes da vida do indivíduo [...] uma cerimônia religiosa pela qual o adolescente judeu de idade de treze anos se torna formalmente membro da comunidade”.

Nudelman (1987, p. 4) rememora quando foi que comemorou sua maioridade religiosa na capital gaúcha “Eu fiz meu *Bar Mitzvá* aqui em Porto Alegre, quando eu fiz treze anos” (Figura 156).

Figura 156: Cerimônia de Bar Mitzvá: Felipe Chwartzman (1996)



Fonte: GILL, Lorena (2001, p.123)

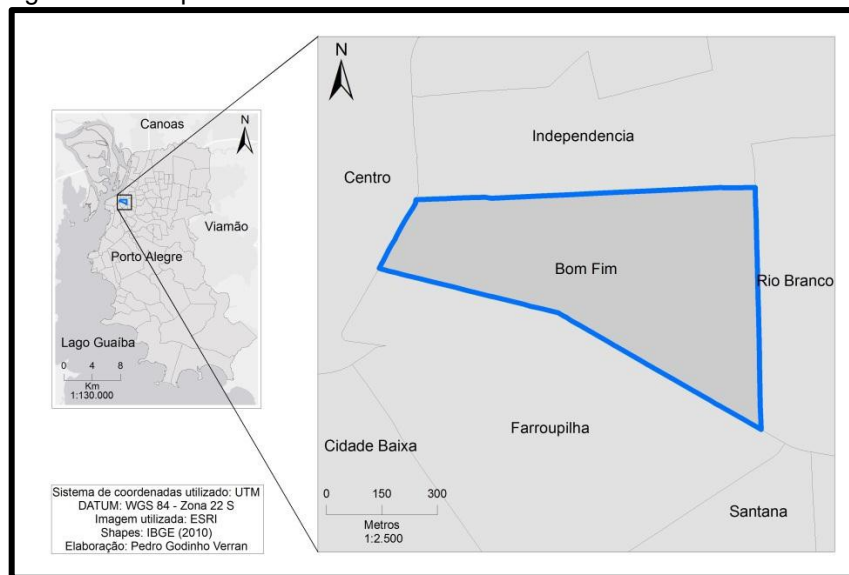
## 6.2 Vida social e os clubes no Bairro Bom Fim

Em Porto Alegre, os judeus organizaram-se como uma comunidade concisa a partir de 1920. E o Bairro Bom Fim<sup>192</sup> passa a ser o lugar de forte concentração da grande maioria de judeus que se dirigem à capital (Figura 157).

<sup>192</sup> O Bairro Bom Fim foi criado oficialmente em 1959. *Journal of the Jewish Community of Porto Alegre*, em 29 de junho de 2012, de 7 de dezembro.



Figura 157: Mapa da área de Estudo



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)/2010  
Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2014

Nesse bairro ocorre a construção e a centralização da vida comunitária através das sinagogas, das escolas, das sociedades culturais, do grupo de jovens, do teatro *ídiche*, das bibliotecas, das sociedades de amparo aos recém-chegados, do clube, do primeiro jornal israelita do Brasil, *Di Mentsshait*<sup>193</sup> (A humanidade, em *ídiche*), do armazém, do açougue. Isso demonstra a notável dinâmica intracomunitária. Scliar (1998, p. 78) retrata que o bairro possuía um poder catalisador de propiciar aos seus membros uma vida judaica ativa

Ali estava a escola judaica, o Colégio *Ídiche*, como era conhecido no bairro, na qual minha mãe Sara Scliar, era professora; ali estava a sinagoga, pequena e barulhenta; ali estava o clube, com seus bailes, em que os rapazes encontravam as moças; ali estava o açougue, o armazém, entre outros.

Em outra obra Scliar (2004b, p. 149) salienta como era o Bom Fim dos anos 1930 e 1940 “Era um verdadeiro *shtetl*, uma aldeia da Europa Oriental no meio de Porto Alegre”. Porém isso não significa a inexistência desses judeus em outros

<sup>193</sup> Halpern (1999, p. 12-14) discorre que esse periódico, ao que se pode deduzir, não surgiu de um capricho pessoal nem como fruto do acaso, mas da necessidade, estimulada pelas circunstâncias vigentes. Um dos fatores era o idioma. Nas primeiras décadas do século XX, os imigrantes judeus ainda não dominavam a língua portuguesa e se valiam do *ídiche* em suas expressões diárias. O mesmo ocorria com o seu pequeno número de intelectuais. Começou a circular em 1º de dezembro de 1915, quando a Europa estava em plena guerra e as comunicações entre os dois continentes não se processavam com normalidade. Declarava-se uma publicação imparcial, não seguindo orientação sionista nem socialista. Entre os artigos inseridos em seu número, constam: “A Guerra Europeia”, “Os Judeus na Rússia”, “Os Judeus e a Guerra”, “A Educação Judaica e a Autoeducação”.

<sup>183</sup> Entrevista concedida à *Hebraica News*, em 22 de Julho de 2013.

pontos da cidade, pelo fato que alguns já se encontravam, na capital gaúcha, em datas anteriores à grande leva de imigração espontânea. Falbel (2008, p. 444) discorre a esse respeito “Pois os colonos imigrantes de Philippon e Quatro Irmãos acabaram juntando-se aos poucos israelitas que já viviam naqueles centros urbanos”.

Com relação ao lazer, as calçadas do Bom Fim, na década de 1940, eram utilizadas como espaço de entretenimento no bairro. Pois, frequentar os cinemas e bailes era algo raro de se fazer. No dia a dia era possível presenciar pessoas sentadas nas calçadas em frente as suas residências. Os judeus também praticavam essa confraternização, visto que uma tradição judaica é contar histórias. Scliar (1998, p. 79) disponibiliza as atividades diárias de distração que as pessoas realizavam no bairro “Em geral, porém, não havia baile, nem peça de teatro, nem filme. Nas quentes noites de verão, cadeiras eram trazidas para as calçadas e as pessoas ali se reuniam” (Figura 158).

Figura 158: Nas calçadas do bairro: Beno Igor e atrás Srª Volkindn



Endereço: Rua Felipe Camarão, Bairro Bom Fim/POA  
Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC)/2010

Scliar (2008, p. 5) também constrói uma delimitação do Bairro Bom Fim, cujos pontos cardeais relacionam-se com lugares específicos. O mesmo sugere considerar o Bom Fim como “Um país, um pequeno país, não um bairro em Porto Alegre”

Limita-se, ao norte, com as colinas dos Moinhos de Ventos; a oeste, com o centro da cidade; a leste, com a Colônia Africana e mais adiante Petrópolis e as Três Figueiras; ao sul, com a Várzea, da qual é separado pela Avenida

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

Oswaldo Aranha. Em 1943, a região da Várzea, já saneada, estava transformada num parque – a Redenção.

Outro predicativo considerado muito importante pelos judeus é a realização de um casamento religioso judaico. Essa prática é um costume valorizado, principalmente, pela corrente de judeus ortodoxos mais radicais no seguimento do judaísmo.

Com relação a essa temática, o casamento era outra solenidade que os judeus realizavam em Philippon. Uma celebração bastante relacionada com outro código: a gastronomia. Nesse sentido, as mulheres eram as responsáveis pela preparação dos alimentos nessa festa. Eizirik (1984, p. 32) comenta que as mulheres preparavam os seguintes pratos “*guefilte fish* (peixe recheado), *guebrutene iner* (galinhas assadas), *leikach* (pão de ló) e *shtrudel* (doce folhado). As vizinhanças colaboravam e tudo era feito nas casas”. Em 1931, a Colônia Agrícola Baronesa Clara também oficializou um casamento típico judaico (Figura 159).

Figura 159: Casamento típico judaico



Fonte: Histórias de vida II volume (1992, p. 1)

Os pratos típicos judaicos receberam a interferência conforme a procedência do país em que viviam anteriormente. Wainstein (1987, p. 12) retrata que após as rezas de sábado direcionava-se para casa, a fim de degustar determinados pratos

Até agora eu guardo as tradições, aqueles quitutes de cozinha judaica, que a cozinha judaica é mesclada com a cozinha dos países onde os judeus viveram: a cozinha alemã, a russa e a romena. Então cada local em que o judeu viveu trouxe um prato, vamos dizer predileto, *vareniques*, *borscht*, aquela comida tradicional que o judeu costumava fazer geralmente para o *shabat*.

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

Alguns descendentes de imigrantes judeus deixaram explícito suas preocupações em realizar um casamento dentro de seu grupo étnico. A fala de Faermann (1992, p. 10) contribui para visualizar a aversão ao “outro” ao responder a pergunta se já havia namorado um *gói*<sup>194</sup>

Não, não. Nunca namorei *gói*. Mas não tive um namorado que meus pais fossem contrariar, aquela coisa eu contrariar meus pais, nunca. Sempre procurei namorar guri [...] guri judeu pra não me incomodar, né [...] acontece que eu respeitava muito o meu pai, muito mesmo.

Uma preocupação dos rapazes judeus nos recatados anos 1930 era como se aproximar das moças. Scliar aponta a falta que fazia o *shadchan*<sup>195</sup>, pois ele era reconhecido como casamenteiro da Europa Oriental. O *shadchan* era um personagem comunitário bem conhecido no passado. Scliar (2004b, p. 152) discorre “Mentiroso ou não, faltava o *shadchen* no Bom Fim. O jeito era a aproximação via baile”.

O baile passou a ser a solução com a ausência do casamenteiro. A significação do baile passou a ser um evento muito importante porque o baile poderia propiciar o casamento. E através desse casamento nasceria a família. Pechansky (2011, p. 1) deixa claro que havia intencionalidade nos bailes em conseguir casamento

A preocupação da mãe judia era que a filha casasse. Vai fazer praça, bailes para conseguir namorado. As moças vinham em grupo para fazer praça, vinham para arranjar casamento, para escolher rapazes.

Como não havia sede própria, inicialmente, os bailes no Bom Fim eram realizados na União Israelita ou no ponto elegante de Porto Alegre, a Confeitaria Rocco. Posteriormente, foi alugado o salão nos altos do Cine Baltimore e lá os bailes tornaram-se mais frequentes, o sábado à noite era aguardado com ansiedade. Era costume os pais levarem suas filhas ao baile a fim de zelar pelas moças. Os moços

---

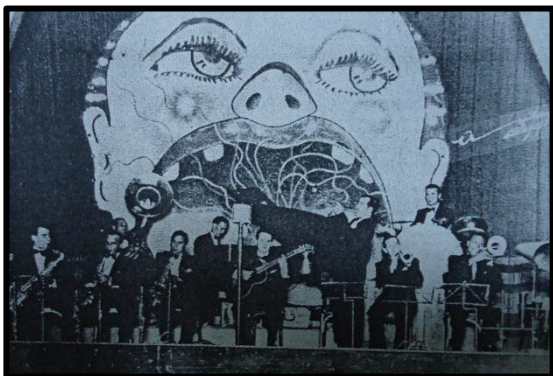
<sup>194</sup> Scliar (1998, p. 81) diz que “Estranha palavra esta, que, em hebraico, designa o gentio. Não é uma palavra agradável. Começa com este “g”, que é uma letra bruta, desagradável, e que frequentemente está em palavras com que grupos designam os estranhos: o gajo, dos ciganos, o gaijin dos japoneses, e até o gaúcho, que na sua origem não é um termo muito elogioso, talvez vindo do espanhol *guacho*, que significa abandonado”.

<sup>195</sup> Para Unterman (1992, p. 238) *Shadchan* em aramaico significa “casamenteiro”. Entre os judeus tradicionalistas é considerado impudico que um rapaz e uma moça namorem, no processo de encontrar um futuro cônjuge. Em vez disso, um casamento arranjado, *shiduch*, é montado por um *shadchan* que conheça ambas as famílias e considere que o futuro casal combina bem um com o outro. O rapaz e a moça são apresentados, e espera-se que decidam, após alguns encontros subsequentes, se querem casar um com o outro.

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

utilizavam as galerias como ponto estratégico para observar as gurias (SCLIARb, 2004). (Figuras 160-161).

Figura 160: Orquestra Clóvis Mamede-Cassino



Fonte: KLIEMANN L.; BERGER D.(1993)

Figura 161: Baile de casamento nos altos do Baltimore



Fonte: KLIEMANN L.; BERGER D.(1993)

No início da década de 1930, a comunidade judaica desfrutava de uma intensa atividade social, cultural e esportiva. Os salões do Círculo Social Israelita centralizavam a maioria dos mais relevantes eventos da coletividade israelita de Porto Alegre. Nesse sentido, aconteciam diversos bailes temáticos no Círculo como o Baile das Neves, a Rainha da Primavera e, também, formaturas<sup>196</sup>. (Figuras 162-163). Na década de 1970, foi possível assistir à apresentação de Chico Buarque de Holanda e de diversas peças teatrais. Nesse momento, quase todo o *ishuv* estava filiado ao Círculo Social Israelita (HALPERN, 1999).

<sup>196</sup> O boletim Seleções Sionistas (1949, nº 2) informou a realização de um baile no Círculo Social Israelita, que homenageou os formandos em Medicina de 1949 em Porto Alegre: Carlos Kvitko, Chaim Welczer, Gildo Vissoky, Guilherme Sibemberg, Henrique Skaletzky, Henry Wolf, Ida Clerman, Issac Kelbert, Issac Pecis, Issac Telichevsky, Jacob Seligman, Jayme Fischmann, Léo Weis, Leon Knijnik, Max Jarcober, Reveca Teruschkin, Salomão Cutin, Samuel Spritzer e Waldemar Nestrowski (HALPERN, 1999).  
Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

Figura 162: Baile das neves (1931)



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013

Figura 163: Rainha da primavera<sup>197</sup> (1934)



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013

A vida comunitária judaica foi marcada pela existência de manifestações artísticas e culturais. O Clube de Cultura foi outra entidade fundada pelos judeus, que tinha essa preocupação e possuía a vertente “progressista”, ou seja, os seus membros eram simpatizantes do Partido Comunista. Eizirik (1984, p. 108) informa como foi a sua criação “fundada em 31 de maio de 1950, com a finalidade de incrementar atividades artísticas e culturais da coletividade. Está instalada em sede própria à rua Ramiro Barcelos, nº 1853”.

O clube possuía uma gama de atividades como palestras, exposições e apresentações teatrais. Fato que culminou no reconhecimento, na década de 1960, como a entidade que tinha mais eventos culturais. Brumer (2004, p. 139) relata que muitas figuras prestigiaram o clube como “Vinícius de Moraes, Graciliano Ramos, Fernanda Montenegro e Jorge Amado. Seu teatro e seu coral eram famosos e reuniam em torno de 300 a 400 pessoas”.

Na década de 1960, o Clube de Cultura permitiu a entrada de todos os cidadãos. É interessante salientar que desde a sua criação havia a preocupação em estudar a cultura judaica com temáticas universais, embora fosse mais direcionada para a comunidade em geral. Em 2011, esse clube foi tomado como patrimônio de Porto Alegre. Brumer (2004, p. 140) informa a respeito da situação do clube na atualidade “não constitui um clube judeu, nem é filiado à Federação. Procura desenvolver atividades em todas as áreas. Mantém-se através das mensalidades de

<sup>197</sup> Da esquerda para Direita: Realda Venzon, Ana Boianowsky, Dora Zingano, Anita Jaimovich, Maria Boianowsky (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2013).

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.



seus associados, de cursos e do aluguel de suas salas para eventos” (Figuras 164-165).

Figura 164: Visão abrangente do Clube de Cultura



Endereço: Rua Ramiro Barcelos, nº 1853, Bairro Bom Fim/POA  
Fonte: Trabalho de campo/2010

Figura 165: Vista do palco do Clube de Cultura



Endereço: Rua Ramiro Barcelos, nº 1853, Bairro Bom Fim/POA  
Fonte: Trabalho de campo/2010

Mais tarde, outro clube foi organizado pela comunidade judaica, o Clube Campestre, porém em outro ponto da cidade. Esse foi fundado em 1958, às margens do Guaíba. Brumer (2004, p. 136) destaca que “cerca de 30 famílias da comunidade judaica que, na época, buscavam um local de lazer junto à natureza, próximo ao centro da cidade. Compraram então um sítio [...]”.

Uma crônica escrita pelo escritor e judeu Moacyr Scliar para o Clube Campestre na ocasião do 30º aniversário do clube, no ano de 1988, responde a pergunta de quando é que um clube é bom? Segundo seu depoimento é quando “atinge a extensão de nossa casa; quando ele amplia a nossa casa. Quando lá encontramos amigos e conhecidos, e quando temos a possibilidade de diversão e desporto que os confinados apartamentos já não permitem”.

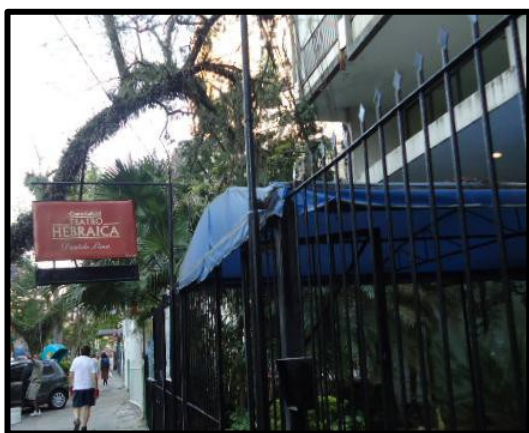
Atualmente, há dois clubes que congregam a comunidade judaica de Porto Alegre. A Associação Israelita Hebraica, que possui duas sedes, uma localizada no Bairro Bom Fim e outra no Bairro Petrópolis e o Club Campestre Macabi, cuja sede está situada no Bairro Ipanema.

A Hebraica como é mais conhecida, atualmente, é o clube resultante da fusão entre duas tradicionais entidades: o Grêmio Esportivo Israelita, fundado em 1929 e o Círculo Social e Esportivo Israelita, fundado em 1930. A fusão dessas entidades ocorreu em 1985, porém são reconhecidas, historicamente, as rivalidades entre os

Entrevista concedida a Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

frequentadores no início de suas fundações. É interessante salientar que o Grêmio Esportivo Israelita originou a sede Grêmio e Círculo Social e Esportivo Israelita, originou a sede Círculo. (Figuras 166-167). O primeiro sempre foi considerado um clube mais esportivo e o segundo um clube mais social e cultural. Essas características, ainda, persistem, ou seja, a Sede Círculo<sup>198</sup> caracteriza-se por ser uma sede mais social, enquanto que a Sede Grêmio<sup>199</sup> caracteriza-se por ser uma sede esportiva (Site Institucional da Hebraica/2014).

Figura 166: Sede Círculo



Endereço: Rua General João Telles, nº 508, Bairro Bom Fim/POA

Figura 167: Sede Grêmio



Endereço: Rua Protásio Alves, nº 3435, Bairro Petrópolis/POA

Fonte: Trabalho de campo/2011

Uma informação interessante é que, inicialmente, direcionava-se para associar somente o público judaico, porém essa política modificou-se no decorrer do tempo. Segundo Brumer (2004, p. 135), quando de sua criação, as duas associações eram “fechadas admitindo somente sócios judeus. Já antes da fusão, [...] tornaram-se

<sup>198</sup> Aqui geralmente são realizados eventos de pequeno, médio e grande porte, utilizando algum dos salões disponíveis para isso. Além disso, a sede conta com Ginásio pequeno de Futebol de Salão, Piscina térmica semiolímpicas, espaço de academia de musculação, espaço de academia de boxe e jiu jitsu, espaço de escola de música, espaço de escola de Inglês, Salão de Festas Grandioso para 380 pessoas sentadas com pista de dança e palco, Salão de Festas com ar condicionado para 220 pessoas sentadas com palco, Salão Infantil para 70 pessoas sentadas, Boate para 120 pessoas sentadas, Teatro grandioso com 262 confortáveis poltronas, espaço cultural, ampla biblioteca e estacionamento descoberto (Site Institucional da Hebraica/2014).

<sup>199</sup> Ela é composta de Ginásio de Futebol de Salão, cancha de Futebol 7, Quadras de tênis de Saibro, Conjunto de Churrasqueiras, Piscina semiolímpica aberta, piscina infantil aberta, Piscina de Hidroginástica térmica, Salões de Festas de pequeno e grande porte, espaço de academia de ginástica e musculação. Esta sede tem uma grande área a céu aberto, sendo muito arborizada (Site Institucional da Hebraica/2014).

Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.



abertos, admitindo sócios não judeus e estendendo as atividades programadas para o público em geral”.

Até o final do ano de 2005, a Hebraica vinha enfrentando o abandono e a falta de recursos. A falta de atrações e serviços de qualidade afastava os sócios e a falta de sócios afastava a possibilidade financeira de gerar boas atrações. Brumer (2004, p. 135) pontua que “A partir da década de 1970, a frequência dos jovens aos bailes diminuiu consideravelmente, uma vez que Porto Alegre oferecia outras formas de animação que atraíam mais a juventude”. O atual vice-presidente da Hebraica Daniel Fridman<sup>200</sup> descreve sua visão com relação ao aspecto atual desse clube

Eu me senti gratamente surpreso em relação ao que eu estou encontrando aqui no clube. Esse clube há muito pouco tempo, nós chegávamos aqui e não víamos pessoas circulando, era muito vazio, a iluminação, o aspecto. A gente enxergava aqui um clube decadente. E hoje a gente chega aqui e tem outra impressão, a gente entra por aquela sala e vê gente, a gente vê vida, a gente vê gente dançando, cantando. A impressão que eu tenho é que nós estamos no meio de um processo de evolução contínua e isso traz muita satisfação pra gente.

Essa entidade possui inúmeros espaços que são ocupados para o desenvolvimento de atividades esportivas, sociais e culturais. Na sede esportiva da Hebraica acontece a Copa Hebraica de Futsal. Há um grupo de terceira idade chamado Viva a Vida que se reúne duas vezes por mês nas dependências do clube. Na Hebraica também há uma academia do Krav Magá<sup>201</sup> que oferece aulas de defesa pessoal para os interessados. Ainda hoje tem intensa movimentação de movimentos juvenis, e diversos eventos da Federação Israelita e das suas entidades filiadas acontecem tanto na Sede Círculo como na Sede Grêmio.

No periódico denominado Campestre, em julho de 1993, a diretoria do clube comemorou os 35 anos de sua existência. A trajetória dessa entidade desencadeou para seus frequentadores uma excelente vida social e esportiva. O clube reúne mais de mil sócios e um quadro de aproximadamente 3.500 pessoas. E é responsável pela movimentação de uma grande parcela da comunidade judaica porto-alegrense.

---

<sup>200</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 27 de Fevereiro de 2013.

<sup>201</sup> Marcus Begossi é o professor responsável na Hebraica, sendo que o estado do Rio Grande do Sul conta somente com 2 academias treinando regularmente o Krav Magá. Ele explica que “Krav Magá foi criado na década de 40 e ficou restrito à elite do exército israelense até 1964. A partir daí foi liberado para os civis e para todas as forças de segurança do estado de Israel, ao serviço de inteligência, aos grupos policiais e militares. Ao final década de 1980, o Krav Magá se expandiu. Krav Magá é técnica única e exclusivamente de defesa pessoal, você não tem competições, não tem coreografias, não tem juízes”. Entrevista concedida à Hebraica News, em 24 de Novembro de 2012.

<sup>183</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 22 de Julho de 2013.

A primeira área foi adquirida através da venda do título para os primeiros 200 sócios. Um dos seus diferenciais é com relação ao contato com a natureza e a presença do Guaíba como um elemento paisagístico (HALPERN, 1999). (Figuras 168-169).

Figura 168: Club Campestre Macabi: área verde



Figura 169: Club Campestre Macabi: vista piscina e Rio Guaíba



Endereço: Avenida Coronel Marcos, nº 1345, Bairro Ipanema, Porto Alegre  
Fonte: Site do Club Campestre Macabi/2014

O clube disponibiliza na programação anual eventos que valorizam o aspecto gastronômico. “Um reduto da boa culinária” descreve Scliar, já em 1988 e que prevalece no calendário. Uma é o jantar dos queijos e vinhos, uma tradição europeia transplantada para o Rio Grande do Sul. Outra é o jantar dos cozinheiros, onde há uma extraordinária competição gastronômica. E a terceira festa é o jantar com comida *ídiche* (SCLIAR, 1988).

O Presidente do Clube Macabi Roberto Barqui Steren<sup>202</sup> pontua uma série de atividades já tradicionais que são desenvolvidas em prol da comunidade judaica

Nós temos o dia da dança que fizemos no clube, o torneio chapa quente de futebol sete, a Macabíada gaúcha, o festival do churrasco que organizamos e outros eventos sociais. Além disso, sou professor do Colégio Israelita e dou aula de futsal lá. E trabalho, também, para a Macabi Brasil. Eu represento o Rio Grande do Sul.

<sup>202</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 09 de Fevereiro de 2013.

Esse clube é filiado à Macabi Brasil, representante da União Mundial Macabi, organização judaica que congrega clubes que oferecem atividades de esporte, educação e cultura. E dentro desse há a empresa Macabi Esporte Center com escolinhas para as crianças de futebol e patinação artística que competem em mundial e brasileiro.

Em 2008, o Clube Campestre Macabi sediou a 3ª Macabíada Gaúcha. Esse é reconhecido como o maior evento esportivo da comunidade, em nível regional. Contou com mais de 200 participantes em diversas modalidades (Site Institucional Club Campestre Macabi/2014).

A Macabíada Mundial é um evento que ocorre a cada quatro anos e é reconhecido como um dos cinco maiores eventos esportivos do mundo. São em torno de nove mil atletas e sempre acontece em Israel. O presidente Steren<sup>203</sup> relata de como estava sendo a preparação dos participantes em nível nacional e regional

Estamos começando a preparar toda a delegação brasileira e gaúcha. Principalmente com os treinos de futebol, esse ano vamos sediar o time de futsal da categoria juvenil. Estamos enviando o grupo Kadima com 20 dançarinos para participar da abertura do mundial e do Festival Carmel. Tem todas as modalidades de esporte como uma olimpíada.

Em julho de 2013, os atletas gaúchos participaram dos Jogos Macabeus em Israel, ou seja, da 19ª Macabíada Mundial. Esse evento durou 15 dias, com atletas de mais de 70 países. Na abertura, o estádio contou com mais de 30.000 pessoas (Site Institucional Club Campestre Macabi/2014). (Figuras 170-171).



Fonte: Site da Federação Israelita do Rio Grande do Sul/2014

<sup>203</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 09 de Fevereiro de 2013.

Anualmente o clube promove, durante o verão, o Gre-Nal judaico, uma partida entre torcedores do Grêmio e do Internacional da comunidade judaica. É realizado no Estádio Mariscão, em Capão da Canoa (Litoral Norte Gaúcho). Em 2009, a entidade arrecadou mais de 600 quilos de alimentos não perecíveis que foram entregues à Secretária do Bem-Estar Social de Capão da Canoa (TZEDAKÁ/FIRGS/2008-2009). (Anexo G). (Figura 172).

Figura 172: O Gre-Nal Judaico



Fonte: Site Institucional Club Campestre Macabi/2014

O presidente do Macabi que também é organizador do tradicional Gre-Nal judaico explica que esse evento movimenta a comunidade judaica no litoral. Esse acontece durante um final de semana do mês de janeiro e possui um amplo significado social e beneficente, pois

É um final de semana inteiro de muito futebol e judaísmo. Em diversas categorias do infantil ao máster. Acima de tudo é um evento social e beneficente, pois o ingresso é dois quilos de alimento não perecível que se destina para instituições de caridade de Capão da Canoa. Toda a comunidade judaica e toda a comunidade ampla são convidadas a participar.

Conforme o gerente de esportes do Clube Campestre Macabi, Roberto Barqui Steren, nos últimos anos, o evento tem ganhado uma proporção cada vez maior. O número de inscritos deste ano já supera a edição anterior. É uma grande festa da comunidade e “a integração é o maior objetivo, mas na hora que a bola rola todo mundo quer ganhar. Isso se deve pela forte rivalidade que existe entre Grêmio e Inter” (Site Institucional Club Campestre Macabi/2014).

### 6.2.1 Os estabelecimentos de lojas *Kasher* no bairro Bom Fim

Em Porto Alegre, inicialmente, a comunidade judaica teve a preocupação em manter um açougue com carne *Kasher* que funcionava junto com Sociedade Beneficente e Funerária *Chevra Kadisha*. Contudo, com o tempo, o número de judeus praticantes dos rituais religiosos diminuiu e a capital gaúcha não possui mais o profissional que era responsável pela realização do abate dos animais e o que fazia a circuncisão. A pesquisadora Brumer (2004, p. 125) informa quais são as alternativas para os judeus que desejam respeitar esses rituais em Porto Alegre

No que se refere ao abate dos animais, as poucas famílias residentes em Porto Alegre cerca de trinta- que mantêm a prática de comida *Kasher*, necessitam abastecer-se em São Paulo, o que, hoje em dia, é facilitado pela intermediação do Beit Chabad. Quanto à circuncisão, muitas famílias passaram a fazê-la através de uma intervenção cirúrgica, num hospital, o que é aceito pelos religiosos conservadores e liberais, mas não é reconhecido como válido pelos religiosos mais ortodoxos. Alguns membros da comunidade optam por trazer um *Mohel* de São Paulo ou de Buenos Aires, em caso de necessidade.

As lojas comerciais também são uma fonte para abastecer os judeus com produtos e comidas típicas judaicas. Os anúncios da Revista do Campestre, em 2000, divulgaram quais eram os locais que possuíam comidas típicas judaicas e também produtos *Kasher*: O Tarabin (sabor do Oriente Médio) que dispunha de comida Judaica/Israelense e também oferecia congelados e servia jantares especiais e aniversários, localizado no Bairro Rio Branco; a Sabra (*delicatessen*), uma casa especializada em culinária judaica, sendo seu foco para festas *Bar Mitzvá* e *Bat Mitzvá*, casamentos e eventos em geral, localizada no Bairro Bom Fim e o Lechaim (*delicatessen*) que oferecia produtos *Kasher*, também localizada no Bairro Bom Fim (O CAMPESTRE, 2000). (Figura 173).



Figura 173: Quadro de Anúncios de lojas comerciais judaicas



Fonte: Revista O Campestre, 2000

Desses estabelecimentos, hoje em dia, persistem no cenário urbano de Porto Alegre a Sabra e a Lechaim (Figuras 174-175). Além dessas lojas com alimentos, produtos e utensílios direcionados aos judeus, há cozinheiras especializadas que fazem determinados pratos típicos judaicos nas principais festividades. Essas atendem em suas residências, pois não possuem estabelecimento. O atendimento também é feito via telentrega como o *Kasher Brasil*. A rede da internet é utilizada por todos como meio de divulgação de seus contatos.

Figura 174: Sabra Delicatessen



Endereço: Rua Fernandes Vieira, nº 366, Bairro Bom Fim/POA

Figura 175: Lechaim Delicatessen



Endereço: Rua Fernandes Vieira, nº 518, Bairro Bom Fim/POA

Fonte: Trabalho de campo/Porto Alegre/RS, 2011

A loja Sabra vende o que antes só era feito em casa como o *arenque*, os *kniches*, o *guefilte fish*, os *varenekis*, o *chalá* e pratos típicos da culinária judaica da Europa Oriental. Coabitam nas mesmas prateleiras produtos feitos no Brasil, Líbano e, é claro, Israel (ZERO HORA/2013). (Figura 176).

Figura 176: Proprietário da Sabra



Fonte: Zero Hora/2013 (Foto: Adriana Franciosi/Agência RBS)

### **6.3 Características Gerais das Instituições: atuações comuns das federadas frente à própria comunidade judaica como a comunidade maior**

Um ato que reúne todas as entidades judaicas, internamente, é *Iom Hazikaron* e *Iom Haatzmaut*. Nesse sentido, a Federação comemorou o dia da Independência do Estado de Israel, pela primeira vez, no dia 29 de abril de 1971. A programação da Festa de *Iom Haatzmaut* (Dia da Independência de Israel) incluía atividades culturais promovidas pela Federação em conjunto com a Na'amat Pioneira e WIZO. Atualmente, a comunidade judaica de Porto Alegre celebra as datas de *Iom Hazikaron*, onde são lembrados os caídos nas guerras e nos atentados terroristas contra Israel, e *Iom Haatzmaut* como um momento festivo. O evento é organizado pelas entidades filiadas à FIRGS e realizado na Hebraica, RS. A celebração tem um ponto alto que é a transição da tristeza para a alegria, quando o sentimento de respeito e saudade é justificado pela autodeterminação do Povo Judeu na Terra de Israel (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014). (Figuras 177-178).

Figura 177: Festa de Iom Haatzmaut (1971)



Figura 178: Cerimônia de Iom Haatzmaut (2013)



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014

A Matilde Gus<sup>204</sup> participou desse evento na Hebraica e realizou uma explicação ao público sobre o dia *Iom Hazikaron*. A data é uma lembrança daqueles jovens que se sacrificaram para dar segurança à Terra de Israel. A mesma explicou o significado dessa data e como funciona em Israel

Na verdade, a lei oficial (1963) que instituiu esta homenagem aos soldados é calculado em 30 mil o número de soldados e de guardas de segurança que morreram durante as guerras de Israel e durante os ataques terroristas, especialmente, da Intifada quando ela começou. Em Israel, também fazem cerimônias para lembrar [...] com sirene ao meio-dia, os cemitérios se enchem. Encerrado o *Iom Hazikaron* nós teremos aqui também uma explosão de alegria para comemorarmos o dia da criação do estado de Israel.

Nesse dia de evento, várias entidades trabalham em conjunto, mas não pela entidade e, sim, pela comunidade. O rabino Daniel Fridman<sup>205</sup> participou do evento de *Iom Haatzmaut* e explicou qual é a importância para comemorar a Independência do Estado de Israel

Sem dúvida é um momento muito significativo e tem um significado político, dentro da nossa comunidade. A gente vê a juventude aqui reunida e isso é um sinal de união. Então, nós estamos todos unidos em torno do nosso bem, do nosso crescimento e do respeito que a nossa comunidade deve prestar com a comunidade geral e que a comunidade geral deve prestar a nossa comunidade.

<sup>204</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 20 de Abril de 2013.

<sup>205</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 27 de Fevereiro de 2013.



Outro evento que a Federação apoiou e apoia é a Campanha do Agasalho. Em 2014, ocorreu a terceira edição da *Iom Mitzah* (Dia da Solidariedade), ação realizada pelas entidades judaicas de Porto Alegre. Esse é um momento em que todas as entidades da comunidade judaica estão unidas em prol do bem comum (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014). Em uma entrevista, Leandro Siminovich<sup>206</sup> discorre que essa é uma campanha que “não foi encabeçada por nenhuma das entidades e sim por toda a comunidade. [...] Comunidade judaica trabalhando em prol a comunidade maior” (Figuras 179-180).

Figura 179: Doação da comunidade judaica (1984)



Figura 180: Doação da comunidade judaica (2014)



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014

Outro aspecto que é interessante salientar quando se estuda as instituições judaicas é uma dificuldade que se tem no sentido de renovação de seus líderes. É interessante analisar o relato de um judeu que trabalhou em prol da comunidade. Inicialmente há preocupação em estabelecer-se economicamente e profissionalmente e depois dedicar seu tempo em atividades ligadas a instituições judaicas. Isso foi realizado por Wainstein (1987, p. 15- 17) que atuou em diversas entidades

Minha vida em Porto Alegre deu-se em mil novecentos e quarenta e seis, época em que eu, exercendo a profissão de professor abandonei o Magistério e comecei a dedicar-me a outras atividades comerciais [...] montei outro tipo de negócio que era um atacado e comecei a dedicar-me à vida comunitária novamente [...] trabalhei no Colégio Israelita Brasileiro [...] na Federação [...] na Organização Sionista do Brasil [...] em atividades na Sinagoga e também no Círculo Social Israelita.

<sup>206</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 16 de Julho de 2013.

Além da característica desses líderes trabalharem em várias entidades, houve a extensa permanência quando adentravam em determinados cargos administrativos. Isso em parte era receio de alterar a política institucional até então construída e, também, era uma atitude de se manter no poder. Esse entrevistado trabalhou na Sinagoga União Israelita mais de uma década. Wainstein (1987, p. 16) comentou que “Desde 1958 venho exercendo atividades dentro da União. Isso já faz 12 anos e ocupei desde cargo de tesoureiro até presidente”.

Uma preocupação vigente é a formação de lideranças no cenário institucional judaico. Há diversos eventos que vêm acontecendo em prol do envolvimento dos líderes comunitários do Brasil. Esses eventos acontecem em diferentes escalas espaciais, a fim de que os líderes se conheçam e troquem experiências. Depois do evento é propício o surgimento de redes de discussões e intercâmbios. Em 2013, o Rabino Ari Oliszewski<sup>207</sup> participou do Curso pela Confederação Israelita Brasileira (CONIB). Essa instituição promoveu o curso de liderança, cujo objetivo foi aprimorar as competências dos atuais e futuros líderes da comunidade judaica brasileira. O mesmo explica quais são as contribuições e possibilidades que o curso de lideranças possibilita

Eu fiz parte da primeira turma do curso de lideranças na CONIB. As comunidades no Brasil estão muito relacionadas, porque o curso fez com que a gente conhecesse líderes comunitários de todo o país. Então, a comunidade baiana está em contato com a comunidade gaúcha. Desde o momento que a gente fica falando nos fóruns, face, e-mails ou nos encontros que fizemos, por exemplo, aqui em Porto Alegre, que se fez a primeira turma do curso da CONIB.

Há diversos eventos, cursos, encontros e palestras que aconteceram nos últimos anos na capital gaúcha. A Federação Israelita promoveu o 3º Congresso das Entidades da Comunidade Judaica do Estado. Evento voltado à mobilização, criação de projetos e capacitação das Instituições<sup>208</sup>. Alguns especialistas israelenses ministraram cursos e palestras em Porto Alegre. A ONG Hatzad Hasheini (O Outro Lado) atua em 18 países provendo conteúdo e reflexões atualizadas sobre o conflito árabe-israelense<sup>209</sup>. Porto Alegre também sediou encontro de rabinos da América Latina. A 1ª *Kalá* rabínica no Brasil contou com a presença de 25 rabinos de toda a

---

<sup>207</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 16 de Março de 2013.

<sup>208</sup> (05 de Novembro de 2013).

<sup>209</sup> (09 de Agosto de 2013).

América Latina que debateram diversos aspectos do Judaísmo moderno e singularidades de suas comunidades<sup>210</sup>. O programa de capacitação de lideranças comunitárias, idealizado por Henry Chmelnitsky, vice-presidente da CONIB e Presidente do Conselho Geral de Entidades da FIRGS, foi inédito na comunidade judaica brasileira<sup>211</sup> (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014). (Figuras 181-182).

Figura 181: Curso da CONIB



Figura 182: Evento na FIRGS



Fonte: Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014

Por via de regra, as comunidades israelitas, no momento em que se organizavam ou institucionalizavam nos centros urbanos mais importantes do nosso território, entre outras instituições (sinagogas, escolas e demais), procuravam criar uma entidade que devesse ter como finalidade facilitar a vinda e adaptação do imigrante ao novo solo onde ele deveria se radicar. Por vezes, tais instituições mantinham contato com entidades congêneres de caráter internacional com ramificações nos grandes centros europeus e nos Estados Unidos. Mas nem sempre isso era possível e, nesse caso, atuavam isoladas contando com a boa vontade e a ajuda dos membros componentes da própria comunidade local (FALBEL, 2008).

É interessante salientar a gama de Instituições que são filiadas, atualmente, na Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS). Para Brumer (2004, p. 115), a “formação de mais de um grupo para atingir um objetivo semelhante ocorreu também em outras organizações, de acordo com a expressão conhecida entre os

<sup>210</sup> (07 de Agosto de 2013).

<sup>211</sup> (21 de Fevereiro de 2014).

judeus: Dois judeus, três sociedades”. Em entrevista Zalmir Chwartzmann (2011, p. 18) relata como as instituições judaicas foram surgindo e quais foram os motivos que levaram ao surgimento de tantas associações na capital gaúcha

São quarenta e tantas. Primeiro a comunidade se organizou em torno das sinagogas e do colégio. Depois as sinagogas foram criando, vamos dizer assim, braços do assistente social e coisas desse tipo assim. E a outra sinagoga foi fazendo a mesma coisa. Então, tem várias organizações ligadas que depois se libertaram, mas foram oriundas ali das sinagogas. Por exemplo, assim, tem organizações femininas, tem a WIZO e as Pioneiras, tem Damas de Caridade não sei do que, tem Damas de Caridade não sei das quantas. Então, são organizações paralelas fazendo coisas parecidas dentro da visão da contrariedade entre grupos. Penso que esta é uma visão que poucas pessoas têm coragem de falar, mas eu imagino que o motivo principal seja esse.

Entre as associações que possuem salas no prédio da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), atualmente, pode-se citar: Fundo comunitário, Fundação Israelita Brasileira de Arte e Cultura (Kadima), Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), Na“amat Pioneiras, WIZO, Conselho da Mulher Judia e Organização Sionista do Rio Grande do Sul.

É da FIRGS a responsabilidade de organizar as atividades e eventos de todas as entidades judaicas do estado, apoiando e estimulando seus acontecimentos. Cada entidade tem sua agenda e ela é incorporada em uma agenda maior de toda a comunidade. Também é papel da FIRGS fomentar o ensino religioso judaico, fomentar a educação cívica e cultural por meio de conferências, cursos, publicações e manter a memória da presença judaica no Estado, além de representar politicamente perante as autoridades municipais, estaduais e federais (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014).

O Presidente da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS) relata que, regularmente, são realizadas algumas atividades que são tradicionais. A Federação realiza periodicamente e continuarão sendo feitos os cafés da manhã, em que se convidam pessoas da sociedade para mostrar o seu trabalho e fazer esta integração com a comunidade judaica. A Federação realiza há dois anos o Congresso das Entidades Judaicas a cada fim do ano. Também realizou o 1º Prêmio FIES de Federação Israelita do RS em que várias pessoas representativas de áreas culturais, políticas, imprensa, empresariais, científicas, foram homenageadas com esse

prêmio. Outra atividade são as missões empresariais ou acadêmicas para Israel<sup>212</sup> (CARDONI, 2013)<sup>213</sup>

A Federação Israelita do Rio Grande do Sul implementou, em 2005, o Programa Século XXI. Influenciados pelo êxito da comemoração do Centenário da Imigração Judaica, um grupo de líderes deu início ao processo de questionamento quanto ao posicionamento da Comunidade Judaica do Rio Grande do Sul frente às mudanças de cenário impostas pela dinamicidade do mundo. Perguntas como: "Como será a Comunidade Judaica do RS no Século XXI?" e, principalmente, "Como queremos que ela seja?" começaram a circular entre essas pessoas. Assim geraram a ideia do Programa Comunidade Século XXI<sup>214</sup> que, aliado às estratégias definidas pela Federação Israelita do Rio Grande do Sul – FIRGS, tem sido conduzido como prioritário por sua diretoria desde 2005. Durante o ano de 2006, foram iniciados cinco projetos: o Projeto Ação Social Comunitária, o Projeto Comunicar, o Projeto Cultura Ativa, Projeto Excelência em Educação e o Projeto Juventude em Ação (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS)/2014).

Nas entrevistas realizadas pela Hebraica News é recorrente a seguinte pergunta a quase todos os entrevistados: Como você enxerga a comunidade judaica gaúcha? O futuro da comunidade judaica? Em diferentes festividades e encontros, com diferentes líderes das entidades, nota-se essa preocupação. Nesse sentido, o Rabino Ari Oliszewski<sup>215</sup> discorre que

---

<sup>212</sup> O nosso vínculo com o Estado de Israel é indissociável, nosso papel tem que ser de unir o Brasil, o nosso país com Israel, pois entendemos que essas duas democracias têm características de desenvolvimento muito semelhantes em termos de afinidades. Então, nós tentamos fomentar isso. E neste ano inclusive haverá uma missão do governo do Estado, organizada pelo governo, junto com o consulado de Israel. Na ocasião irá a Israel uma comitiva ampla da Fiergs, das Universidades, Federasul e de políticos para conhecer as incubadoras tecnológicas, para firmar convênios com empresas de tecnologia, de irrigação e de âmbito acadêmico. A Federação vai participar desta missão, não como patrocinadora, mas como partícipes desta missão oficial (CARDONI, 2013).

<sup>213</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 02 de Março de 2013.

<sup>214</sup> O Programa desenvolve-se em duas fases. A Fase 1 - Identificação de Demandas e Priorização de Projetos foi conduzida por uma equipe da UFRGS (Engenharia de Produção) em parceria com a Diretoria da FIRGS e um grupo de voluntários. A Fase 2 - implantação dos projetos prioritários está sendo coordenada por uma Gerente Geral de Projetos, administrada por uma secretaria executiva e executada por gerentes de projeto e voluntários. Foi criado um Comitê Gestor do Programa, de maneira que o mesmo acompanhasse e avaliasse o andamento das atividades desenvolvidas por todo o grupo (Site Institucional da Federação Israelita do Rio Grande do Sul/2014).

<sup>215</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 16 de Março de 2013.

A comunidade gaúcha, eu acho que ela é muito forte, dentro do Brasil a comunidade tem força por si mesma, porque são muitas atividades como tu consegues ver, tu vês como as *chavvot* são fortes, os grupos de dança são muito fortes, o Colégio Israelita é um colégio de elite. As sinagogas, tu consegues ver que são mais de 6 sinagogas trabalhando em uma mesma cidade, com uma comunidade de 10 a 12mil judeus pelo censo. Então, tu vês que tem uma interação, a Federação que fica trabalhando com todas as entidades e o grupo de mulheres que também ajudam, tu tens tudo, até a rádio tem o programa o Hebraica News, tem a rádio, a Hora Israelita. Então, eu sou argentino, morei em Buenos Aires e a comunidade em Buenos Aires é bem maior, mas, tu vês como lá tem programa de TV, aqui também tem programa de TV, lá tem rádio, aqui também tem rádio, lá tem colégios, aqui também tem colégio, nós estamos falando da terceira cidade do Brasil, que tem tudo isto. Então, é uma comunidade, realmente, muito boa, muito ativa, onde se você pode fazer muitas coisas, onde o judaísmo pode ser vivenciado, e o fato de vivenciar o judaísmo tem uma questão de vivenciá-lo a partir do desfrute da vida judaica.

Já o Presidente da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS) percebe que a comunidade judaica de Porto Alegre vive uma das fases mais ativas e inovadoras. Pois, é vasto o número de eventos que cada entidade realiza, quer seja de dança como Kadima, o Colégio Israelita, as sinagogas com as festas de *Purim* e de *Pessach*. As entidades se associam para realizar festas em conjunto. Os movimentos juvenis também são extremamente ativos. O número de pessoas que viajam para Israel em programas como *Shanat* e Marcha da Vida para a Polônia, é significativo. As viagens feitas até pelos adultos que agora estão em Israel, patrocinadas por um grupo de uma das sinagogas também são significativas. Então, a comunidade está sempre funcionando, ela é viva, ela é ativa (CARDONI<sup>216</sup>, 2013). Outros posicionamentos podem ser encontrados a seguir (Figura 183).

Figura 183: Quadro dos posicionamentos das Lideranças: futuro da comunidade judaica

LIDERANÇAS	POSICIONAMENTOS
<p><b>Ilton Gitz</b></p> <p>Professor do Colégio Israelita Brasileiro e trabalha no Centro Israelita e é vice-presidente da Hebraica</p> <p>Entrevistado: 27/02/2013</p>	<p>Eu trabalho em educação judaica há 25 anos e é muito interessante o momento que nós estamos vivendo hoje na comunidade, onde os clubes como a Hebraica, como o Campestre tão se reformulando né, tendo um novo planejamento, uma nova visão do papel da comunidade judaica e dos clubes. Além disso, é bacana a gente ver, por exemplo, diretores jovens presidentes, jovens como Joel, como outros que passaram a assumir papéis que antes eram de nossos pais e passaram a tomar decisões e formar uma nova visão da comunidade judaica e dos membros dessa comunidade.</p>
<p><b>Matilde Gus</b></p> <p>Representante no Brasil da Comissão Latino-Americana</p>	<p>Bem, a comunidade judaica gaúcha, agora, já me parece que está muito estuante de vida, de entusiasmo. Agora mesmo está acontecendo um jantar de jovens universitários aqui na Hebraica, um jantar do Grupo Ofakim, que nos dá uma alegria muito grande. Fora</p>

<sup>216</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 02 de Março de 2013.

de Integração da Wizo e Assessora Internacional da B'nai B'rith no Brasil. Entrevistada: 06/04/2013	isso, eu acho que nós temos que incentivar, especialmente, os jovens para que eles assumam as lideranças, nós queremos novas gerações cheias de judaísmo. Mas, também, imbuídas deste espírito de integração com a comunidade mais ampla, este espírito de solidariedade e defesa dos direitos humanos.
<b>Pedro Gus</b> Entrevistado: 06/04/2013	Eu gostaria que continuássemos com este ímpeto, com esta vontade e renovando que é uma obrigação de nós, que somos mais antigos em nossa comunidade, de trazer os jovens para esta geração de continuidade do espaço que os nossos avós e nossos pais propiciaram para nós nesta terra tão agradável e tão querida que é o Brasil.
<b>Sonia Unicowski Teruchkim</b> Presidente da Na"amat Pioneiras Centro Porto Alegre Entrevistada: 23/03/13	Eu acho que ela realmente se reergueu, novamente está se tendo o orgulho de pertencer. Esse orgulho de pertencer é uma das coisas mais importantes dentro da comunidade. Eu acho que a comunidade perdeu muito isso, eu pertencço, eu sou, eu faço parte do grupo. E cada um foi buscando seus redutos. E uma das coisas importantes da nossa comunidade é integrar cada vez mais as instituições, elas têm que dialogar mais, elas têm que construir juntas e elas têm que ter objetivos comuns.
<b>Ricardo Weinstein</b> (Rosh Chinuch) Entrevistado: 20/10/2012	Há alguns anos venho sentindo na comunidade judaica um renascimento. Eu sinto que cada vez mais a gente está se aproximando de alguns valores e tradições e se aproximando como comunidade que há muito tempo eu não via. A questão da <i>Iom Mitzah</i> . Os apoios que acontecem entre as instituições. São coisas que eu não via. Hoje em dia, eu vejo a comunidade querendo olhar para a frente, querendo trabalhar junto e focando no futuro.

Fonte: Entrevistas concedidas a Hebraica News/2013

#### 6.4 O ressignificado do Bairro Bom Fim e os elementos simbólicos na paisagem porto-alegrense

Scliar (2004b, p. 157) comenta que a economia brasileira experimentava um processo de extraordinária expansão, graças, sobretudo à “Industrialização, que tivera na siderurgia de Volta Redonda o seu suporte. Esse processo repercutiu nas cidades brasileiras, onde a construção civil recebeu grande impulso”.

Na cidade de Porto Alegre, o aspecto urbanístico alterava-se através de inúmeras construções e de ampliações nas vias de transporte terrestre. Nesse momento, o Bairro Bom Fim também sofreu os efeitos da urbanização acelerada. Conforme destaca Scliar (2004b, p. 157), “[...] casinhas foram demolidas para dar



lugar a prédios pequenos<sup>217</sup> e depois maiores”. As modificações da Avenida Osvaldo Aranha ocorridas no século XX foram enormes (Figuras 184-185).

Figura 184: Calçamento da Avenida Osvaldo Aranha (1927)



Fonte: Acervo Museu da UFRGS/2010

Figura 185: Rua Sarmiento Leite com Avenida Osvaldo Aranha (Século XX)



Fonte: Acervo Museu da UFRGS/2010

Desse modo, a comunidade judaica migrou para uma cidade que estava em plena expansão econômica e social. Esses aproveitaram o momento promissor e alguns se mudaram de residências ou até mesmo do bairro Bom Fim, onde residia grande parte dos imigrantes. Nudelman (1987, p. 7) comenta que “O judeu depois de realizado economicamente, ele já está com filhos formados, o judeu antigo já está bem de vida, então ele procura bairros mais finos”. Scliar (2004b, p. 157) retrata esta mobilidade urbana desencadeada pelos judeus

O bairro Bom Fim continuava a ser caracterizado como um bairro judaico, mas, ao longo do eixo formado pela Avenida Protásio Alves, que se prolongava em direção a áreas até então semirurais, as famílias judaicas iam se localizando, obedecendo à sua vocação de classe média.

Gutfreind (2004b, p. 102) discorre algo importante sobre as fronteiras e limites identitários “Eles são móveis, distendem-se, encolhem-se, fazem acordos, mudam, inclusive de endereço. A maioria dos judeus não reside mais no Bom Fim”. Pode-se afirmar que a mobilidade judaica do Bom Fim rumou para bairros próximos ao mesmo. Como expõe Chwartzmann (2010, p. 2) ao lembrar a trajetória que seus entes efetivaram na capital gaúcha “Meus parentes moravam todos no Bom Fim e,

<sup>217</sup> Caracteristicamente com menos de quatro pisos, limite que a lei estabelecia para a obrigatoriedade de elevador, equipamento muito caro.



hoje, não moram muito longe, bairros próximos do Bom Fim, como Rio Branco, Santa Cecília, Petrópolis, e ficamos por aí”.

Uma indagação neste momento torna-se necessária. Com a mobilidade urbana dos judeus como fica o bairro Bom Fim? Ele ainda permanece sendo reconhecido como “tipicamente judaico”? Há elementos judaicos que permanecem caracterizando e definindo esse espaço urbano e quais são?

Ao pesquisar sobre o histórico do bairro, percebe-se que os documentos realizam referências à contribuição do grupo cultural judaico para Bom Fim. Os relatos demonstram quando começaram a chegar as primeiras famílias; onde se instalaram espacialmente; a construção de suas casas e de suas sinagogas e também sua influência no ramo comercial. De fato há uma tentativa de reafirmar essas identificações do bairro com características culturais judaicas. Lia (2011, p. 5) discorre como foi construída a identidade do bairro

A história do Bom Fim costuma estar diretamente relacionada com a ocupação judaica no referido bairro, de forma a caracterizá-lo como um lugar tipicamente judaico, como uma “colônia” de imigrantes urbanos ou, ainda, como um “gueto”. Construiu-se, dessa forma, uma identidade para o bairro.

Também há pessoas da comunidade que vivenciam o bairro com um verdadeiro sentimento de identificação cultural e com laços de pertencimento ao lugar. Em uma entrevista com Luiz David (2009), ao responder a pergunta: “Em que lugares mais se sente à vontade dentro do bairro”, o mesmo respondeu “Bom Fim na Ramiro Barcelos, na Felipe Camarão, e acho que o Bom Fim é como se fosse toda a minha casa”. Em outra entrevista com o senhor Dalenguelman (2009), ele responde a mesma pergunta da seguinte maneira “A sinagoga que eu venho desde pequeno, minha família vai pra lá desde que eu nasci. Então, lá é como se fosse uma segunda casa aqui dentro”.

Em contrapartida, há pessoas que percebem o mesmo bairro de maneira que se distânciam da visão remetida anteriormente. O que prevalece ao “olhar dos outros” é o aspecto temporal do bairro que passou a adquirir outro movimento, que culminou na sobreposição de outras características. Scliar (2009, p. 1) revela o seu entendimento a respeito de como o bairro é visto

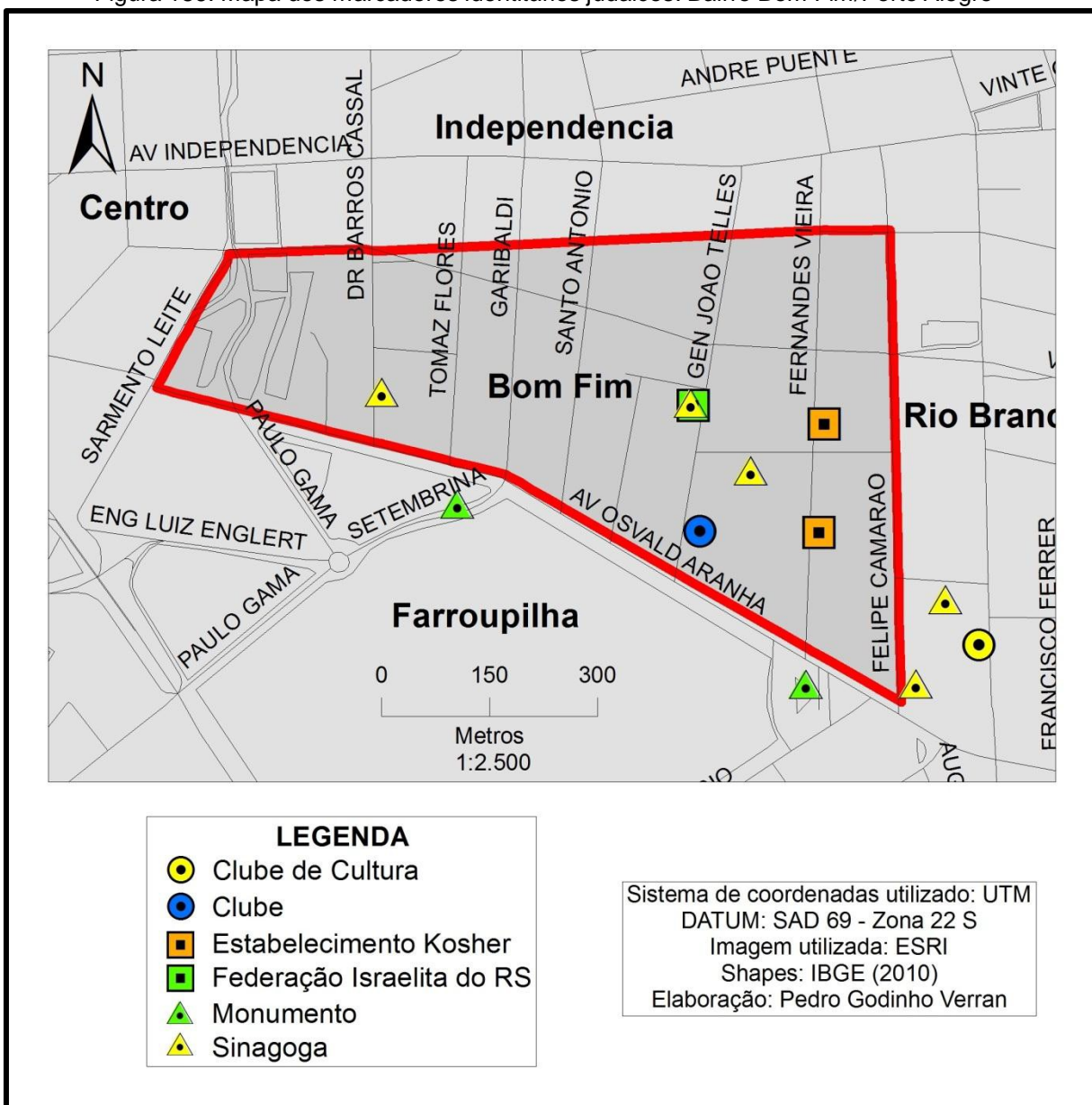
Hoje em dia, o Bom Fim já não é mais um bairro, tipicamente, judaico e que não só era judaico, mas era um bairro de migrantes, né. Hoje não, hoje é um bairro de classe média igual a todos os outros bairros de Porto Alegre, né. Pode ter, talvez, pessoas de origem judaica, numa proporção maior que em outros lugares.

Há um conjunto de forças opostas de maneira consciente e/ou inconsciente que desempenham duas formas de perceber o bairro: de um lado, percebem-se tentativas que direcionam para uma reafirmação da identidade cultural através de laços e de traços que relembrem Bom Fim como um bairro com elementos identificadores da cultura judaica. Nessa visão indutiva da realidade prevalece encontrar as especificidades do local e reforçar o aspecto heterogenizante do bairro. De outro lado, há a visão dedutiva da realidade que compreende a cidade através de aspectos generalistas. Este caminho da fluidez direciona para o enquadramento de uma visão globalizante e homogeneizante do espaço urbano. Lia (2011, p. 12) parte da seguinte compreensão sobre o bairro

O grande engano que observamos nas abordagens sobre o Bom Fim é considerá-lo uma transplantação das tradições culturais judaico-europeias para a cidade de Porto Alegre, a “aldeia judaica” como muitas vezes é chamado. O bairro constituiu o território do viver urbano, e a identidade judaica que experiência esta vivência não é mais a das “aldeias europeias”. Ela agora é produto das relações que se estabeleceram com o novo ambiente urbano, com os antigos e novos habitantes do bairro. As constantes migrações exigem uma constante reelaboração dos laços identitários.

Atualmente, embora não haja a predominância de judeus residindo no Bairro Bom Fim, como no período da formação da comunidade judaica, ainda permanece, com determinado reconhecimento de bairro judaico. Para Lia (2011, p. 5), o bairro Bom Fim “Sobreviveu (e ainda sobrevive) na memória da comunidade judaica e dos habitantes da cidade como o bairro judeu”. Isso porque o referencial judaico, quer dizer, os marcadores identitários de sua cultura encontram-se enraizados nesse território (Figura 186).

Figura 186: Mapa dos marcadores identitários judaicos: Bairro Bom Fim/Porto Alegre



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)/2010  
Org: SANTOS, Maria Medianeira dos 2014.

De maneira que, por exemplo, o judeu ao reportar ir à sinagoga, logo terá de se direcionar ao bairro que possui presente esta materialização religiosa. Nesse sentido, a fala de Chwartzmann (2010, p. 2) é reveladora para complementar e afirmar a ideia exposta anteriormente

O Bairro Bom Fim pela tradição né, mas, hoje, eu diria o seguinte: até anos 1950 e 1960 era um bairro, vamos dizer assim, majoritariamente, habitado por judeus, coisa que hoje já não acontece mais. Mas todas as referências judaicas estão lá, as Sinagogas, a sede da Federação Israelita, algumas lojas ainda na Osvaldo Aranha. Tenho certeza de que a maioria absoluta de moradores desse bairro já não está mais ali.

Na paisagem porto-alegrense há alguns elementos judaicos que demarcam a paisagem, como o monumento do Centenário Farroupilha, na qual os descendentes de judeus decidiram inaugurar um monumento da comunidade, em 1935, no Parque Farroupilha. Para Scliar (2004b, p. 152) essa “demarcação representou uma oportunidade para que os diversos grupos étnicos assumissem ao público sua condição de gaúchos”. Há outro Monumento em homenagem ao Centenário da Imigração Judaica no Estado, que é o obelisco situado na Avenida Osvaldo Aranha, em frente ao Mercado da Redenção, no Bairro Bom Fim. A obra, escolhida por concurso realizado pela Federação Israelita e projetada pelo arquiteto André Venzon, foi inaugurada em 2004, como parte das comemorações dos 100 anos de presença judaica no Rio Grande do Sul (Figuras 187-188).

Figura 187: Monumento: Centenário Farroupilha (1935)



Endereço: Parque Farroupilha/Bairro Farroupilha/Porto Alegre

Figura 188: Monumento: Centenário da Imigração Judaica (2004)



Endereço: Avenida Osvaldo Aranha, em frente ao Mercado da Redenção, Bairro Bom Fim

Fonte: Trabalho de campo/2012

A construção do Painel de azulejos também foi uma homenagem dedicada aos 100 anos da Imigração Judaica ao Rio Grande do Sul. Essa obra foi encomendada, em 2004, ao artista plástico Danúbio Gonçalves. Nesse Painel da Imigração Judaica pode-se perceber que o artista desenvolveu seu trabalho em cinco momentos: o primeiro é a chegada dos imigrantes judeus no Estado e sua inserção nas colônias agrícolas; o segundo é retratada a manutenção cultural dos judeus nas colônias; o

terceiro demonstra sua vida como agricultores e atividades agropecuárias; o quarto é dedicado à inserção dos judeus nas cidades através dos *clienteltckis* e o quinto expressa a liberdade e ascensão (profissional e cultural) dos judeus no mundo globalizado (Figura 189).

Figura 189: Painel de azulejos em homenagem aos 100 anos da Imigração Judaica ao RS

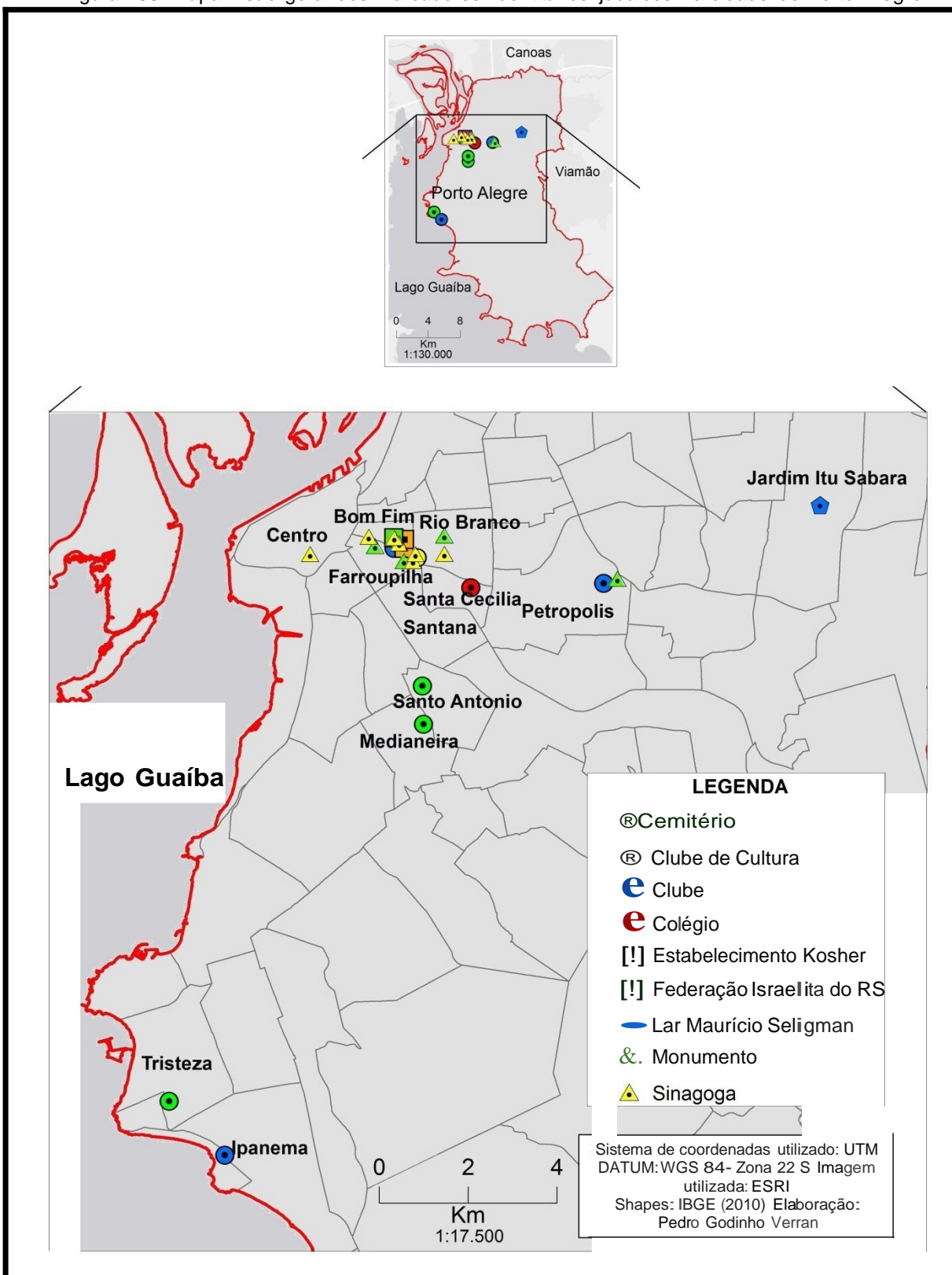


Endereço: Viaduto Mendes Ribeiro, nas esquinas da Protásio Alves e Salvador França.  
Fonte: Trabalho de campo/2012

Perante a expressividade da importância do bairro para a referida comunidade e da identidade que foi construída para ele como “reduto judaico da cidade”, certamente, interfere no cenário urbano porto-alegrense (Figura 190). Tanto que Brumer (2004, p. 115) considera que “Em Porto Alegre, concentra-se o centro da vida comunitária judaica do extremo Sul do Brasil”. Brumer (2004, p. 112) evidencia a tríade que foi considerada básica para a vida comunitária onde os judeus se instalavam

A vida comunitária judaica, nas colônias de Philippon e de Quatro Irmãos, assim como em Porto Alegre e nas cidades do interior onde se instalaram judeus, girava em torno das necessidades religiosas, sociais e culturais básicas de seus residentes.

Figura 190: Mapa visão geral dos marcadores identitários judaicos na cidade de Porto Alegre



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)/2010  
 Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2014.

Brumer (1994, p. 38) pontua na sua pesquisa realizada na capital gaúcha, no período de 1992-1993, que a religião que no passado foi o principal “elemento unificador dos judeus, hoje encontra poucos praticantes. A maioria dos entrevistados tem uma prática parcial, com comemorações das principais festividades religiosas: *Pessach, Rosh-Hashaná e Iom-Kipur*”.

A posição do Rabino Ari Oliszewski<sup>218</sup> ao ser indagado sobre o que é ser judeu na atualidade é muito interessante a sua visão. O mesmo pontua que durante uma conversa culminou na seguinte reflexão “talvez, hoje, o judaísmo não seja só olhar na parte religiosa do *Cabalat Shabat* nas sinagogas, mas, sim, poder pertencer às comunidades e participar das atividades que a comunidade tem”.

Os grupos culturais demarcam as cidades através da construção de elementos simbólicos que são materializados na sua paisagem. Para Corrêa (2007, p. 9), os espaços públicos da cidade possuem as seguintes representações materiais de eventos passados “Formas simbólicas grandiosas como estátuas, obeliscos, colunas, memoriais, templos e monumentos. Integram o meio ambiente construído, compondo de modo marcante a cidade”.

---

<sup>218</sup> Entrevista concedida à Hebraica News, em 16 de Março de 2013.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar um processo de migração populacional consiste em considerar a dinâmica humana, ou seja, as pessoas envolvidas pelo movimento de saída e de entrada, em diferentes territórios. Esse processo é denominado de desterritorialização e reterritorialização que, ao mesmo tempo, envolve perdas e ganhos, tanto materiais como imateriais para os migrantes inseridos nas novas realidades.

Neste estudo, privilegiou-se a análise, focando como os imigrantes judeus e seus descendentes vieram e vêm dominando e se apropriando do espaço nos diferentes processos de desterritorializações e reterritorializações judaicas no estado do Rio Grande do Sul tendo a cidade de Porto Alegre, capital do estado, como objeto de estudo.

Porém, para entender como os imigrantes judeus organizaram-se e se apropriaram da capital gaúcha, é necessário compreender o primeiro processo da desterritorialização e reterritorialização dos judeus no Rio Grande do Sul, através das colônias judaicas de Philippon e de Quatro Irmãos. Nesse sentido, trata-se de entender quais foram os motivos que repeliram os judeus a saírem de seus territórios e quais foram os atrativos para a vinda desses no estado sulino.

Esse grupo cultural, na sua maioria, habitavam as porções territoriais de *Kishinev*. Nesse espaço, houve a interferência de diversos governos liderados pelos *czaristas*. No decorrer do tempo, essas ações políticas *czaristas* acarretaram a marginalização desse grupo cultural, tanto na esfera econômica quanto social. Além de medidas políticas que prejudicavam seus campos de ação profissional e pessoal, existiram diversos *pogrons*. Esses ataques, saques e mortes a judeus ocorreram, principalmente, no início do século XX e foram considerados atos de extrema violência e crueldade contra os judeus.

Assim, o processo de desterritorialização dos judeus *Kishinev* foi uma medida emergencial frente às dificuldades que vivenciavam nesta unidade territorial. A alternativa foi a emigração que teve a iniciativa da agência de colonização (ICA), a qual foi fundamental para a efetivação do projeto de colonização judaica no Brasil/RS.



As políticas migratórias brasileiras neste período foram fundamentais para a realização do projeto de colonização em parte do território do Rio Grande do Sul. Durante o início do século XX, o governo estimulou através de políticas específicas a entrada de diversas correntes imigratórias no território nacional, sem nenhuma restrição étnica.

A imigração judaica para Philippon, no início do século XX, é reconhecida por ser a primeira que ocorreu em território brasileiro, de forma organizada e oficial. Essa corrente migratória também pode ser considerada como tardia em comparação com os demais grupos de imigrantes que adentraram no Rio Grande do Sul como, por exemplo, os alemães e os italianos.

No processo de reterritorialização, a liberdade foi o aspecto intrínseco que a comunidade judaica procurava encontrar nos países para onde se dirigiam. Embora a atividade primordial, desse grupo étnico, não fosse a atividade agrícola, eles aceitaram esse desafio em território gaúcho, pois o mesmo se apresentava como uma alternativa viável frente às dificuldades que vivenciavam em *Kishinev*.

Essa mobilidade populacional demonstra o aspecto da dinâmica que caracteriza os seres humanos. As diásporas judaicas são reconhecidas como movimentos populacionais étnicos, que ocorreram em diversas partes do mundo.

No território gaúcho, os judeus tinham a esperança de perpetuar e representar a sua cultura sem restrições. O significado da permanência cultural judaica, durante sua inserção tanto na colônia de Philippon como na de Quatro Irmãos, caracteriza um processo de enraizamento cultural. Isso significa uma forma de se manterem unidos mesmo distantes de suas origens. No entanto, no decorrer do tempo, percebe-se que os judeus foram inserindo outros códigos em sua cultura.

Os judeus fixaram-se em áreas distantes das cidades, inseridos no meio rural. Dessa forma, eles procuraram organizar o seu cotidiano enfatizando os seus costumes e, conseqüentemente, criaram seu próprio sistema de ensino e de religião. Buscaram expressar nesse recorte espacial a sua identidade cultural.

No decorrer do tempo, o grupo realizou outra reterritorialização no território gaúcho, desta vez visando o espaço urbano. Foi quando se delineou o segundo processo da desterritorialização e a reterritorialização, que culminou na formação da comunidade judaica em Porto Alegre. Desse modo, cabe destacar como os

imigrantes judeus se organizaram, tanto economicamente como culturalmente, nessa cidade.

O espaço urbano foi o novo foco de reterritorialização para os judeus da colônia. As vantagens e atrativos que a cidade proporcionava eram vantajosos em contraposição com o cenário decadente que vivenciavam no meio rural de Philippon e Quatro Irmãos. Durante o processo de reterritorialização, eles se depararam com um questionamento: como atuar no espaço urbano?

Destaca-se que uma das características marcantes dos judeus foi a coincidência da trajetória profissional no território gaúcho. Após a dispersão dos colonos, ocorreu o predomínio de judeus dedicados em atividades de mascateamento. Essa atividade proporcionou para eles a primeira aquisição de renda. Posteriormente, em um estágio mais avançado, esses fixaram-se em cidades de porte médio como Santa Maria, Passo Fundo, Pelotas, Cachoeira do Sul, Rio Grande e Porto Alegre. Nessas passaram a desenvolver atividades secundárias, na maioria ligadas ao comércio.

Porém o grande foco de atenção dos judeus foi, principalmente, a cidade de Porto Alegre, notadamente no Bairro Bom Fim. A formação da comunidade judaica de Porto Alegre recebeu esses antigos colonos, mas também judeus de outras procedências como os sefaraditas, os alemães, os poloneses e outros. Isso ocorreu em diferentes momentos históricos. Nessa cidade, as oportunidades educacionais e profissionais eram propícias para atingir a integração que almejavam. A presença judaica foi importante para o desenvolvimento econômico de Porto Alegre, especialmente no que se refere ao comércio e às pequenas indústrias.

Durante a organização da comunidade judaica houve a preocupação em consolidar as Instituições Religiosas. O objetivo era sanar várias necessidades de seus membros como: religiosas, sociais, esportivas, educacionais, assistenciais, filantrópicas e culturais. Nesse sentido, foram fundadas instituições, sendo a primeira a União Israelita Porto-Alegrense, no início do século XX. Posteriormente surgiram outras entidades de caráter religioso. As primeiras, naturalmente, tinham a ver com os ritos de passagem básicos, o casamento, o enterro, o *Bar Mitzvá*, o *Rosh Hashaná* e o *Iom Kipur*. Para buscar o entendimento sobre o conhecimento de como as tradições e os fundamentos da religião judaica são transmitidos, é fundamental o papel da família e das instituições religiosas.

A diversidade das Instituições Religiosas em um pequeno espaço confirma a expressão “um judeu, dois pensamentos”. Pois, o judeu é uno, mas diverge. Isso significa que além das diversas origens, ou seja, das diferentes áreas geográficas de onde emigraram, os judeus divergiam em correntes políticas e ideológicas. Isso contribuiu para a construção de diferentes instituições para sanar as mesmas necessidades. Nessas Instituições, o papel das lideranças foi imprescindível para a efetivação dos projetos. Antes da compra dos terrenos para a materialização das instituições, as reuniões aconteciam na casa de particulares, e, depois de um período, decidiram alugar espaços. Esse cenário alterou quando já mais estabelecidos avolumaram verbas para a compra da sede própria. Convém destacar que ambas as Instituições possuíam uma organização espacial e também social/cultural. Então, significa que cada uma tinha a sua respectiva sinagoga, biblioteca com salões para estudos, a sede social que servia e serve para festividades, casamentos, *Bar Mitzvá* e *Bat Mitzvá*. No entanto, nem todas construíram o seu próprio cemitério, somente a União Israelita Porto-Alegrense e o Centro Israelita Porto-Alegrense. A primeira já completou um século de existência, as mudanças ocorreram e momentos difíceis certamente ocorreram, mas até hoje se encontram atuantes e renovadas para atender a comunidade judaica porto-alegrense.

O terceiro processo da reterritorialização é o segundo momento em que a comunidade já organizada e estabelecida na cidade de Porto Alegre realizou. Pois como já havia implementado sua base através das Instituições Religiosas, agora foi o momento de legitimar outras Instituições. Nesse momento há o surgimento da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), a qual surgiu com o propósito de ser o órgão de representação da comunidade judaica aliado às 36 entidades, que atuam e atendem em diferentes áreas. Assim, se delimitou cinco Categorias Institucionais: Cultura, Educação, Entidades Femininas, Movimentos Juvenis e Sociais.

Na Categoria Cultura, a Organização Sionista do Rio Grande do Sul é uma instituição voltada para a realização de atividades ligadas ao Estado de Israel, sendo representante da Organização Sionista Mundial. A Organização é uma das principais realizadoras da Festa na Rua, no bairro Bom Fim, que possui diversas atrações. O tradicional evento é frequentado pela comunidade judaica e pela comunidade

gaúcha em geral. No ano de 1993, a Federação Israelita do Rio Grande do Sul tomou a iniciativa de transformar o grupo de dança israeli em Fundação Israelita Brasileira de Arte e Cultura Kadima. Essa entidade apoia e divulga a cultura e folclore judaicos, valorizando e contribuindo para a criação de grupos que atuam nas diferentes áreas culturais como a dança, a música e o teatro. Em 1985, surgiu o Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), a fim de preservar a identidade cultural judaica e sua história. O programa de rádio Hora Israelita surgiu para divulgação das notícias da comunidade. Atualmente, ele está no ar há quase 70 anos e há também a atuação de outro, o Programa Shalom.

Na Categoria Educação é unânime o reconhecimento do Colégio Israelita Brasileiro. Uma escola que a princípio atendia somente os filhos de judeus, porém foi ampliando sua estrutura física como também modificando o seu nome até alcançar o reconhecimento que tem hoje. Inicialmente, essa escola foi instituída e mantida pelos membros da comunidade. Ela funcionava, internamente, no prédio da União Israelita e, depois, ela instalou-se nas salas do Centro Israelita. Somente em 1956 a escola mudou para prédio próprio, onde se encontra atualmente, na Avenida Protásio Alves. Nesse período, houve alterações que combinava ensino da cultura judaica com o ensino laico. Seguindo a trajetória de preocupação plena com a educação e a formação de bons valores, o Colégio Israelita Brasileiro vem constantemente inovando sua pedagogia.

Na Categoria das Entidades Femininas há a presença de duas instituições que até hoje atuam para a comunidade judaica como também para a comunidade maior. Ambas são internacionais e baseadas em um dos pilares do Judaísmo que é a Tzedaká. A Organização Sionista Internacional das Mulheres (WIZO) promove a Feira da Fraternidade, grande evento beneficente da WIZO, celebrado desde os anos 1970. A Na'ammat Pioneiras promove o evento chamado o Bazar das Pioneiras que é uma das principais atividades benemerentes desenvolvidas pela entidade.

Na Categoria dos Movimentos Juvenis há a presença de três movimentos: o Sionista Betar, da Chazit Hanoar Hadrom Americat e o *Habonim Dror*. O movimento juvenil é, para a maioria dos jovens, a primeira forma de organização da qual eles participam. Esses movimentos são reconhecidos como a principal entidade que tem a educação não formal como objetivo central. Tais grupos são organizações sionistas e valorizam o Estado de Israel, tanto no seu contexto geográfico, como no

aspecto espiritual. Contudo, há uma atenção no desenvolvimento de um trabalho dedicado aos jovens judeus para se dedicar a suas comunidades locais. A preservação da identidade judaica é uma preocupação dos movimentos, que possuem como objetivos informar valores e discuti-los perante a realidade dos jovens.

Na Categoria das Entidades de Cunho Social temos as Entidades Assistenciais Judaicas como a Associação Israelita Damas de Caridade e a Sociedade Beneficente Damas de Caridade Sefaradi, que surgiram como uma medida emergencial da comunidade para auxiliar os imigrantes judeus mais necessitados. Atualmente, essas duas entidades continuam atuando na comunidade judaica. Em contrapartida, foi criado o Lar da Criança Anne Frank voltado ao atendimento a pessoas carentes, contudo fora da comunidade judaica. Outra organização judaica desse cunho e que merece destaque é a B'nai B'rith. Ela é moldada com os mesmos objetivos da Organização das Nações Unidas (ONU), ou seja, baseada nos direitos humanos. Em solo gaúcho, são três Lojas que atuam: a Yehuda Halevi, o Barão Hirsch e o Marc Chagal. A B'nai B'rith Rio Grande do Sul é extremamente ativa. Já o Lar Maurício Seligman veio para dar o suporte institucional aos idosos judeus, visto que, desde a década de 1950, essa já era uma preocupação da comunidade judaica.

Em Porto Alegre, os judeus organizaram-se como uma comunidade concisa a partir de 1920. E o bairro Bom Fim passou a ser o lugar de forte concentração da grande maioria de judeus que se dirigem à capital. Nesse bairro, ocorreu a construção e a centralização da vida comunitária através das sinagogas, das escolas, das sociedades culturais, do grupo de jovens, do teatro *ídiche*, das bibliotecas, das sociedades de amparo aos recém-chegados, do clube, do primeiro jornal israelita do Brasil, Di Mentsshait (A humanidade, em *ídiche*), do armazém e do açougue. Isso demonstra a notável dinâmica intracomunitária. Foi nesse bairro, especialmente na Avenida Osvaldo Aranha, que se estabeleceu o comércio de propriedade dos imigrantes judeus (lojas de confecções e móveis). Entretanto, atualmente, há poucas casas comerciais que pertencem aos descendentes de judeus nessa avenida. Isso reflete a sua posterior inserção e ascensão profissional na capital gaúcha e em outras cidades.

Assim nesse cenário, é possível encontrar múltiplas territorialidades judaicas, onde foram construídos os marcadores identitários judaicos. Uma grande quantidade desses marcadores são encontrados no Bairro Bom Fim como as diversas sinagogas, a Associação Israelita Hebraica (Clube/Sede Círculo), a Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRGS), o Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC) e os dois estabelecimentos *kasher*. Nos bairros próximos como o Rio Branco é possível encontrar o Clube de Cultura e outra Instituição Religiosa, a SIBRA. Já no Bairro Farroupilha visualiza-se na paisagem dois monumentos: do Centenário da Imigração Judaica (2004) e Centenário da Revolução Farroupilha (1935). No bairro Santa Cecília encontra-se demarcado o Colégio Israelita Brasileiro. No bairro Petrópolis está disposto o Painel de Azulejos em homenagem aos 100 anos da imigração judaica/RS e também a Associação Israelita Hebraica (Clube/Sede Grêmio). No bairro Centro a comunidade judaica sefaradi construiu a sua Instituição Religiosa e, conseqüentemente, a sua sinagoga. Já outros marcadores encontram-se dispersos no espaço urbano porto-alegrense como os cemitérios que estão mais distantes do núcleo central, ou seja, no bairro Medianeira, no Tristeza e no Santo Antônio. No bairro Ipanema há mais um clube que surgiu, posteriormente, para congregar a comunidade judaica. E, por fim, o bairro Jardim Itu Sabará contém a sede do Lar Mauricio Seligman.

A construção da grande maioria desses marcadores identitários judaicos surgiu com o objetivo de manter o imigrante ativo e, conseqüentemente, seus descendentes coesos como um grupo cultural, cujas práticas podiam ser cultuadas e vivenciadas. Outros marcadores foram construídos para efetivar e divulgar sua presença e atuação perante a sociedade gaúcha.

Desse modo, a espacialização da cultura permite visualizar quais foram os espaços demarcados para a sua atuação e respectiva função. A materialização desses marcadores identitários, em determinados pontos da cidade ou do bairro, permite que se possa afirmar que existiram e existem vínculos territoriais e culturais judaicos no espaço urbano porto-alegrense.

O significado de pertencimento dos judeus como grupo social é uma peça fundamental para compreender o comportamento do grupo e sua implementação dos marcadores identitários no espaço. Estes geossímbolos marcam culturalmente a paisagem e possibilitam que haja uma nova territorialidade. Neste estudo, esta

territorialidade encontra-se presente em porções da capital gaúcha, um território que foi dominado e apropriado pelo grupo cultural judaico.

Esperamos com esta Tese ter contribuído para uma leitura - à luz da Geografia Cultural - das migrações e das múltiplas territorialidades construídas pelos diferentes grupos culturais no espaço urbano.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA JUDAICA PARA ISRAEL. Disponível em: <<http://www.jewishagency.org/pt/>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

ALEXANDR, Frida. **Filipson**: Memória da Primeira Colônia Judaica no Rio Grande do Sul. São Paulo: Fulgor, 1967.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia da ciência**. 2 ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 1998.

ARONIS, José. **José Aronis**: depoimento [ago. de 1988]. Entrevistadora: Ivone Herz Berdichevski. Porto Alegre: ICJMC-POA, 1988. Entrevista nº123 concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/ Departamento de Memória. ICJMC- POA.

ASHERI, Michael. **O Judaísmo Vivo**: as tradições e as leis dos judeus praticantes. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

AZRIA, Régine. **O judaísmo**. Tradução: Maria Helena Ortiz. Bauru: EDUSC, 2000. Título original: Le judaisme.

BACK, Léon. Comunidades Judaicas. In: BECKER, Klaus (Org). **Enciclopédia Rio-Grandense**: O Rio Grande do Sul atual. Canoas: Regional Ltda, v. 4, 1957. p. 323-333.

\_\_\_\_\_. Imigração Judaica. In: BECKER, Klaus (Org). **Enciclopédia Rio-Grandense**: Imigração. Canoas: Regional Ltda, v. 5, 1958. p. 271-275.

BARBOSA, Tatiana Machado. A Jewish Colonization Association (ICA). In: WAINBERG, Jacques. (Org.). **Cem anos de amor**: a imigração judaica no Rio Grande do Sul/Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004. p. 59-66.

BEBER, Cirilo Costa. **Santa Maria 200 anos**: história da economia do município. Santa Maria: Pallotti, 1998. p. 164-191.

BELLO, Ângela Ales. **Fenomenologia e ciências humanas**: psicologia, história e religião. Organização e tradução Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução: Jacinta Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

B"NAI B"RITH. Disponível em: <<http://www.bnai-brith.org.br/>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

BLOG HABONIM DROR PORTO ALEGRE, 2014. Disponível em: <<http://habonimpoa.blogspot.com.br/>>. Acesso em 4 de agosto. 2014.



BOLETIM DIGITAL REWIZO, nº 19, p. 6, 2012. Disponível em: <<http://wizobrasil.com.br/wp-content/uploads/2011/10/Rewizo-191.pdf>> Acesso em 3 de agosto. 2013.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Lobato. Roberto; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: um século (III)**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2002. p. 83-131.

\_\_\_\_\_. **La géographie culturelle**. Cours de l'université Paris IV. Sorbonne (1994-1997). Éditions du C.T.H.S. 2000.

BRILMAN, David. **David Brilman**: depoimento [set. de 1987]. Entrevistadora: Ellen Plumer. Porto Alegre: ICJMC-POA, 1987. Entrevista nº 049 concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória. ICJMC- POA.

BRUMER, Anita. **Identidade em mudança**: pesquisa sociológica sobre os judeus do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1994.

\_\_\_\_\_. **A paixão de ser**: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica. Porto Alegre: Artes e Ofícios, cap. 5, 1998. p. 174-189.

\_\_\_\_\_. Cem anos de vida comunitária judaica. In: WAINBERG, Jacques (Org.). **Cem anos de amor**: a imigração judaica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004, 111-144.

CARRION, Lucia Steinbruch. **Lucia Steinbruch Carrion**: depoimento [set. de 2007]. Entrevistadora: Maria Medianeira dos Santos. Santa Maria- RS.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e Cultura**: pesquisas e notas de Etnografia Geral. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CATÁLOGO DE HISTÓRIAS DE VIDA. Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, Volume I e II, 1992.

CENTRO HEBRAICO RIOGRANDENSE. Disponível em: <<http://www.centrohebraico.com.br/>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

CENTRO ISRAELITA PORTO-ALEGRENSE. Disponível em: <<http://www.centroisraelita.com.br/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

CHAZIT HANOAR. Disponível em: <<http://www.chazit.com/entrada.html>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

CHWARTZMANN, Samuel. **Memórias de Quatro Irmãos**: colonização judaica. Porto Alegre: EST (Religiões & Etnias), 2005.

CHWARTZMANN, Zalmir. **Zalmir Chwartzmann**. depoimento [maio de 2011]. Entrevistadora: Maria Medianeira dos Santos. Porto Alegre- RS.

CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147-166.

\_\_\_\_\_. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Pimenta, Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999a. Título original: Lá Geografic Culturelle.

\_\_\_\_\_. Geografia Cultural: o Estado da Arte. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999b. p. 59-97.

\_\_\_\_\_. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Explorações Geográficas: percursos no fim do Século**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997. p. 89-117.

\_\_\_\_\_. "A volta do cultural" na Geografia. **Mercator**: UFC, n.1, p. 19-28, 2002.

CLUB CAMPESTRE MACABI. Disponível em: <<http://www.campestremacabi.com.br/>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

CLUBE DE CULTURA. Disponível em: <http://clubedecultura.blogspot.com.br/>. Acesso em 3 de agosto. 2014.

COHEN, Vera Regina de Aquino. A imigração judaica no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H; GONZAGA, Sergius (Orgs.). **RS: Imigração & Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 67-90.

COLÉGIO ISRAELITA BRASILEIRO. Disponível em: <<http://www.colegioisraelita.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

COLETIVO JUDAICO. Disponível em: <<http://coletivojudaico.wordpress.com/>>. Acesso em 3 de jan. 2013.

CONIB. Confederação Israelita do Brasil. Disponível em: <<http://www.conib.org.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

COPSTEIN, Raphael. Colonização judaica, noventa anos depois. **Revista do IHGRGS**. n. 130.1994. p. 85-91.

\_\_\_\_\_. **Raphael Copstein**. depoimento [outubro de 2011]. Entrevistadora: Maria Medianeira dos Santos. Porto Alegre- RS.

COPSTEIN, Gisela. **Gisela Copstein**. depoimento [outubro de 2011a]. Entrevistadora: Maria Medianeira dos Santos. Porto Alegre- RS.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Cultural passado e futuro uma introdução. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999. p. 49-58.

\_\_\_\_\_. **A geografia cultural e o urbano.** In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Introdução à Geografia Cultural.* Rio de Janeiro: Bertrand, 2003, p. 167-186.

\_\_\_\_\_. Uma sistematização da análise de monumentos na Geografia. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, 1(1): 9-22, jan.-jul., 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato; Zeny Rosendahl. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. p. 9-18.

CORREIO DO POVO. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/>>. Acesso em 3 de jan. 2013.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma Geografia Cultural radical: problemas da teoria. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 5-29, 1996.

\_\_\_\_\_. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Lobato. Roberto; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura.** 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2004. p. 92-123.

\_\_\_\_\_. Mundos de significados: Geografia Cultural e Imaginação. In: CORRÊA, Lobato. Roberto; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Geografia Cultural: um século (II).** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2000. p. 33-60.

COSTA, Geraldino da. **A imigração judaica no município de Santa Maria:** Colônia Philippson. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1992.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa:** método qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUCHE, Denys. **A noção da cultura nas ciências sociais.** Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC. Título original: *La notion de culture dans les sciences sociales*, 1999.

CULINÁRIA. **A arte de fazer guefilte fish.** Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/receitas/salgados/peixe.html#1>>. Acesso em: 25 set 2008.

DEBARBIEUX, Bernard. **Les problématiques de l'image et de la représentation en géographie.** In: BAILLY, A. et al. *Les concepts de la Géographie Humaine.* Paris: Armand Colin, 1988, p. 199-211.

DECOL, René Daniel. Dinâmica e distribuição espacial dos judeus no Brasil: 1940-1991. In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, 1998, Caxambú. Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1998, Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a154.pdf>>. Acesso em: set. de 2010. p. 837-854.

DI MÉO, Guy; BULÉON, Pascal. **L'espace social**. Lecture géographique des sociétés. Paris: Armand Colin, 2007.

DURÃES, Jaqueline Sena. Mulher, sociedade e religião. Congresso de Teologia da PUCPR, 9, 2009, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em: < <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009>>. Acesso em: 5 de jun. 2011.

EITAN. CENTRAL EDUCATIVA DA AGÊNCIA JUDAICA. Disponível em: <<http://www.eitan.com.br/regional/porto-alegre/>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

EIZIRIK, Moysés. **Imigrantes Judeus**: Relatos, Crônicas e Perfis. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

FAERMANN, Beatriz Starosca. **Beatriz Starosca Faermann**. Porto Alegre: ICJMC-POA, 1992. Entrevista n°484. Concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória. ICJMC- POA.

FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil**: estudos e notas. São Paulo: Humanitas, Edusp, 2008.

FARR, Robert. **Representações sociais**: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P. et al (Org.). Textos em representações sociais. São Paulo: Vozes, 2000, p. 31-59.

FESTAS JUDAICAS E SUAS TRADIÇÕES. Na"amat Pioneiras Brasil, 2012. Disponível em: <<http://www.naamat.org.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Livro-Naamat.pdf>>. Acesso em 3 de maio. 2013.

FIRGS. Federação Israelita do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.firs.org.br/Inicio.aspx>> Acesso em: 10 fev. 2012.

FUNDAÇÃO KADIMA. Disponível em: < <http://www.fundacaokadima.com.br/textos/index.php?tipo=9>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEIGER, Pedro Pinchas. O povo judeu e o espaço. **Revista Território**, ano III, n. 5, jul./dez.1998.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GILL, Lorena Almeida. **Clientelchiks**: os judeus da prestação em Pelotas (RS): 1920-1945. Pelotas: Editora Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. Os judeus em Pelotas. In: WAINBERG, Jacques (Org.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul/Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004. p. 95-99.

GLOSSÁRIO DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM)/2009. Disponível em: < Site: <http://www.acidi.gov.pt/>> Acesso em: 10 dez. 2013.

GOETTERT, Jones Dari. Paradoxos do lugar mundo: brasileiros e identidades. In: SPOSITO, Eliseu S.; BOMTEMPO, Denise C.; SOUSA, Adriano A. (Orgs.). **Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 15-36.

GOLANDINSKI, Ester. A questão dos judeus no Rio Grande do Sul. In: **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. (Documentos nº5). Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1994. p. 117-128.

GOMES, Paulo César da Costa. Identidade e Exílio: fundamentos para a compreensão da cultura. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 5, 1996. p. 31-41.

GRITTI, Isabel Rosa. Colonização de Quatro Irmãos. In: WAINBERG, Jacques (Org.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul/ Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004. p. 87-93.

GUTFREIND, Ieda. Imigramos na esperança de uma vida melhor. In: WAINBERG, Jacques (Org.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul/ Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004a. p. 13-41.

\_\_\_\_\_. **A imigração judaica no Rio Grande do Sul: da memória para a história**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2004b.

HABONIM DROR. Disponível em: <<http://www.drorpoa.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. Niterói: Ed. da UFF; São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EDFF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**, 2005a. Disponível em:<[http://mazinger.sisib.uchile.cl/repositorio/ap/arquitectura\\_y\\_urbanismo/h20054111314desterritorializacion.pdf](http://mazinger.sisib.uchile.cl/repositorio/ap/arquitectura_y_urbanismo/h20054111314desterritorializacion.pdf)>. Acesso em: 5 de jun. 2007.

\_\_\_\_\_. Migração e desterritorialização. In: FERREIRA, Ademir Pacelli; NETO, Helion Póvoa (Orgs). **Cruzando Fronteiras Disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. RJ: REVAN, 2005b. p. 35-46.

\_\_\_\_\_. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: HAERBAEST, Rogério; ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de (Org.). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 33-56.

HAESBAERT, Rogério; BÁRBARA, Marcelo de Jesus Santa. **Identidade e Migração em Áreas Transfronteiriças**. GEOgraphia, Ano III-N. 5, 2001. Disponível em: <[http://www.uff.br/geographia/rev\\_05/artigos\\_5.htm](http://www.uff.br/geographia/rev_05/artigos_5.htm)> Acesso em: 12 de out. 2008.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. **A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**, 2007. Disponível em: <[www.uff.br/geographia/ver-07/roferio7.pdf](http://www.uff.br/geographia/ver-07/roferio7.pdf)> Acesso em: 1 de out. 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomáz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 9ª Ed. Rio de Janeiro: DP & A. 2004.

HALPERN, Josef. **Contribuição para a história da imprensa judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 1999.

HEBRAICA NEWS na TV. Disponível em: < <http://hebraicars.com.br/hebraicatv/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

HEBRAICA RS. Associação Israelita Hebraica (CLUB). Disponível em: <<http://hebraicars.com.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

HEBRAICA RS. Associação Israelita Hebraica (NEWSLETTER). Disponível em: <<http://www.hebraicars.com.br/News/news135.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Fundamentos da formação do território moderno**. Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre, nº 23, 1998, p. 9-22. Disponível em: <<http://www.ilea.ufrgs.br/nerint/artigos/alvoroLuiz/territorioModerno.rtf>>. Acesso em: 12 de dez. 2007.

HORA ISRAELITA. Disponível em: <<http://www.horaisraelita.org.br/home.php>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

IMIGRAÇÃO judaica. 100 anos de integração. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 1-8, 18 out. 2004.

IMMANUEL, Jacob. **Quem é judeu?** Tradução: Ricardo Gouveia. Canadá: Shofas association of América, 1987.

ICJMC. INSTITUTO CULTURAL JUDAICO MARC CHAGALL. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. 2010.

\_\_\_\_\_. Disponível em: < <http://www.chagall.org.br/>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

IOLOVITCH, Guilherme. **Guilherme Iolovitch**: depoimento [jun. de 1987a]. Entrevistadora: Adriana Saute. Porto Alegre: ICJMC-POA, 1987a. Entrevista n ° 017

concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória. ICJMC- POA.

IOLOVITCH, Marcos. **Numa clara manhã de abril**. Porto Alegre: Movimento, 1987b.

JORNAL FALA BOM FIM. Disponível em: <<http://www.falabomfim.com.br/edicoes-antteriores/>>. Acesso em 3 de jan. 2013.

JOUCHCLOVITCH, Marlova. A mulher profissional: compromisso e entusiasmo. Porto Alegre, WIZO em Revista 60 anos, 2006.

KEESING, Felix. **Antropologia Cultural**: a ciência dos costumes. Tradução: José Veiga. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

KLIEMANN, Luiza Helena Schmitz. **Bom Fim**: álbum de retratos. Porto Alegre. 1993.

\_\_\_\_\_. **Colégio Israelita Brasileiro 1922-1992**: “Que eu me lembre foi assim...”. Porto Alegre: RioCell, 1992.

KNIJNIK, Jacob. **Jacob Knijnik**: depoimento [set. de 1988]. Entrevistadora: Sandra Mosconovich. Porto Alegre: ICJMC-POA, 1988. Entrevista nº146 concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória. ICJMC- POA.

KOCHMANN, Sandra. O Lugar da Mulher no Judaísmo. **Revista de Estudos da Religião**. Nº 2 / 2005 / pp. 35-45. Disponível em:<[www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_kochmann.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_kochmann.pdf)> Acesso em: 5 de jun. 2010.

KOLEINU. Informativo do Centro Israelita Porto-Alegrense. 1996-nº4- p.7.

KOLEINU. Informativo do Centro Israelita Porto-Alegrense. 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

\_\_\_\_\_. **Metodologia científica**. 2. ed., São Paulo: Atlas, 1995.

LAR MAURÍCIO SELIGMAN. Disponível em: < <http://www.lms.org.br/>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

LESSER, Jeff. **O Brasil e a questão judaica**: imigração, diplomacia e preconceito: Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LEVENTHAL, Luiz David. **Luiz David Leventhal**. depoimento [outubro de 2009]. Entrevistador: Igor Dalla Vecchia. Porto Alegre- RS.

LIA, Cristine Fortes. Os imigrantes judeus no Rio Grande do Sul e as identidades religiosas. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES–ANPUH-Questões teórico-metodológicas no

estudo das religiões e religiosidades. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 5 de jun. 2011. p. 1-13.

LUBAVITCH MAGAZINE. Informativo Periódico da Sociedade Beneficente e Cultural Beit Lubavitch. 30 anos de Beit Lubavitch. Novo Centro Cultural em Porto Alegre. Porto Alegre. 2011.

MAIA, Doralice Sátyra. **A Geografia e o estudo dos costumes e das tradições**. Terra Livre. São Paulo: AGB Nacional, n.16, p. 71-98, 2001. Disponível em: <<http://www.cibergeo.org/agbnacional/terralivre16/terralivre16artigo4.pdf>> Acesso em 3 de maio. 2008.

MALTZ, Ceres. "Mensagem da Presidente da Na'amat Pioneiras Porto Alegre". **Na'amat Pioneiras Brasil**, n° 45, Bazar, 2004. p. 15-16.

MARCHA DA VIDA, 2013. Disponível em: <<http://israelitanamarchadavida2014.blogspot.com.br/>>. Acesso em 3 de agosto. 2014.

MELZER, Isaac. **Isaac Melzer**: depoimento [abr. de 1988]. Entrevistadora: Denise Simanke. Porto Alegre: ICJMC-POA, 1988 Entrevista n° 025 concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória. ICJMC- POA.

MIKESELL, Marvin. Posfácio: novos interesses, problemas não-resolvidos e tarefas que persistem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: um século (II)**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000. p. 85-109.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.

MORALES, Neida Regina Ceccim. **Imigração e Memória**: histórias de imigrantes sírio-libaneses no Rio Grande do Sul. 2004. 233f. Dissertação (MILA-Mestrado em Integração Latina Americana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria 2004.

MORASHÁ. Judaísmo virtual. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/>>. Acesso em: 22 dez. 2011.

NAAMAT PIONEIRAS. Disponível em: < <http://www.naamat.org.br/site/tag/porto-alegre/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

NICOLAIEWSKY, Eva. **Israelitas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Garatuja, 1975.

NUDELMAN, Leão. **Leão Nudelman**: depoimento [abr. de 1987]. Entrevistadora: Denise Simanke. Porto Alegre: ICJMC-POA, 1987. Entrevista n° 029 concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória. ICJMC- POA.

O CAMPESTRE. Ano VI. Porto Alegre. Outubro de 2000. N°67.



ONDE está à fé gaúcha. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 38-39, 17 jul. 2005.

ORGANIZAÇÃO SIONISTA MUNDIAL. Disponível em: <<http://izionist.org/esp/tag/organizacao-sionista-mundial/>>. Acesso em: 08 abr. 2014.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'água, s/d.

PECHANSKY, David. **David Pechansky**: depoimento [abr. de 1987]. Entrevistadora: Denise Simanke. Porto Alegre: ICJMC-POA, 1987. Entrevista n° 030 concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória. ICJMC- POA.

PECHANSKY, Rute Copstein. **Rute Copstein Pechansky**. depoimento [maio de 2011]. Entrevistadora: Maria Medianeira dos Santos. Porto Alegre-RS.

PINHEIRO, Geni. Porto Alegre: ICJMC-POA, 2000. Entrevista n°035. Concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória. ICJMC- POA.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduandos em História e do Departamento de História**. Projeto História n° 15. São Paulo, PUC, 1997, p. 13-50. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria15.pdf>> Acesso em 3 de maio. 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993, p. 143 – 163.

\_\_\_\_\_. “Repères pour une théorie de la territorialité humaine”. In: DUPUY, Gabriel et alli. **Reseaux territoriaux**. Caen: Paradigme, 1987. p. 263-279.

RATTNER, Henrique. **Tradição e Mudança**: a comunidade judaica em São Paulo. São Paulo: Ática, 1977.

REIMON, Marcia. **Marcia Reimon**. depoimento [outubro de 2011]. Entrevistadora: Maria Medianeira dos Santos. Porto Alegre- RS.

RERIN, Heni Schajer. **Heni Schajer Rerin**. depoimento [maio de 2012]. Entrevistadora: Maria Medianeira dos Santos. Porto Alegre- RS.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. p. 187-224.

\_\_\_\_\_. Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia**: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2005. p. 191-226.

SABABAH. Federação Israelita do Rio Grande do Sul. Ano 2, N° 8, p.1-12 Outubro de 2011.

SACK, Robert David. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAKURAI, Célia. Entre os sonhos e a realidade: reflexões. In: SPOSITO, Eliseu S.; BOMTEMPO, Denise C.; SOUSA, Adriano A. (Orgs.). **Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 127-163.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

\_\_\_\_\_. O dinheiro e o território. **Geographia**. Niterói, ano I, n.1, p. 7 -13, Jun. 1999.

SANTOS, Maria Medianeira dos. **A territorialidade judaica em Santa Maria/RS: uma contribuição à Geografia Cultural**. 2009. Dissertação (Pós Graduação em Geografia e Geociências)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

SANTOS, Tania Steren dos. **Raíces Revista Judía de Cultura**. Los judíos sefaradíes de Rio Grande do Sul: antecedentes históricos y características sócio-culturales. Madrid, v. 77, p. 80-84, 2008.

SARAIVA, Gabriela Luz. **Retomada das práticas culturais judaicas após a reconstrução da Sinagoga, 1995**. 2004. 46f. Monografia (Especialização em História) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

SAUER, Carl. Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 01- 07, 1996.

SCHAJER, Anita. **Anita Schajer**. depoimento [maio de 2012]. Entrevistadora: Maria Medianeira dos Santos. Porto Alegre- RS.

SCHLÖGL, Emerli. A Geografia Cultural e as representações simbólicas do sagrado feminino. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 270-279, ago. / dez. 2010.

SCHWEIDSON, Jaques. **Judeus de bombacha e chimarrão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

SCLIAR, Moacyr. **Caminhos da esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul**. 2 v. Porto Alegre: Riocell, 1990.

\_\_\_\_\_. A saga da colonização judaica. In: WAINBERG, Jacques (Org.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul/ Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004a. p. 43-57.

\_\_\_\_\_. Os judeus em Porto Alegre. In: WAINBERG, Jacques (Org.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul/ Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004b. p. 147-159.

\_\_\_\_\_. **Judaísmo**: coleção para saber mais. 2 ed. São Paulo: Abril. 2004c.

\_\_\_\_\_. Memórias Judaicas. In: SLAVUTZKY, Abrão (Org) **A paixão de ser**: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica. Porto Alegre: Ofícios, 1998, p. 75-85.

\_\_\_\_\_. **A guerra no Bom Fim**. Porto Alegre: L & PM, 2008.

\_\_\_\_\_. **Moacyr Scliar**. depoimento [outubro de 2009]. Entrevistador: Igor Dalla Vecchia. Porto Alegre- RS.

SIBRA. SOCIEDADE ISRAELITA BRASILEIRA DE CULTURA E BENEFICÊNCIA. Disponível em: <<http://www.sibra.org.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa. Paraná, Brasil. Ed. Todapalavra, 2009.

SIMINOVICH, Berta. “Entrevista com Berta Siminovich: uma das fundadoras da Na’amat Pioneiras”. **Na’amat Pioneiras Brasil**, nº 45, Bazar, 2004. p. 7-9.

SINAGOGA BEIT LUBAVITCH. Disponível em: <<http://www.chabadpoa.org/>>. Acesso em: 16 fev. 2014.

SLAVUTZKY, Abrão. Os judeus na história e na cultura. In: WAINBERG, Jacques (Org.). **Cem anos de amor**: a imigração judaica no Rio Grande do Sul/ Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004. p. 161-192.

SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA DE SOCORROS MÚTUOS (LINAT HATSEDEK). Disponível em: <<http://www.ohrdarom.com.br/>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

SOIBELMAN, Berta. **Berta Soibelman**: depoimento [abr. de 1987]. Entrevistadora: Denise Simanke. Porto Alegre: ICJMC-POA, 1987 Entrevista nº 065 concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória. ICJMC- POA.

SOIBELMANN, Guilherme. **Memórias de Philippon**. São Paulo: Canopus, 1984.

SOUZA, Marcelo Lopes. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de et al (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77–115.

SPÓSITO, Eliseu Savério. Conceitos. In: SPÓSITO, Eliseu. Savério. **Geografia e Filosofia**: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed. da UNESP. 2004, p.86 – 170.

TEIXEIRA, Salete kozel. **Das imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba, a “capital ecológica”. 2001. 310p. Tese (Geografia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TZEDAKÁ. Revista da Federação Israelita do Rio Grande do Sul. Balanço das ações sociais das entidades da comunidade judaica no Rio Grande do Sul 2008/2009. Porto Alegre. 2009.

UNIÃO ISRAELITA PORTO-ALEGRENSE. Disponível em: <<http://www.uniaoisraelita.org.br/>>. Acesso em: 1 jan. 2014.

UNTERMAN, Alan. **Dicionário Judaico de lendas e tradições**. Tradução: Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

VERBA, Arão. **Resgatando a memória da primeira imigração judaica para o Brasil: Colônia Phillison-1904**. Porto Alegre: Evangraf, 1997.

WAINER, Sabina. A mulher no trabalho voluntariado. Porto Alegre, WIZO em Revista 60 anos, 1997.

WACQUANT, Loïc. O que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista Sociologia Política**. Curitiba, 23, p. 155-164, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n23/24629.pdf>> Acesso em 5 de Setembro. 2009.

WAGNER, Philip; MIKESELL, Marvin. Os temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Lobato. Roberto; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2003. p. 27-62.

WAIMBERG, Elisabeth. **Elisabeth Waimberg**: depoimento [ago. de 1992]. Porto Alegre: ICJMC-POA, 1992. Entrevista nº448 concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória. ICJMC- POA.

WAINER, Sabina. A mulher no trabalho voluntariado. Porto Alegre, WIZO em Revista 60 anos, 1997.

WAINSTEIN, Bóris. **Bóris Wainstein**: depoimento [abr. de 1987]. Entrevistadora: Ellen Plumer. Porto Alegre: ICJMC-POA, 1987. Entrevista nº 046 concedida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória. ICJMC- POA

WEISFELD, Ida. **Ida Weisfeld**. depoimento [maio de 2012]. Entrevistadora: Maria Medianeira dos Santos. Porto Alegre- RS.

WEISFELD, Isabel. **Isabel Weisfeld**. depoimento [maio de 2012]. Entrevistadora: Maria Medianeira dos Santos. Porto Alegre- RS.

WEITMAN, Sasha. Habitantes de guetos de todos os países: uni-vos! Vocês não têm nada a perder, a não ser os muros! **Revista Sociologia Política**. Curitiba, 23, p. 165-168, nov. 2004. Disponível em: < [1http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n23/24630.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n23/24630.pdf)> Acesso em 5 de janeiro 2010.

WIZO. Disponível em: <<http://wizors.org.br/>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz. Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-113.

ZH Aniversário de Porto Alegre. Guerra e Paz. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/aniversario-de-porto-alegre/noticia/2013/03/guerra-e-paz->>. Acesso em 3 de agosto. 2014.

ZUCCOLO, Rosana Cabral. **Sob o signo da memória**. Revista Centro da Cultura Judaica. ano V. nº 22. dez. 2007/jan./fev. 2008. Disponível em: <<http://revista18.uol.com.br/visualizar.asp?id=899>> Acesso em 3 de maio. 2009.

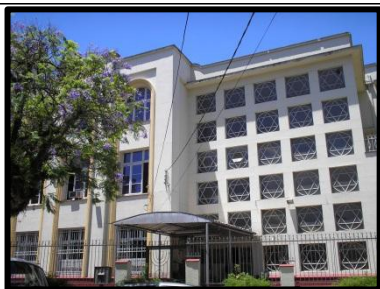
## APÊNDICE A- INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS JUDAICAS DE PORTO ALEGRE/RS



**Sinagoga:** Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA)  
**Endereço:** Mariante, 772, Rio Branco  
**COORDENADAS:** 30° 02' 04,9"/51° 12' 14,5"



**Sinagoga:** Centro Hebraico Riograndense  
**Endereço:** Coronel Fernando Machado, 1002, Centro  
**COORDENADAS:** 30° 01' 52,9"/51° 13' 37,2"



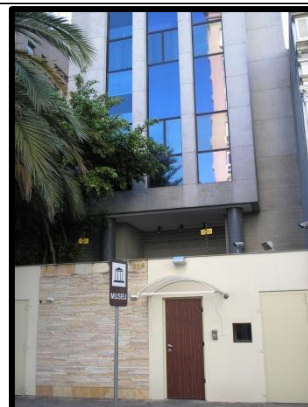
**Sinagoga:** Centro Israelita Porto-Alegrense  
**Endereço:** Rua Henrique Dias, 73, Bom Fim  
**COORDENADAS:** 30° 01' 58,4"/51° 12' 42,8"



**Sinagoga:** Sociedade Beneficente Israelita de Socorros Mútuos- Linat Hatzedek  
**Endereço:** Bento Figueiredo, 55, Bom Fim  
**COORDENADAS:** 30° 02' 05,2"/51° 12' 32,5"



**Sinagoga:** Beit Chabad  
**Endereço:** Felipe Camarão, 748, Bom Fim  
**COORDENADAS:** 30° 02' 09,2"/51° 12' 35,0"



**Sinagoga:** Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso (Polisher Farband)  
**Endereço:** General João Teles, 329, Bom Fim  
**COORDENADAS:** 30° 01' 56,7"/51° 12' 44,8"



**Sinagoga:** União Israelita Porto-Alegrense  
**Endereço:** Dr. Barros Cassal, 750, Bom Fim  
**COORDENADAS:** 30° 01' 55,9"/51° 13' 02,1"

Fonte: Trabalho de campo/Porto Alegre/RS, 2011  
 Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2011.



# ANEXO A- REPORTAGEM "ONDE ESTÁ A FÉ GAÚCHA"

onde está a fé no Estado, onde estão o mais católico, o mais evangélico e o mais afro-religioso dos municípios

## Onde está a fé gaúcha

ITAMAR MELO

O mais católico, o mais evan-

### GEOGRAFIA ESPIRITUAL

gêlico e o mais afro-religioso dos municípios brasileiros compartilham uma característica comum: são todos gaúchos.

Os contornos da riqueza e da diversidade da fé no Rio Grande do Sul emergem com nitidez da pesquisa Retratos das Religiões no Brasil, elaborada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Por meio do cruzamento de dados do IBSGE, o estudo permite traçar, em conjunto com dados retirados do Censo de 2000, a geografia de cada crença no Estado.

Essa cartografia proporcionou uma série de surpresas, a começar pelo majoritário (banho católico). O Rio Grande do Sul não conta apenas com o município de maior proporção de seguidores do Papa, mas reúne os quatro que dividem a primeira posição, os únicos, do país com 100% de adesão ao catolicismo.

Os dados sobre as religiões de matriz africana têm a face do inesperado. Com 86,55% de população declaradamente branca, o Estado ostenta a segunda maior proporção de adeptos da umbanda e do candomblé. Perde apenas para o Rio de Janeiro. A cidade de Rio Grande é a campeã nacional.

#### O fenômeno no sul gaúcho e no rio

O extremo sul do Estado, por sinal, vive uma situação singular. Nas microrregiões de Pelotas e de Rio Grande são registrados os menores índices de adesão ao catolicismo (50,78% e 60,48% da população, respectivamente). Em paralelo, outras opções religiosas, como a umbanda, o islamismo e o espiritismo, têm maior penetração na região. A área é também o esteio da descrença no Estado. Entre os 17 municípios em que mais de 10% da população se declara sem religião, 15 ficam no sul gaúcho.

Coordenador do programa de

pos-graduação em Ciências Sociais da PUCRS, o professor Ricardo Mariano acredita ser possível aproximar o sul gaúcho de fenômenos registrados no Rio de Janeiro, o menos católico dos Estados.

— Onde há pluralismo, encontram-se os maiores índices de sem-religião — diz o professor

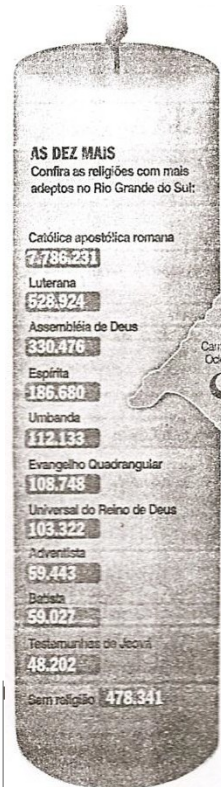
Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da FGV e autor do livro "Um Sul que os dados revelam: a condição singular da espiritualidade gaúcha".

— O Rio Grande do Sul se revela um Estado de extremos.

...a.mmdo@zerohora.com.br

Saiba onde cada I

religião é mais forte no Sul:



91,2% dos judeus do Estado estão na Capital. Eleições de 2004: 49% da população da cidade, 15% do Estado votaram em ITU e 10% em outros municípios.

49,1% dos adeptos do Otarismo: uma faixa de seis municípios ao longo da fronteira (Uruguaiana, Ramalho, São José do Sul, São Gabriel, São Carlos do Sul e São Jerônimo). O maior número de adeptos do Otarismo está em São Carlos do Sul (1.130).

Municípios com maior proporção de islâmicos (%):

Município	Proporção (%)
Chuí	2,13
Barra do Quaraí	0,38
Uruguaiana	0,36
Porto Xavier	0,32
Rosário do Sul	0,32



As igrejas evangélicas são mais fortes em:

Município	Proporção (%)
Senador Salgado Filho	67,19
Imgranje	61,14
MaíQUE SdeSouza	60,72
Cdinas	58,62
Novo Machado	57,71
COET. SdeSouza	55,73
IgoaodosóresCarlos	53,62
Lma.Nova	52,14

Nessa região, a população é mais branca e a população negra é mais pobre.

O Rio Grande do Sul tem a maior proporção de população negra do país (11,1%).

Municípios com maior proporção de população negra (%):

Município	Proporção (%)
Capão de Leão	20,73
Pinheiro Machado	13,12
Pelotas	17,45
Santa Vitória do Palmar	16,75
Pirotri	14,46

Fontes: Fundação Getúlio Vargas, IBGE e Sistema IBGE de Recuperação Automática (Sisbr)

### Branços em religiões afi-

Os brancos são mais de 60% dos adeptos da umbanda e do candomblé.

blé no Rio Grande do Sul, segundo o Censo de 2000, colaborando para fazer do Estado o segundo com maior proporção de seguidores de religiões de matriz africana.

O dado não surpreende o professor da PUCRS Ricardo Mariano. Ela afirma que as religiões afro-brasileiras deixaram de estar circunscritas a grupos étnicos negros e extravasaram para outros segmentos. O que o professor considera intrigante é o Rio Grande do Sul ter uma proporção dos que se declaram seguidores sete vezes supe-

## QUINZE DE NOVEMBRO: A mais evangélica

EDUARDO CECCONI  
+ Quinze de Novembro

Em harmonia. Assim convivem as diferentes religiões que dividem o espaço de Quinze de Novembro, município com o maior índice de evangélicos do Brasil com o terceiro menor percentual de católicos. Nele existem duas igrejas luteranas, uma de origem alemã e outra norte-americana, uma capela católica e um templo da Assembleia de Deus. A partida para o domínio luterano na região ocorreu em 1915, com a criação da primeira igreja evangélica. Em 1926, a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana no Brasil foi erguida, congregando hoje 2,8 mil pessoas.

Mesmo com uma fatia superior a 80% da população, a comunidade evangélica está em Comunhão com os católicos.

— Por ser uma cidade pequena, com o protestantismo nas suas raízes, as pessoas são muito unidas — avalia a pastora Sandra Sornberger.

## NOVA ALVORADA: É 100% católica

LÚCIA JARDIM  
+ Nova Alvorada

A fé católica em Nova Alvorada é tão intensa que a dona de Casa Marivete Dal Alba, 32 anos, conta que os vizinhos atC deixaram de cumprimentá-la quando trocou de religião. Ela acabou voltando a ser católica.

— A maioria das pessoas virava a cara quando cruzava comigo na rua. — diz a moradora do município onde, segundo o IBGE, 100% da população é católica.

A trajetória de Adani Costa Guerra, 16 anos, K'imbém evidencia a tradição católica. Aos três anos, ele clizia para a mãe, Anita Datif Guerra, que seu sonho era ser padre, para depois ser Papa. Adolescente, sabe que dificilmente chegará a Swno Pontífice, mas isso não o fez desistir de entrar no ministério. Adani foi este mudado a frequentar a igreja desde cedo.

A cidade tem ainda grupo de fiéis da Assembleia de Deus e de Testemunhas de Jeová — não detectados pelo Censo 2000 no qual se baseia o estudo.

## A explicação

— O professor titular de Antropologia da UFAGS Ari Pedro Oroallio de M... católico de alguns municípios do Estado.

— forte a católica de observação.

— Segundo o professor, nos municípios de exercício de controle social, quando se observa o desenvolvimento social, os municípios se exercem o controle social.

— Quando se observa o desenvolvimento social, os municípios se exercem o controle social.

— Atoiefância à adoção de outras religiões é mínima. Alammaque aderem a pagali TlmpçosocialaAo.

eduardo.cecconi@zerohora.com.br  
lucijardim@zerohora.com.br

## CHUI: A cidade dos sem religião

FÁBIO SCHAFFNER  
— Chuí

A descrença reinã no sul do Estado. Confonne o levantamento do IBGE, dos 10 municípios gaúchos com maior número de pessoas sem religião, nove estão na Zona Sul. Chuí, na fronteira com o Uruguai, é o campeão estadual. Com 38,5% da população se declarando sem religião, o município é também o terceiro do país na lista da descrença.

Para o professor do Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Jovino Pizzi, o fenômeno reflete a substituição da fé pela individualização cada vez maior das pessoas.

— Há uma ideia de insatisfação com alguns modelos de igreja. As doutrinas já não respondem às necessidades do ser humano — explica Pizzi.

Doutor em filosofia, o professor acredita que a própria diversidade das etnias que colonizaram a região e a posterior miscigenação contribuíram para o desapego espiritual das tradições.

— Para o professor do Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Jovino Pizzi, o fenômeno reflete a substituição da fé pela individualização cada vez maior das pessoas.

— Há uma ideia de insatisfação com alguns modelos de igreja. As doutrinas já não respondem às necessidades do ser humano — explica Pizzi.

Doutor em filosofia, o professor acredita que a própria diversidade das etnias que colonizaram a região e a posterior miscigenação contribuíram para o desapego espiritual das tradições.

— Para o professor do Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Jovino Pizzi, o fenômeno reflete a substituição da fé pela individualização cada vez maior das pessoas.

— Há uma ideia de insatisfação com alguns modelos de igreja. As doutrinas já não respondem às necessidades do ser humano — explica Pizzi.

Doutor em filosofia, o professor acredita que a própria diversidade das etnias que colonizaram a região e a posterior miscigenação contribuíram para o desapego espiritual das tradições.

— Para o professor do Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Jovino Pizzi, o fenômeno reflete a substituição da fé pela individualização cada vez maior das pessoas.

— Há uma ideia de insatisfação com alguns modelos de igreja. As doutrinas já não respondem às necessidades do ser humano — explica Pizzi.

Doutor em filosofia, o professor acredita que a própria diversidade das etnias que colonizaram a região e a posterior miscigenação contribuíram para o desapego espiritual das tradições.

## Pentecostal atrai os pobres

As igrejas pentecostais dobraram de tamanho no Estado em uma década e contabilizam em suas fileiras até um terço da população de certos municípios.

Essa pregação é sentida com mais força em comunidades do extremo norte, do oeste e das Missões — onde aparecem alguns dos piores indicadores sociais gaúchos. Das 10 cidades com maior proporção de fiéis, sete estão na lista das cem com pior índice de Desenvolvimento Socioeconômico (Idese). O município com Idese mais baixo, Lajeado do Bugre, é também o mais pentecostal do Estado.

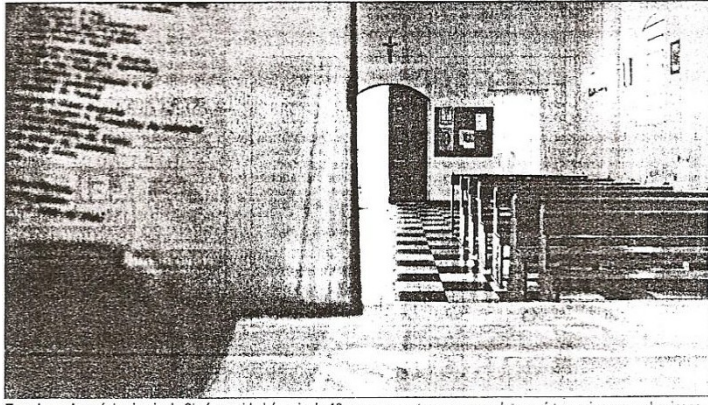
O professor titular de Antropologia da UFRGS Ari Pedro Oro observa que isso não é coincidência. — O pentecostalismo é uma religião de pobres. Atrai e converte as populações de baixa renda porque tem discurso e práticas que apontam para a solução imediata dos problemas — diz.

O rosto do pentecostalismo no Estado é em larga medida o rosto da Assembleia de Deus, terceira maior igreja em território gaúcho. — Essa é a igreja pentecostal que atinge as camadas mais desfavorecidas. — Vai onde o poder público não chega, em um trabalho social.

1 - N. Na Murada (RS)	100
2 - a Rana do Sul (RS)	100
3 - União da Serra (AS)	100
4 - Coqueiros do Sul (AS)	100
5 - São Domingos do Sul (AS)	99,93
6 - Nova Esperança (AS)	99,85
7 - Carapicuíba (PB)	99,81
8 - Fagundes Varela (AS)	99,80
9 - Ailão Negro (AS)	99,72
10 - São João do Sul (AS)	99,69

Lajeado do Bugre	35,22
Redentora	28,68
Sagrada Família	27,45
...	23,59



Templo vazio: a única igreja de Chuí, erguida há mais de 40 anos, nunca teve um sacerdote e só tem missas aos domingos



## ANEXO B- PROJETOS ATUAIS DA UNIÃO ISRAELITA PORTO ALEGRENSE



Fonte: Folder Institucional distribuído na Festa na Rua/2012

## ANEXO C- UNIÃO ISRAELITA NA PRAIA

# UNIÃO IE

111

### Acompanhe as próximas atividades da União na praia

#### Kabalat **bat**

10:00 ff.'niro. às 20:30. na casa 00e atoBtif lttáll. 'lQia Buriti. 238  
traia 00 Att ntida



# 6

tlavdalá

2:00 fvtl'eiro. àG 20:30

Local: beira do mar. pOGto 79l'eltà traça *Bas5ani*

A attam na beira da praia. do dia 2 def iro. fui CANtrl.AM en  
fim:Ção da tragédia en Bania Maria. Esta atividade será renarcada pm  
marfl!. en 11Jrto /sJegre.



10 Torneio Int acional 00 Cast oG de Areia para (Áiian\_çaG  
3:00 fffltreiro. àG 10:30. no poGto 79. na praia de Capão da Canoa.  
Trots para os gankadot<es e picolés para todos os participant

### E mais.....

# C

9ã'c de cit1eIMjldairo

Kabalat S'habatCarmval

<...>?  
!T ✓

Kabalat S'habat fe1tivo pré'Fl:rimparCil'ia  
ron a WIZO1'8



### Aguarde!



Acompanhe todas as atividades da União l'la praia através  
do [facebook.com/uniaoisraelitaportoalegrense.uipil](https://www.facebook.com/uniaoisraelitaportoalegrense.uipil)

A União segue com suas atividades na praia até dia 16 de fevereiro. Após esta data, retornam  
suas atividades normais em Porto Alegre.

Apoio:



ANEXO D- SEDER DE PESSACH COMUNITÁRIO DO CENTRO ISRAELITA



*Seder de Pessach*  
**Comunitário**

Terça-feira,  
15 de abril



*Sinagoga Centro Israelita*

---

*Informações: (51) 3279-6544*

PORQUE ESSA NOITE  
É DIFERENTE DE TODAS AS  
OUTRAS

# Pré-pessach 2013

Atividades de preparação para Pessach  
Brincadeiras Explicação  
Idéias para deixar o seder diferente



**Dia 17 de março de 2013**  
**Às 17 horas**  
**Sinagoga Linat Hatsedek**  
**Valor: R\$ 15,00 por criança**

Ohr Darom

## ANEXO F- LISTA DAS ENTIDADES FILIADAS (FIRGS)

### ENTIDADES FILIADAS A FEDERAÇÃO ISRAELITA DO RIO GRANDE DO SUL (FIRGS)

- Fundo Comunitário
- Club Campestre Macabi☒
- Hebraica - RS☒
- **Comunidades interior RS**
- Sociedade Beneficente Israelita de Santa Maria
- Sociedade Cultural e Beneficente de Erechim
- Sociedade Israelita Brasileira Uruguaianense
- Sociedade Israelita de Pelotas
- Sociedade União Israelita de Passo Fundo☒
- **Cultura**
- Fundação Kadima
- Instituto Cultural Judaico Marc Chagall☒
- Organização Sionista do RS
- Programa Hora Israelita☒
- Programa Shalom
- **Educação**
- Colégio Israelita Brasileiro☒
- **Entidades Femininas**
- Brit Nashim
- Conselho da Mulher Judia
- Naamat Pioneiras☒
- Wizo RS☒
- **Movimentos Juvenis**
- Betar☒
- Chazit Hanoar☒
- Conselho Juvenil Judaico
- Habonim Dror☒
- **Sinagogas**
- Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso
- Beit Lubavitch
- Centro Hebraico Riograndense
- Centro Israelita Portoalegrense☒
- Linat Hatsedec☒
- SIBRA☒
- União Israelita Porto Alegrense☒
- **Social**
- Associação Israelita Damas de Caridade
- B'nai B'rith☒
- ECIBRAS
- Lar Mauricio Seligman☒
- Loja Barão Hirsch RS ( B'nai B'rith )☒
- Sherit Hapleitá
- Sociedade Beneficente Damas de Caridade Sefaradie Porto-Alegrense

Fonte: <http://firs.com.br/Inicio.aspx>

Org: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2012.



## ANEXO G- 10º GREINAL JUDAICO E 2º BRASILEIRÃO IDISH

 **Campestre Macabi**  
Um clube para todos

# 10º GREINAL JUDAICO 2º BRASILEIRÃO IDISH

26 de Janeiro de 2013 • Estádio Mariscão • Capão da Canoa

Infantil • Sub15 • Sub18 • Feminino • Open • Master

Inscrições: (51) 3012.3384 • [roberto@campestremacabi.com.br](mailto:roberto@campestremacabi.com.br)